# INSTITUTO
# HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

FUNDADO EM 21 DE OITUBRO DE 1838

---

# HOMENAGEM

AO SEU

# QUINQUAGENARIO

EM

21 DE OITUBRO DE 1888

---

SUPPLEMENTO AO TOMO LI DA REVISTA TRIMENSAL

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE PINHEIRO & C.
*157 Rua Sete de Setembro 157*
1888

Á

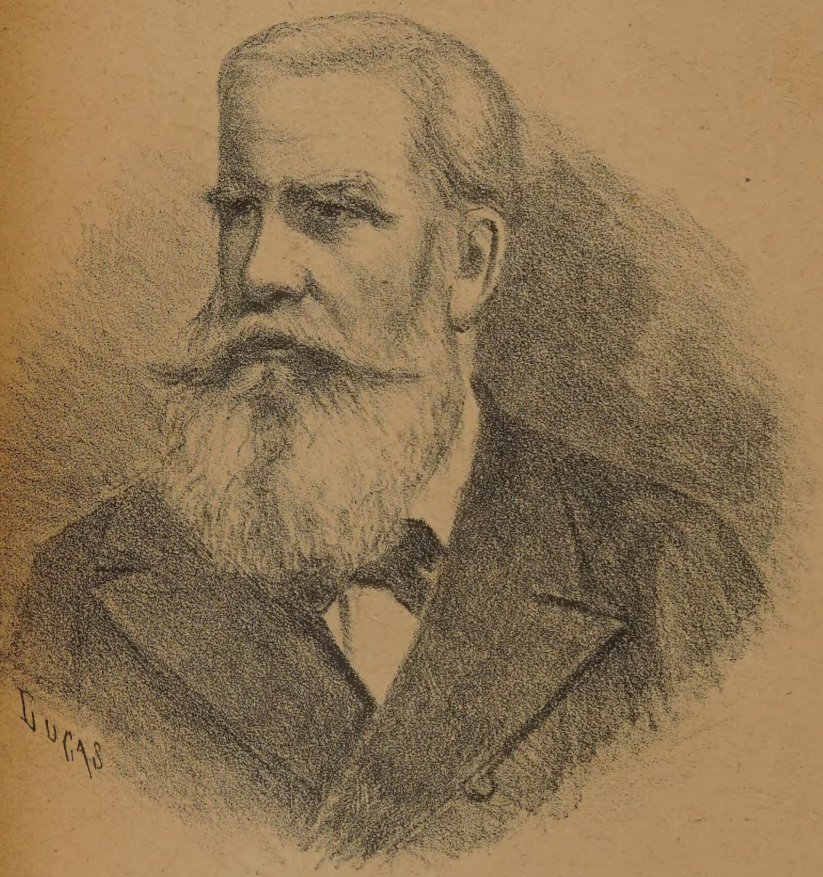
Sua Magestade Imperial

O SENHOR

D. PEDRO II

Venerando e Incansavel Protector do Instituto

Consagra este livro

O INSTITUTO.

O Augusto e Venerando Protector do Instituto

# Á Vós, Senhor, este livro

---

E' elle a felicitação, o parabém dos socios actuaes á respeitavel associação que, patrocinada e guiada por Vós, tem imperterrita passado atravez dos escolhos onde tantas naufragam, e hoje, celebra a festa do seu semi-centenario, — « o nosso Jubileu, para o qual se voltam as vistas de todos os que, reconhecendo os sinceros serviços prestados durante meio seculo, por essa instituição — hostilisada por alguns e mal julgada por outros, longe de se unirem á estes na sentença iniqua, — esperam o momento da nossa remuneração de gloria, para lhe darem vulto com o seu generoso consenso. *

Seja elle a consagração do Instituto a Aquelle que desde os mais tenros annos o tomou sob a Sua protecção de Monarcha, constituindo-Se o primeiro dos seus socios e o mais interessado no seu auspicioso porvir.

A' Vós, SENHOR, este livro.

---

* Franklin Tavora : *ultimo de seus escriptos na Revista.*

« Começamos hoje um trabalho qué, sem duvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram na nossa historia. Nós vamos salvar da indigna obscuridade — em que jazem — muitas memorias da patria, e os nomes de seus melhores filhos ; nós vamos assignalar com a possivel exactidão o assento de suas cidades e villas, a corrente de seus caudalosos rios,a área de seus campos,na direcção de suas serras, a capacidade de seus inumeraveis pastos. Esta tarefa, em nossas circumstancias,bem superior ás forças de um sò homem ainda o mais emprehendedor, tornar-se-á facil pela coadjuvação de muitos brasileiros esclarecidos das provincias do Imperio,que attrahidos ao nosso Instituto pela Gloria Nacional que é o nosso timbre, trarão a deposito commum os seus trabalhos e observações, para que sirvam de membros ao corpo de uma historia geral e philosophica do Brasil. As forças reunidas dão resultados prodigiosos : e quando os que se reunem em tão nobre associação apparecem possuidos do mais acendrado patriotismo, eu não duvido preconisar um honroso successo á fundação do nosso Instituto Historico e Geographico. »

(Januario—*Discurso Inaugural*—25 Novembro de 1838).

# QUINQUAGENARIO

DO

# INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

## SESSÃO IMPERIAL

EM 21 DE OITUBRO DE 1888.

Honrada com as Augustas Presenças de S. S. M. M. I. I.
S. S. A. A. Serenissimas a Princeza Imperial
e os Principes Conde d'Eu e D. Pedro Augusto.

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Nas salas do paço imperial, onde de costume celebra o Instituto suas magnas solemnidades, festejou-se o quinquagenario da sua creação com louçania condigna a tal jubileu. Salas artisticamente adornadas de trophéos, onde se abraçavam entre festões de flores os emblemas da patria, das sciencias e da litteratura: dellas na principal, em frente ao imperial solio, erguia-se o busto do Imperador, coroado de louros dourados, tendo por docel o pavilhão brasileiro e por pedestal a sciencia, representada por uma columna dos *in-folio* de Humbold, Bompland, e Martius, que tratam da America e do Brasil. Esparsos pelos degraus do monumento estavam em ordenada desordem volumes da *Revista Trimensal*, e entre elles um, aberto, mostrando a allocução autographada que S. M. o

Imperador dirigiu ao Instituto, no dia 15 de Dezembro de 1849, quando pela primeira vez presidiu ás suas sessões.

Em um escudo dourado, orlado de folhas verdes, lia-se a data inaugural *de 21 de Oitubro de 1838.*

Nas extremidades do trophéo dous globos, geographico e astronomico, de grandes dimensões, surgiam trazendo em evidencia as posições do Brasil e do Cruzeiro do Sul nessa hora solemne,

Enormes jarros de alabastro, com gigantescos ramos de flores e folhagens naturaes, ornavam os cantos do salão, emquanto que nos intervallos das janellas elegantes trophéos de bandeiras auri-verdes, tinham no centro um exemplar aberto da *Revista Trimensal*, com o frontespicio em lettras de ouro.

Os fundadores do Instituto, e os próceres dentre os socios mortos, enfileiravam-se na sala para receberem, redivivos, a homenagem da geração que passa : latría expressiva e sincera a esses grandes homens do passado, pelos seus serviços ao Instituto, o qual, a elles, e em grande parte, deve a altura a que subiu e o respeito e consideração que goza nos dous mundos. Eram, em ordem symetrica, os bustos, coroados de louros, do marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos e do conego Januario da Cunha Barbosa, fundadores : do visconde de S. Leopoldo, do marquez de Sapucahy, seus presidentes ; do barão de Santo Angelo, do Dr. Joaquim Manoel de Macedo e do conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, seus secretarios ; e do visconde de Porto Seguro e do Dr. Antonio Gonçalves Dias, prestimosissimos socios.

Toda essa ornamentação foi feita sob a direcção do Sr. presidente.

Fazia guarda de honra ao edificio uma ala do 1° batalhão de infantaria, com musica e bandeira ; e numa das salas contiguas á da solemnidade tocava a excellente banda do arsenal de guerra.

No solio augusto sentavam-se S. S. M. M. o Imperador e a Imperatriz, S. S. A. A. Serenissimas a Princeza Imperial, seu consorte o Sr. conde d'Eu, e o Sr. D. Pedro Augusto. Ladeavam-os os grandes da sua côrte e o Sr. presidente do conselho de ministros.

O corpo diplomatico estrangeiro estava representado pelos Exms. Srs. enviados extraordinarios e ministros plenepotenciarios de Portugal e das republicas Chilena, Oriental e Argentina, e seu secretario o Exm. Sr. contra-almirante D. Daniel Solier, tão amigos das lettras como do paiz em que representam as suas altas nacionalidades.

Formosas senhoras, deputações de varias academias e sociedades, entre ellas da Academia Imperial de Medicina, Escola Militar, Gabinete Portuguez de Leitura, Sociedade Central de Emigração, Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; as dos Institutos Pharmaceutico e Polytechnico, dos Clubs Militar e Naval e da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que foi distinguida com um logar de honra.

Os membros do Instituto occupavam os seus logares, estando presentes os Srs. commendador Joaquim Noberto de Souza e Silva, presidente; conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, tenente-general conselheiro de Estado visconde de Beaurepaire Rohan e Dr. Joaquim Pires Machado Portella, vice-presidentes; Dr. João Severiano da Fonseca e Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, 1° e 2° secretarios interinos; conselheiro deputado Tristão de Alencar Araripe, thesoureiro; senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, orador; senador conselheiro de Estado marquez de Paranaguá, conselheiro senador João Alfredo Corrêa de Oliveira, presidente do conselho de ministros, tenente general conselheiro de guerra barão de Miranda Reis, conselheiros visconde de Nogueira da Gama, Quintiliano José da Silva,

barão Homem de Mello e José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Francisco Ignacio Ferreira, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Dr. Luiz Cruls, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira e Henrique Raffard.

Ao meio-dia em ponto, tendo S. M. o Imperador concedido a devida permissão, o Sr. presidente, após discurso breve e synthetico, abriu a sessão, dando a palavra ao Sr. 1º secretario interino para ler o relatorio dos trabalhos sociaes de meio seculo e em seguida ao orador, interprete do Instituto na gratidão, respeito e consideração que consagra a seus heroes mortos.

O que terminado, pedindo nova venia ao augusto Protector do Instituto, levantou a sessão a uma hora e 50 minutos da tarde.

Sala da sessão imperial do jubileu, no paço imperial da cidade do Rio de Janeiro, aos 21 de Oitubro de 1888.

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello,
2º Secretario interino.

---

# DISCURSO DE ABERTURA

PELO PRESIDENTE

**o Sr. Commendador Joaquim Norberto de Sousa e Silva**

---

Senhores !

O grito de — terra! — soltado de bordo das naus de Pedro Alvares Cabral á vista do monte Pascoal, illuminado pelos ultimos raios do sol que se escondia no occidente, não encheu de mais alegria e enthusiasmo as suas intrepidas tripulações do que o marco quinquagenario que se nos depara na estrada que percorremos.

Suspendamos a marcha e descansemos para levarmos retrospectivamente os olhos pela senda aberta aos nossos estudos, não só semeada de flores, como as mais das vezes arrepiada de contrariedades e desgostos.

Houve tempo que o incompleto e quasi nullo conhecimento de nossa historia era mero privilegio dos curiosos de nossas cousas. Os proprios sabios a ignoravam ou a sabiam sem discriminarem-na dos erros com que a sobrecarregaram os nossos historiadores — nacionaes ou extrangeiros.

A prehistoria, que tanta attenção merece presentemente dos americanistas, era desconhecida, e por demais desprezado o interessante estudo da ethnographia para o conhecimento dessas raças autocthonicas segundo uns ou emigrantes segundo outros, que ao tempo da conquista povoavam magnificas florestas, pois não figura nas obras de nossos autores que, como Rocha Pita, esqueceram que muitas tribus foram nossas alliadas, combateram por nós e fundiram-se afinal em nossas populações.

Poucos eram os subsidios que possuiamos para as indagações da historia e para o conhecimento da geographia de tão extenso territorio.

Os livros que se imprimiram durante tres seculos nas officinas de além-mar, e que versam sobre as guerras que sustentámos com os aventureiros de varias nações, os quaes nos disputaram a integridade de tamanha herança—sobre os combates que travámos com os indios que pelejavam pela sua autonomia—sobre as descobertas das minas de ouro, de esmeraldas e diamantes—sobre a invasão de todo o paiz pelos bandeirantes—sobre as missões dos jesuitas e suas lutas com os colonos a prol da liberdade dos indigenas, eram quasi todos devidos á penna de escriptores portuguezes e nacionaes, que adoptaram o custoso in-folio, ou então publicados em linguas estrangeiras que não estavam ao alcance da comprehensão de todos, e tanto uns como outros eram geralmente de difficil acquisição.

Os numerosos escriptos que jaziam privados da luz da imprensa, sobretudo os roteiros, cuja publicação era prohibida no tempo colonial, estavam em mãos avaras, extinguiam-se no pó das bibliothecas de nossos conventos, achavam-se recolhidos aos archivos de nossas repartições em saccos cosidos e lacrados. Não poucos e importantes documentos pertenciam aos governos de Portugal, de Hespanha, da Hollanda e de Roma, que não permittiam facilmente o seu exame.

A conveniencia da divulgação desses valiosos subsidios era por todos conhecida e desejada. A infancia, que deve ser incitada ao amor da patria e da gloria, que tanto ennobrecem o homem, começára a lêr nas escolas primarias a historia nacional no resumo que o governo da minoridade recommendára ás camaras municipaes, e o enthusiasmo pelas nossas cousas foi pouco e pouco despontando em todos os corações. A historia nacional estava ao menos divulgada.

Possuiamos um começo brilhante de litteratura e nós mesmos o ignoravamos, e foi preciso que Ferdinand Dénis o annunciasse á Europa. Ao riso da incredulidade da França responderam Eugenio de

Monglave e outros com as traducções dos poemas verdadeiramente americanos de Basilio da Gama e de Santa Rita Durão; e, quando mais tarde o conego Januario da Cunha Barbosa publicou o *Parnaso Brasileiro*, grande foi a admiração ante tantos e tão insignes cultores das musas, e o distincto litterato portuguez Freire de Carvalho disse: — O Brazil possue mais de quarenta poetas dignos de ser lidos.

A côrte portugueza transportada para as nossas plagas enchêra-se de assombro, vendo uma phalange de prégadores, reis da oratoria, dominando o pulpito brasileiro; emquanto que José Mauricio regia com a sua modesta batuta uma orchestra esplendida, que executava as suas composições geniaes, ouvidas respeitosamente por Marcos Portugal, Newcom e outros.

O theatro nacional, nascido nos adros das egrejas quando dominavam os jesuitas, e que depois mereceu a protecção do marquez de Lavradio, que o chamou para o seu palacio, representava as producções de nossos autores dramaticos, e até as operas comicas de Antonio José tiveram tanta voga no paiz, que eram representadas em cumprimento de verbas testamentarias.

Não era o talento brasileiro um fogo fatuo. Elle brilhava nas lettras, apparecia nas artes e apresentava-se nas sciencias.

O que, pois, cumpria fazer para aproveitar as disposições de um povo dotado de tanto talento e avido da gloria dos triumphos litterarios? Era enfileiral-o em torno da bandeira da patria e conduzil-o ao Pantheon das lettras e das sciencias.

Começar pela historia e geographia do paiz pareceu o mais acertado passo, reconhecido e elogiado pelos extrangeiros; e os velhos, nos quaes hoje mal se confia, collocaram-se á frente da juventude, de que tive a honra de fazer parte.

Assim tornou-se uma realidade a fundação do Instituto Historico, graças ao patriotismo de dous illustres varões que não contaram com as difficuldades inherentes ao tirocinio das associações; e as nações dadas aos trabalhos da intelligencia applaudiram com acoroçoamento

a nascente instituição. Abriu-se para logo através dos mares a correspondencia litteraria e scientifica, e, pois, fomos nós o primeiro povo da America do Sul que estabelecemos as permutações bibliographicas internacionaes.

Lutaram os fundadores em seus dez primeiros annos com precaria existencia. Surgiram de todos os lados obstaculos que seriam invenciveis a não ser a grande, a generosa protecção que encontraram no Imperador, que entre nós assaz tem protegido as lettras e as sciencias, como não ha exemplo entre muitos povos.

Desde então tem prosperado o Instituto Historico. Com a sua protecção, com o seu acolhimento, com o seu exemplo, ganhou a litteratura, que teve um famoso periodo, no qual fulguraram notaveis talentos, cujos nomes não esquece a patria.

E hoje se completam cincoenta annos de sua existencia, e hoje o seu jubileu é a prova mais cabal da constancia da nossa actividade no trabalho emprehendido por nossos predecessores e continuado por nós com os melhores resultados para a patria, embora o negue a inveja que nos desconsidera pela consideração que merecemos.

Ahi estão esses bustos que representam os seus fundadores, que recordam os obreiros desapparecidos da vida durante a nossa marcha, e que tanto investigaram o passado, esclarecendo numerosas duvidas; e que á luz da philosophia da historia restituiram ao povo as lendas com que a fantasia de nossos historiadores havia amenisado as suas paginas, convertendo a hermeneutica dos factos em pura poesia popular.

Ahi está a nossa *Revista Trimensal*, valioso repositorio de documentos pertencentes a todos os ramos de nossos estudos, a qual não deixa descontente a quem a consulta, e que hoje figura nas bibliothecas da America e da Europa, que lhe dão a devida importancia.

---

O periodo que acaba de percorrer o Instituto Historico e que festejamos no dia de hoje, á mesma hora

de sua inauguração, foi verdadeiramente interessante por todas as faces por que seja examinado. Util, consciencioso e constante em suas lides, acompanhou a par e passo o presente reinado, cuja narrativa patenteia paginas dignas das epopéas da historia, a que assistem ou tomam parte não menos de duas gerações.

Aos futuros historiadores cumpre, mais do que a nós, burilal-a em lettras de ouro, e praza a Deus que as novas gerações continuem animadas e fervorosas na missão não ingloria que lhes legamos. Tenham ellas a mesma dedicação, o mesmo desinteresse com que até aqui havemos dado provas evidentes de nosso patriotismo.

E a ser possivel, como será, trabalhem ainda com mais persistencia, e colham magnificos resultados para o complemento dos estudos historicos e geographicos, acompanhando a prosperidade da patria, que se encaminha á supremacia que o Omnipotente lhe destina: pois, quando contemplamos a immensa grandeza do paiz, vemos entre as suas maravilhas indescriptiveis um Imperio talhado para um povo de gigantes, cuja imprensa, como o pharol da liberdade, illuminará o mundo.

---

Senhores!

A gratidão do Instituto Historico não póde ser indifferente a tão illustrada concurrencia, pois as festas litterarias não têm por certo a amenidade attractiva das reuniões que fazem o encanto da sociedade.

Nem póde prender a vossa attenção quem vos falla aqui desta cadeira, sempre gloriosamente occupada por distinctos varões. Imperioso dever me força a vir ante vós dar provas de minha insufficiencia, e só cabe á vossa bondade o desculpal-a pela attenuante dos bons desejos com que durante quarenta e sete annos sirvo á illustre associação, que me admittiu em seu gremio, enganando-se... pois tomou por talento o amor da patria em que sempre ardeu meu peito.

Assim, limito-me a estas simples apreciações ; do contrario fôra abusar da vossa attenção, antecipando-me ao que mais minuciosamente tem de expôr o illustrado 1º secretario interino, que substitue as duas vagas do 1º e 2º secretarios, um colhido pela morte quando mais ardente ia o seu enthusiasmo pelos nossos trabalhos, outro ausente em honrosa commissão, e bem assim o nosso eximio consocio honorario, que tão talentosa e eloquentemente abrilhanta a tribuna legislativa do senado, como o encargo de orador de nossa associação.

---

Aos representantes da imprensa fluminense, que tão relevantes serviços têm prestado ao paiz ;

A todas as associações litterarias, artisticas e scientificas representadas aqui pelas suas commissões, e sobretudo a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, a quem tanto deve o Instituto Historico ;

A's distinctas pessoas do clero, do exercito e da armada ;

Aos dignos membros do ministerio e seu presidente;

Aos augustos representantes da nação ;

Aos preclaros membros do corpo diplomatico ;

A todas as senhoras presentes ;

Emfim, a todo este illustrado auditorio :

Apresenta o Instituto Historico as suas cordiaes homenagens.

---

A' Vossa Alteza, Principe, folga o Instituto Historico de Vos ver pela primeira vez honrando-o com a Vossa serenissima presença.

---

Senhora !

Vós sois o anjo tutelar do Imperio que realizastes as esperanças de um grande povo, o qual unisono Vos acclama—Isabel a Redemptora.

Ao glorioso acontecimento, que applaudiram enthusiasticas as nações do velho e novo mundo, e que abençoou o chefe da christandade, não podia mostrar-se indifferente o Instituto Historico, e a nobre effigie de Vossa Alteza Imperial realça a medalha que neste momento fazemos cunhar para commemoração da aurea lei que eternisa o Vosso nome nos annaes da humanidade.

Honrando esta reunião com a Vossa graciosa presença nos enlevaes com a maior satisfação, e não temos palavras de agradecimento para quitação de tamanha divida.

E Vós, Sr. Principe, que tanto tendes ennobrecido as nossas sessões durante o impedimento de nosso protector, nos animando em nossos estudos, recebei em penhor da Vossa benevolencia o nosso reconhecimento.

---

Senhora!

Vós sois o enlevo dos brasileiros! Viveis em nossos corações admirada pelas virtudes, que mais do que os diamantes tanto brilho dão ao diadema imperial que Vos cinge a fronte, e ainda mais pela dedicação com que ultimamente Vos assignalastes ante a Europa, Vos interessando santa e desveladamente pela saude de Vosso esposo como um verdadeiro anjo de caridade.

O comparecimento de V. M. Imperial a esta festa das lettras mais e mais augmenta o seu prestigio, e nos é grato, porque nunca Vos mostraes indifferente ás nossas reuniões, que tão generoso abrigo encontram neste paço.

---

Senhor!

Tudo neste mundo é providencial, e o dedo de Deus guia as nações em sua marcha — as fortalecendo em suas provações—as preparando para o logar condigno a que a destina a humanidade, e a sua nobre missão confere

Elle a seus escolhidos. Então, ao bater da hora suprema, nos campanarios celestes resôa na immensidade a Sua voz potente e realizam-se os Seus decretos.

Uns livres — outros escravos, era a maior desegualdade que reinar podia em um Imperio que proclamára a sua independencia á luz do sol do Ypiranga, constituindo-se tão livre como as nações mais livres do universo. Dolorosamente depois da nossa emancipação politica, que comprehende o espaço de sessenta e seis annos, e apezar do mais solemne protesto dos mais eminentes brasileiros, sinão de toda a nação, conservou-se isolada no meio da nossa liberdade uma decima parte de sua população, como si essa mancha que figura no céo do Brasil, ao lado do Cruzeiro, prophetisasse a eterna escravidão da raça negra na terra da Cruz.

Fomos os ultimos povos da America na missão liberal e civilisadora; mas na phrase divina são os ultimos os primeiros, e a evolução humanitaria — santa— divina, nos deu a supremacia entre os outros povos, pois não nos custou uma gotta de sangue, nem nos arrancou um lamento siquer, a não ser vago queixume que felizmente não se desprende da pureza das consciencias.

E para gloria do Instituto Historico foi o estudo da extincção da escravidão antecipadamente uma de nossas memoraveis tarefas, e o illustrado conselheiro Perdigão Malheiro mereceu a honra de ser ouvido por Vossa Magestade Imperial, quando leu em nossas sessões paginas magistraes consagradas á redempção dos captivos.

Deus inspirou o Pae, o Pae inspirou a Filha e a bandeira auri-verde luziu sem a nodoa do passado; e desde então os derradeiros e opprimidos filhos dessas bemditas e magnificas plagas puderam ver compensados na balança da egualdade os seus deveres pelos seus direitos.

Assim fechou-se com a extincção da escravidão o primeiro cyclo do Instituto Historico; asssim abre-se o novo cyclo com a liberdade de todos.

---

Senhor!

O Instituto Historico saudou a Vossa Magestade Imperial nesse solemne dia de complemento á liberdade, transmittindo pelo fio electrico através dos abysmos do Oceano Atlantico as suas congratulações. E si infelizmente Vossa Magestade Imperial jazia enfermo no leito de cruel enfermidade, a extincção da escravidão no Brasil, applaudida pelo mundo enthusiasmado, Vos despertou da lethargia — e Vós, Senhor, e Vós resuscitastes para a egualdade de todos os brados da patria.

O que mais nos cumpre fazer sinão ainda uma vez nos inclinarmos agradecidos ante a presença de Vossa Magestade, o maior realce desta festa, que d'ora avante será para nós de gratas e saudosas recordações?

---

Com permissão de Vossa Magestade Imperial abre-se a sessão.

CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

Fundador do Instituto.

SEU 1º SECRETARIO PERPETUO DESDE A FUNDAÇÃO.

N. em 10 de Julho de 1780. + em 1 de Fevereiro de 1846.

# RELATORIO

## Apresentado pelo 1º Secretario interino

## Dr. João Severiano da Fonseca

---

> « O Brazil guarda nas entranhas de suas terras, — e assim tambem nos feitos de seus filhos e sinceros amigos, — thesouros preciosos que devem ser aproveitados por meio de constantes e honrosas fadigas. »
>
> ( Conego Januario, *Discurso Inaugural do Instituto*, em 25 de Novembro de 1838. )

Senhor !

Franklin Tavora, o mallogrado secretario, era quem, deste posto, devia fazer, perante V. M. Imperial, o transumpto historico do passado do Instituto, e, naquelle verbo nervoso e terso em que primava, respigar o que houvesse de flôres e de fructos na mésse opima de um laborar de meio seculo.

A morte o emmudeceu... e elle, o indefesso e probidoso operario das lettras, elle o iniciador da festa de hoje, elle a alma, por assim dizer, ultimamente do Instituto, faltou-nos no momento fatal.

E quiz a sorte, irrisões da sorte ! que o habil e esclarecido secretario fosse supprido pelo mais incompetente dos seus confrades ; que um supplente de secretario viesse occupar cadeira onde sentaram-se vultos da estatura intellectual de Januario, Lagos, Macedo, Porto-Alegre e Pinheiro,—para só commemorar os mortos,—e onde ultimamente Tavora desenvolvia toda a pujança

do seu bello talento e intemerata dedicação. Por um dever que hei a cumprir, occupo o seu logar... Oxalá fosse-me dado acompanhal-o na extensão de seu entendimento, na profundeza de suas concepções e na sua aptidão ao trabalho.

---

Delle partiu, senhores, a idéa desta solemnidade. De ha um anno que era todo o seu pensamento, todo o seu afan, esta commemoração do quinquagenario do Instituto, este jubileu academico da mais antiga e mais considerada das sociedades litterarias da America do Sul.

Não queria elle que, em 1888, passasse desapercebida a data em que, ha cincoenta annos, o Instituto appareceu ; e foi elle quem, em sessão de 23 de Novembro passado, apresentou esta proposta perfilhada pelos condignos socios os Srs. Fausto de Souza e Marques de Carvalho, e unanimemente acceita :

« Completando-se em 21 de Oitubro, proximo vindouro, 50 annos da fundação do Instituto, propomos que se nomêe uma commisão, incumbida de apresentar, em uma das primeiras sessões de 1888, o plano ou programma que lhe parecer mais apropriado á commemoração daquella data—sobre a base de serem representadas todas as provincias do Imperio. »

---

Ha meio seculo, senhores, dous homens esforçados, o marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos e o conego Januario da Cunha Barbosa, prégador imperial e chronista do Imperio, idearam a creação do Instituto.

Eram ambos secretarios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, fundada em 1824, e já então, uma das mais prestantes e benemeritas do paiz ; —e foi em uma de suas sessões, a 19 de Agosto de 1838, que os dous apresentaram a proposta da fundação, em projecto que traz a éra de 16 desse mez.

São essas as primeiras datas da génese do Instituto.

---

Acceita a proposta, reuniram-se para esse fim 27 membros daquella sociedade, na sala de suas sessões, no museu nacional, em um domingo, como hoje, 21 de Oitubro, e ahi o instituiram, installaram e organisaram sua directoria.

Presidia a sociedade, e a essa sessão presidiu, o marechal de campo Francisco Cordeiro da Silva Torres, depois visconde de Jerumerim; e os socios presentes foram: o visconde de S. Leopoldo, seu vice-presidente; os dous secretarios acima nomeados; o desembargador Candido José de Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahy, mestre do Imperador e presidente da camara dos deputados; os engenheiros coronel Conrado Jacob de Niemeyer, e o major, depois marechal de campo Pedro de Alcantara Bellegarde, lente da academia militar; os professores do collegio de Pedro II, Drs. Joaquim Caetano da Silva e Emilio Joaquim da Silva Maia; o conselheiro e desembargador José Antonio da Silva Maia, procurador da corôa e soberania nacional; o senador Caetano Maria Lopes Gama, depois visconde de Maranguape; os deputados, conselheiros e desembargadores José Clemente Pereira, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba; Rodrigo de Souza da Silva Pontes; Francisco Gé Acayaba de Montezuma, depois visconde de Jequitinhonha e Joaquim Francisco Vianna, contador-geral do thesouro; os officiaes-móres da secretaria de extrangeiros conselheiro Bento da Silva Lisboa, da do Imperio Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, e Alexandre Maria de Mariz Sarmento, da contadoria geral da revisão do thesouro; os conselheiros Ignacio Alves Pinto de Almeida, secretario da junta do commercio, fabricas e navegação; João Fernandes Tavares, physico-mór de Portugal, depois visconde de Ponte-Ferreira e José Antonio Lisboa, deputado da junta do commercio; os Drs. José Lino de Moura, contador da caixa da amortização, José Marcellino da Rocha Cabral e Antonio Alves da Silva Pinto, advogados; e o negociante José Silvestre Rebello.

Já vêdes, senhores, de que esphera eram os societarios—e o que se podia esperar de homens da sua tempera e illustração.

---

O marechal Torres recebeu, elle o primeiro, o titulo honroso de socio honorario, confirmação e delicada consagração á sua idade provecta, comsummado saber e distincta representação. Para presidir a novel sociedade foi chamado o visconde de S. Leopoldo, coadjuvado por dous vice-presidentes, Cunha Mattos e Araujo Vianna: Januario e Emilio Maia foram secretarios; Bellegarde o orador; José Lino o thesoureiro.

Estabeleceram-se commissões de historia, de geographia, de redacção da *Revista*, e de fundos e orçamento, cada uma de dous membros, e, mais, presididas na ordem em que vão apontadas, pelos vice-presidentes, o 1º secretario e o thesoureiro.

Em 25 de Novembro eram lidos e approvados os estatutos. Em 1 de Dezembro entrava o Instituto na carreira de seus trabalhos, celebrando a sua primeira sessão ordinaria.

---

Entretanto, senhores, o estabelecimento dessa agremiação de homens de fóros elevados nas lettras e sciencias, e na representação social,—não foi escoimado de tropeços nem de malsinamentos. Os homens praticos da época, os velhos de então, rememoravam o quão precaria a estabilidade das associações de lettras portuguezas.

Quantas nasciam hoje, tantas morriam—e cedo... — agora pelo desanimo, inercia e descrença — como outrora, pela pressão do pensamento sob o plumbeo terror da inquisição. Que o nefando tribunal de sangue e fogo, de avareza e luxuria, matava as sociedades, como matava as idéas e as crenças nos cerebros e corações dos associados.

Nenhuma imaginação era livre, nem mesmo nos vôos da inspiração .. O pensamento tinha as azas cortadas, uma norma para guiar-se, uma bitola para medir-se e, mais, uma trilha marcada a percorrer! E, ai dos que lhe ultrapassassem os limites; ai mesmo, dos que lhe acotovellassem as raias... Os condes de Rezende eram implacaveis, — e os condes de Rezende reproduziam-se. A unica imprensa do Brasil era mandada destruir pelo proprio governo real.[1] Sociedades de lettras eram companhias de conspiradores. A clareza de seus trabalhos encobria o tenebroso dos seus intuitos. Os estudos que faziam eram uma mascara dos crimes que projectavam. Deviam ser aniquiladas, destruidas. Para isso não era mister o delicto, bastava a suspeita. A convicção e as provas cediam logar á duvida e a hypothese. O *sic voleo, sic jubeo* sempre suppriu a razão.

E, quando as associações não eram supprimidas á força, morriam anemicas, estioladas, da monotonia e insipidez dos seus trabalhos, enfesados productos de pensamentos manietados, de idéas torcidas.

---

Onde a *Academia Brasilica dos Esquecidos*, fundada na Bahia em 1724, sob a protecção do vice-rei Vasco de Menezes? Seu nome como que era um protesto contra o esquecimento em que deixavam sua patria; contra a sobranceria com que descuravam dos bellos espiritos dessa terra, tão fertil em homens de talento e de imaginação.

Onde a dos *Felizes*, installada aqui no Rio de Janeiro, com trinta membros, em 6 de Maio de 1736? Onde a dos *Selectos*, tambem aqui, e a *Sociedade Brasilica dos Academicos Renascidos*, reorganisação da dos *Esquecidos*, em 6 de Julho de 1757, com quarenta socios

---

1 De Antonio da Fonseca, nesta Côrte. Della sahiram dous livros impressos, o ultimo, *Exame de Bombeiros*, já com a data falsa de Madrid.

de numero e setenta supranumerarios? Onde a de *Sciencias Naturaes e Medicina*, fundada em 18 de Fevereiro de 1772 pelo Dr. José Henrique Ferraz, tambem no Rio, já então capital do vice-reinado? Onde as Arcadias *Ultramarina*, de Basilio da Gama, Peixoto, Claudio e Silva Alvarenga e Caetano de Almeida, aqui fundada em 1792, e a *de S. João d'El-rei*, de Manoel Ignacio Alvarenga, o Dr. João Evangelista de Faria Lobato, depois senador, e seu thio o conego Marçal da Cunha Mattos? Pobres sociedades, nas quaes ao passo que se inqueria, scientificamente, das variedades das correntes submarinas na costa do Atlantico que Ponce de Leon e Alaminos descobriram, em 1553 ao sahirem do mar das Antilhas, e das dos ventos geraes, — queria-se saber si ha na America a *planta sensitiva;* si a cochonilha e o coral são animaes ou vegetaes, e si é certo produzir a America uma planta que amollece o ferro! Nem lhes vá nisso exprobração. Não sabiam, queriam saber: alli, precedendo pelo proprio raciocinio, ás indagações e estudos posteriores de Humboldt, Maury e Bogulauski; aqui ignorando pela negação do ensino o que hoje nos parece infantilidades. Tambem, e para viverem em paz, queriam saber si o descobrimento desta America e a conversão dos seus habitantes foram prophetisados por alguns santos padres e prophetas dos dous Testamentos. E bem que o desejariam provar, satisfazendo a intolerancia monacal... Mas o bom senso, mais que o estudo — pois que as fontes eram todas negativas, — negou a these... e a Academia dos Renascidos morreu!

---

A civilisação de um paiz anda *pari passu* de mãos dadas com a sua illustração. O querer-se um povo civilisado e polido, implica tel-o instruido e culto. A intensidade, portanto, dessa civilisação será o dynamometro da sua intellectualidade.

E, ha cincoenta annos, senhores, comquanto já não houvesse os tropeços dos tempos coloniaes, havia a

rotina ; tambem ainda,—os espiritos claros e alevantados mal começavam a repousar das lidas politicas que, desde a independencia, lhes absorviam as idéas.

Era na Sociedade Auxiliadora onde se reuniam os espiritos mais cultos da época. Bem o demonstra a brilhante pleiade que constituiu o Instituto. Seu convivio trazia empós aos trabalhos sociaes, confabulações scientificas, onde a patria, o Brasil, era o principal thema.

Não era desconhecido o grau de elevada civilisação da America Occidental em éras pre-colombianas. Eram conhecidos os manuscriptos dos mayas ; comprehendia-se qual o polimento intellectual dos aztecas e toltecas, sinão dos povos que os precederam, — pelos seus conhecimentos de architectura, esculptura, astronomia, poesia e escripta.

Eram maravilhas de construcção, — em terras tão desconhecidas do mundo antigo — suas cidades, suas estradas calçadas, seus canaes, seus monumentos ; suas pontes de admiravel ousadia, arrojadas sobre torrentes largas e impetuosas ; — seus templos e palacios, *cués* e *teocális ;* seus *chilampas*, ou jardins fluctuantes, mais poeticos e encantadores que os suspensos de Semiramis, nas sotéas de Babylonia ; os esplendores e a etiqueta da côrte dos incas, taes como admiraram-os, estupefactos, os hespanhoes em Cusco e Tenochtitlan ; taes como os viajantes modernos descobriram, maravilhados, nas ruinas escondidas nas florestas cerradas de Palenqué, de Ocozingo e de Uxman.

— Tanta grandeza e adiantamento, em contraposição á mais barbara ignorancia, á estupidez animal dos americanos do Oriente !

Nada encontraram descobridores e viajantes que attestasse a mais pequena idéa de civilisação nos nossos autocthones.

Nem um vestigio, um resto de ruinas, uma simples indicação !

Appareceram as *itacoatiaras*, pedras pintadas... e surgiram as lendas, partos de fantasticos sonhos de mentes propensas ao maravilhoso, ou quiçá forgicações de embusteiros que, naquellas éras de superstição

e fanatismo, iam embebendo no espirito do povo a crença do conhecimento da America atlantica por povos do Oriente, africanos ou europeus, antes, muitos seculos antes da vinda de Colombo.

Na ausencia de indicios succederam-se as tradições, em que fanaticos acreditavam, ou fingiam crer, dolosos. Aqui, eram scandinavos, por invias serras e florestas; alli eram, no interior dos sertões, os cultos povos da Tyro e da Sydonia.

Rochas de certa maneira gretadas; pedras fragmentadas de certa fórma; configurações suppostas de animaes: — eram estatuas, restos de armas, caracteres ou hyerogliphos — a *inscripção sagrada.*

Eram vestigios prehistoricos, pégadas confusas dos passos de uma civilisação perdida nas brumas do tempo, tão longe, tão apagada — que nem deixava idear quem seus autores. Já havia, porém, quem os suppuzesse — aqui caracteres runicos, alli symbolos da Phenicia; quem encontrasse no dialecto dos *manáos* do Rio Negro dualismo identico ao dos scandinavos.

E' de notar que não tinham ainda inventado as lettras — os sydonios — quando apraiaram ao Brasil, o que, em honra aos *lendeiros*, recua-lhes a emigração voluntaria ou forçada á uma distancia de vinte seculos.

Sim, que ainda usavam da escripta symbolica, que se estudava nas officinas de pintura e de gravura; sim, que ainda a escopro escreviam em monumentos a historia. Estavam no segundo passo da arte manual de transmittir pensamentos. Si já tinham deixado atraz a pintura, o primeiro passo, que copia os factos e os deixa simples escorço, cópia insufficiente para a traducção do que a mente concebeu, ainda usavam dos emblemas sagrados da escripta que representava as cousas por symbolos, mais extensos no sentido que na fórma: traducção imperfeita de idéas mal desenvolvidas.

Não tinham, ainda, as lettras, isto é, a expressão facil e completa; a realidade pintando o facto com todas as suas côres, em todas as suas peripecias: a verdade na traducção. Não tinham as lettras, espelho que guarda e reflecte eternamente as cousas, e sempre com o

mesmo cunho, a mesma feição e o mesmo rigor philologico; e que vence as distancias e os evos, apresentando-se á humanidade sempre novo, sempre actual,—como pensamento intimo e inteiro de cada um.

Passam vivas ás gerações, e — intelligentes — traduzem aos povos a vida dos povos, — que se historiava nos monumentos; que, estes, sim, inertes e firmes, não se abalam, não se movem, não percorrem o mundo, para dar a ler nas suas faces o que a historia ahi burilou.

Poucos, bem poucos, farão a viagem do granito de Lucsor, da agulha de Cleopatra ou dos marmores de Arundel, indo mostrar ao Gallo e ao Bretão os seus vinte a trinta seculos de datas e de factos. Monumentos, mudaram apenas de localidade. Nas margens do Nilo ou do Sena, em Paros ou em Oxford, sua estabilidade é a mesma : são moles de pedra!

Foi a fama que os fez conhecidos do resto do mundo; e as cem tubas da fama de hoje, mais promptas, mais fortes e mais sonoras do que as da fama antiga, são as vinte e cinco letras fundidas do serralheiro da Moguncia.

Gutenberg calcando os seus typos, movendo a sua prensa, dando ao publico em horas centos de livros, promoveu no mundo a mais assombrosa e a mais generosa das revoluções. Guerra sublime entre as trévas e a luz, a immortalidade e a morte, entre o finito e o infinito, a eternidade e o homem... — soldados os typos, a intelligencia o chefe, campo de acção o universo!

---

E, desde então, o pensamento não teve por laboratorio de acção o cerebro — só — de cada homem. Já não lhe foi preciso grande esforço para vencer o tempo e as distancias, oceanos e cordilheiras — para ir ao infinito devanear, de companha com o intellecto do mundo. Já póde, livre e veloz, circumvolver o orbe e ir, integro e verdadeiro, irromper — mil leguas longe — como si o cerebro que o produzira, elle proprio, lá estivera!

A imprensa deu-lhe azas ao pensamento ; mais tarde viria dar-lh'as o vapor ao corpo. Mas não voava veloz, ainda ; não estava satisfeito ainda ... e enfrenou a electricidade, e centesimou as distancias—ao mesmo tempo que centuplicava as forças.

---

Eram essas as palestras na *Auxiliadora*, eram esses os assumptos de conversa nas horas de lazer entre as occupações sociaes e as lides da politica. Vinham de molde os lettreiros das rochas, as estatuas amazonicas, as lendas do povo ; discutia-se a possibilidade das immigrações ou arribadas de homens do velho mundo.

Esmiuçavam as tradições em busca do que haveria de serio nas fabulas, que tomavam corpo — pois já havia crentes que iam afiançando ter visto, não já inscripções ou esculpturas, mas cidades abandonadas ; não mais restos de armas — das éras da pedra lascada, mas — a celebrada estatua que aponta o polo arctico e que a Sociedade Real dos Antiquarios do Norte suppõe obra dos seus scandinavos, mostrando o ponto donde vieram !

Com um pequeno esforço de imaginação mais, e já, ao descerem os rios, ao atravessarem as mattas, ao galgarem as serranias, já ouviriam, mesmo em *patois*, as endeixas sentidas dos Niebe-lungen ou dos sagas de Lodbrog... Talvez mesmo enxergassem nas sombras das cavernas, nas fraguas das montanhas, na espessidão das florestas, nas cachoeiras, nas pororocas, as fantasticas scenas dos filhos da noite, que Wagner celebrou na hypnotica musica do futuro.

E mais indicios como esses, e as Valkirias, e as Ondinas, Valhallah, Odin e Thor, e tudo o que Ossian e os scaldas e os bardos cantaram, viriam povoar a amplidão immensa dos nossos sertões.

Mas, verdadeiras ou falsas, algumas inscripções havia. Umas de cunho moderno, como a dos mundurucús, attestavam factos quasi contemporaneos, onde occupavam logar distincto as figuras dos missionarios jesuitas. Outras, como a de Anabastabia, como o

lettreiro da Guahyba, pareciam commemorar batalhas, hegiras, factos -- não direi datas — factos notaveis.

Essas não desvendavam a edade, mas eram dos autocthones. Outras, como as *Lettras do diabo* em Cabo-Frio, a inscripção de Koster na Parahyba, a encontrada pelo Principe de Neuwied, no Espirito-Santo, e aqui bem perto as do morro da Gavea, pareciam mostrar caracteres—que uns diziam cuneiformes, outros cananeus, outros carthaginezes, entre os quaes Schüch achou duas ou tres lettras das encontradas por Oläffens na Islandia, e commemoradas nas *Antiquitates Americanæ*.

---

O resultado dessas controversias, senhores, foi o melhor, o mais louvavel, o mais proveitoso dos alvitres: a fundação de uma sociedade para o estudo da historia e da geographia patria,—e o Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi fundado.

E ao misanthropismo solitario, á indifferença e difficuldade de expandirem, e derramarem observações e conhecimentos, succedeu o altruismo no estudo commum. Já não mais encerrados nos seus gabinetes de observação—ahi desvendariam arcanos, que com elles desceriam á tumba,—por não deixarem a posteros escriptos, nem diffundirem nos coevos o conhecimento dos factos, a observação, a experiencia, a sciencia.

Agora, reunidos e permutando as luzes, aprendendo e ensinando, colleccionando e transmittindo dos passados aos vindouros,—divulgavam as noções do saber, tornavam-nas mais faceis de evolverem, de proliferarem, de se constituirem immorredouras.

E, quando a morte ceifasse a vida desses homens já seus conhecimentos não eram perdidos. Ficavam sementes germinando em mentes fecundas, que brotariam, cresceriam, e productoras, tambem, ao cahirem ás mãos do tempo, deixariam tantos novos germens quantos fructos produzissem.

E que cópia immensa de trabalhos originaes e interessantissimos se deve á nossa sociedade! Si já nasceu trabalhando antes mesmo de constituida!

Na mesma sessão em que foi apresentada e acceita a sua lei social já apparecem trabalhos de Januario e de Cunha Mattos.

Januario lê o seu *Discurso Inaugural*, tão sabio, tão cordato, tão patriotico, tão brasileiro, programma synthetico do que devia ser o Instituto, visão prophetica do seu grandioso porvir, e sobretudo,—a voz da justiça —nesse seu desejo de « dar a vida a benemeritos, que o nosso descuido tem deixado mortos—para a gloria da patria e para a estima do mundo »; Cunha Mattos uma memoria *Sobre a navegação dos antigos e modernos, da qual resultou os descobrimentos da America e do Brasil*, memoria para cuja publicação propoz Januario, em 16 de Novembro de 1839 impetrar-se um auxilio do governo, e que só trinta e tantos annos depois a *Revista Trimensal* publicou.

Naquelle resto de 1838 e principio de 39, leu o marechal Mattos dous outros trabalhos seus sobre « *Mappas Geographicos*, e *A melhor maneira de escrever-se a historia antiga e moderna*, « historia que elle tinha em mãos quanto ao Brasil, e da qual essa memoria seria o prefacio.

E morreu, dias depois, em 24 de Fevereiro.. a idéa toda no Instituto, fallando ainda nesse filho, o filho que deixava orpham, filho de tanto amor !

Januario, S. Leopoldo, Rodrigo Pontes e Silvestre Rebello foram enchendo as sessões com a leitura de seus trabalhos. E' digno de nota o que na sessão do primeiro anniversario este ultimo leu : *Sobre o nome Brasil que em poucos annos tornou mais conhecida a terra de Santa Cruz.*

---

Desde sua primeira sessão ordinaria uma idéa do maximo alcance appareceu no Instituto. Visava-se ao seu futuro ; temia-se a adversidade nos exemplos dissolventes do passado ; pretendia-se um arrimo, um amparo, uma garantia para o porvir.

Essa garantia era o monarcha ; e aquella aspiração, vós o sabeis, senhores, como foi correspondida.

---

Era Elle, então, um menino... mas que revelava dotes extraordinarios de intelligencia e applicação. Seu mestre, Araujo Vianna, dava disso testemunho; sabia-o a maior parte dos socios.

---

Por proposta de Januario, o Instituto sollicitou e obteve a augusta protecção, e mais uma data memoravel ficou indelevel nos fastos da sua historia: — 19 de Março de 1839.

---

O que foi a protecção do menino Imperador todos o sabem: a immediata mudança de livros preciosos e preciosissimos manuscriptos da sua bibliotheca para a do Instituto; o prenuncio—nas suas forças—do que viria a ser, em futuro breve, o interesse, o amor, a dedicação pelas lettras e pelo Instituto, do homem esclarecido, hoje cidadão do mundo; Elle, cujo cabedal de sabedoria o mundo inteiro respeita; Elle, cujos dotes d'alma o mundo todo acata; Elle, a unica magestade verdadeira que Victor Hugo encontrou.

O Imperador tornou-se a encarnação do Instituto, e a vida deste prende-se toda a do seu Protector.

Felizmente, senhores, todos confirmam essa verdade —sem peccado de lisonja

E vae para quarenta annos que o Imperador do Brasil, presidente honorario do Instituto, tem sido o seu socio mais activo, o mais assiduo, presente a todas as sessões ordinarias, desde 15 de Dezembro de 1849, em que se declarou por formaes palavras, o seu *primeiro socio e o mais interessado nos seus progressos*, só faltando ás sessões quando ausente da capital, ou quando, infelizmente, enfermo.

Desde o primeiro anno, desde 3 de Oitubro de 1839, que o Instituto celebra suas sessões magnas e anniversarias em salas do paço imperial, que um anno depois, em 1840, lhe eram cedidas para todos os seus trabalhos. Em 1 de Abril de 1848 novas salas lhe eram abertas para a solemnidade da inauguração dos bustos dos seus

fundadores em 6 desse mez; e foi essa aposentadoria mais tarde melhorada com as salas que, em 1854, o monarcha cedeu para as suas sessões, seus archivos, museu e bibliotheca.

Foi nessas salas, especialmente preparadas para o Instituto, que viu-se, no dia 15 de Dezembro de 1849, o excelso soberano assumir a presidencia, e desde então até hoje dirigir os trabalhos sociaes. Naquella sessão anniversaria de 1840 distribuiu-se a medalha commemorativa da fundação do Instituto: —um genio gravando no PÃO DE ASSUCAR a éra 21, e circumdada das legendas: *Auspice Petro Secundo* e *Pacifica scientiæ occupatio*; e no anverso: *Institutum Historicum Geographicum in urbe fluminense conditum*, die XXI Octobris, MDCCCXXXVIII.

E nesta sessão de 1849, o Instituto sente-se regenerado; comprehende o vigor que lhe advem da presença do monarcha; marca essa éra como a de um retemperamento e grava-o no bronze de outra medalha.

---

Quando no segundo anno creou o Instituto tres premios, medalhas de ouro do valor de 200$, para quem melhor disertasse:

1º Sobre a historia da legislação peculiar do Brasil emquanto colonia.

2º Sobre o mais acertado plano de uma historia do Brasil.

3º Sobre o grau de veracidade do episodio do Caramurú e Paraguassú, na côrte de Henrique II de França, assumpto que, já em 7 de Março de 1840, tratára Silvestre Rebello numa *Memoria*, e em 22 de Maio de 1847 o Dr. Paula Menezes noutra, negando tal veracidade:—o Sr. D. Pedro II, em 11 de Janeiro de 1842, instituiu outros tantos premios, eguaes para todos os annos, para os melhores trabalhos sobre historia, geographia e estatistica das provincias.

Obtiveram esses premios: o primeiro o engenheiro Conrado, por sua excellente carta chorographica do Brasil; o segundo Machado de Oliveira, o director e amigo dos indios de S. Paulo, por sua *Noticia Relacional*

sobre esses indios e o terceiro Magalhães, o alto poeta, o bom philosopho, o regular diplomata, pela historia documentada da revolução do Maranhão em 1839--1840.

Os do Instituto couberam ao sabio Martius o primeiro; o terceiro a Warnhagen, o erudito historiador do Brasil, cuja cedula, tinha por epigraphe:

« De um varão em mil casos agitado
. . . . . . . . . . . . . .
que o peito domar soube á féra gente; »

(*Caramurú*, canto I, 1a)

e aberta deu a ler este generoso pensamento:

« Agradecendo á distincta honra que eu anhelava, de que fosse aberta esta cedula, rogo ao Instituto acceite, com os meus reiterados respeitos, a offerta que faço da medalha deste premio, que a sua benignidade me confere, para a propôr, com assumpto novo, para o anno proximo futuro. »

O segundo premio coube áquelle que, unico actualmente, guarda a recompensa ao numeroso cultor das lettras, que por talento innegavel e indefectivel applicação ao estudo, e multiplos e valiosos serviços ao Instituto, seus confrades o distinguiram como chefe, e é hoje o nosso presidente effectivo.

---

Em 10 de Junho de 1847 projectou-se a creação de uma Sociedade de Bellas Lettras, subdividida em tres secções: litteratura, linguistica e arte dramatica, que tambem não foi avante. Mas no proprio seio do Instituto o estudo das cousas patrias tornava necessaria uma subdivisão ao trabalho; e em 22 de Setembro de 1849 Porto Alegre, Lagos e o Sr. Joaquim Norberto propôem a creação de uma secção de ethnographia. Constituida na proxima sessão eleitoral, ficou composta do sabio botanico Freire Allemão, de Joaquim Caetano, o erudito polygrapho, e de Machado de Oliveira. Para presidil-a creou-se mais um cargo de vice presidente, para o qual foi chamado Porto Alegre.

Logo na primeira sessão de 1850 Lagos leu um aviso do ministerio do Imperio, exigindo, de ordem do Imperador, que o Instituto remettesse até o 1º de Março uma exposição documentada dos seus trabalhos no anno passado, acompanhada de observações sobre quaesquer providencias de que carecesse para seu desenvolvimento.

E o Instituto progredia e adquiria renome.

Em 16 de Fevereiro de 1850 o presidente lê essa indicação do proprio punho de Sua Magestade:

« Convindo reunir todas as noticias que existam a respeito da lingua indigena, interessante por sua originalidade e poesia, e pelos preciosos dados que poderá subministrar á ethnographia do Brasil, lembro ao Instituto que encarregue algum de seus socios da investigação do que houver sobre essa materia em suas respectivas provincias.

« Os trabalhos, que assim tiverem feito, serão remettidos ao Instituto, enviando-os este a uma commissão, á qual incumbirá de apresentar a grammatica e diccionario geral da lingua indigena, com as alterações dos diversos dialectos. Afim de animar os que se dedicam a tão aridas pesquizas, offereço ao Instituto uma medalha de premio para aquelle que concorrer com o melhor trabalho. »

Gonçalves Dias, Lagos, os Srs. Couto de Magalhães, Taunay e outros, mais ou menos buscaram satisfazer os patrioticos calculos do Augusto Consocio, mas, sobre todos, o eminente brasilianologo Baptista Caetano, tão prematuramente roubado ás sciencias e ás lettras patrias—no seu esmeradissimo vocabulario das palavras guaranys usadas pelo traductor da *Conquista Espiritual*, do padre A. Rodrigues de Montoya—aquelle, sim, verdadeiro thesouro da lingua guarany.

Talvez fosse essa indicação do Imperador que deu origem á proposta de Lagos, em sessão de 30 de Maio de 1856, subscripta por todos os socios presentes, e na presença do Chefe de Estado, a quem se apostrophou para a tomar sob sua Alta Protecção; pedido tão benevolamente acolhido, que, logo na sessão seguinte, Sua Magestade declarou que o acceitava: para uma

commissão de engenheiros e naturalistas nacionaes ir explorar algumas das provincias, e formar collecções de historia natural e de tudo quanto entendesse com a civilisação, industria, usos e costumes dos indigenas.

O governo acceitou a idéa e deixou ao Instituto o cuidado de indicar a commissão, que foi confiada á direcção do provecto botanico Freire Allemão, tendo por auxiliares Lagos para a zoologia, Gabaglia para astronomia e geographia, Gonçalves Dias para ethnographia e narrativa da viagem, e o Sr. Capanema para geologia e mineralogia.

Em 30 de Julho de 1858 preparava-se com uma bibliotheca especial e os instrumentos necessarios aos estudos physicos, astronomicos, geologicos e geodesicos; em principios de 1859 parte para as provincias do norte, favoneados pelos mais propicios votos do paiz e do extrangeiro. Isidoro de St. Hilaire, presidente do Instituto Historico da França, felicitava o Instituto e a nação.— E dous annos passados comparece á sessão de 26 de Julho de 1861 a dar contas dos seus trabalhos. Em verdade, não corresponderam á boa vontade, esforços e tempo empregados... Mas culpa não foi da commissão, e sim de eventualidades impossiveis de prever e de obviar.

---

Para bem desempenhar os fins que tinha em vista, eram parquisimas as rendas do Instituto. Em 1840, de 1:248$ que recebêra, restára-lhe apenas o saldo de onze mil e poucos réis. Pediu ao governo uma subvenção de um ou dous contos; o pedido era justo: seus trabalhos eram todos no interesse nacional. E o governo foi generoso: concedeu dous contos, que em 1856 elevou a quatro, a cinco em 1858, a sete em 1861, e em 1882 a nove contos; quantias que, até 1855, não lhe salvaram *deficits; deficits* em parte devidos, é triste dizel-o, a esquecimentos por parte de alguns socios de seus deveres sociaes.

Em 25 de Maio de 1864 a commissão de fundos e orçamentos declara que a maior parte dos socios em

omissão, vinte e tres mais ou menos, não queriam mais fazer parte do Instituto. E' dever dos relatorios expor o que de mais notavel se encontra na vida social... e na exposição de fructos e flores la vém fructos amargos, e ha espinhos tambem.

---

Sua bibliotheca enriquecia-se dia a dia por importantes e multiplos presentes de livros e documentos valiosissimos, attinentes a seus fins, vindos da Europa e vindos de todas as provincias do Imperio ; a ponto de hoje não ter competidora em assumptos relativos á historia e geographia patria. Inutil é dizer quem primava em magnificencia entre os generosos doadores. Registre-se apenas a dadiva, presente de rei, de uma bibliotheca completa, a bibliotheca americana de Martius, de cerca de 800 volumes, recebida no Instituto em 17 de Oitubro de 1856, e que viera juntar-se á abundante livraria que pertencêra ao mesmo Martius, e por Sua Magestade doada já em 1854, no mesmo anno em que abria ao Instituto novas salas preparadas nos seus Paços.

Em 1884 um respeitavel socio, o tenente-general Ricardo José Gomes Jardim, morria legando ao Instituto seus livros e duas apolices de um conto de réis : estas vieram, a livraria foi espoliada; isto é, não foi encontrada no espolio.

Em Abril de 1853 tratou-se no Instituto da encorporação da Sociedade Vellosiana, fundada por Freire Allemão, e dedicada ao estudo da historia natural, ethnographia e linguistica indigena ; em 1 de Julho requereu ella essa encorporação e a 23 de Setembro decidiu o Instituto que se marcasse dia para a juncção. E é assaz notavel que o resultado de tão importante facto não tenha sido registrado em actas.

---

Deve-se ao Instituto, por intermedio do sabio Lund, o descobrimento de restos paleontologicos, de éras prediluvianas, e do homem da Lagoa Santa, cujo craneo indica antiguidade de seculos e seculos. Deve-se ainda ao

Instituto o descobrimento da sepultura do descobridor do Brasil: em 1839, na sacristia do convento da Graça, em Santarém, de Portugal, achou-a o incansavel pesquizador dos tombos municipaes e dos tombos europeus, Warnhagen, o visconde de Porto Seguro. E tambem a certidão de obito de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor da aero-navegação, fallecido em Toledo, no hospital da Misericordia, em 19 de Novembro de 1724, fugido á perseguição dos inquizidores de Portugal.

Deve-se ao Instituto, em grande parte, a immensa cópia de conhecimentos historicos colhidos nos archivos da Europa, a esforços de seus socios Drummond, Gonçalves Dias, Warnhagen, Joaquim Caetano, João Francisco Lisboa e Porto Alegre, e ultimamente o Sr. José Hygino Duarte Pereira, que, entre outros documentos historicos do mais alto valor, trouxe-nos a *Viagem* de Kenivet e o *Diario* de Matheus Van den Broech, por elle traduzidos do hollandez.

Deve-se ao Instituto a idéa das estatuas do fundador do Imperio e do patriarcha da independencia. Foi, em 12 de Maio de 1854, o Sr. Joaquim Norberto quem propoz que se representasse á assembléa geral sobre a conveniencia e necessidade de levar-se á conclusão o monumento do Ypiranga; de erguer-se uma estatua equestre ao fundador do Imperio, na praça da Constituição; e levantar-se uma cruz collossal em Porto-Seguro, restaurando a que ahi Cabral erigira em 1º de Maio de 1500. A de José Bonifacio foi ainda proposta do Sr. Norberto em 14 de Junho de 1861.

E registre-se um facto nobilissimo da mocidade sempre franca e generosa: o primeiro auxilio recebido pelo Instituto para a elevação deste monumento foi o dos estudantes de medicina, que expontaneamente o remetteram, sendo presente logo na sessão seguinte.

---

Senhores!

Tambem a *Revista Trimensal* vae completar o seu quinquagenario. Seu primeiro volume sahiu á luz em 18 de Maio de 1839.

O que ella é dil-o a opinião do mundo scientifico, dil-o o afan com que é procurado esse valioso repositorio de noticias da patria.

Desde os mais antigos documentos sobre a invenção do Brasil até factos hodiernos, — é copioso o numero dos que ahi ficam archivados.

Ahi estão a Instrucção do rei D. Manoel ao descobridor; a Carta de Pero Vaz Caminha, o primeiro codice da historia do Brasil; as de mestre João, de Affonso Braz, de Diogo de Mujer, de Pero de Goes, de Diogo Leite, de Antonio Pires, de Nobrega, sobre os principios do Brasil; de Diogo Garcia e Luiz Ramires; do padre Joseph a seu provincial Jacomo Martins; do marquez de Pombal; o Diario da navegação de Pero Lopes; a Historia da provincia de Santa Cruz e a Informação do Brasil e de suas capitanias, de Gandavo; a Nova descoberta do rio das Amazonas, de Christovam da Cunha; o Tratado descriptivo do Brasil, de Gabriel Soares; as Chronicas de Jaboatão, o Thesouro Descoberto no maximo rio das Amazonas, do padre José Daniel; a Narrativa das Viagens de Kenivet, o Diario de Matheus van de Broeck, os escriptos do padre Manoel da Fonseca, os Orises conquistados de Monterroyo; o Papel Politico do Estado do Maranhão em 1695, por Manoel Guedes Aranches; as Viagens ao sertão, do bispo D. José; os roteiros de Martinho de Souza, de Manoel de Abreu, de Thomaz de Souza Real; o itinerario do Tocantins do Dr. Vicente Gomes; o Dialogo das Grandezas do Brasil de Bento Teixeira Pinto, o primeiro litterato nascido no Brasil; a Relação do naufragio de Jorge de Albuquerque; a Relação Historica do Maranhão, de 1692, de Francisco Teixeira de Moraes; a Recuperação da cidade do Salvador, por D. Manoel de Menezes; o Summario das armadas que se fizeram e das guerras que se deram na conquista da Parahyba; a Historia da guerra de Pernambuco e os feitos de Vieira, por Diogo Santiago; as Informações de Nobrega, de Anchieta; as Memorias e noticias de Fr. Gaspar da Madre de Deus, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de Ricardo Franco, de Lacerda, Balthazar Lisboa, Accioli, Baena,

Taques, Gay, Candido Mendes, Machado de Oliveira, Florence; as eruditissimas questões americanas de Joaquim Caetano; a chorographia de Goyaz, de Cunha Mattos; os Annaes de Goyaz, de Alencastre; as Noções de historia patria, de Candido Mendes; os valiosissimos trabalhos de Gonçalves Dias, Porto Seguro, Machado de Oliveira, Florence, Araguaya, D'Alincourt, Ottoni, Filgueiras, Fernandes Pinheiro, Macedo, Santo Angelo, os muitos e conscienciosos trabalhos de Melgaço; quatro poemas: *Colombo*, de Porto Alegre, o barão de Santo Angelo; a *Confederação dos Tamoyos*, de Magalhães, visconde de Araguaya; os *Timbyras*, de Gonçalves Dias, e a *Nebulosa*, de Macedo; de Warnhagen, visconde de Porto Seguro, a melhor *Historia do Brasil*, e o *Oyapoc e o Amazonas*, de Joaquim Caetano... para citar, sómente, contribuição dos que são mortos.

Os vivos, esses vão seguindo a trilha dos que passaram... e—sobre a pressão dupla, honrosa e difficil de não desmerecerem da estimação que seus antecessores lograram e de não rebaixarem o Instituto das alturas a que subiu.

---

Antes de terminar — registrarei um facto notavel, talvez unico na existencia das associações: em 12 de Setembro de 1883 o visconde da Ponte Ferreira pede sua reintegração como socio effectivo, que ha trinta e tres annos resignára por causas que então se deram, e agora removidas.

Era um dos vinte e sete instituidores do Instituto.

---

Eis em encurtados traços a vida semi-centenaria do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Lamentae, senhores, a falta daquelle que, não em descosidas phrases, mas em alevantado estylo, seria o seu historiador. Não veiu... não veiu rejubilar-se comnosco no banquete litterario.

No livro dos mortos, no Pantheon social que elle proprio levantára em apotheose aos socios desapparecidos nas sombras do sepulchro, foi elle, fatalidade, tambem se inscrever, elle o primeiro ! .. Franklin Tavora.

Elle, que nas ultimas palavras escriptas, fazia votos, ainda, « para que o dia desta festa nos chegasse com favoraveis auspicios; para que neste anno de tanta alegria e tanta gloria nacional nenhum de nossos companheiros estivesse de nós separados pela molestia ou pela morte », — elle foi... o primeiro dos vivos a baquear inanime na fossa sepulchral...

---

Não, não é uma festa completa a que celebramos hoje. Faltou-nos tempo, faltaram-nos forças. Apezar do immenso desejo e dos mais vivos empenhos, reunimo-nos, apenas, para saudar o dia do quinquagenario : — que a consagração operosa que ideamos para essa data de glorias só mais tarde poderá apparecer. Queriamos condensar em um volume a contribuição de todas as provincias em homenagem a esse anniversario.

Causa inamovivel e inesperada sustou-nos o esforço... Vossa molestia, Senhor. Depois, chegando Vossa Magestade são e salvo, faltou-nos o tempo — por faltar-nos o braço herculeo — que podia supprir o tempo — o daquelle cujos ultimos dias, cujas horas ultimas foram labutações ainda para a festa de hoje, — pela honra do Instituto e tambem, Senhor, por honra Vossa, que elle sabia o quanto Vós, Senhor, — a encarnação do Instituto, havieis de apreciar essa festa.

---

E é inutil agradecer-Vos, Senhor, nem cabe ao secretario do Instituto o direito de agradecer a Magestades e Altezas presentes a honra dessa presença.

Mas cabe-lhe o direito de expressar sentimentos que são os do Instituto, que são os dos assistentes aqui, que são os dos bons brasileiros.

Não fallará á Soberana, por todos appellidada — a Mãe dos brasileiros. Que titulo mais simples e mais grandioso, mais doce e mais santo — para um coração de mulher!

Não fallará á Princeza, que o povo chrismou e a historia consagrará, com o sublime qualificativo de — Redemptora dos captivos.

Não fallará aos Principes, homens sãos e honestos, e em tudo dignos da Vossa augusta respeitabilidade.

Não. Concretisará em Vós, Magestade, os seus sentimentos e os seus dizeres. E isto baste.

---

Fostes feliz, Senhor. Concedeu-Vos o Omnipotente o supremo favor—por nenhum outro jamais gozado,—de ouvirdes em vida o juizo que de Vós a posteridade fará; de presenciardes, vivo, os sentimentos de dor e desolação da patria, receiosa de perder-Vos; de terdes, em vida, a prova — livre de adulação e baixeza dos servis — do quanto o povo do Brasil, nacionaes e estrangeiros, quer, estremece e respeita—o guia dos destinos da patria; quer, estremece e respeita o homem justo, honesto e são, o *justum ac tenacem propositi virum*, que ha perto de cincoenta annos, tambem, o dirige e conduz na trilha de todos os progressos, apresentando-se como o espelho do maior patriotismo e dos maiores devotamentos.

---

Sois um predestinado, Senhor! Nessa luta pela vida, não Vos acompanharam as condolencias obrigadas da adulação official. O povo anciava pelas noticias — não pelo espirito de reportagem, da novidade mexeriqueira — não tanto pela dedicação ao bom monarcha; mas muito pelo sentimento de puro affecto por um ente caro — o Pae — um Irmão, enfermo e agonisante.

---

E foi essa anciedade, foi esse terror que entibiaram, sem dar tempo a remedio, o jubileu de hoje.

Esmoreceram nossos esforços as noticias desoladoras de Vossa molestia, da qual—hoje si o póde dizer— chegámos a desesperar, por suppol-a irresistivel aos mais fortes combates da medicina, mesmo aos esforços sublimes de Motta Maia e dos proceres da sciencia européa.

Só recuperamos a calma e a consciencia do dever social quando Vos vimos restituido á patria são e salvo.

Mas, já era tarde para atavios do jubileu. O livro, homenagem litteraria que devia ser hoje lido, só mais tarde virá.

E, que importa esse pezar, si prazer nos contenta?

Viestes salvo e são! Deus Vos conserve a vida e saude por longos annos — Venerando Protector do Instituto — para bem da nossa associação, e, mais que tudo, para o progresso e gloria do nosso Brasil.

João Severiano da Fonseca,

1º secretario interino.

RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS
MARECHAL DE CAMPO REFORMADO
FUNDADOR DO INSTITUTO E SEU 1º VICE-PRESIDENTE
DESDE A FUNDAÇÃO.

N. em 2 de Novembro de 1776. † em 24 de Fevereiro de 1839.

# ALLOCUÇÃO

Pelo, Socio Honorario, o Sr. Senador

**Alfredo de Escragnolle Taunay**

---

Senhor!

Este anno de 1888 tem sido para o Brasil o anno das grandes emoções!

Violentos e encontrados abalos de continuo saltearam a alma da patria, exalçando-a ás alturas da mais intensa alegria ou então mergulhando-a nos mais afflictivos transes, que felizmente findaram todos por estrepitosa e inolvidavel exultação.

E jámais, em todas as paginas da nossa historia, laços mais intimos, nem ligações mais estreitas, prenderam o nobre povo brasileiro, que os experimentava, ao excelso throno em que se assenta a augusta familia de V. M. Imperial.

Foi, Senhor, o anno da Abolição; e bastam, por certo, estas simples palavras para eloquentemente representarem á mente dos contemporaneos ou da mais remota posteridade o delirio que se apoderou desta generosa nação e fez do seu seio irromper espontaneo e enthusiastico hymno de gratidão a Deus, por havermos, sem effusão do sangue de irmãos, sem candentes lagrimas, sem odios inextinguiveis, mas entre flôres, congratulações e vivas e festas, podido prestar á civilisação e á humanidade o preito completo e definitivo, que ellas de nós impacientemente esperavam.

No meio, porém, do inebriamento, eis que echôa, vinda de bem longe, uma nota plangente, que repercutiu logo fundo em todos os corações, e nelles de chofre

punhal em pleno peito a lealdade do tribuno da Hespanha, propugnador acerrimo dos grandes direitos do homem e da confraternidade universal !

E porque tantos aggravos, separações radicaes, odientas retaliações ante um facto que a civilisação nos impunha imperiosa para deixarmos de ser lamentabilissima excepção, e nos libertarmos do deprimente parallelismo com as instituições caducas da corrupta e decrepita Asia ou com o barbarismo inconsciente da boçal e tenebrosa Africa ?

Para que esse alarde em despedaçar solidos e respeitaveis laços politicos, quando da nossa ordem de cousas, já consagrada pelo tempo, só proveiu para o Brasil ordem, paz e dignidade ?

Para que romper com um passado honroso e nobre, que é a segurança de porvir prospero e glorioso ?

Porque o isolamento, a furia, a violencia, quando o mal soffrido com paciencia, e na communhão de sentimentos justos e sympathicos, depressa minora, diminue e se extingue, surgindo do allivio, e, afinal, da cessação da dôr, beneficios inesperados e compensações não previstas que de certo substituirão as maldições por bençams e o lethal desanimo por inopinavel confiança em radiante futuro ?

Na effusão das nossas esperanças, senhores, rodeemos compactos o throno do Brasil. Elle não assenta no obscurantismo, nem em ferrenhas tradições.

Eis porque é unico em todo o mundo ; eis porque é possivel e vive e perdurará nesta America, em que as auras da liberdade perpassam pujantes de norte a sul, sem encontrarem obstaculos nem anteparo.

Não precisa, não por certo, desses meios artificiaes, pueris ás vezes, outros perniciosos, com que o fanatismo religioso e medieval, em suas mal inspiradas cogitações, pretende amparar os soberanos da terra, apregoando-os parcellas emanadas de uma divindade que fazem tão rancorosa e sombria, quanto futil e desarrazoada em seus continuos e pretendidos milagres, e contraria aos progressos e á perfeição da humanidade.

Não ; saberemos conquistar todas as poderosas e imprescindiveis garantias sociaes; e do throno brasileiro, estejamos certos, nos ha de partir benefico e constante influxo, deixando burlados os calculos do ambicioso e absorvente clericalismo, que, vencido em todo o orbe civilisado, ainda busca travar aqui batalha campal, aproveitando a inercia dos indifferentes e apavorando o pensamento dos fracos !

A liberdade, a honra e a razão, trés forças incoerciveis, estão comnosco ; e Deus—isto é—o Espirito immenso, a Influição suprema, a Intelligencia universal, que impelle o homem á perfectibilidade, protegerá a regeneradora empreza e o grandioso commettimento.

Conseguidos os almejados fins poderá a monarchia confiantemente perguntar á republica : « Que mais quereis ? Que horizontes novos mostraes ao patriotismo e ao desinteresse ? Apontae-m'os e em busca delles logo partirei ! »

Talvez até um dia—permitta a sorte bem longe dos tempos de agora—algum descendente de Pedro II, inspirado nos sentimentos de honestidade e altaneria da sua egregia origem e styrpe, não se lhe dará de descer os degraus do solio imperial para fazer subir essa mulher symbolica que tanto fanatisa os paladinos de um ideal, não raramente enganoso e mystificador !

Ainda ahi os republicanos do futuro hão de sentir a obsessão da monarchia, como que ponta de remordimento a pungir-lhes o seio por a terem tanto combatido e tamanhas injustiças lhe irrogado. Nessa mulher fascinadora que exaltaram, verão, como que em graciosa apparição, a physionomia meiga e bondosa d'Aquella que redimiu os desgraçados escravos, e ao seu lado se alteará, sombra augusta e gigante, o vulto solemne e calmo do Sr. D. Pedro II, o grande Patriota !

---

Esboçado, senhores, a largos traços os inesqueciveis episodios patrios, que tanto preencheram os mezes

que acabam de passar, seja-me agora licito perscrutar as impressões, perduraveis tambem, desta festa que hoje celebramos e reconheceriamos modesta, caso não lhe incutisse brilho excepcional a presença do seu protector perpetuo, cercado, para melhor honral-a, dos mais caros penhores do Seu coração de Esposo e Pai.

Ha 50 annos, dia por dia, hora por hora, um grupo de litteratos e homens de sciencia, illustres por muitos titulos, e impulsionados pelo mais acendrado amor á patria e ás lettras, reunia-se em uma das salas do Museu Nacional e fundava este Instituto Historico e Geographico Brasileiro, determinando-lhe os fins a que se destinava, e, com segurança de vistas, assentando os modos de fazel-o alcançar o escopo que devia sempre colimar.

Tem, pois, a solemnidade de hoje caracter especial e grande significação, representando uma parada nos nossos trabalhos habituaes e annuos, afim de consultarmos com sinceridade a nossa propria consciencia, abrindo nella debate com escrupuloso zelo, si porventura malbaratámos a preciosa herança ou nos mostramos dignos do honroso legado.

Constitua-se um tribunal sem appello e nelle se assentem os mais eminentes fundadores e membros do Instituto, que tanto trabalharam pelos vindouros para poderem delles muito exigir

Eil-os aqui presentes, como eloquentes symbolos !

Em nome dos vivos, continuadores da vossa obra, eu vos conjuro, illustres mortos, proclameis o *veredictum* que esperamos entre receiosos e certos de nós mesmos ; sentença, que ou tem de nos fazer curvar a cabeça, enleiados de vexame, ou então nos levantará no conceito publico, infundindo-nos indomavel coragem para todas as contigencias, desde o menoscabo da indifferença até á risota da injustiça e da ingratidão !

Vós, visconde de S. Leopoldo, fallae antes de todos com a autoridade de nosso primeiro presidente, vós que nos destes o lema deste Instituto, proclamando-o « representante das idéas de illustração, que em differentes

épocas se manifestaram em nosso continente » [1]: vossas longas e sérias pesquizas de profundo historiador, vossos indefessos serviços á patria vos dão prestigio inexcedivel!

Fallae, Januario da Cunha Barbosa, a mente inflammada, de onde surgiu a creação desta sociedade, « o seu maior apoio, annunciava Porto Alegre a 8 de Março de 1846, a columna monumental da sua fundação [2], um dos organisadores desta patria que possuimos, um dos constituidores da nova monarchia, e constante sustentaculo da ordem e da liberdade ! »

Fallae, Raymundo da Cunha Mattos, luzeiro nas armas e na sciencia, heroe aos 14 annos na campanha do Roussillon [3], viajante incansavel, observador agudo e sempre veridico, « homem, na phrase do seu panegyrista Raposo de Almeida, que sabia harmonisar a idolatria politica com os sentimentos mais suaves da familia » alma ardente de brazileiro em corpo de velho portuguez !

Agora a vós a palavra, barão de Santo Angelo, essa palavra arrebatadora como uma torrente, imaginosa, ductil, prompta para todos os assumptos e victoriosa sempre, que vos deu por tantos annos fóros de nosso primeiro orador, até que Joaquim Manoel de Macedo (eil-o tambem presente ! ), si não vos excedeu, pelo menos comvosco hombreou, enchendo os echos deste recinto com a magia da sua maviosa eloquencia, doce, como o mel que decorria dos labios dos velhos sabios da Grecia !

Fallae, barão de Porto Seguro, caracter inquebrantavel e constructor de imperecivel monumento em um simples livro de historia !

E vós tambem, conego Fernandes Pinheiro — a synthese da dedicação mais completa e ininterrompida

---

[1] *Programma historico*, Tomo I, da *Revista Trimensal* 2º, trimestre de 1839, n. 2.

[2] *Revista Trimensal*, tomo VIII, pag. 151.

[3] *R. Trimensal*, tomo I, pag. 73.

por muitos lustros a este Instituto, que tanto vos deve e de vós tanto se lembra.

Agora.... preludiem sonoras lyras, fira-se canoro plectro, e nos ares resoem a harmonia e cadencia de versos inimitaveis: Gonçalves Dias, o cantor das grandezas e seducções da nossa natureza virgem, o poeta das dôres intimas, a alma vibratil por excellencia, deve tambem fallar!

E, ao erguer-se a voz do marquez de Sapucahy, funda saudade se alvoroça em todos nós que o conhecemos tão meigo, tão lhano, tão despretencioso no meio dos esplendores da intelligencia e das posições a que subira—e essa voz repercute, insinuante e branda, no coração do Monarcha, recordando-lhe de momento os ensinamentos do velho mestre e os dourados tempos daquella infancia, que a nação brazileira em peso amparava, zelosa e vigilante, como resposta condigna ao sublime rapto de D. Pedro I, quando entregou uma criança ao cavalheirismo e aos cuidados de um povo inteiro!

Fallae, fallae! Eu vos conjuro!

Mas só o silencio nos responde.

Das vossas marmoreas e glaciaes pupillas, a fitar-nos insistentes, desce o applauso e o incitamento, ou a censura e a reprovação?

Vêde, vêde o que temos feito, pesae bem os nossos esforços, avaliae as nossas intenções, as lutas que tivemos que sustentar, o desanimo que foi preciso vencer; compulsae os nossos trabalhos espalhados por 50 copiosos volumes de uma collecção que todas as bibliothecas se empenham em possuir, e pressurosas de todos os pontos do mundo nos pedem e requisitam.

Na balança do vosso juizo entre, como valioso peso, a assiduidade com que, seguindo os vossos passos, temos sempre celebrado as nossas sessões; rodeados da indifferença publica, a que havemos sabido resistir, graças sobretudo ao influxo d'Aquelle que nos déste para Protector Perpetuo a 1 de Dezembro de 1838, e que, no meio dos innumeros deveres magestaticos, jámais se esqueceu de vigiar sobre a nossa sorte e nossos destinos.

Na apreciação dos serviços prestados, não deixeis á margem essa teimosa tentativa de ridiculo, a que nos

temos mostrado superiores, mas que sem treguas buscam contra nós manejar a futilidade e a inconsideração, a ignorancia e a fatuidade, como si não estivessemos, pacientes obreiros, salvando da destruição e do esquecimento, ou reunindo e coordenando os mais vastos e abundantes elementos para a litteratura brasileira, qualquer que seja o lado para que se volte o homem de lettras e o campo que deseje um dia explorar.

Levae em linha de conta a vossa possante estatura moral—não a compareis com a nossa, na generosidade de vossos intuitos e vossa complacencia...

Mas porque? Acaso menos estremecimento sentimos, do que haveis sentido, por esta formosa terra? Porventura não temos, com cioso afan, mantido intangiveis e integros todos os thesouros de dignidade e honra que nos legastes?

Recuámos alguma vez diante de quaesquer sacrificios? Não regámos o solo do despota que nos insultou com o sangue de cem mil dos nossos irmãos, e nelle não derramámos mais de 600 mil contos da nossa fortuna publica?

De menos respeito, menos gratidão e affecto, temos cercado esse menino de outrora, que, embalado ao sopro das revoluções, preparastes para o throno que elle ainda hoje occupa com tanta magestade e serena gloria?

Por circumstancias que raras vezes se repetem, é o Imperador o élo vivaz que nos prende a vós todos, vós que nas multiplas situações da vossa existencia, já nas lettras, já nas sciencias, já no magisterio, já na diplomacia, já nos mais altos cargos do Estado, desfilastes ante a Sua presença e por Elle fostes julgados na medida do vosso saber e patriotismo.

Pois bem, o Sr. D. Pedro II é o vosso e o nosso juiz; e attentae bem—o Seu comparecimento hoje entre nós é o signal mais certo e precioso, mais irrecusavel, de que não temos desmerecido na missão que nos foi confiada, e soubemos salvaguardar todos os principios e tradições que formam o opulento relicario desta nobre Associação.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro inclina-se, pois, perante Vós, Monarcha americano, cheio de ufania e reconhecimento, e Vos apresenta essas virentes palmas, com que a justiça dos posteros engrinalda a fronte dos grandes pensadores e daquelles que, no pinaculo do poder, deram ainda mais realce aos fulgurantes dotes da intelligencia e aos elevados sentimentos que pulsam no peito do homem bom, leal e verdadeiro, dignificando a um tempo a terra em que nasceram e a humanidade inteira que os acclama.

# OS PRECURSORES

Em 21 de Outubro de 1838 alguns homens se reunem em uma sala baixa do edificio do museu nacional. Elles conspiram, tramam, são revolucionarios que pugnam por novas idéas e novos principios. Desejam dilatar a esphera do progresso do paiz ; querem dar horizonte mais vasto á sociedade em que vivem; trabalham, pelejam pela liberdade do pensamento, pela expansão das idéas e pela gloria da patria. Si conspiram não é para abalar os animos e revolucionar a sociedade, mas para agitar os espiritos no amor da sciencia, e abrir caminho mais vasto e mais amplo aos conhecimentos humanos. São revolucionarios, mas agitadores do bem, propugnadores do estudo e da gloria.

Esses homens taciturnos, calmos, patriotas, resolvem fundar uma academia de geographia e historia para occupar-se da grandeza e vastidão do paiz, das riquezas do territorio, e das acções altas e meritorias dos varões illustres. Elles são vinte e sete, muito menos do que os fidalgos que fizeram a revolução de Portugal de 1640; mas conseguem muito, porque em um paiz, que apenas conta dezeseis annos de vida propria, lançam os fundamentos de uma associação litteraria destinada a gravar nas paginas gloriosas da immortalidade os nomes dos cidadãos notaveis.

Entre esses denodados paladinos tornam-se salientes tres vultos, como os mais dedicados batalhadores dessa cruzada de luz, de liberdade e de sciencia.

Um é um titular, outro um soldado, outro um padre.

São esses os iniciadores da idéa que deve ensinar aos brazileiros a zelar as glorias da patria, e abrir horizontes novos a estudos do paiz. Fundam elles o

Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e escrevem desse modo seus nomes nos fastos gloriosos da nação.

Esses tres varões chamam-se visconde de S. Leopoldo, Raymundo José da Cunha Mattos e Januario da Cunha Barbosa.

Abraçando a carreira ecclesiastica, dedicou-se Januario da Cunha Barbosa ao ministerio do pulpito sagrado, e chegou a prégador regio. Si na tribuna da igreja manifestou gravidade e eloquencia, na de professor de philosophia soube educar uma mocidade que honrou seu nome e provou a proficiencia de suas doutrinas.

Nas lutas da independencia da patria collocou-se entre os primeiros, e consagrou sua penna e seus serviços á liberdade da nação. Notavel pelo talento, pelo patriotismo e amor da liberdade, robusteceu seu animo nas paginas gloriosas da independencia nacional, e jamais viu-se afrouxar o seu enthusiasmo, nem arrefecer as suas crenças. Mas nesses tempos de vicissitudes e exaltações foi o padre Januario desterrado ; quando voltou, porém, do exilio, veiu calmo, sem azedume e sem odios, mas sempre patriota. Esperavam-no novas honras e novos cargos ; mereceu do primeiro Imperador a condecoração de official da ordem imperial do Cruzeiro e a cadeira de conego. Os votos de duas provincias chamaram-no ao parlamento.

Ninguem o pôde igualar em seu tempo na carreira da imprensa. Nomeado director da typographia nacional, redactor do *Diario do Governo*, chronista do Imperio e bibliothecario da bibliotheca nacional, illustrou todos eses empregos e em todos cooperou para o progresso do paiz.

Jornalista consummado, politico de convicções puras, homem de perseverança inquebrantavel, revelou-se poeta escrevendo um poema, onde foram ainda as auras da patria que o elevaram ás ethereas regiões da poesia. Si durante vinte e cinco annos exerceu o magisterio, si por espaço de quarenta annos propagou da tribuna sagrada as doutrinas puras do evangelho, si activo e emprehendedor trabalhou com ancia pelo bem da patria, sobroulhe ainda tempo para consagral-o á fundação de sociedades litterarias.

A Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional contou-o entre os mais esforçados propugnadores; e do Instituto Historico foi o braço robusto, que fez surgir essa associação em uma época em que ainda eram raros semelhantes tentamens em favor das lettras e das artes.

Escreveu muito; foi do seu tempo o mais fecundo publicista, e o primeiro que procurou honrar em necrologios a memoria dos seus concidadãos; e hoje que esta academia, creada por elle, conta meio seculo de existencia, repita-se seu nome com amor e saudade nestes annaes, em que elle, com grande esforço e dedicação, procurou erguer o renome da patria, glorificando a sua historia.

Raymundo José da Cunha Mattos, marechal, vogal do conselho supremo militar, official da ordem imperial do Cruzeiro, commendador da de S. Bento de Aviz, ex-deputado de duas legislaturas do Imperio e socio de varias sociedades nacionaes e estrangeiras, foi um varão illustre.

Dedicando-se á carreira militar, alistou-se nos batalhões patrioticos, que pelejaram pela liberdade da nação portugueza, que era sua patria. Pelo seu valor, civismo e galhardia militar galgou logo as divisas de capitão.

Foi subindo e conquistando os postos pelos seus serviços; chegou a brigadeiro, a marechal de campo e a commandante das armas.

Mostrou-se sempre severo e intransigente no desempenho das commissões militares de que foi encarregado.

Na carreira das lettras deixou assignalado seu nome, como na das armas. No parlamento ostentou entre todos maior instrucção sobre legislação militar. Dedicado ao serviço da patria, prestou-lhe tudo que lhe coube nas forças, e soube consagrar á gloria do paiz, que adoptou por seu, a penna e a espada.

Dotado de prodigiosa memoria e de instrucção variada, frequentou o recinto das associações litterarias, e foi brilhante e animada a sua acção no areopago das lettras. Encantavam-no as delicias do estudo, e o que escreveu perpetuou o seu nome entre os bons cultivadores das lettras.

Pelos seus opimos serviços prestados á Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, foi eleito secretario perpetuo, e do Instituto Historico foi um dos grandes fundadores.

Hoje que esta associação solemnisa o seu primeiro jubileu, avaliando-se o intelligente amor, o zeloso interesse pelas gloriosas tradições da patria desse seu socio, registre-se seu nome, que deve permanecer na historia, na legião dos homens notaveis.

José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, nasceu na villa, hoje cidade de Santos, na provincia de S. Paulo. Graduado na universidade de Coimbra, regressou logo á patria, onde esperavam-no emprego de confiança e de cathegoria social. Foi nomeado juiz da alfandega do Rio Grande do Sul. Indicado para deputado ás côrtes geraes e constituintes de Portugal, mostrou nas discussões palavra sentenciosa e erudição vasta e completa.

Na primeira assembléa constituinte do Brasil alistou-se entre aquelles que mais conheciam o systema representativo, e sempre da cadeira que occupou partiu um exemplo ou uma lição. Na vida politica ninguem ousou negar a sua honestidade. Foi o primeiro presidente nomeado para a provincia do Rio Grande do Sul, e alli organisou a primeira typographia que houve na provincia.

Subiu a ministro da corôa, a conselheiro de Estado e na hierarchia social teve o titulo de visconde.

Homem laborioso e illustrado, de talento superior e apaixonado pelo estudo, consagrava suas vigilias ás lettras, e deixou trabalhos litterarios, que conseguiram attrahir para seu nome a fama e a gloria.

No labor fecundo da fundação do Instituto Historico e Geographico tomou o visconde de S. Leopoldo o logar mais alto e de mais responsabilidade: foi nomeado presidente da nascente associação.

Elle, Januario e Cunha Mattos cimentaram com a sua intelligencia e seus esforços os alicerces dessa academia. Consorciados na mesma idéa procuraram legar á patria um instituto de historia e de geographia.

Enriquecidos de vasta capacidade, dotados de vivo sentimento nacional, reuniram suas forças na formação dessa sociedade que devia cooperar para alargar os limites das sciencias e para gravar nas paginas da immortalidade as acções heroicas dos varões illustres ; e emprehenderam tão ousado commettimento com toda dedicação, fé e robustez de animo, não attendendo aos obstaculos oppostos á sua iniciativa. Fundando esse Instituto, considerado hoje como uma instituição do Paiz por contar a larga existencia de cincoenta annos, e por ter tido sempre á sua frente o Imperador, abriram elles por si mesmos o caminho que devia leval-os á posteridade, e por isso vivem hoje na memoria da patria.

21 de Outubro de 1888.

MOREIRA DE AZEVEDO.

JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO

VISCONDE DE S. LEOPOLDO

PRESIDENTE DO INSTITUTO DESDE A FUNDAÇÃO

*Presidente perpetuo em 4 de Dezembro de 1842.*

N. em 9 de Maio de 1774. + em 6 de Julho de 1847.

# A PROVINCIA DAS ALAGÔAS

E' a antiga comarca desse nome, pertencente á capitania de Pernambuco, elevada áquella cathegoria por alvará de 9 de Outubro de 1706, e que comprehendia toda a costa sul, desde a foz do Piracinunga, até a do S. Francisco.

Abrangia as villas de Alagoas, como cabeça do termo, Penedo e Porto Calvo, e dez freguezias, sendo as das tres villas, e mais as de Santa Luzia do Norte, Puxim, S. Bento, Camaragibe, Pioca, S. Miguel e Atalaia. Situa-se entre 8° 55' e 30" e 10° 28' 50" de latitude austral. Seu littoral, que do norte vem em rumo NE. - SO., ao dobrar a Ponta Verde muda de direcção de E. para O.

Dizem erradamente alguns chronistas e historiadores da fundação da capitania que Duarte Coelho Pereira, depois de lançar os fundamentos de Olinda, percorreu a costa, e lançou fundamentos de povoação em Porto Calvo e no Penedo.

Duarte Coelho teve que vencer o gentio, principalmente o feroz caheté, o que só conseguiu, e mui pouco, na costa, com o auxilio dos tabayares.

A primeira entrada do sertão, e que pouco se internou, fazendo apenas despejar o gentio de parte da costa, teve logar em seu governo, e nella iam Fernão Lourenço, Gonçalo Mendes Leitão, o allemão Christovam Lins e outros, que tiveram por patrimonio o territorio conquistado.

A segunda bandeira foi commandada por Jeronymo de Albuquerque e Felippe Cavalcante : afastou o gentio

50 leguas da costa pelo sertão a dentro, isto em consequencia do massacre do bispo Sardinha, na praia do Francez, em Junho de 1556, e de ter vindo ordem para a guerra e exterminio do gentio caheté. Jeronymo de Albuquerque perseguiu-os tenazmente até o rio de S. Francisco, donde regressou para Olinda em 1557, com o senhorio de todas essas terras conquistadas para si.

Já se vê que anteriormente toda a costa era dominada pelo gentio, tanto que os dous que restaram do naufragio da galera que conduzia o bispo martyr não foram ter a Porto Calvo, nem tão pouco ao Penedo, na róta em que seguiram em fuga para a Bahia.

Cita-se uma terceira bandeira em 1578; mas esta foi ao sul do S. Francisco, em territorio de Sergipe, onde, depois da conquista de Christovam de Barros, houve outra entrada dirigida por Christovam da Rocha e Rodrigo Martins.

Portanto é hypothetica a versão de haver Duarte Coelho lançado os fundamentos de Porto Calvo e Penedo.

Foram diversos os possuidores dessas terras por conquista, e posteriormente diversos foram os concessionarios das terras comprehendidas no seu territorio.

Diogo Soares da Cunha, em Agosto de 1591, obteve cinco leguas ao longo da costa, do Pajussára á foz do rio S. Miguel, com sete para o interior, onde levantou em 1596 a povoação da Magdalena, depois villa e cidade das Alagoas, cujos primeiros fundamentos foram na margem do Sumaúma, local hoje da povoação de Taperaguá. Isto conclue-se de haver Gabriel Soares da Cunha, filho de Diogo Soares da Cunha, então alcaide-mór da Magdalena, por escriptura de 25 de Novembro de 1611, concedido a Manoel Antonio Duro, morador em Pajussára, onde tinha uma casa de telha, uma sesmaria de terras ahi na costa, com os fundos a encontrar a lagôa do Norte, com a condição de fazer um sobrado coberto de telha na pavoação do Sumaúma. Tambem por escripctura de 13 de Abril de 1610 concedeu a Antonio Martins Ribeiro uma legua, em quadro, na margem do Mundahú, com a condição de levantar engenhos de fabricar

assucar e erigir a povoação, que depois chamou-se de Santa Luzia do Norte ou de Syracusa, hoje villa.

Gabriel Soares da Cunha casou com D. Florencia de Andrade, filha do capitão-mór Henrique de Carvalho e D. Maria de Abreu Bezerra, de cujo consorcio houve Antonio de Andrade Carvalho, Mathias de Andrade Carvalho e D. Maria de Abreu.

Grande foi sua descendencia.

---

Em seguida, para o norte, estava a sesmaria de dez leguas em quadro concedida a Antonio de Barros Pimentel, conhecida pela *sesmaria dos quatro rios*, porque comprehendia os rios Mangaba, Tatuamunha, Camaragibe e Santo Antonio Grande, que desaguam no oceano. Foi pae de Rodrigo de Barros Pimentel, casado com D. Jeronyma de Almeida, matrona que com seus doze filhos, dos quaes nove quasi moças, fôra, em 1645, presa dos hollandezes, na ausencia do marido, e condemnada a ser degolada por se lhe impôr a culpa de ter dado agasalho e sustento á tropa da Bahia.

Desta para o norte estavam as terras de Christovam Lins, o possuidor mais antigo, por tel-as conquistado aos indios potyguares, e que iam até o cabo de Santo Agostinho ; por cujo serviço foi tambem agraciado com o titulo de alcaide-mór de Porto Calvo, com a condição de fundar a villa.

Christovam Lins casou com D. Adriana de Hollanda, filha de Arnáo de Hollanda e D. Brites Mendes de Vasconcellos, e houve : Bartholomeu Lins de Vasconcellos, que foi pae de Christovam Lins de Vasconcellos, alcaide-mór de Porto Calvo e seu termo, que tanto se distinguiu na restauração de Pernambuco em 1645, acompanhando João Fernandes Vieira ; D. Ignez Lins de Vasconcellos ; D. Brites Lins de Vasconcellos.

Grande foi tambem a descendencia.

---

Do picão da barra do Francez para o sul eram as terras da sesmaria do mestre de campo Antonio de Moura Castro, de quem descendem os Mouras de S. Miguel.

Não ha certeza de que fossem doadas as sesmarias da barra de S. Miguel para o sul, e bem assim si a de Cururipe, á foz do S. Francisco, o fôra a Belchior Alvares Camello, primeiro alcaide-mór do Penedo, e que alli installou diversas fazendas de criação. Outras foram concedidas, como se vê:

Em 1596 João da Rocha Vicente obteve uma sesmaria na testada do reguengo de Jorge de Albuquerque, de duas leguas sobre quatro de fundo, para o sertão.

Em 1597 obteve mais duas leguas, e em 1602 outra legua; tendo em 1600 obtido tambem outras duas nas cabeceiras das terras de D. Felippe de Moura.

João da Rocha Vicente, casado com D. Messias Barbosa, foi sogro de Sebastião da Rocha Dantas, irmão de Christovam da Rocha Dantas: paes e thio de Thomé, Valentim, Gonçalo e André da Rocha Dantas, este o fundador da igreja matriz de Piassabussú, em 1670, mais ou menos, irmãos que tanto se esforçaram para a restauração da capitania, acompanhando João Fernandes Vieira

Ao terminar o XVI seculo o littoral do Brasil achava-se colonisado desde a Parahyba até S. Vicente. Em progresso occupava Pernambuco o primeiro logar por commercio, luxo e riqueza.

Tambem é hypothetica a data — 23 de Abril de 1636 — em que se diz terem sido elevadas á cathegoria de villas as povoações de Porto Calvo (conhecido então por Santo Antonio dos Quatro Rios), Alagoas e Penedo.

O marquez de Bastos, nas suas *Memorias Diarias* diz nessa data, vagamente, o seguinte: « Deixámos a povoação de Porto Calvo, que d'ora avante trataremos por villa do Bom Successo, que assim a titulou Duarte de Albuquerque (não diz em que data), dando-lhe termo e jurisdicção conforme os poderes e privilegios que tinha de El-rei para crear as que lhe apparecesse.

O mesmo fez com as povoações da Laguna do Sul e do Rio de S. Francisco, chamando a primeira Villa da Magdalena e a segunda de S. Francisco. »

Duarte de Albuquerque em sua passagem para Porto Calvo não fez mais do que reconhecel-as; confirmando-as, deu-lhes novas designações, chrismando a de Porto Calvo com o nome de Bom Successo, a da Alagoas do Sul com o de Madaglena e a do Penedo com o de S. Francisco, e nada mais.

A duvida prende-se ao facto de que para esse tempo já eram ellas tres freguezias creadas, tendo Porto Calvo os padres André Jorge Pinto como vigario e Antonio Pacheco da Silva como coadjuctor; quanto a Alagôas não constam os nomes dos dous primeiros vigarios que serviram anteriormente á invasão hollandeza; quanto ao Penedo foi o padre Antonio Martins seu vigario por esse tempo

Si já freguezias, como não villas, quando a condição principal da concessão dos territorios trazia a obrigação de creal-as, dando-se desde logo para tal fim as nomeações de alcaides-móres aos mesmos concessionarios?

Naquella data, em 1636, Porto Calvo já contava uns 60 annos de fundação.

Já na posse do cargo de alcaide-mór estava Christovam Lins de Vasconcellos, neto do primitivo Christovam Lins primeiro alcaide-mór é diz a chronica que a mulher deste, D. Adriana de Hollanda, avó daquelle, vivia em idade de mais de cem annos, porquanto em 1647 contava 110, abençoando filhos, netos, bisnetos, trisnetos e quatrinetos!

Notavel é que nem Porto Calvo ficou Bom Successo, nem Alagôas Magdalena, nem tão pouco o Penedo villa de S. Francisco.

Foram estes os fundamentos da actual provincia das Alagoas, que, apezar da sua posição geographica, da exuberancia de dons, com que favoreceu-a a natureza, da opulencia de sua flora, da importancia de suas vastas e preciosas florestas, da uberdade de seu solo regado por innumeros rios e lagos, e da benignidade de seu clima,

—viveu dormindo o somno de indifferencia por espaço de quasi dous seculos.

Hoje, felizmente, procura rehaver o perdido — e muito promette — pelo que tem alcançado e espera da intelligencia de seus filhos, que possuem a mais bella e a mais moral das virtudes sociaes, o amor da patria.

P. DA FONSECA.

# RIO PARANAHYBA

OU

# PARNAHYBA ?

---

Quando em 1855 a assembléa provincial mineira preparava, para ser sanccionada, a lei n. 719 de 16 de Maio daquelle anno, occasionalmente achei-me no Desembarque, e vi que o conego Hermogenes Cazimiro de Araujo Bruonswik, vigario collado da freguezia deste nome, lamentava e mesmo formava censura aos deputados mineiros de então, pela pouca attenção que prestavam á geographia territorial da provincia, por isso que denominavam *comarca do Parnahybá* á que era constituida com os municipios de Araxá e Patrocinio. (Póde vêr-se a citada lei mineira n. 719 de 16 de Maio de 1855, art. 1º § 8º).

O conego Hermogenes era vigario naquella povoação do Desembarque desde que foi elevada á freguezia em 1818. Era advogado de nomeada; fôra deputado provincial em diversos biennios e deputado geral em 1856; tinha sido eleito deputado ás côrtes de Lisboa na occasião da constituinte. Por conseguinte a sua elevada posição social e residencia nas proximidades do Araxá; ter sido um dos primeiros entrantes no sertão da Farinha-Podre; o conhecimento de que dispunha com relação ás cousas desta zona e a sua muita instrucção : devia tudo concorrer para bem poder julgar do erro que commettiam os deputados mineiros, factores da referida lei, bem como o proprio presidente da provincia sanccionando com aquella denominação, quando

devia denominar-se a do *Paranahyba;* visto como a circumscripção judiciaria tomava aquelle nome sómente porque o territorio estendia-se das margens do rio Paranahyba (isto é, do rio que servindo de divisão á provincia de Minas e a de Goyaz, desde o Jacaré, fazia juncção com o rio Grande, pouco abaixo de Santa Anna do Paranahyba, provincia de Matto Grosso), até a serra da Canastra vertente ao rio Grande.

Era esta a razão por que dizia o conego Hermogenes, que a comarca devia denominar-se do *Paranahyba* e não do *Parnahyba*, como ficára escripto na lei; porque podia dar logar a interpretações erradas e mesmo prejuizos, pela denominação não ficar de harmonia com a origem: opinião que foi por elle sustentada até o seu fallecimento em 1861.

Não obstante as circumstancias que deixo expendidas, e eu considerasse mais acertado o que dizia o conego Hermogenes, de accordo com a opinião de Mendes de Almeida no seu *Atlas do Imperio do Brasil*, 1868, e o que disse H. Gerber, *Noções sobre a provincia de Minas* — a pag. 27, 28, 63 e 71, todavia consultei a respeito o conego Francisco de Salles Souza Fleury, homem illustrado, vigario da freguezia de Sant'Anna do Parnahyba e habitante daquellas paragens desde 1838. Eis o que diz em carta de 15 de Novembro de 1883:

« Accuso o recebimento de sua prezadissima carta de 29 de Outubro passado, com o quesito seguinte: si o rio, a cuja margem se acha situada esta freguezia, que habito desde 1838, se chama *Paranahyba* ou *Parnahyba?* Ao que respondo que se chama *Paranahyba*, cuja derivação vem de *pará*, rio, na linguagem dos aborigenes, *ná*, grande, *iba*, claro, isto é, rio grande, de agua clara, distincto de rio grande *Paraná*, seu confluente, cujas aguas são turvas e não claras. Quanto ao *Parnahyba*, é este um rio affluente do

> Thieté, nas immediações de Pirapóra, na provincia de S. Paulo. Sciente de que o vocabulo *iba* significa claro, ignoro todavia a etymologia de *parna*. » [1]

Communicando isto ao Instituto Historico (do que talvez não precisasse), outro fim não tenho sinão o de dar-lhe conhecimento da opinião que dous homens illustrados, e vizinhos da comarca e rio em questão, formavam sobre a verdadeira denominação de rio Paranahyba, ao qual um acto legislativo, posto que por meio indirecto, chamou de Parnahyba.

Uberaba, Minas, 1 de Agosto de 1888.

ANTONIO BORGES SAMPAIO,
Socio correspondente.

---

1 E' simplesmente contracção, por corruptella, de paraná.
N. da R.

# POVÔAMENTO DO CEARÁ

O aspecto do Ceará, no littoral formando um convexo com suas collinas de arêa, alvissimas, que avançam sobre o oceano, no interior elevando-se em fórma de rampa até a cordilheira quasi circular da Ibiapaba, impressionou tristemente os navegantes, que primeiro visitaram seus mares, e os exploradores que penetraram as suas *caatingas*.

Desfavoraveis são todos os conceitos sobre o futuro desta provincia, que se encontram nos antigos observadores, desde Pedro Coelho até H. Koster. O Ceará era a terra da desolação e da miseria, julgado segundo as impressões produzidas pela sua natureza aspera, e á primeira vista intratavel. A flora e a fauna pareciam pauperrimas, o solo esteril, o clima menos apto para o desenvolvimento da vida. Ventos rijos, soprando seis mezes em concurrencia com um calor, que attinge a 36 graus, exaurindo rapidamente os pequenos regatos; sêccas diuturnas, ou invernos além da medida, tudo fazia acreditar que esta região viria a ser um logar apenas de transito, quando o povoamento do norte do Brasil chegasse a completar-se.

Julgavam perfunctoriamente os que deduziam assim da natureza do Ceará sem aprofundarem os mysterios della.

Agora opinião contraria está firmada por força dos factos, que são da maior evidencia.

Não ha clima mais reproductor, nem solo mais fecundo.

Na elaboração do povo, que devia succeder a raça extenuada, dominadora outrora desta terra, as mesmas sêccas tinham a sua tarefa.

De feito, mui poucos portuguezes, quasi exclusivamente de origem berbére, e alguns crioulos que vinham de Pernambuco, da Parahyba e do Rio Grande, pelo litoral, ou da Bahia e de Sergipe, pelo interior, associados aos fragmentos da raça tupy, dentro em pouco, deviam fazer do Ceará uma colonia muito populosa, emquanto as terras do Piauhy e Maranhão, cobertas de bastas florestas e cortadas de rios perennes permaneceriam quasi despovoadas e cuidadosamente evitadas pelas suas endemias.

Era que, ao contrario do que se pensava, o Ceará, como o Rio Grande do Norte e outras regiões do antigo bispado de Pernambuco, era justamente a que melhores condições offerecia ao desenvolvimento da vida. Tudo estava disposto para que servisse de sementeira na propagação do homem.

Como foi rapido o povoamento do Ceará!

O estabelecimento francez de Ibiapaba, primeiro do Ceará, não chegou a consolidar-se; as tentativas de Pedro Coelho, em 1603, foram inteiramente mallogradas; os jesuitas, quatro annos depois, foram mal succedidos; e Martim Soares pôde apenas fundar, em 1609, um pequeno reducto, por traz do qual seus poucos soldados tratavam com os indios, sempre acautelados contra as suas suspeitas e truculenta perfidia.

Só após a invasão hollandeza é que o terror determinou uma pequena emigração para os sertões do Ceará. Fundaram-se no valle do Jaguaribe e do Acaracú as primeiras fazendas de criar.

Na foz daquelle rio, então accessivel a pequenas embarcações até algumas milhas acima, fundou-se o Aracaty (S. José, do porto dos barcos), pequeno arraial de pescadores, homens do mar e vendelhões, que foi até poucos annos o interposto de todo commercio na bacia do Jaguaribe.

Isto se passava entre 1623 e 1654.

Pois bem, já em 1647, do valle do Jaguaribe se faziam grandes supprimentos de gado ao exercito de João Fernandes Vieira. Uma partida, conduzida por João Barbosa Pinto, se compunha de 700 bois!

Para accentuar-se a rapidez, com que a especie bovina procreava, attenda-se bem á epoca em que deviam ter chegado á Bahia as primeiras *crias* e a distancia a que ficavam dos sertões do Ceará, admittindo-se mesmo que os primeiros casaes viessem por via de Pernambuco; tendo-se em conta ainda o facto sabido de ter-se feito a propagação por partes, pois que primeiro se *afazendaram* as terras intermedias.

No começo do seculo XVIII (1719) já havia fazendeiros, nas immediações do Icó, que possuiam 4000 rezes; e no meiado do seculo era tamanha a producção, que, além das remessas de gado para as feiras da Bahia e Pernambuco, fundaram-se no Aracaty as afamadas *officinas* ou charqueadas, que sustentaram um profuso commercio de carnes, chamadas *do Ceará*, até sobrevir a sêcca triennal de 1792, que, desde a Bahia, devastou o norte do Brasil.

As çavalhadas eram já objecto de grandes transacções, e eram vendidas na Bahia e Pernambuco para o serviço dos engenhos de assucar.

* * *

Isto só bastaria para pôr a limpo o erro dos primeiros observadores. Mas, de par com a multiplicação dos gados de todas as especies, o homem reproduzia-se no Ceará em uma escala não conhecida. A população duplicava em 20 annos, bem que os aborigenes fossem desapparecendo rapidamente, por motivos diversos.

As molestias infecciosas, importadas pelos europeus, como que encontraram nelles o seu pasto. A variola, desde o começo da colonia, matava irremmissivelmente, e o fazia por malócas e aldêas; as sêccas os afugentavam, pois que os abrigos das serras e dos brejos lhes eram disputados pelos colonos de armas na mão; emfim, a propagação das fazendas de criar importava declaração permanente de guerra, por isto que, caçador e sem minima noção da propriedade, o selvagem não podia conceber o direito exclusivo de alguem sobre

animaes, que não eram factura do homem, mas surgiam da natureza,que era o peculio da communhão.

As correrias eram continuas, e o captiveiro servia de termo ás existencias que o flagello poupava.

Ficaram assignaladas na historia as guerras de exterminio levadas ao sertão de Jaguaribe pelo caudilho João de Barros Braga, que foi galardoado, á imitação de Bento Maciel, tendo em paga dos seus serviços o governo do Rio Grande do Norte. O proprio capitão-mór (governador) Salvador Alves, em 1721, conduziu uma destas expedições, havendo-se com tal furor, que provocou uma reprovação do governo de Lisboa.

O selvagem, portanto, que entrou por metade na formação da população actual do Ceará, não passava de fragmentos raros do *tapuyo*, aliás pouco numeroso, que Pedro Coelho encontrou no Ceará. E deve-se levar em conta, outrosim, o numero consideravel que pereceu nas guerras que se succederam, accendidas entre os colonisadores pela soffreguidão de senhorearem-se do solo por occasião da partilha, que os capitães-móres fizeram nos fins do seculo XVII e começo do seculo XVIII.

* * *

Para melhor firmar o nosso asserto importa consignarmos que, com a fundação da colonia, começa a historia das crises do Ceará, por effeito da desviação dos ventos de nordeste, que costumam trazer-lhe as chuvas no equinoxio de Março, phenomeno, cujos effeitos são os mais tragicos, por isso que toda cultura dos campos é feita no Ceará exclusivamente á mercê das chuvas, praticando-se o systema das irrigações sómente na falda do Araripe, onde se encontram cerca de cem grandes e pequenos ribeiros permanentes.

Ha no catalogo destas calamidades, a partir da sêcca de 1692, a de 1711, a de 1723, a 1727, da qual nos diz Accioli que na Bahia seccaram até as fontes; a de 1736—1737, de 1745—1746, de 1772, de 1777 a 1778, de 1784, a terribilissima de 1790—1793, a de

1809, de 1816—1817, de 1824—1825, de 1844—1845, afóra as sêccas parciaes de 1827, 1830, 1833 e 1837, quasi todas seguidas de febres typhicas e de variola, com tal intensidade, que em 1792 matou, só na villa do Aracaty, cerca de 4000 individuos, e em 1878 roubou na Fortaleza para mais de 50.000 vidas!

***

A provincia, apezar de tudo, cobre-se rapidamente de homens e animaes.

Em 1862 seu gado bovino e cavallar era de 1.344,000 cabeças, no valor de 22.320:000$000.

Em 1872 sua população, tomada a rol com grandes omissões, apresentava a cifra de 721.686 individuos, tendo attingido a ella na seguinte progressão:

| | | |
|---|---|---|
| 1775. . . . . . . | 34.000 | almas |
| 1808. . . . . . . | 125.000 | » |
| 1810. . . . . . . | 130.000 | » |
| 1812. . . . . . . | 149.285 | » |
| 1819. . . . . . . | 201.170 | » |
| 1835. . . . . . . | 240.000 | » |
| 1857. . . . . . . | 486.208 | » |
| 1860. . . . . . . | 504.000 | » |

De todos os estudos procedidos resulta que em 1877, ao declarar-se o flagello que lhe fez perder cerca de 150.000 habitantes pela morte e pela emigração, o Ceará tinha uma população nunca inferior a 952.624 habitantes.

Actualmente, dados estatisticos da maior confiança asseguram que este numero, apezar da emigração continua para as regiões do Amazonas, baixou apenas a 932.254.

Em tudo encontra este algarismo a sua ratificação. O numero de rezes mórtas para o consumo póde calcular-se em 70.000.

Só nos açougues publicos o consumo é de 55.875, não admittidas as infalliveis omissões no lançamento do imposto respectivo.

Foram as sêccas do Ceará que concorreram outrora para o povoamento de muitos municipios do interior do Maranhaõ, e principalmente do Piauhy.

Nesta ultima provincia quasi todas as familias entroncam nas do Ceará. Nas sêccas de 1825 e 1845 para ahi foi principalmente a emigração. O Pará recebeu tambem muitas familias.

Quer nas lutas civis, que tem enlutado o Imperio, quer nas guerras estrangeiras, o contingente do Ceará tem sido sempre mui avultado, dando o seu quinhão no impsoto de sangue á medida do crescimento extraordinario da sua população. Em nenhum campo de batalha, se póde dizer, desde a expedição de Jeronymo de Albuquerque ao Maranhão, deixou jámais de encontrar-se um cearense. Depois daquella celebre expedição, em 1643, os indios do Ceará combateram no Outeiro da Cruz, e em 1709 marcharam em numero de 600 contra os indios rebellados de Mearim.

Seguiram-se as guerras diuturnas de familia, a mais notavel conhecida por Montes e Feitosas, verdadeiro fratricidio dos indios, armados uns contra outros por estas duas familias de matadores.

Não obstante tudo isto, havia população no sul da provincia, tão basta, que produzia 4000 combatentes para as lutas da independencia no Piauhy e Maranhão em 1822.

Em 1825 e 1826 depois duma guerra civil, em que pereceram centenas de homens, e quando a bexiga assolava a provincia de um extremo a outro, Conrado encontrava 2137 recrutas, que remettia para a côrte com destino ao exercito, grande imprudencia, que lhe pesa na memoria, pois que em viagem foram quasi outras tantas as victimas da variola.

Logo após, em 4 de Abril de 1832, Pinto Madeira tinha ás suas ordens, atacando a villa de Icó, cerca de 6000 homens, exclusivamente arregimentados nos municipios do Cariry!

Devemos lembrar tambem, para dar uma idéa perfeita das cousas, que no Ceará, por occasião da epidemia do cholera morbus, em 1862, a perda de vidas foi, segundo os dados officiaes, de 11,000 pessoas.

E todavia o seu contingente para a guerra do Paraguay, tratando-se exclusivamente das tropas expedidas pelo porto da Fortaleza, tres annos depois, foi de 5802 praças, o que não sorprendia, por quanto freguezias havia, nessa época, como a de Lavras, que qualificavam 4000 votantes!

Insistiremos em produzir as cifras do Ceará.

Alistaram-se para o exercito, no periodo de 1878 á 1887, 1712 homens, sendo no entanto o effectivo de sua força de linha e policia, como agora, de quasi 700 homens e a matricula do seu pessoal de serviço maritimo de mui pouco menos de 3000

***

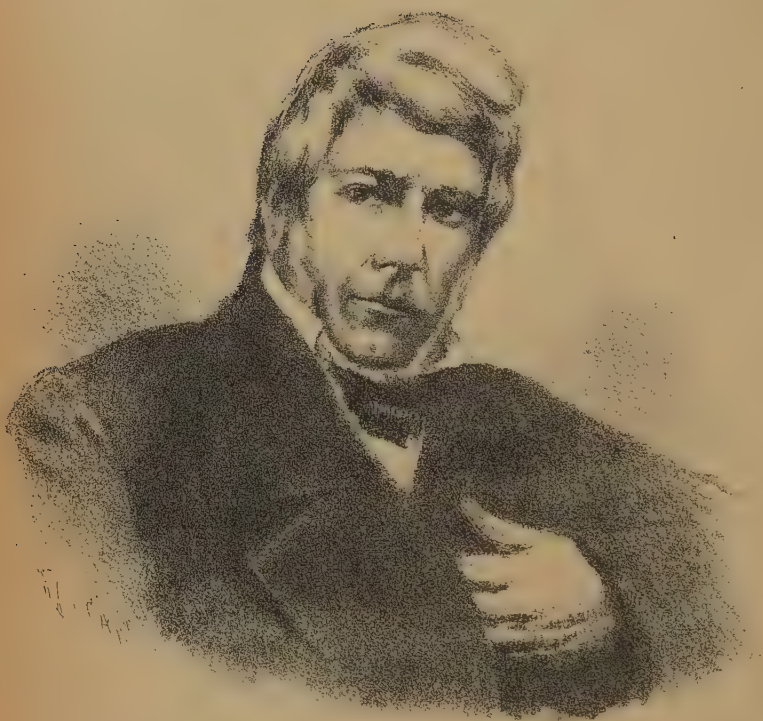
Todas estas cifras provam em favor da salubridade do clima, da sanidade da alimentação e da facilidade de vidas nesta parte do Imperio.

Si, pois, tantas e tão consecutivas perdas não obstam a um crescimento tão rapido dos sêres que povoam esta região, foi grande a illusão dos que julgaram-na, como Ferdinand Diniz, *uma terra para exilio.*

Este mesmo escriptor, porém já não sentia bem quanto affirmava. Elle proprio censurava o abandono a que o governo entregava uma tão vasta região, e observára que era espantosa a multiplicação dos gados grossos, e maior ainda a das cabras e ovelhas, cujas pelles, dizia, deviam constituir uma riqueza, como ora acontece.

Ha muita cousa neste assumpto que importa á sciencia bem determinar, pondo as causas ao lado dos effeitos. Não queremos, porém, penetrar nos dominios della, apenas affirmar que o Ceará é uma sementeira da vida; e lhe deve muito o povoamento, portanto a civilisação do norte do Imperio.

Ceará, 24 de Agosto 1888

J. BRIGIDO.

MANOEL D'ARAUJO PORTO ALEGRE

**BARÃO DE SANTO ANGELO**

*1º Secretario de 20 de Dezembro de 1856 a 3 de Junho de 1859.*

N. em 29 de Novembro de 1806.+ a 30 de Dezembro de 1879.

# A LINGUA GERAL DO AMAZONAS

E O

# GUARANY

## Observações sobre o alphabeto indigena

POR

**J. Barbosa Rodrigues**

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Na « Advertencia » da *Poranduba Amazonense*, [1] tratando das corruptellas que separam o nheengatú do guarany e do tupy escripto, disse que do beato padre José de Anchieta nasceu a corruptella do *abanheenga* ou lingua geral primitiva, o que parece um arrojo meu, tendo sido elle o verdadeiro mestre da lingua; que deixou a sua *Arte* para servir de guia a estudos posteriores e por onde naturalmente o padre Ruiz de Montoya, e outros se guiaram para escrever os seus trabalhos, e estudarem todos os missionarios daquelle tempo, que eram obrigados a aprender a lingua antes de se entregarem ás missões; porém ligeiramente me justificarei, mostrando agora a corruptella que veiu dos mestres da lingua, pondo de parte alguma influencia phonetica da prosodia indigena Lá mostrei a differença que ha entre a linguagem dos missionarios, que passa por legitima, e a corruptella que soffreu o nheengatú pela sua influencia e pela das hordas nheengaíbas; aqui

1 Publicada na *Vellosia*, Contr. do Mus Bot. do Amaz., vol. I., pag.

trato do abanheenga ou lingua matriz, comparado com o que nos deixaram os jesuitas, mostrando que fieis não foram elles na conservação dessa lingua, porque mais facilmente a ensinariam modificada como escreveram.

Permitta-se-me que para mostrar a prosodia abanheenga, — pelo menos a nheengatú conservada, penso que pura, entre os *tembés* selvagens, e muitos velhos [2] do valle amazonico, principalmente de Santarém, Villa Franca e Solimões, que ainda não deixaram a sua lingua pela do branco, *kariuánheenga*, — eu procure mostrar isso por meio dos sons das lettras do alphabeto, tal qual se ouve dos que melhor fallam ; para que bem se pronuncie as palavras do vocabulario que escrevi e se possa bem ler as lendas, contos e cantigas que comecei a publicar : e nessa explicação mostro porque differentemente penso dos que até hoje se têm occupado da lingua geral, tupy ou guarany.

O que aqui expendo é o fructo da observação e do estudo proprio, que muitos talvez não admittam; porém como *veritatis simplex oratio*, dou-me por satisfeito si conseguir despertar a attenção dos que melhor possam escrever, deixando os livros e ouvindo os indios, como o fiz e faço. Pelas grammaticas de Anchieta e de Figueira, o alphabeto indigena compõe-se de todas as lettras do nosso, menos o *F*, *L*, *S*, e *Z* ; comtudo o primeiro não se serve do *K* nem do *V*, emquanto o segundo adopta o *K*. Montoya tambem não emprega nenhuma destas lettras, assim como não usa o *I*.

Os dous primeiros servem-se do *J*, emquanto que o ultimo o dispensa, como tambem não usa o *X*, que os primeiros empregam.

E' corrente já hoje e vulgar dizer-se que o guarany e o tupy são uma e mesma lingua. Sendo assim a prosodia é a mesma: e como dispensarem uns, e outros não,

---

[2] Procurei sempre ouvir os maiores de sessenta annos, e com muitas velhas e velhos maiores de cem annos me entendi. Em geral esses velhos não fallam portuguez e vivem retirados pelos sitios, porque não querem fallar o portuguez.

aquellas lettras? Quero crer que, devido ás pronuncias das tribus, umas eram mais gutturaes e outras mais nazaes; mas apezar disso, para mim, o verdadeiro abanheenga, aquelle que portuguezes, hespanhoes e francezes ouviram quando a estas plagas aportaram, não foi nem o guarany, nem o tupy, como de ambos nos deixaram escriptos os missionarios. Conhecemos a lingua que por duas fórmas nos deixaram escripta os primeiros mestres, accommodadas na syntaxe á latina, o tupy de Anchieta e Figueira e o guarany de Montoya; mas temos tambem o kiriry do padre Mamiani, os escriptos de outros missionarios, e os de Lery e Ivo d'Evreux, que me serviram para esclarecer a minha opinião. Para mim as lettras do alphabeto primitivo foram, sem a influencia da phonetica estranha, estas lettras que adopto:

A B D E G H I K M N O
P R T U Y

não existindo os sons C F J L Q S V X Z.

As vogaes foram: *a*, *e*, *i*. *o*, *u*, *y*. Pela audição comparada entre indios de varias tribus semi-selvagens e civilisados, tapuyos e mamelucos de differentes areas geographicas, a pronuncia dessas lettras é, como se verá aqui, ainda hoje bem conservada.

O **a** sôa sempre *a*, *á*, e *ã*, como nas palavras portuguezas *na*, *pá* e *rã*, e na lingua geral em *paranã*, rio, *iuká*, matar (*jucá* d'Anchieta) e *Tupã* Deus. Em *paranã* vê-se o som dos tres *aa*. No Amazonas, porém, conforme a tribu nheengaíba a que pertence o individuo ou os que della descendem, ás vezes, pela disposição das cordas vocaes na pronuncia propria que fallaram e legaram, pronunciam *â* em vez de *á* ou *ã*. O som *a*, fechado, sempre no fim das palavras é vicio de paragoge portuguza, como em *kutuka*. Este *a*, não abanheenga, no fim das palavras, é uma das lettras que, introduzidas nelle por vicio castelhano e popular, produziu a corruptella nheengatú.

O **e** tem tres sons : aberto, *é*, guttural, *ê*, e nazal, *ẽ*; como em *mamé*, *moyuêre* e *mokaẽ*.

O *e* tem contribuido tambem para a corruptella nheengatú, porque em todos os sons de *e* em muitos logares, como no Rio Negro, tem sido mudado para *i*, como nas palavras acima que pronunciam *mami* por *mamé*, *moyuiri* por *moyuere*, *mokain* por *mokaen*.

Por paragoge e vicio portuguez existe hoje o *e* fechado ou mudo que accrescentam ás palavras terminadas em consoante como *embirare*, *pupure*, etc., por *embirar*, *popur*, etc. Pela cognação entre o *e* e o *i* assim mudam o som da primeira vogal, como os antigos latinos diziam *Heri* por *Here*.

O **i** tem dous sons, o de *i* portuguez e o de *í* ou *in* nazal, como *inti*, não, *tí* ou *tin*, vergonha.

O **o** tem tres sons : fechado, *o*, aberto, *ó*, e nazal, *õ* ou *on*, como : *koema*, *ikó* e *nhõ*. O som desta lettra, pela influencia da orthographia phonetica dos portuguezes que nos primeiros tempos aportaram á capitania do Maranhão, contribue poderosamente para a separação do abanheenga fallado pelos guaranys do que fallam os amazonenses. Assim póde-se quasi dizer que ahi o som do *o* foi mudado para *u*.

Em vez de *amoetá* dizem *amuetá*, *tapiuka* por *typyoka*, *nhun* por *nhõ*, etc.

O contacto constante, por muitos annos, só com portuguezes da classe baixa, esses mesmos pela maior parte camponios do Alemtejo, Minho e Traz dos Montes, em tempo em que o portuguez não era o mesmo de Garrett, e mesmo pela cognação do *o* para *u*, foi que produziu esse sotaque, não só na lingua geral, como no portuguez-brasileiro do Pará e Amazonas.

Procurando eu uma vez, em conversa com um portuense, saber quaes as provincias de além-mar em que existia a mudança do *o* para *u* e do *u* ou *v* para *b*, respondeu-me : « No Porto *cu b*, no Alemtejo *cu vau*, » querendo dizer que numa parte se pronunciava com *b* e noutra com *v*.

O **u** tem quatro sons: sôa como o *u* fechado, quando entre consoantes, como na palavra *kunhan*; sôa como *ú* longo quando depois de vogaes como em *yuúka*.

Soa tambem como *ũ* ou *un* nazal, como em *mytũ*, hoje mutum. Além destes tres sons tem um quarto aspirado, que representamos por *hu*, como em *huhuy*, sangue, *huaimy*, velha, *huyhua* flecha, etc O *u* foi que muito concorreu, tambem, para a adulteração da lingua pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que quasi todos nos primeiros tempos da conquista o mudaram para *b*, como veremos quando tratarmos desta lettra.

Os antigos tupys e velhos tapuyos ainda hoje dizem *Tyua*, que outros pronunciam *têua*, emquanto que os civilisados dizem *tyba*, *tuba* e *tiba*, como em *ubatuba*, *mokajatuba*, *araçatiba*, etc.

Usam *tyua* quando a palavra termina por vogal, e *deua* quando por consoante ou vogal, como *ararandeua*.

Quando depois do *u* segue-se *i*, como voz nazal, e mais frequentemente *añ* ou *en*, os corruptores da lingua o mudam para *v* e addicionam *lh*, como em *parauiana*, paravilhana, *anauiena*, anavilhana.

Mudam tambem o *u* em *v* nos casos em que os missionarios o mudaram para *b*, como em *Kaiuva*, por *kajuúa*, *Anhandava*, anhandaua, *araçoyava* por aracyaua, etc.

O *u* aspirado é que os castelhanos mudaram para *gu*, donde vem a grande differença entre o guarany e o nheengatú. Assim dizem *uguy*, sangue, *guaimy*, velha, *guyle*, flecha, por *huhuy*, *huaimy*, *huyhua*, e em vez de *huy* ou *çuy* dizem *guy*, etc. Adiante ainda tratarei do assumpto quando me occupar com o *g*.

O **y** é uma lettra indispensavel no nheengatú, quer como vogal, quer como servindo de consoante, porque tem sons especiaes, que, mediante accentos, como no *i*, facilmente poder-se-ia distinguil-os; porém não havendo nas typographias essa lettra accentuada, temos que nos sujeitar a representalo-o, em alguns casos,

simplesmente sublinhado quando em manuscripto ou griphado quando impresso. Nunca o *y* tem o som de *jota*, e aqui damos os seus sons, segundo o logar que occupar na palavra, ou que elle significar.

O *y* tem quatro sons, sendo um guttural muito especial.

1º Sôa como *u* francez quando entre vogal e consoante, como em *pytá*, *tayra*, filho, que se pronuncia como em *du* francez.

2º Sôa como *ü* ou *y grec* ou molhado francez, quando só entre vogaes, como em *payé*, feiticeiro. Para substituir o *y* com este som póde-se adoptar o *i* tremado.

3º Tem um som entre *u* e *i* semi-guttural, quando no começo de uma palavra, sempre antes de vogal, como em *yahu*, *yakaré*, etc.

4º Tem o som guttural e nazal simultaneo, que só a audição ensina, em certas palavras, principalmente quando estas denotam *agua*, *liquido* ou alguma cousa que deste se póde derivar, soando então levemente no final o *g*, pelo que Anchieta e Figueira dão-lhe o som de *ig*.

Todos estes sons desta lettra foram mudados pelos portuguezes para *j*, o que desfigurou completamente a pronuncia.

O venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva disse :

« De tout temps les portuguais ont changé en *j* l'*y* espagnol employé comme consonne.[3] »

O dizer que nunca o tupy teve e nem tem o som de *jota* me leva a algumas considerações.

O primeiro que empregou essa lettra foi Anchieta, que diz « que *y* sempre, ante *a*, *o* e *u*, é consoante, sem indicar o som, como *jara*, e quando estiver entre vogaes é sempre vogal e se escreve *y* como em castelhano, isto é, com o som de *ü*, como o *hoye* castelhano. »

---

[3] *L'Oyapock et l'Amazone*, II, pag. 180, § 2100.

Vê-se por aqui que o *j* foi convenção para sua orthographia pelo genio da lingua portugueza, mas não porque assim o indio pronunciasse. O padre Figueira tambem o adopta.

Entretanto o padre Antonio de Araujo, missionario da Bahia, que, segundo o douto Barbosa Machado, « aprendeu a lingua brasileira, e de tal modo a soube que parecia ter nascido entre aquelles barbaros, » em 1618 disse, na « Advertencia » do seu *Cathecismo na lingua brasileira :*

« Os antigos para exprimirem este som usaram de *jota* com um ponto em cima e outro embaixo.

« Outros escreveram *ig*.

« Porém insufficientemente uns e outros, porque o *jota* tem diversa vocalidade, que nunca chega a proferir este som guttural ; » e escrevia *iepé*, *iar*, *iabió*, *iaué*, etc.

O padre Araujo tem razão, porque *yara* o indio pronuncia, como disse, soando o *y* como *i*, e diz *iara* e nunca *jara*, como aconselha Anchieta.

Temos um exemplo. Vemos sempre escripta e fallada a palavra *Airuoka* no sul, e *Ayuruoka* no norte, que os antigos escreveram *Ajuruoca*.

Porque o brasileiro assim a pronuncía ?

Porque nunca tem o som de *jota*.

Porque assim procedeu Anchieta, introduzindo o som dessa lettra ? Procurando adaptar o tupy ao portuguez-castelhano.

Si *y* tem o mesmo som, porque antes de *a*, *o* e *u* faz soar como *j* e como *ü* entre vogaes, e adopta o *y* ? Por não haver em castelhano ou portuguez *ji*, e si assim fizesse soar transformaria inteiramente a palavra de modo ao indio não entendel-a.

O proprio Anchieta nos diz que o indio pronuncía *yá* e não *já ;* e nos deixa a liberdade de escrever como quizermos, dizendo tambem: «*Mas nisto vae pouco, porque se confunde saepisseme com j, jota, e cada um o pronuncia mais portuguez, mais castelhano, como quer, ut, já, yá, etc.*»

Mas quem assim pronunciava ? Só os civilisados, porque os indios não sabiam nem portuguez nem castelhano, e quando fallavam era com a prosodia propria,

sem chiante alguma. Para que escrever *igitá*, como elle o fez, si a pronuncia é *iitá?* Anchieta nos dá o exemplo em *piraibomo*, que, si metesse o tal *j*, se pronunciaria *pirajibomo*, quando o *y* ahi sôa como *ii*.

Em *ijibomo*, que cita, pronuncia-se *iiibomo*.

Ler-se como aqui e escrever-se como alli, qual a vantagem ?

Por aqui se vê que Anchieta admittiu o som de *ii*, quer no começo, quer no meio da palavra.

Prova-se mais isso sabendo-se que elle escrevia *sucuryuba* e não *sucurijuba*, como se vê das suas *Cartas*, escriptas antes da publicação da sua *Arte*.

Escrevia então a propria pronuncia que ainda hoje tem no nheengatú.

A causa dessa phonologia, que deu a adulteração que deixaram na lingua tupy, está nisto. Anchieta era de origem hespanhola e contemporaneo de Gil Vicente, e como elle, fallava e escrevia ora portuguez, ora castelhano, pelo que forçosamente pronunciaria com sotaque castelhano.

Vê-se nos *Autos* deste *ayuntaron*, *hoy*, *haya*, *desmayo*, *ovejas*, *mejor*, *pajaritos*, por onde se evidencía que o *j* castelhano de Anchieta é filho da pronuncia do reinado de D. Manoel e de D. João III, que soava quasi como dois *ii*, como em *hoy*, *haya*, e que os portuguezes empregaram em *desmayo*, *ideya* e outras palavras, como *pay*, *reyno* e *Raymundo*, que muitos ainda hoje escrevem *Raymundo* e não *Raimundo*, como hodiernamente se vê escripto.

Assim como passou *hoy*, *haya* e *ayntaron* para *hoje*, *haja* e *ajuntaram*, passou *yub* para *juba* e *iucá* para *jucá*, e *yauty* para *jaboty*.

Não se pode dizer que melhor pronuncíe o brasileiro com *j* do que com *i*, porque naturalmente, com facilidade, belleza e expressão, dizem com esta lettra, no norte, todas as palavras que no sul tem aquella.

O som do *y* ou *ii* que passou para o de *j* em tupy, foi pois, como disse, o castelhano de *hoy*, de *haya*, do Plauto portuguez.

Os nossos classicos outrora, com razão, escreviam *assembleya*, *praya*, *ideya*, que se pronuncía *assembleia*, *praiia*, *ideiia*, e não *Assembléa*, *idéa*, como se escreve hoje, mudando a verdadeira prosodia.

Si escrevessemos como nossos avós outrora escreviam e pronunciavam, não diriam em algumas provincias, como em Minas, *rí-o*, *fí-o*, *paví-o*, em lugar de *ri-yo*, *fi-yo* *pavi-yo*. O douto Antonio de Moraes Silva, diz : « *Receo* e *Orfeo* ( na Lusiada III, est. 2 ) não são consoantes, pois que soam *receyo* e *Orfeo*, e a rima pede orfeyo. »

O que sôa como *ii* não póde, pois, ser substituido pelo *j* nem supprimido, porque modificou a prosodia indigena, como tem modificado a portugueza.

Sobre a pronuncia dessa lettra disse Theotonio J. Oliveira Bello, no prefacio da edição de 1831 do *Diccionario* de Moraes, que « a pronuncia assim o pede, e seria absurdo escrever indistinctamente. »

Eu admitto que num escripto portuguez se aportugueze a palavra indigena que soar melhor com *j* a nossos ouvidos, quando seja de algum animal ou objecto vulgar, que o uso tenha admittido a transformação, mas nunca em palavras que é preciso que o vulgo saiba a sua pronuncia, que se deve perpetuar, para não desapparecer a lingua, coitada, já tão mutilada e mascarada, e para não alterar nomes que a geographia, a botanica e a zoologia têm necessidade de tel-os puros, pelos erros a que expõe o futuro commetter. O que se diria se escrevêssemos o francez ou outra qualquer lingua, escrevendo com a orthographia phonetica, aportuguezada, *croaion*, *croáié* em vez de *croyons*, *croyais*. Si para as linguas cultas adoptamos a sua orthographia, que foi baseada nos sons primitivos e etymologicos, porque para a lingua patria havemos de aportuguezal-a, transformando-lhe a prosodia ?

Isso mostra ainda a nossa falta de patriotismo, que infelizmente em tudo hoje se revela. Agora passarei a mostrar que *y* sempre teve os sons que apresentei e nunca o de *j*, ccmo admitte o illustre Dr. Macedo Soares.

Lery, que escreveu o mesmo tupy que Anchieta, isto é, quasi da mesma localidade e na mesma época, [4] ouviu o indio e procurou perpetuar a sua pronuncia ageitando-a á prosodia da sua lingua, pelo que conservou as palavras com a verdadeira pronuncia.

Assim escreveu: *Ioub*, *Eori*, *oiira*, *iacou*, *caraiá*, que com a pronuncia franceza lê-se puro abanheenga, *yub*, *yori*, *yaku*, *karayá*.

Onde está ahi o *j*? Ivo d'Evreux, é verdade que no norte e um seculo depois, de 1613 a 1614, ouviu e escreveu como Lery, por ser tambem francez, *iapyassou*, *yapiaçu*, etc, e não *japyguaçu*.

Figueira, que naturalmente aprendeu pela *Arte* de Anchieta, que conjuga como elle o verbo *ajucá*, entretanto escreve tambem *iucá*, *iucaçara*, *iucaçaba*.

Montoya, comtudo, conservou o seu *y (i groeso)* e com isso a verdadeira pronuncia, e si não fôra outros vicios proprios da indole da lingua castelhana, que separou o guarany do tupy, seria a melhor pronuncia conservada. O padre Bettendorf escreveu *iiabé*, *iipé*, *iabiõ*, e não *jabé*, *jepé*, *jabiõ*.

Fr. Velloso escreveu tambem *iabé*, *iepé e abion*.

Sobre o modo de fallar no sul não conheço escripto algum moderno, porém do norte temos alguns, e todos os que são originaes, como os vocabularios de Gonçalves Dias, não o de Liepzig, mas o publicado na *Revista do Instituto Historico*, o de Seixas, as grammaticas do coronel Faria, a de Simpson e a de Couto de Magalhães regeitavam o *j* e escrevem *i*. Penso que sufficientemente me expliquei, deixando ver que o indio nunca pronunciou essa lettra, e não se póde objectar que seja pronuncia moderna, como dizem, pelas provas que anteriormente dei.

Antes de terminar as observações sobre o *y*, devo dizer que as tribus ou aquelles que fallam nazalmente, ás

---

[4] A *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, entre les gens du pays nommez Toupinambaoulls & Toupenacakins en langage sauvage & français* foi publicada em 1585, e a *Arte de Grammatica* do Padre Anchieta em 1595.

vezes, quando depois do *y* segue-se *ã* nazal, este absorve o *n* da vogal que lhe segue e faz soar como *nh*, como y*andé*, que alguns dizem *inhandé*, *nhandé*, *nhané*; porém isso não é vulgar.

A pronuncia de *y* como *u* francez tem trazido corruptella moderna; tem sido mudada para *u*, para *i*, para *ê* e para *ui*, e o pronunciam de uma ou outra fórma, assim: *tyba* passa a *tuba* e a *tiba*, como *cipotuba*, *mukajatiba*, *matyre*, a *matere*, *pyta* a *puitá*, etc.

Esta mudança de *y* para *u* traz muitos inconvenientes etymologicos.

E' devido a essa mudança que traduzem *itapuka* por *pedra furada*, tomando-se o *puka* por *puk*, quando é *apyk*, assentar.

Itapyka é *pedra assentada*, como o está a que deu assumpto para o romance:

*A Somnambula de Itapuka*, de Leonel Alencar.

Como este muitos nomes se acham alterados.

A mudança do *y* para *ê* vê-se em muitas palavras, como em *têua* por *tiua*, *yacê* por *yacy*, *pecêka* por *pecyka*, *pêre* por *pyre*, *kêre* por *kyre*, etc.

Para mostrar a inconveniencia e o mal que ha em aportuguezar as palavras indigenas, basta citar um facto que parece de alguma importancia.

Quantos litigios promovidos pela corruptella portugueza!

A palavra *OYAPOC*, nome dado pelos tupys, e conservado pelos francezes com a verdadeira pronuncia indigena, ao rio Vicente Pinçon ou Pinson, os portuguezes fizeram *japoco!*

Foi o governador Gomes Freire de Andrade, em uma memoria dirigida ao ministro Roque Monteiro Paim, em 1699, que em vez de *Oyapoc* escreveu *Ojapoco*, o que deu logar a que pelo tratado de Utrecht, emquanto no traslado francez se escrevia *Oyapoc*, no portuguez se escrevesse *Japoc*.

Dahi originou-se, propositalmente ou não, uma serie de corruptellas, que têm dado logar a diversas reclamações na questão de limites com a Guyana Franceza,

fazendo-se *Japoc* ser outro rio que não o que legitimamente nos separa daquella possessão franceza.

Appareceram os nomes de *Hyapoc*, *Warypoco*, *Ouarypoco*, *Ouyapoc*, *Wiapoco*, *Yapoco*, *Oyapok Uiapoc*, todos originados das pronuncias daquelles que os escreveram, quando não passam de *Oyapoc*, transformado pela pronuncia franceza (*Ou*), ingleza (*Wy*, *wi*) e hollandeza (*War*), que pelo costume portuguez e hespanhol accrescentam no fim a vogal *o*.

Pelo que venho de expôr, vê-se que o que concorreu para a adulteração foi o costume portuguez de mudar o *v* para *j*, que, como anteriormente vimos, tem transformado a lingua.

Como é uma questão de interesse nacional e como até hoje não se tenha dado, que me conste, a traducção da palavra, aqui o faço, porque parece-me que dará alguma luz á questão.

Quando digo não existir a traducção da palavra é porque nenhuma das que se têm dado está de accordo com a indole da lingua e não exprimem a verdade.

Conheço as traducções de Mr. Le Servec, de D'Avezac e de Martius; porém as primeiras foram bem destruidas pelo venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva, e são irrisorias, e a de Martius não é tambem exacta, posto que mais se approxima da verdade.

Mr. Le Servec interpretou, dizendo que *Oyapoc* era corruptella de *igapoçu*, assim *igapó*, inundação (!) e *oçu*, grande, significando *rio da grande enchente*, ou o Amazonas.

Mr. D'Avezac interpretou primeiro: *igá* ou *oigá*, agua, *epocu*, comprido, isto é, *furos* (!), *terras extensas alagadas*, e depois *ïa*, cabaça, e *poca* ou *crique callebasse*. [5]

Martius diz que vem de *ajab*, abrir-se por si, e *poc* arrebentar, isto, é *dissilere*.

Razão não tem, comtudo, o Sr. Dr. Joaquim Caetano, quando diz que o y de *Oyapoc* não significa agua,

---

[5] *L'Oyapoc et l'Amazone*, por Joaquim Caetano da Silva. Paris 1861, II vol. §§ 2231 a 2773, pags. 264 a 285.

porque então seria *Oigapoc*, porque esse *y* sôa como *ig*, como em *igara*.

O som desse *y* como vimos é tão difficil de se escrever, que, pronunciado por um mesmo individuo, não só não dá-lhe a mesma pronuncia em diversas palavras que têm a mesma radical (agua), como os que o ouvem para uns sôa de um modo e para outros de outro. Póde ter a palavra a radical agua, mas não sôa o *g*, como nas palavras: y*apomi*, mergulhar, y*akan*, ribeiro, y*aponu*, maresia, etc. Neste caso está o Oyapoc.

Os francezes, sem citar a fonte das etymologias, dizem que *Oyapoc* significa *grand cours d'eau*, o que é inteiramente inexacto; mas lhes aproveita para approximar o seu poderio á margem esquerda do Amazonas, pelo que o marquez de Ferolles, em 1699, denominou a ilha de *Marayó* (Marajó dos portuguezes) de *Hyapoc*.

Si o natural tivesse querido dizer « grand cours d'eau», diria y*kauakuã uaçú* ou *Oykauakuâ*

O rio Vicente Pinson tem com muita propriedade o nome de Oyapoc, dado pelos naturaes, porque percorre um terreno accidentado que dá logar a que « suas » (*u*) « aguas » (*y*) corram impetuosas, « arrebentando-se » « *apoc* por toda parte, com grande estrondo, estourando », sobre as pedras e produzindo um fragor medonho.

*Oyapoc*, ou *Japoc*, pela corruptella portugueza, deriva-se de *O*, reciproco *suus*, *sua*, *suum* e *sui sibi se*, de y, agua e *poc*, que é o verbo « arrebentar com ruido, estrondar, estourar, etc » e significa, pois, as « aguas que se arrebentam,» que « correm estourando, » que « se quebram ou o rio que estronda, rio das corredeiras, ou encachoeirado.»

Justifica a minha traducção uma opinião insuspeita, a do sabio viajante francez Alcide d'Orbigny, quando á pag. 32 de sua *Voyage pittoresque dans les deux Amériques* diz: « L'Oyapock encore gonflé par les pluies, roulait avec la rapidité d'un torrent... Ces sauts sont des véritables rapides ou caudales qui barrent le fleuve dans toute sa largeur.

« Cataractes sous-marines, commes celles d'Assouan en Egypte, ces sauts ont leur genre de beauté, qui ne le cède en rien à celle d'une chute perpendiculaire.

« A son premier saut l'Oyapock, dans une largeur de cinq cent toises, *offre* une — confusion de courants et de contre-courants, d'eaux tumultueuses — et calmes, de cascatelles et de lagunes, de rochers nus et d'ilots verts, au milieu des quels sautent...

« Habituellement on ne les affronte (as viagens) que dans la saison sèche, de juillet en novembre, quand les eaux de l'hivernage sont rentrées dans leur lit.

« A ces difficultés de navigation, il faut attribuer la ruine de tous les établissements tentés sur les rives de l'Oyapock. »

Lêa-se d'Orbigny e ver-se-á como no rio Vicente Pinson ou *Oyapock*, as aguas se rebentam como nenhum outro, até a foz do Amazonas, por percorrerem todos terrenos não accidentados, tanto que por essa particularidade teve esse nome, dado pelos indios, verdadeiros observadores, que tudo denominam com muita justeza.

Um escriptor, francez, citado pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva diz :

« Entre l'embouchure de l'Oyapoc et celle de l'Amazone on n'aperçoit que'une côte bombeuse, qui semble peu digne d'être disputée avee ardeur. »

La Barre tambem diz :

« La Guyane Indienne est pays fort bas et inondé vers les côtes maritimes, et depuis l'embouchure des Amazones jusqu'au cab Nord. [6]

---

[6] Devo fazer observar aqui que os sons de *á*, *é*, *i*, *ó*, *ú*, e *y*, quando dados pelos de tribus nheengaíbas, que tinham, como os *mauhés*, a pronuncia muito nazal, mudam-se para *ã* *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ*, e *y*, e quando por aquelles cujos dialectos eram gutturaes, como os *parikys* e outros, para *à*, *ê*, *ì*, *ò*, *û*, e *y* Importa em muito esta observação, porque, principalmente, nos sons do *e*, do *i*, do *u* e do *y*, podem todos se confundir com o *y* especial nazo-guttural, e dahi más interpretações e má orthographia.

Passo agora ás consoantes.

**B.** Esta lettra é sempre naso-labial e nunca se encontra sem o som de *mb*, quer no principio, quer no meio das palavras. No fim nunca apparece o som de *b* si não por corruptella. Os castelhanos e portuguezes foram que inventaram esse som para substituir o *u*.

Assim dizem em guarany *pab* por *pau*, que fazem igaru*paba* por igaru*paua* (y-ara-pé-aua). Esse som de *mb* foi pelos civilisadores mudado tambem para *m* ou para *b*, como melhor lhes soava a palavra.

E' um dos *pontos* que afasta a lingua geral de hoje, como a de outr'ora, do tupy antigo e do guarany escripto.

No tupy de Anchieta e de Figueira apparece muito o *b* em logares em que não sôa quando sahe dos labios do indio puro, do tapuyo, mameluco ou carafuz, criado no centro onde a civilisação não é grande e onde o branco poucas vezes chega.

Note-se que quando digo indio é sempre o gentio civilisado.

O Dr. Baptista Caetano disse, annotando a traducção que do guarany fez o Dr. Macedo Soares, da *Declaracion de la doctrina christiana*, que : « A troca do *b* em *v* não é sómente por influencia hespanhola ; ella dá-se tambem no tupy do Amazonas ; e, segundo a lei geral do — abrandamento das instantaneas em continuas,—é frequente a mudança da labial *b* em *v* e desta em *u*, como se vê em y*ba*, arvore, etc.»

O mesmo illustrado Dr. Macedo Soares, se exprime : « Si em vez do hespanhol ou portuguez, houvesse a lingua geral soffrido o jugo, por exemplo, allemão, em vez de se mudar o *b* em *v* e depois em *u*, se havia de trocar pelo *p*, dizendo-se *ypa* por *yba*. »

Não querendo alongar-me com citações, devo dizer que em manifesto engano têm andado todos que suppóem que a lingua geral, o *abanheenga*, tinha antes dos escriptos hespanhóes e portuguezes o *b*, o *g* e o *j*. Não houve passagem do *b* para *u* : foi o *u* dos indigenas que os civilisados passaram para *b*. Esta

é a verdade e dahi veiu a corruptella do sul que separou o seu modo de fallar do do norte.

O portuguez, que melhor diz *bebé* do que *ueué*, transformou esta pronuncia naquella, e dahi começou a separar-se a do norte. Qual o caboclo, por mais civilisado que seja, que diga *bebé* por *ueué*, voar? Só dil-o portuguez que falle a lingua geral, como tenho ouvido.

O *b* que apparece em *tuchaba*, *murubichaba*, *igaçaba*, *kuruba*, etc., etc., é sempre por vicio castelhano e portuguez de substituir uma por outra lettra; assim o indio só diz *tuichaua*, *muruichaua*, y*açaua* (*ӯ*-ig), *kurua*, etc. Ivo d'Evreux escrevia *muruuichaue* e Lery *tuuichau*; não ouviram o som de *b*. Apresento aqui um exemplo como essa orthographia foi que modificou o abanheenga a ponto de tornar ás vezes impossivel achar-se uma etymologia, ou mesmo, de levar a interpretações falsas.

Tomemos a palavra *tuchaua*, *tuichaua*, do Amazonas, e *tubichaba* guarany. Sou o primeiro a dar a palma do saber ao erudito guarinologo Baptista Caetano; porém, elle apezar do seu espirito de linguista atilado, querendo ir além de Montoya, como interpretou essa palavra?

Montoya diz simplesmente: « *Tubicháb*, grande en calidad y cantidad, » e Baptista, no seu vocabulario, «*Tubichab*, abs. de *ubichab*, adj., grande; em manusc. da Bibl. Nac. se acha *tybixáb*, membrudo, carnudo, corpulento, o que leva a crer em um partecipio de *toób* ou *toó*, abs. de *oó*, crescer; mas compare-se *tupir*, elevar, e note-se que si não fosse o *i* simples podia-se admittir a composição *tub*-y*çatuba* y*hab*.»

Si não fôra a orthographia de Montoya e a crença de que o *b* passava para *u*, no norte, o Dr. Baptista assim não se exprimiria, porque *tuchaua*, *tuichaua* ou *tuuichaue*, como bem escreveu o padre Ivo d'Evreux, apezar de francez, vem de *tuhu*y ou *tuu*y, sangue, e *chaua* por *haua* ou *aua*, que exprime o *que tem*, *que guarda*, *que contém*, etc.

A verbal *haua* ou *aua*, ainda no Paraguay hoje se diz *chab*. Quando o castelhano diz *tuhu*y encontrando na

palavra tupy o segundo *u* aspirado, diz *tugui*, *tubuy*; mas no caso presente, como concorrem duas aspirações ligadas a do *hu* e a do *haua*, que mudam os portuguezes e castelhanos para *ç*, contrahem pela figura syncope as duas palavras e formam *tuyçaua* ou *tuichaua*, vindo o vicio castelhano transformar mais a palavra mudando o *u* em *b* e formando *tubichab* ou *tubichaba*.

Com effeito tuichaua é *o chefe*, *o individuo que exerce o seu poderio transmittido pelo sangue de seus paes*. E' um *homem de sangue*, um principe de *sangue* dos reis, por assim dizer, que tem o direito de vida e de morte sobre os seus, recebido por hereditariedade, como a nobreza, que se transmitte pelo *sangue*.

O *moruichaua*, *morubichaba* do sul, o chefe supremo, o rei, deriva-se de *mbo* — *r* — *uuichaua*, o que faz, ou donde sahem os chefes, seus filhos e subalternos, que no sul pela mudança das lettras fizeram *morubichaba*. O proprio Anchieta antes de publicar a sua *Arte* escrevia *capiyuara*, e não *capibara* ou *capivara*.

Os indios krichanãs, que não tinham tido contacto algum com civilisados, quando os pacifiquei, deram-me logo o nome de *karaiuá*, que confirma o que digo e obriga-me á outra observação. Aqui vê-se o *u* que transformaram em *b*, pronunciado pelo selvagem que não tinha ouvido a pronuncia portugueza ou castelhana, que si fôra mencionado no sul diria *karaibá*.

Esse tratamento mostra que os karaibas descendem de povos invasores, que *conquistaram* o terreno e depois delle tornaram-se *senhores*.

Eu, que *invadia* o terreno krichanã, o *conquistava* e procurava dominal-o; devia ter mesmo o nome de *karaiuá*, ou *karaibá*, que dão ao *branco*, por ser este no Brasil o conquistador.

Que o nome karaiuá, *karaibá*, *kariua*, *karaib*, *karay*, etc., era commum a toda a America do Sul, não resta duvida, porque por toda a parte elle apparece como significando sempre um dominador, pelo que se prova que os *karaibas* dominaram todo o norte, e deixaram mesmo entre as tribus selvagens a sua tradição perpetuada pelo nome que estes pronunciam com *u* e os civilisados com *b*.

Nesse ponto a lingua está mais pura no Amazonas do que no sul e no Paraguay, porque conserva a pronuncia primitiva.

O costume do portuguez de algumas localidades de mudar o *v* e o *u* em *b*, e vice-versa, fez esse enxerto no tupy que o adulterou.

E' conhecida a maneira de alguns portuguezes soletrarem, dizendo : *u—i, bi, u, u—a, ba, biuva.*

O padre Mamiani, italiano, perpetuou o *u* na lingua *kiriry*, que não é mais do que tupy fallado por tribu nheengaíba, que são os que pronunciam o som de *j* como *ch* e o *s* como *z* ou *dz*, quando admittiu o *w*, escrevendo *waruá* (*uaruá*, tupy, ou *guaruá*, guarany ).

Os missionarios escrevendo a lingua, não só fizeram essas mudanças, como crearam innumeras palavras, que não existiam, de cousas que os indios desconheciam, e assim como aportuguezaram o tupy, tupynisaram o portuguez e fizeram *curuçá*, cruz, *sapatú*, sapatos, *sorára*, soldado, *panéra*, panella, *camarára*, camarada, etc., compondo, principalmente no que diz respeito á egreja, com palavras tupys de significado diverso, outras para exprimirem o que desejavam, como, além dos dias da semana, *caraibebé (karaiueué)*, *yandy karay*, santos-oleos, *missa pituna*, missa do gallo, etc.

Prova inconcussa de que me firmo na verdade ver-se á num termo muito conhecido hoje no Brasil. Não se póde dizer que é elle do tupy moderno do norte, porque não só é do sul, como do territorio em que predomina o guarany.

Dous affluentes do Rio Paraguay nascem na serra do Marakayú, em Matto Grosso, e ambos têm o mesmo nome, e são o celebre *Aquidaban* e o *Aquidauana*.

Este é aquelle, transformado o *u* em *b*. A vogal que termina este é, como disse, uma das corruptellas para aportuguezarem as palavras, ou pelo vicio de augmentarem os portuguezes vogaes ás ultimas consoantes de uma palavra.

O indio brasileiro em Matto Grosso diz *Aquidauana*, o paraguayo *Aquidaban*.

Si esta é a pronuncia pura, porque aquelle não repete, tendo mesmo o exemplo?

E', por assim dizer, por um atavismo linguistico, que o descendente dos tupys repete a palavra como seus avós proferiam. A influencia da orthographia é tal, que, quasi affirmo, todos têm esses nomes como diversos e com etymologias differentes; e si assim não é, como dar-se a dous rios o mesmo nome, affluindo elles á mesma arteria e muito proximos?

**C.** Tendo os portuguezes substituido, não por antithese, mas por não poderem dar a aspiração que o indio e os castelhanos dão, mudaram o *h* para *c*, que lhes pareceu soar melhor e podiam pronunciar, pelo que perpetuou-se essa orthographia, substituindo até o *s* antes de *a*, *e*, e *o*, que, pelo uso consagrado e uniformidade, o adoptou tambem antes de todas as vogaes para não ter de dobrar o *s* quando entre vogaes. A adopção do *ç* em vez do *s*, a não ser em casos de aspiração, tem sua razão, porque nunca o indio dá o sibilar do *s*; mas no que não tiveram razão, e serviu para corromper a lingua, foi fazerem desapparecer a aspiração, e assim em vez de *haku* dizem *çaku*, *harib çarib*, *heça ceça*, *heê ceẽ*, etc.

O *c* quando antecede *a* voz nazal *ng* desapparece, predominando o *g*, pelo que dizem *nheengatú* em vez de *nheenkatú*. Os descendentes de tribus nheengaíbas mudam ás vezes o *c* em *ch*, como em *chihy* por *çuhy*.

Um unico inconveniente noto na adopção do *c*: é quando elle é cedilhado (*ç*), porque um esquecimento, um erro typographico, em que se omitta a cedilha, lhe dará o son de *k*, e mudará completamente o sentido da palavra ou não lhe dará nenhum, pelo que é preciso muita cautela no escrever e no rever as provas typographicas.

**CH.** Este som chiante explosivo é escripto tambem com *x*, como Anchieta e Figueira o fizeram, porém com mais propriedade quando o indio falla sôa o *ch*, o *sh*, inglez.

Este som comtudo só apparece quando por euphonia ou idiotismo da lingua substitue o *ç* o *h* e o *y*.

Adopto além disso o *ch* para não haver ambiguidade e não se pronunciar *cç* ou *ss*, *z* ou *es*, como em *fluxo*, *syntaxe*, *exemplo* e *experiencia*.

Quanto á lettra **D** é outra que nunca tem um som puro, e sempre sôa como *nd*, no fim das palavras, e muito raras vezes no meio.

Poucas são as palavras que começam por *nd*.

**G** sôa sempre como em portuguez no meio ou fim dos vocabulos, porém nunca apparece no principio sinão no guarany pelo vicio hespanhol.

Esta lettra concorreu poderosamente para a separação do guarany do tupy.

Isolada, com o proprio som, a formar syllaba ante qualquer vogal não existe no tupy, mesmo fallado por individuos de tribu nheengaíba de prosodia guttural.

Quando ella apparece é sempre depois do *n* quando sôa *ng*, isto si a syllaba que precede ou segue é nazal, e então liga ás vogaes o seu som, como em *anga*, *nheengara*, *kanguera*, etc.

Vê-se tambem depois do y especial quando sôa *ig*.

Recahindo esse som sobre a vogal que se segue fórma syllaba, e dahi vem *igara*, *yaponga*, *iguaçu*.

Nunca esta lettra por si produz as pronuncias *ga*, *go*, *gu*, sem ser nesses casos.

O som de *g* no fim dos verbos, como *pag*, *peg*, etc., que apparece no guarany, é o de *k* ou *c*; é *pak*, *pek*, tanto que fazem os gerundios soar com este som, e dizem *paka*, *peka*.

Entretanto dirão ; mas como no guarany vêm-se tantas palavras que começam por *gu*, *gui*, etc. ? Pelo simples vicio hespanhol ou castelhano, como disse, que dando nova prosodia á lingua, deu-lhe orthographia diversa da pronuncia do indio, separando assim o fallar do indio moderno guarany do tupy, quer antigo, quer moderno.

Os brasis, pela descoberta, não pronunciavam o *g*, no começo das dicções, sinão por abreviatura, porém tendo sido os primeiros, no sul, catechisados por

missionarios castelhanos, estes, escrevendo e fallando a sua lingua, deram-lhe uma orthographia em que introduziram um vicio proprio de sua patria, *o de pronunciarem sempre antes de* u *um* g, principalmente quando ha aspiração. Os guaranys, catechisados sob o jugo hespanhol por seculos, não abandonaram o seu fallar, e quando começaram a ler e a escrever no tempo das missões, guiados por hespanhóes e estudando pela *Arte e Grammatica* de Montoya, conservaram a orthographia da pronuncia ultramarina, e dahi vem o *guirá* por *uirá*, o *kadigué* por *kadiué* (indios kadiuéos) o mesmo *guarany* por *uarany*, o *guaçu*, que ja fazem *guazu*, por *uaçu*, *guakari* por *uakari*, *jaguar*, *jaguarité*, *jaguarandy* por *yauara*, *yaureté*, *yauarandy* e finalmente *Paraguay* por *Parauá-y*, agua ou rio dos Papagaios[7] e *Paranaguá*, por *Paranãuá*, rio de Fructas, que Baptista Caetano traduz por *enseada*.

Eis aqui um erro obrigado pela orthographia castelhana. Baptista tomou *uá*, fructo, por *aká*, ponta, levado pelo *guá*, que suppoz ser derivado de *aquá*, ponta, quando não é mais do que o *uá*, *iuá*, o *ibá* do tupy do sul, que o hespanhol pronuncia *guá*. Temos outro exemplo em *guaryba*, que em todo o valle amazonico se pronuncia *uaryua*. Accrescente-se o *g*, da pronuncia castelhana ante o *u* e mude-se o *u* em *b* pelo vicio phonetico do mesmo castelhano, teremos a palavra *guariba*, que por esta orthographia leva a dar-se interpretação diversa do que tem.

Assim Baptista Caetano traduziu por *guahur-yb*, chefe dos gritadores, quando o indio deu-lhe um nome tirado de um costume que o caracterisa, o de andar de cauda levantada, para se apegar a tudo que encontra, e o nomeou o *uaryua* de *uã*, cauda, *yua*, levantada, erguida, de pé. O *gua* levou o sabio guaranilogo para

---

7 Montoya traduz *rio das Coroas*, porém coroas de *plumas*, que segundo o mesmo a sua traducção é *paraguá*, que significa rio de coroas de pennas, rio coroado, como dizem Querem outros que venha, corrompida do nome, da tribu *payaguás*, que outrora habitou o rio.

outro lado, e fez da guariba o chefe dos *cantores* ou *berradores*. Esse quadrumano berra é verdade algumas vezes no dia, mas tem sempre a cauda erguida, mesmo dormindo.

A aspiração do *u* levou o castelhano a accrescentar o *g* e o portuguez um *c* ao *uã*, donde veio o termo *çuã*, como *çuã de porco*. Dirão que a minha traducção é falsa, porque cauda, rabo em guarany, é *uguãi*, e em tupy *uãi* ou *çuãia*; mas lembrarei que *uã*, a espinha dorsal, se prolonga em vertebras que formam a cauda, pelo que dizem *uã-i*, a espinha dorsal pequena, a cauda, e se faz *uguãi* é pela addição do tal *g*.

Por euphonia supprimem o *i*, porém que sôa em *uãiapeçã (uã-i-apeçã)*, o cauda espessa. E' outro macaco que os castelhanos não tiveram o poder de mudar o nome para *guajapeçá* por não ser do sul, e que tem a *cauda espessa*, tanto que servem-se della para espanadores.

Justifico o porque traduzo Paraguay rio dos Papagaios que o mesmo Dr. Baptista tambem admitte. Pela etymologia deste, papagaio é *paraguá* ou *paracaú*, derivado de *apar*, torto, adunco, e *guá* por *aquá*, ponta, bico de volta, bico adunco. O tal *g* castelhano ainda levou o nosso mestre a esse engano.

*Paraguá*, sem o accrescimo hespanhol, deriva-se de *paraú*, variegado, de côres diversas, e *auá*, pennas, que, pela concurrencia dos sons de *au* nas duas palavras, um absorve o outro, e fica simplesmente *parauá* em vez de *paraúauá*, que ainda ás vezes pronuncía.

E como melhor denominarem esse trepador sinão dizendo o *variegado de pennas ?* Naturalmente os papagaios, de varias especies, têm as pennas variegadas, e ainda o ficam mais quando *contrafeitos*, isto é, quando por artificio fazem as pennas mudarem de côr. De *parauá* vem o *paraguá*, corôa de pennas, porque em geral os papagaios têm uma corôa de outra côr, e são tambem os que fornecem as pennas para as corôas indigenas, *akangatar*.

Ainda para mostrar a que enganos póde levar o accrescimo do *g*, vejamos a palavra *Jaraguá*, que

Anchieta nas suas *Cartas* escreve *guaraguâ*, nome de uma praia em Maceió, que o Dr. Martius traduz por *senhor de campo*, de *yara* e *gua*, quando se deriva de *yuara-uá*, que com a mudança do *y* para *j*, e o accrescimo do *g*, foi transformado em *Juaraguá*, que por euphonia fizeram *Jaraguá*. Praia do ou de *Jaraguá*, (yuarauá yuicui) praia dos peixe-bois, nome que deram os portuguezes ao *manatus*, que ainda hoje tem entre os tapuyos o nome de yuarauá.

O suffixo *ara* do verbo *ar*, *nascer*, que exprime o logar donde alguem é natural, como *Çarakáoara*, *Marayóara*, passaram a *guar* e dahi *Paraguay guara*, dando logar a que se tome por *kuara*, e em vez de se dizer os que nascem em Marayó diga-se o *buraco* do marayá[8] Anchieta, tambem com a mesma prosodia, viciou o fallar dos brasis. Em todas as linguas americanas, em que houve a influencia do dominio ou do ensino hespanhol, vê-se sempre o *g* como no *huano* kichua, que foi transformado em *guano*, quando entretanto em nenhuma dellas o natural pronuncia essa lettra no começo de dicções.

Vê-se no iroquez e no algonquino, da America do Norte, mas em nenhum outro dialecto da America do Sul, mesmo no *takana* da Bolivia.

Além dos vocabularios reunidos pelo Dr. Martius, possuo mais de vinte de varias tribus nheengaíbas do valle amazonico, e em nenhum delles vejo palavras que comecem pela lettra de que me occupo.[9] Justifico-me: Lery escreveu *oïïra*, *oiirapat*, *oussou*, que lendo-se com a pronuncia franceza é exactamente o que pronuncia o indio *uirá*, *uirapá*, *uçu*. Ivo d'Evreux escreveu *uyrapau*, *uarupy*, que lendo-se da mesma fórma dá *uirapáu* e *uarupy*, não tendo nenhum delles, um no sul outro no

---

8 Note-se que só se escreve *o-ara*, quando a palavra acaba na vogal *a*.

9 Só encontra-se a pronuncia do *g* entre os botocudos de Santa Catharina, que não é mais do que a pronuncia aspirada, que foi aportuguezada Assim dizem elles *goyo*, rio, *guyu*, indio coroado, *Goyouem*, rio Pelotas, etc., como escreve o illustrado Dr. Jacques Ourique, que não é mais do *hoyo*, *huyu*, *hoyouem*.

norte, ouvido *guirá*, *guirapá*, *guaçu*, *guarupy*, e por que?

Por não terem na sua pronuncia antes de *u* o *g*.

Ouvimos dizer, é verdade, *garupaua*, *gapyra*, *ganty*, etc., mas ahi por abreviatura, como disse, porque houve a suppressão do *i*, sendo as palavras *igarupaua*, *igapyra*, *iganty*, que é o som do *y* nazo-guttural, fazendo *ig*.

Onde estão no guarany as palavras que comecem por *ga* e *go*?

E' sempre o *gu*, *gue*, *gui*. Poderá haver alguma por corruptella, como já introduziram o *z*, que não tem a lingua.

Esta pronuncia perpetua-se tambem pela orthographia dos jornaes e escriptos paraguayos. Conheço o *Lambaré* e o *Cabichuy*, illustrado.

Baptista Caetano admittiu o *g* no fallar do indio, porque só ouviu paraguayos, e suppunha que essa lettra era indispensavel na sua linguagem, tanto que considera um metaplasma, e diz: « *O g* tem desapparecido em muitas dicções, e não só o *g* como o *u*, que costuma acompanhal-o e com elle se liquida; » e cita entre outras a palavra *uaçu* e *açu* em vez de *guaçu*, considerando esta fórma viciada quando é a purissima. O tembé ainda pronuncia *uhu* ou *uçu*. [10]

A introducção castelhana do *g*, substituindo sons aspirados e antes do *u*, transformou de tal maneira hoje a pronuncia e a escripta, que desfigura apparentemente a

---

[10] Tambem diz: « *G* tem o som geral, mas ás vezes é um pouco mais guttural, mórmente quando seguido de *u*; outras vezes abranda-se tanto que muda em *v*, *w* e *u*, e chega a desapparecer. » Isso é exacto quanto ao guarany, mas não quanto ao tupy, porque este puro sem a prosodia castelhana, não admitte o *g*. Tanto assim é que no proprio guarany se prova que elle não existe, mostrando-se que o *g*, devendo seguir o mesmo que o *q* — quando seguido de *u* apparecer *a* e *o* — ou quando seguido de *e* ou *i*, não observa a mesma regra. O *g* ante *u*, seguido de *e* e *i*, pronuncia se sempre *gu-e gu-i* como em *guela*, quando devêra ser *gue*, *gui*, como em *guedelha*, *guizo*.

Tirado este *g*, que entra nos pronomes pessoaes e nos gerundios guaranys por vicio hespanhol, como *gu* e *guabo*, que não é mais do que o *o* ou *u*, e a terminacção *aua*, o tupy ou abanheenga apparece puro.

O padre Figueira introduz tambem nos gerundios o *g*, que Anchieta comtudo, apezar de hespanhol, não introduziu; assim aquelle apresenta o *gui*, quando este só dá *ui*.

lingua a ponto de poder ser tomada, como já o tem sido, por outra, quando não é mais do que uma e unica.

Essa pronuncia produziu um dialecto, que se afasta do verdadeiro abanheenga, que hoje, e legitimamente, é representado pelo nheengatú. Como transforma a orthographia, a pronuncia e a escripta o tal *g* !...

Quem dirá que *ugui, egui, gui,* é o *hui,* pelos portuguezes melhor transformado em *çui ?*

Como lerá o individuo que nunca tiver ouvido um paraguayo essas palavras *uguy, guy* ou *ugu-i, gui* ou *ugúi gú-i ?*

Si formos pela phonetica portugueza poderemos ler como em *guincho, guinar,* etc., mas daremos uma pronuncia que não é a verdadeira.

Entretanto sem o *g*, escripto como o indio pronuncia, ou mesmo o portuguez escreveu, daremos sempre a pronuncia verdadeira, leremos sempre *huí* ou *çuí.* Muitas ambiguidades trazem esse *g* enxertado no abanheenga. Póde confundir-se com *uguy* (sangue), que si se não der a pronuncia guttural do *y*, soará da mesma fórma, quando no nheengatú si não confunde por bem aspirarem a lettra que os castelhanos modificaram, dizendo *huỹ.*

Anachieta escreveu *ui,* tirando a aspiração que comtudo Figueira deu escrevendo *çui.*

Não se poderá dizer que no norte se aspirava *u* e no sul não, porque os castelhanos das missões ouviram o indio aspirar tanto, que accrescentaram-lhe o *g*.

Apresento aqui uma palavra para mostrar como completamente se separa o guarany do nheengatú levado pela prosodia castelhana.

O que será *baguaçu ?* Será *bag*, virar-se, e *uaçu* grande ? Será *bae*, aquelle que, e *guaçu* grande ?

Não; é simplesmente *uáuaçu*, de *uá* fructo, *uaçu* grande nome de uma palmeira, a *attalea speciosa* Mart., cujos fructos são mui grandes.

Houve aqui a mudança do *u* para *b* e o accrescimo do *g* antes do *u*. No Amazonas e Pará dizem *uauaçu*, no Matto Grosso *baguaçu*, tanto que já lhe dão uma enterpretação hybrida fazendo derivar-se de *bago* e *açu*, grande, significando *bago grande*.

Penso que sufficientemente mostrei como pelo *g* castelhano foi o abanheenga transformado em guarany.

A lettra **H** indica sempre uma aspiração; corresponde ao espirito áspero dos gregos, e as palavras que eram assim aspiradas, os portuguezes, não podendo pronuncial-as bem, passaram para *c*, assim como os hespanhoes, quando a aspiração era em *u*, accrescentaram sempre um *g*, como no palavra *guarany*. Assim por *henum hacen*, dizem *cenun çacem* e o guarany em vez de *huareá*, *guareá*.

Os hespanhoes admittiram o *h* em todos os casos em que figura o *c* portuguez, e com razão, porque é indispensavel para pureza prosodica e se poder aspirar as lettras quando pela audição não fôr possivel saber.

Neste caso está o guarany mais puro do que o tupy do sul, que nos deixaram escripto.

Os portuguezes tambem mudam ás vezes a aspiração do *h* para *f*, como em *Bahuaná* que fazem *Bafuana*.

As aspirações caracterisam muito a lingua brasilica e a tornam por isso notavel; entretanto que fallada pelos civilisados ellas desapparecem, tornando-a muito differente. O habito de aspirar as palavras é tal que fallando-se com os tapuyos, quando elles dão mostras de admiração, confirmam qualquer cousa ou mesmo negam, não pronunciam uma só palavra, mas aspiram o ar fortemente como em um arquejo forte.

**K.** Adoptei esta consoante para substituir o *c* e o *q* por ser fixo, invariavel e uniforme o som, que escripto com uma ou outra consoante, não tendo o inconveniente de confundir-se a pronuncia na leitura nem trazer as ambiguidades que por exemplo, aqui se notam nas seguintes palvras, *quicé*, faca, *quicé*, a pouco, *quyre* dormir, *quire*, agora, cuja pronuucia é *kicé*, *kuicé*, *kyre*, e *koire*

O *c* ou *k* no fim das palavras foi mudado pelos castelhanos para *g*, o que levou o meu finado amigo Baptista Caetano a dizer o contrario, « que o *g* guarany foi mudado para *c* no tupy. »

O *c* tem tal cognação com o *g* que os antigos romanos escreviam com aquella lettra o que depois se escreveu com esta ; assim diziam *pucnare*, *leciones*, etc., emquanto que hoje escreve-se *pugnare*, *legiones*, etc., como tambem pronunciavam *Gneus* e escreviam *Cneus*.

Esta prognação mudou o *c* em *g*.

Clara e distinctamente os indios pronunciam o *c* ou *k*, soando no fim das palavras quasi como *g* portuguez porque entre esses sons ha grande cognação, como disse, e dahi vem que os latinos antigos escreviam tambem ora com uma ora com outra lettra, como *seculum*, *sequlum*, *acua*, *aqua*, etc.

Esse som final nas palavras levou a addicionar-se uma vogal a elle, pelo que dizem: *cyka*, *oka*, *kutuka*, *pipika*, *yakuka*, *piroka*, *tyka*, *keteka*, etc., que os guaranys pronunciam *cyg*, *og*, *kutig*, *pipig*, *jakug*, *pirog*, *ityg*, *queteg*, etc

Si houvesse tendencia do tupy do norte a mudar absolutamente o *g* para *c*, não diriam *piranga*, *mitanga*, *poranga*, *poçanga*, *tikanga*, *igaponga*, *iarukanga*, etc., e sim *piranka*, *poranka*, *mitanka*, etc.

Por ser som nazal, não, porque os kaipiras que descendem de indios dizem bem *potranka*, etc.

A's palavras que no guarany terminam em *g*, pelo som de *ng*, pelo costume das linguas neo-latinas accresenta-se uma vogal. Sendo a raça uma só de norte a sul, porque só os guaranys haviam de conservar puro o som do *g*, quando do Prata ao Amazonas as outras hordas conservaram o de *c*? Não se vê ahi a influencia da cognação dessas lettras na prosodia castelhana? Uma ou outra palavra foragiu para o norte com esse som de *g*, que ainda se ouve rarissimas vezes nos descendentes dos missionados, por aquelles que aprenderam por Figueira ou eram castelhanos.

A lettra **M** pronuncia-se sempre como em portuguez ; porém sempre que se segue voz nazal sôa como *mb*, donde vê-se uns adoptarem só *m* e outros só *b*, como em *mbeyu*, que no Amazonas dizem *meyu* e no sul *beijú*.

O mesmo caboclo, que, quando falla em portuguez, diz : « Quer beijú ? » quando se exprime na sua lingua diz : « *Re potare meyu ?* »

Esse som, entretanto, vae desapparecendo no Amazonas, e só é ouvido entre velhos de logares do interior, porque os mais civilisados em geral supprimem o *b*, pronunciando simplesmente *maã* em vez de *mbaã*. Sempre que uma palavra acaba por esta lettra, aportuguezam juntando-lhe uma vogal ; assim dizem *acema* por *acem*, *koema* por *koem*.

Para o som de *mb* adopto o *m* italico quando impresso, e quando manuscripto sublinhado, para se não confundir com o som simples de *m*.

**N.** Tem o som proprio do portuguez e o de *nd* e *ng*, sempre em começo de dicção. Este som, comtudo, hoje está modificado no nheengatú, posto que perdure no guarany. Assim separam e fazem de *ndé*, ou *indé*, ou *né*, como de *mendar* fazem *menara*. O segundo som, que só apparece no meio ou fim de dicção, perdura, e tão pronunciado que sempre juntam uma vogal a parecer uma syllaba, fazendo de *ang*—anga, *nheen*, *nheeng*, —nheenga, *pirang*—piranga, etc.

O som *ñ* ou *nh*, que tem tambem o **n**, tem contribuido para a corruptella, pronunciando-se *ium* por *nho*, *nengara* por *nheengara*, etc.

Por antithese ás vezes mudam o som de *nh* para *nd*, como em Anhanduhy, *Anhandaua*, etc.

**P.** Sôa sempre como em portuguez ; sómente quando pronunciado por algum indio de tribu nheengaíba, isto é, por aquelle que nunca fallou o tupy, ás vezes é mudado para *b*.

**R.** Sôa sempre brando ; é trinado, quer no começo, quer no meio das dicções, como em portuguez *cara*, *pera*, etc. Exemplo : *igara*, *recé*, *rupy*. Quando as palavras terminam por essa lettra sempre addicionam vogal, pelo que de *menare* fazem *menara*, de *kuer kuere*, etc.

O *r* dobrado na composição de syllabas, como nas portuguezas *bra*, *bre*, *bri*, *bro* e *bru*, etc., *fran*, *fras*, etc., não existe no nheengatú.

Para o *n* com o som de *nd* adopto, como para *y* e o *m* e o *n*, quando manuscripto grifado, e quando impresso em italico.

**T** pronuncia-se como em portuguez. E' lettra inicial das palavras ditas em absoluto, e que se muda nas dicções em *r*.

---

Estendi-me nesta exposição talvez mais do que devêra por dous motivos: para mostrar como tem-se adulterado o abanhaenga que deu o nheengatú, distacando-se do guarany, e para provar que razão tinha quando em 1875 disse que *jaguar* era uma palavra estranha, o que motivou um bellissimo artigo do illustrado Dr. Macedo Soares,[11] que aqui acha a minha resposta, embora tardia.

Quando emprégo a palavra *abanheenga*, cumpre-me advertir, quero com isso dizer a lingua do indio, a *matriz, anterior á escripta* por Anchieta e Montoya, conservando a de *nheengatú* para o tupy do Amazonas, a de *guarañy* para o tupy do Paraguay.

O tupy do sul é mais vulgar entre os escriptores, porque ha mais de dous seculos é perpetuado pela escripta e tem já uma litteratura, posto que pequena, emquanto que o não é o do norte, e por isso quasi todos suppôem que a lingua mais pura é a que se falla no Paraguay.

Engano manifesto. Tem conservado, é verdade, a pureza que deixaram os castelhanos, com a sua prosodia, pelo ensino e pela escripta, mais ahi do que na deixada no Amazonas tradicionalmente pelos portuguezes; comtudo conserva ella disvirtuada pelos sons de *j*, *b*, *g*

---

[11] *Revista Brasileira.*

e *v*, e que nunca o indio teve. Só repetiam o que sabiam pelos castilhos; aqui o que os paes transmittiam por herança prosodica. Os vocabularios e as grammaticas do tupy, que chamam *tupy moderno*, appareceram hoje, por assim dizer, datam de 1852 para cá, depois que o Dr. Gonçalves Dias viajou o Amazonas e publicou o seu *Vocabulario*. O dizer elle *Vocabulario da lingua geral usada—hoje em dia—no Alto Amazonas* levou os litteratos, que só conhecem a lingua pelo que existe escripto, e não porque a tenham ouvido de guaranys e tupys, a tomarem a lingua geral do Amazonas como um novo dialecto. E' essa a opinião geral.

E' verdade que parece um novo dialecto por estar muito corrupta pela prosodia do vulgo, « corrupção para a qual os padres concorreram e mesmo precipitaram-na, » como disse Baptista Caetano nos *Ensaios de Sciencia;* porém é mais pura no fundo do que o guarany, porque perpetúa a verdadeira pronuncia primitiva.

Hoje não é possivel mais fundir o guarany e o tupy, dando-se-lhe uma só orthographia; mas fique aqui consignado, para futuros escriptores, que a pronuncia nheengatú é a verdadeira dos tupys ante-cabralianos, não se fazendo cabedal do aportuguezamento das palavras, nem dos *gus, guis, abos, gabos*, introduzidos pelos grammaticos de então, levados pela sua pronuncia.

Termos ha tambem diversos entre os dous *meios*, brasileiro e paraguayo, é verdade, ou os mesmos com significados differentes; porém isso é da lei geral das linguas, devido á natureza differente que cérca os dous povos, e á sua posição geographica, que obriga a creação de nomes para designar o que um possue e outro não.

Na nossa lingua, no inglez-americano, no hespanhol da America do Sul, e mesmo entre o hespanhol das republicas do sul e as do equador, existem essas differenças.

A pronuncia de *yá*, de *iu* e *uá*, adoptada hoje como *já*, *gu* e *ba*, que consideram um erro, um vicio, não é mais do que um archaismo perpetuado, que nos mostra a prosodia pura da lingua sem a influencia estranha.

A orthographia castelhana não influiu só na prosodia, foi até a syntaxe e a etymologia.

Não quero que se reforme hoje a lingua, porém que se acceite, respeite e perpetue o fallar do Amazonas, como reliquia guardada pelos indios, que não pôde ser destruida pelos conquistadores que abastardaram-lhes a raça, e que o nheengatú tome no Brasil o logar que os escriptores dão ao guarany, porque assim como o está é a lingua patria, e que os brasileiros escrevam com a prosodia e a orthographia nheengatú e não com a do guarany, mesmo para serem entendidos pelo povo rustico, que só conhece o que a tradição oral lhes ensina.

Basta, como disse o visconde de Araguaya, que a lingua se corrompa pela má prosodia do vulgo; não favoreçamos a corrupção com a orthographia contraria.

Em apoio do que tenho expendido chamo a mim uma autoridade, o autor do *Selvagem,* o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães, que diz: « Accrescente-se a isto que os missionarios hespanhoes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes, e comprehende-se com toda facilidade como o guarany, que não é sinão o tupy do sul reduzido á lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius, de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupy, o julgava no entretanto distincto do guarany. »

Couto de Magalhães diz que o Guarany é *o tupy do sul* reduzido á lingua escripta; eu affirmo que estes dous são o nheengatú do norte, corrompidos pela mesma escripta, pela má pronuncia, por sotaque e vicios estrangeiros.

Para quem se occupou destas cousas, e para aquelles que quizerem escrever o tupy e não o guarany, recommendo a obra o *Selvagem*; porque tirada a pronuncia do *o*, que nelle é substituido pelo do *u*, do sotaque paraense do vicio portuguez, e uma ou outra corruptella, tem-se quasi o abanheenga, a lingua dos nossos avós, que se estendia do norte ao sul, que devemos

respeitar e não desprezal-a pela corruptella guarany dos castelhanos.

E' preciso que se convençam aquelles, que conhecem a lingua geral só pelo que existe escripto, que não só a pronuncia, como a construcção grammatical que nos deixaram os mestres da lingua, não representam a verdade.

Aquella está cheia de enxertos de lettras estranhas; esta de casos, de verbos, com modos e tempos que os indios não têm, arranjados com as lettras da tal pronuncia.

Duas corruptellas, pois, existem: uma feita pelos padres quando escreveram a lingua, o que deu logar ao guarany e ao tupy do sul, outra feita sobre o nheengatú, que daquelles se distanciou pelas más pronuncias dos missionarios e das tribus nheengaíbas, poderosamente auxiliadas pelos vicios de estrangeiros. Na minha « Advertencia » á *Poranduba* referi-me só ás corruptellas do nheengatú, comparado com o guarany ou tupy do sul escripto, mais puros por um lado; e aqui das corruptellas do abanheenga, lingua mãe, que deram logar áquellas.

Lá comparei ligeiramente as corruptellas produzidas pelos annos e pela influencia popular sobre o tupy de Anchieta e de Filgueiras; aqui tratei das corruptellas do abanheenga, que deu com mais pureza o nheengatú, que é expurgado das corrupções prosodicas dos mestres das linguas.

Classificando, pois, o que existe da lingua geral temos: o *abanheenga*, falla do indio primitivo, pura e mãe, que não foi escripta; o *nheengatú*, falla boa primitiva e adulterada por aportuguezamento e cruzamentos; o *tupy-portuguez ou do sul*, lingua viciada pela pronuncia e pela escripta; *tupy-hespanhol* ou *guarany*, lingua transformada pela pronuncia e escripta hespanhola.

Quanto ás duas do sul, póde-se dizer que são linguas artificiaes, conservando-se a fórma hespanhola do guarany mais pura do que o nheengatú, por não ter soffrido a acção de estrangeiros, ter sido fallada só por guaranys dominados só por hespanhoes, emquanto que

o nheengatú tem soffrido a acção e o embate dos diversos invasores do sertão contra as tribus nheengaíbas, que pela força aprenderam o abanheenga.

Quando nos approximamos dos *omauás* ou *omaguas* dos jesuitas castelhanos, pelo Solimões, é que se vê a lingua menos eivada de vicios, approximando-se do abanheenga e fugindo do tupy do sul e do guarany. O guarany conserva pura a fórma hespanhola que outrora ouviu e aprendeu nas missões.

O nheengatú conserva a pronuncia primitiva, apenas abastardada por influxos populares, sendo apezar disso phonologicamente o mais puro.

Para mostrar que o nheengatú não se corrompeu perdendo o *b*, o *g* e o *j*, em que principalmente se afasta do tupy do sul e do guarany, basta ouvirmos alguns escriptores antigos, que, apezar de escreverem em portuguez, procurando aportuguezarem as palavras indigenas, conservaram a pronuncia corrente e vulgar de seu tempo, não se importando com a orthographia empregada pelos discipulos de Anchieta e Figueira.

Bento Teixeira Pinto, no seu *Dialogo das grandezas do Brasil*, em 1590, escreveu *maracaiá*, *hyandaias*, *taiá*, *taioba*, *payé-marioba*, etc., e não *maracajá*, *jandaia*, *tajá*, *tajoba*, *pajamarioba*. *Taioba* é o nome que dão ainda a uma aroidea no Rio de Janeiro.

O ouvidor Ribeiro Sampaio em 1777 escreveu como pronunciavam: *Uapixana*, *Acayuná*, *Cauamé*, *Uaranacuá*, *Parauá*, *Uãiapeça* (rabo espesso), *Yapacani*, *Tuiuiu*, *Taiá*, e não *Guapixana*, *Acajuná*, *Cajamé*, *Guaranacuá*, *Paraguá*, *Guaiapeça*, *Japacani*, *Tujujú* e *Tajá*.

Em 1786, cem annos depois do padre Figueira, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e o governador Lobo d'Almada escreviam *Uarirá*, *uererê*, *Uayanás*, *Padauiri*, *Cauaburi*, *Maiapeua*, *Uacaiari*, *Uacaris*, *Anauaú*, *Parauá*, *Cayá*, *Cayú*, etc., e não *Guarirá*, *Guererê*, *Guayanás*, *Padaguiri*, *Caguaboris*, *Majapeba*, *Guacajari*, *Guacaris*, *Anaguaú*, *Paraguá*, *Cajá*, *Cajú*, etc.

Em 1832 Monteiro Baena, que tudo procurou escrever com *j*, aportugezando as palavras, comtudo

respeita a pronuncia de muitas, e diz : *Uautás, Urariá, uapiri, uarumá, uauassu*, etc., e não *Guautás, Gurariá, guapiri, guaruma, baguassu* ou *babaçu*.

O que frisa bem a pronuncia indigena está nesta sua phrase : « *Hiautiboia*, cobra que ennovella-se, formando um disco de maneira que figura um *jaboty*. » Este o indio pronuncia *yauty*.

Dou aqui uma phrase abanheenga puro, pela qual se póde comparar as differentes mudanças que soffreu o abanheenga, pelo influxo dos portuguezes e castelhanos, e o que soffreu pela má pronuncia e sotaques que deu o nheengatú :

*Uirá etá o nheengar koem pirang aramé tuichaua tuyuaé rok opé aetá iuká uaá.*

« Ao romper da aurora cantam os passaros na casa do velho chefe que mataram. »

| PORTUGUEZ | Abanheenga | | | |
|---|---|---|---|---|
| | NORTE<br>NHEENGATU' | | SUL<br>TUPY E GUARANY | |
| | PARÁ | AMAZONAS | COSTA DO BRASIL | PARAGUAY |
| Os passaros | Uirá *i*tá | Uirá etá | *G*uiret*á* | *G*uyra*h*etá |
| cantam | *u* nheengar*e* | o nheengar*e* | o *poracei* | mborahei |
| manhã | k*u*ema | koem*a* | coem*a* | coē |
| vermelha (aurora) | pirang*a* | pirang*a* | pirang*a* | pirã |
| quando | ram*i* | ramé | ramé | ramó |
| chefe | tuchaua | tu*i*chaua | tu*b*icha*b*a | tu*b*ichá |
| velho | tuiaê | tuyuaé | tui*b*aê | tuy*a*bae |
| casa | r*u*c*a* | roc*a* | oc- | og- |
| na | *u*pé | opé | ipe | ape |
| elles | a*i*tá | aetá | | |
| mataram | iuká | iuká | *j*ucaça- | ayuca- |
| que | uaâ | uaá | *goera* | cuê |

OBSERVAÇÕES

As lettras grifadas no nheengatú são as corrupções populares, e as do tupy e guarany são as introduzidas pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que deram nova phonologia á lingua. A orthographia destes dous ultimos é a de Anchieta e de Montoya. No Amazonas *porahê* ou *poracê* é—dansar cantando, e *nheengare*—cantar simplesmente. No sul dansar é *yéroquy*. *Yeroky* são os cantos guerreiros das tribus selvagens.

Baseado pelo estudo do que ha escripto, e na observação que tenho feito entre indios e tapuyos de Santarém, Villa Franca, Ereré, Jamundá, Rio Negro e Solimões, cheguei á conclusão do que expuz nestas paginas, que me foram confirmadas pela leitura em pesquizas de manuscriptos do seculo passado do antigo archivo da camara de Barcellos, antiga capital da capitania do Rio Negro, de tabelliães, officiaes de justiça, camaristas, ouvidores, testemunhas, etc., que para esse fim compulsei, para ver como no seculo passado eram pronunciadas as palavras por lettrados e illettrados, e como as escreviam.

Apezar das missões prégadas em lingua ás vezes adulterada, ainda por esses manuscriptos se vê que o povo pronunciava a palavra sem a influencia estranha.

Pelo que tenho observado, razão têm aquelles que pensam que os jesuitas foram os creadores da lingua.

Com effeito, si não crearam os vocabulos da lingua, modificaram-lhe a syntaxe e a prosodia, estabelecendo uma construcção grammatical á latina e uma orthographia especial, que se perpetuou, mascarando a verdadeira pronuncia indigena e alterando a maneira de seu fallar.

A grammatica dos missionarios é toda artificial e não natural, permitta-se-me o dizer.

Bem disse o Dr. Martius : « Anchieta, Manoel da Vega e outros jesuitas que estabeleceram a lingua dos tupys por escripto, e que fixando as regras grammaticaes, *augmentando* e *modificando-a*, puzeram os fundamentos daquella lingua geral, etc . »

E' exacto ; augmentaram, modificaram e puzeram os fundamentos de uma linguagem que não é a que fallavam os tupys, e sim a que fallam os seus descendentes do sul, que aprenderam com as lições dos padres latinistas, que não admittiam lingua sem ser moldada pela latina.

Compare-se o fallar dos netos dos tupinambás, que se estabeleceram no Amazonas, com o dos avós que foram para o sul, e ver-se-á a differença. Os padres ensinaram a lingua áquelles que fallavam dialectos differentes, porque os que fallavam a lingua geral esses a ensinaram aos padres.

Os que fallavam o abanheenga continuaram a fallar como dantes e á sua posteridade passaram a sua linguagem ; mas, aquelles nheengaíbas ou missionados que aprenderam a lingua, esses aprenderam-a com as pronuncias castelhanas e portuguezas, e assim tambem transmittiram a seus filhos.

Dahi vem que no Amazonas, onde dominaram os tupinambás, a lingua é mais pura, e onde houve missões ella está degenerada.

Sinto estar em desaccordo nisso com o meu finado amigo o sabio guaranylogo Baptista Caetano.

Disse este, nos *Ensaios de Sciencia*, censurando o Dr. Martius :

« Os padres jesuitas, e assim tambem os franciscanos e outros, sempre que no desempenho de suas funcções de missionarios iam desencovar tribus nos sertões, a primeira cousa de que cuidavam era de estudar a lingua fallada pelos selvagens, afim de poderem prégar-lhes a doutrina. »

Inteiramente o contrario se dava.

Em todos os collegios, sempre que chegavam novos missionarios, eram obrigados a aprender a lingua geral para ensinal-a ás tribus nheengaíbas, isto é áquellas que não fallavam o tupy. Tanto assim é que, no Amazonas, todas as tribus que ainda existem com dialectos muito diversos e que foram missionadas, fallam a lingua geral. Os mundurukus, mauhés, tukanos, deçanas, tikunas, arauakys, parikys, etc., todos fallam a lingua geral que aprenderam. Ainda ouvi uma ladainha e orações em lingua geral, recitadas por parikys, que têm um dialecto muito especial. [12]

Onde estão as grammaticas ou mesmo os vocabularios destes dialectos que nos deixaram ?

O pouco que ha é feito por viajantes e naturalistas. Os padres só nos deixaram grammaticas e doutrinas em

---

[12] Era necessario que a lingua fosse uma em todas as missões, afim de que qualquer padre a entendesse. Mudados constantemente, seria necessario que os missionarios fossem polyglotas para poderem administrar as missões com dialectos differentes, e nas quaes viviam se substituindo.

guarany ou tupy. Isso se prova com a carta régia de 19 de Oitubro de 1797, que prohibiu expressamente aos missionarios praticarem com os indios na referida lingua e ordenou que só se lhes devia ensinar o portuguez.

O tupy, entre as nações selvagens, fazia o papel do latim entre as civilisadas.

Em conclusão o nheengatú está completamente modificado pelas pronuncias viciadas de estrangeiros e pela orthographia pronunciativa; porém encerra o cunho principal da phonologia primitiva, emquanto que o tupy do sul e o guarany, considerados como typo da lingua primitiva, estão mais corruptos, porque perderam a prosodia propria.

No Paraguay até bem pouco tempo esteve inalteravel essa linguagem dos missionarios, porque interdicta era por assim dizer a immigração estrangeira; porém hoje, depois que lhe demos a liberdade, dar-se-á o mesmo que se deu no nheengatú, que soffreu a consequencia linguistica do contacto com pessoas não cultas e de varias nacionalidades. Para o futuro o guarany será muito mais viciado do que será o nheengatú. Felizmente hoje, no Amazonas, já ha um paradeiro ; a lingua está no que era, porque já se não falla.

Mas, triste paradeiro !

E' o marco milliario da morte, porque ella vae desapparecer com aquelles que a exercitavam !

Como um protesto, pois, contra a falta de patriotismo daquelles que desprezam a lingua patria pela estranha, ficam estas paginas, em que reivindico a pronuncia dos senhores da terra que me embalou e guardará meus despojos, com o favor de DEUS.

J. BARBOSA RODRIGUES.

Manáos, 25 de Dezembro de 1887.

---

N. da R.

Numa memoria apresentada ao Instituto, *Novas Investigações sobre Matto-Grosso,* aventei a idéa de, — pela difficuldade sinão impossibilidade de conhecer-se,

á simples leitura, o valor prosodico do *i* final dos vocabulos brasilianos—admittir-se este sómente para as terminações breves e o *y* para as longas, ficando exceptuado o dos diphtongos em *ay*, *ey*, *oy* e *uy* por não haver duvida na pronuncia, visto predominar a tonica na primeira vogal.

Assim, ler-se-á, a primeira vista e sem erros nem duvidas, Beni, A'keri, Caciquiari, Demineni, Ucayali, Padauiry, Bacahirys, Parecys, Cabixys, Acarahy, Jacarehy, Timbohy, Sarapuhy e Paraguay, Igurey, tipoy, etc.

Ora, tendo adoptado essa regra, é dever declarar, em satisfação ao illustrado autor desta memoria o Sr. Dr. B. Rodrigues — que fez-se essa ligeira modificação do *i* final longo para *y*, obrigado pela uniformidade da redacção,—e uma vez que não alterava o sentido dos vocabulos.

J. SEVERIANO DA FONSECA.

# BRAZÕES

DAS

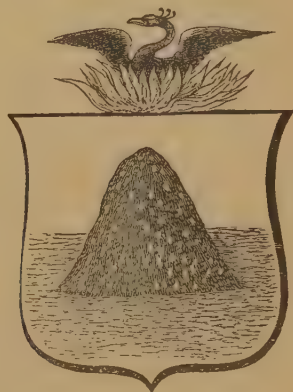
# Cidades de Cuyabá e Matto Grosso[1]

Não sei em que se fundou o chronista de Matto Grosso, Felippe José Nogueira Coelho, para dar por armas á villa de Cuyabá um escudo, tendo em campo verde um monte com uma arvore cheia de folhetas de ouro, e por timbre uma phenix, e á Villa Bella um triangulo, symbolo da Trindade: armas que elle nas suas *Memorias historicas da capitania de Matto Grosso, e principalmente da provedoria da fazenda real e intendencia do ouro*, refere « concedidas por Sua Magestade, que as mandou declarar em provisão registrada na camara, em 1753, mas que esta tenazmente substituiu por uma aguia ou pelicano ».

E diz elle que as noticias, que dá, colheu-as num exacto e escrupuloso exame que fez nos archivos da provedoria, intendencia e ouvidoria, o que fazendo authenticas essas memorias, pela sua publica e incontestavel fé, deixa ver o desvelo que ellas lhe mereceram (*Revista Trimensal do Instituto*, tomo XIII pg. 138).

Tinha, portanto, essa asserção o cunho da maior autorisação, e pois acceitei-a; tarde, infelizmente, verifiquei que ambas vinham descriptas erradamente, o que se comprova com os proprios autos de fundação da villa do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, de 1 de Janeiro

1 *Novas investigações sobre a provincia de Matto Grosso.*

de 1727, e da Villa Bella da Santissima Trindade do Matto Grosso, de 19 de Março de 1753. Naquelle auto de Cuyabá vem descripto o brazão, assim: —« Um escudo dentro com o campo verde, e nelle um morro ou monte todo salpicado com folhetas e granitos de ouro; e por timbre, em cima do escudo uma phenix.»

ARMAS DE CUYABÁ

As de Matto Grosso são: um escudo branco com dous circulos dentro, o externo encarnado e o outro azul; dentro uma ave tricephala, corpo e a cabeça de aguia; e as duas outras, a do lado esquerdo de pomba e a do direito de pelicano, ferindo o peito.

Não é presumivel que o intendente Coelho encontrasse nos archivos da sua repartição e da ouvidoria os brazões que assignala: é, pois, elle quem erra não sómente no falseamento do brazão, que declara ser um triangulo, como ainda em dizer que a camara tenazmente conserva uma aguia ou pelicano, confusão que é sua e provém das duas cabeças de aguia e pelicano da ave tricephala,

O auto da fundação de Cuyabá pôde ver-se na *Revista Trimensal*, tomo XXVII, que publica os *Annaes da*

*provincia de Goyaz*, de Alencastre, onde á pag. 43 da 2ª parte elle se acha: o da fundação da Villa Bella, aos 19 de Março de 1753, em cumprimento ao alvará de 5 de Agosto de 1746, aqui o damos, graças á obsequiosidade do Exm. Sr. coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, de quem o obtivemos.

ARMAS DE VILLA BELLA

---

## Auto da fundação da Villa Bella da SS. Trindade do Mato-Grosso, em 19 de Março de 1752.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de mil sete centos e cincoenta e dous annos, aos dezenove dias do mez de Março do dito anno, neste Citio chamado o Campo do Simão, por outro nome o pouso alegre, abeira do rio Guaporé e ao Poente da chapada de Sam Francisco Xavier do Mato Grosso, no lugar da Praça destinada para se levantar o Pelourinho da nova villa que Sua Magestade foi servido mandar erigir e criar nestas Minas, presente no

dito lugar o Illustricimo e Excellenticimo Senhor Dom Antonio Rolim de Moura, Governador e Capitão General delas, e o Juiz de Fora Theotonio da Silva Gusmão, e o Secretario do Governo Bartolomeo Descalça Barros, para atestar, e passar para o livro da Secretaria este Auto, e presentes os bons e o Povo que pode acistir dos Abitantes das ditas Minas, sendo ahi por ordem do dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor foi mandado Ler por mim tabeliam o Alvará de Sua Magestade de cinco do mez de Agosto de mil setecentos e quarenta e seis, para a Erecção da Villa, o que por mim foi satisfeito em voz alta e intelegivel e vai o dito Alvará copiado adiante, depois deste Auto; e logo pelo dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General foi dito e declarado que sem embargo de que no dito Alvará determinava Sua Magestade, que o lugar da Villa fosse escolhido por cinco Homens ajuramentados, havia ele escolhido e aprovado este Citio para a fundação da Villa, não só porque o Alvará fora passado em outro tempo, em que se não mandava General a esta Diligencia, mas pellas Ordens e instruçoens que tinha de Sua Magestade, e porque este era o Citio mais conveniente ao serviço de El-rey e ao bem comum, e porque ultimamente os moradores destas Minas divididos em opinioens só olhava cada um para o que lhe fazia mais conta, querendo os da Chapada, que nela se fundasse a Villa, e os de Santa Anna que fosse fundada na quele bairro, com que não estavam em termos de serem ouvidos sobre a Elleição do Citio, nunca de antes visto nem examinado por eles; Em cuja Praça no meio dela mandou o dito Illustricimo e Excellentissimo Senhor Governador e capitão General

levantar o Pelourinho por insignia de se constituir e Erigir no dito lugar a referida Villa o qual presente todos os abaxo assinados foi posto e alevantado com os sinaes e insignias seguintes:

Feito o dito Pelourinho de hum groço madeiro e perduravel chamado ypiuva com tres degraos em quadra de seis até oito palmos lavrado primeiro em coluna trocida até certa altura e despois em piramida de quatro faces em cujo remate se colocou um braço de ferro com o Cutelo levantado em alto, e abaxo na formação da Piramida quatro varoens de ferro com suas argolas para prisoens, e abaxo na coluna duas algemas de ferro para os braços e duas para os pés. E logo pelo dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General foi declarado que a dita nova villa teria o nome de Villa Bella da Santisima Trindade a quem dedicaria a Igreja Matriz dela; que em reverencia da mesma Trindade Santisima simbolicamente teria por armas em meio de um escudo branco com dous circulos, um encarnado e outro azul, uma ave com corpo e cabeça do meio de Aguia, a do lado esquerdo de Pomba e a do lado direito de Pelicano ferindo o peito; e que estas mesmas armas poria a Camara no seu Estandarte por detraz das Armas reaes, emquanto Sua Magestade não mandase o contrario; e que esta villa sinalava e demarcava por logradeiro dela na forma da ordem do dito Senhor todo o Campo desde o sangrador do mato ou Ribeirão que fica ao Sul da Villa até a Lagoa do arrosal que costeia o mato de guaguasû ao Norte da Villa, que será uma legoa de terreno, e na traveça desde o mato do Capam da Legoa por onde passa a Estrada que entra para esta Villa até o Rio Guaporé que serão tres quartos de

Legoa de Leste a Oeste, cujo terreno não podia ser aforado pela Camara como Sua Magestade determina, ficando o dito Campo para pasto dos cavalos e gados dos moradores da Villa, e que na mesma isenção de foro ficarão comprehendidos os capoens que pelo Campo se achão que serião para Linhas Comũas ; e que caso neles fizecem algua xacra ou casa de Campo tivessem entendido não impidiria em tempo algum a que os moradores da Villa mandassem neles fazer lenha, tirar cipós e cortar madeiras, e para se livrarem da intrada dos cavalos e gados do pasto cumum do logradoro serião obrigados os que tivesem xacra ou casa de campo nos ditos Capoens, a sercar as plantas : Que o Mato do Guaguassû e Capam da Legoa e o mato do Sangrador e o Campo que d'ahi se segue para o Sul, e o mato que acompanha o Rio Guaporé ficavão fora do Logradoro, e que a Camara escolheria a parage ou parages em que se ajão de fazer boa as quatro legoas de terra que Sua Magestade lhe concede para aforar, e lho farião presentes com as confrontaçoens para se lhes passar Cismarias pela Secretaria. Feito isto pelo Doutor Juiz de Fóra presente o mesmo Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General, no mesmo acto foi mandado vir o cofre dos Pelouros que havião feito em eleição dos oficiaes que nestes tres annos aonde servir na Camara, e com as serimonias que a Ley determina foi tirado aberto e publicado o Pelouro que coube por sorte neste ano de que se fez termo no Livro das Eleiçoens a folhas trez : do Alvará de Sua Magestade já referido para a creação desta Villa só fallava de dous Vereadores e hum Procurador consultava elle dito Doutor Juiz de Fora com o dito Illustricimo e

Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General na Elleição dos ditos Pelouros em que houvessem de ser tres Vereadores, e hum Procurador ; porque quando se passara a Provisão para a Creação da Villa fôra para o tempo em que se mandavão criar dous Juizes Ordinarios, que nunca podião fazer falta cinco votos, pois na falta de qualquer Juiz ou Vereador se podia logo proceder a Elleição de outro de Barrete ; porém que tomando depois Sua Magestade a resolução de mandar Juiz de Fora para estas Minas, alem de serem quatro votos em Camera sendo os Vereadores só dous, podia suceder que faltase o Juiz de Fora e ficavão só tres votos o que poderia ser danoso a Republica, e de todo o referido mandarão eles ditos Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General e o Doutor Juiz de Fóra formar este Auto em Livro proprio da criação desta Villa sendo a tudo presentes dos bons e Povo as pessoas seguintes .

Guarda-Mór Francisco Xavier Jullio, o Reverendo Vigario Fernando Maxado de Souza e Abreo, Francisco de Salles Xavier, João Pereira da Cruz, o Sargento Mór Lourenço Soares de Brito, Pedro Vaz Justiniano, Manoel Dias Penteado, Antonio da Silveira Fagundes Borges, Antonio Ferreira, João Nunes de Melo, João Raposo da Fonseca Goes, Manoel Vieira Benevides, Antonio Paxeco de Moraes, Bento de Souza Maxado e Abreo, Antonio de Abreo Bacelar, Sebastião Pinheiro de Almeida, Pedro Diogo da Mota o licenciado Francisco Rodrigues da Costa, José de Oliveira Pedroso, Ignacio Leme da Silva, Calistro de Souza Rego, Caetano Gil de Ataide, Luiz da Costa Silva, Antonio Botelho da Fonseca, Manoel Bento Pereira, Bento Dias

Paes, Felix Martins Claro, Antonio Leite de Almeida, Francisco Caetano Borges, Pedro Rodrigues Lima, João Gomes Santiago, José Ferreira de Mattos, André de Souza de Almeida, Rodrigo Francisco, o licenciado João Metelo de Matos, Manoel Antonio Maxado, Silvestre de Castro, João da Borba Gato, os quaes todos assinarão com o dito Illustricimo e Excellenticimo Senhor Governador e Capitão General e o Doutor Juiz de Fora e o Secretario deste Governo e eu Ignacio Pereira Leão, e eu Tabeliam do Publico judicial e Notas que escrevi. — *Dom Antonio Rolim de Moura. — Theotonio da Silva Gusmão. — Bartolomeo Descalça Barros. (Sic).*

J. SEVERIANO DA FONSECA.

---

Candido José de Araujo Vianna

MARQUEZ DE SAPUCAHY

PRESIDENTE INTERINO DESDE 8 DE MARÇO DE 1846

*Presidente perpetuo em 12 de Agosto de 1847.*

N. em 15 de Setembro de 1793. ✠ em 23 de Janeiro de 1875.

## PERNAMBUCO

# SUPPLICIO DO CANÊCA

**Recordação de factos acontecidos á mais de meio seculo, por uma testemunha ocular.**

Copia de um manuscripto offerecido ao Instituto pelo socio honorario

**Sr. Joaquim Pires Machado Portella**

**Director do Archivo Publico do Imperio**

## I

A proclamação da nossa independencia fez iniciar os brasileiros nas lides politicas; mas ainda tão novatos nellas, com poucas excepções, que não poderam avaliar devidamente o acto regular da dissolução da primeira assembléa constituinte em 12 de Novembro de 1823.

E' bem verdade que no presente assim se póde denominar essa medida regulada pela constituição, o que não acontecia naquella época em que a lei fundamental ainda não existia. O que tinha antes havido no Estado, com relação a taes ajuntamentos, foram os estados geraes antigos, e ultimamente o levantamento da cidade do Porto nos fins de 1820. Acto tão recente que, como os daqui, os de lá achar-se-iam nas mesmas condições de inexperiencias; e cada um avaliava a dissolução como vingança, retrogradação ao antigo, ou conforme as idéas de que se achava possuido.

Os do sul do Imperio o approvavam, mas não assim os do norte, especialmente Pernambuco, onde presidia

Manoel de Carvalho Paes de Andrade ; e a noticia de o ir substituir o morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, acabou de exaltar os animos, a ponto de se proclamar a republica do Equador a 2 de Julho de 1824.

Constou que a côrte pretendêra contemporisar com a repulsa de Paes Barreto, nomeando um terceiro, José Carlos M. da Silva Ferrão ; conciliação que tivera contrario effeito por se persuadirem os exaltados de encontrarem o governo embaraçado na côrte, e por isso sem meios para os debellar.

Nesse tempo havia-se concentrado na capital o maior numero de tropas de 1.ª linha, porque continuavam os boatos de achar-se em viagem uma esquadra da mãe-patria, sahida de Lisboa para recolonisar o Brasil. O famoso batalhão do Imperador, commandado por José Joaquim de Lima e Silva, havia regressado, coberto de louros, da Bahia, depois da derrota do general portuguez Ignacio Luiz Madeira, e o chefe do Estado, fazendo uma diversão, ao mesmo tempo util e agradavel, aos penosos cuidados da defeza do novo Estado, resolveu transportar-se com todo o exercito á Praia-Grande e passar alli a festa de S. João.

A força foi dividida em quatro brigadas para manobrar-se todos os dias das 6 horas da manhã ás 10, nos campos de Icarahy e Sant'Anna : eram as brigadas commandadas : a 1.ª por D. Francisco da Costa de Macedo, a 2.ª por Lazaro José Gonçalves, a 3.ª por Francisco de Lima e Silva, e a 4.ª por Bento Barroso Pereira.

A tarde jantára o Imperador no topo d'um extenso barracão armado ao longo da praia, começando da casa de pasto do *Archeiro* para a banda da Armação, onde cabia, mediante uma leve separação do Imperante, toda a officialidade, e á cada saude salvava com 21 tiros um parque de artilharia ahi postado.

A' noite principiaram os divertimentos das fogueiras por aquellas estradas, agora bellas ruas, por onde em barracas de campanha se accommodava a tropa, e então officiaes, generaes e mesmo o chefe, todos sem etiqueta e divisas se confundiam em completo regozijo e folgança. A soldadesca não ficava ociosa, e cada um tambem se

esmerava no fadinho da *Ronda do Vidigal* e na dança da *Panella dos Feitiços* que andava em moda.

Concluida a festa, e recebida do norte a noticia do mallogro da condescendencia havida no tocante á nomeação do governo pernambucano, fez-se aprомptar a 3ª brigada ao mando do brigadeiro Francisco de Lima, e no 1º de Agosto seguinte deu á vela a frota que a conduzia a apaziguar os dissidentes.

A 18 aportou-se a Maceió, e desembarcando a tropa em jangadas para Jaraguá, onde havia dous armazens; e dahi até a villa segui pela praia ou por cima do cómoro da arêa coberto de pitangueiras.

A 3ª brigada de que constava a expedição, compunha-se de tres corpos de caçadores, 2º, 3º e 4º, ao mando do tenente coronel Souto e dos coroneis Manoel Antonio, Leitão Bandeira e conde Escragnolle; e tambem um parque de artilharia de posição, commandado pelo capitão Solidonio J. A. Pereira do Lago, e um esquadrão de cavallaria com o capitão Cabral.

Accommodou-se a expedição por nove dias nesta villa, que constava de uma rua principal, no fim da qual, para o lado do norte, terminava num largo, tendo em frente a matriz, á esquerda um sobradinho com grades de páo, onde aposentou-se o chefe, e á direita a cadêa em casas terreas. Nos fundos das casas da parte direita desta rua, indo para a cidade das Alagoas, havia uma capellinha coberta de palha.

Na madrugada de 28 abalou a força á seu destino, indo pernoitar em *Ipioca*, povoação situada em uma pequena eminencia; no segundo dia de marcha acampou em *Santo Antonio Grande*, tambem pequeno povoado; no terceiro dia na villa de *S. Miguel dos Milagres*, no quarto na do *Porto de Pedras* (havia no estaleiro desta villa um navio em construcção), e no quinto dia de viagem chegou-se á *Barra Grande*, onde o corajoso Paes Barreto defendia as partes da legalidade, dizia-se que á sua propria custa, com perto de 400 homens.

II

A tropa de linha de Pernambuco compunha-se dos 1º, 2º, e 3º batalhões de caçadores e de artilharia, ao mando do coronel Aleixo. Era commandante do 1º, de canhão verde e gola azul, o major Antonio Corrêa Seára; do 2º, gola e canhão azul, o major Marques Lisboa, conhecido por Pitanga, e do 3º, gola e canhão encarnado, o major Bento José Lamenha Lins

Seára e Lamenha acompanharam o morgado, e Pitanga seguiu as partes de Carvalho, com quem militavam egualmente o coronel José de Barros Falcão de Lacerda, que no anno anterior muito se havia distinguido na Bahia contra o chefe Madeira, os majores Ferreira, Emiliano, Agostinho Bezerra, o capitão Nicolau e outros.

Operada assim a juncção das duas forças, de Lima com a do morgado, tratou-se de avançar sem mais demora logo no seguinte dia, internando-se o pequeno exercito na povoação do *Abreu* e transpondo o rio de *Una* já de noite.

Descansou-se um dia em *Serinhaem* e no *Cabo* dous. Daqui até o termo da viagem seguiu-se quasi a marche-marche; constou que o general tivera aviso secreto de lord Cochrane da chegada deste ao porto do Recife e de favoravel opportunidade de atacar a cidade, por andar fóra o chefe José de Barros, e tambem Carvalho, para as partes do sul; o qual, não podendo conseguir chegar á cidade por terra por encontrar a passagem interceptada com a inesperada presença das avançadas das forças contrarias, embarcou-se em uma jangada e refugiou-se a bordo de um navio inglez.

A's quatro horas da tarde de domingo 12 de Setembro rompeu o fogo nos *Afogados*, ao qual, não podendo os dissidentes resistir, foi tomada a ponte, de 260 passos de extensão, em poucas horas.

Tomada a antiga ilha de *Marcos André*, depois denominada bairro de *Santo Antonio*, tratou-se de a segurar, fazendo-se fachina e construindo seguranças na

*Gamelleira* para evitar alguma sorpresa por essa parte, que era inteiramente desamparada.

Da calçada do sobrado do major Peixoto, ultimo edificio daquelle correr, em frente ao forte das *Cinco Pontas*, o qual sobrado ficava fronteiro ao *Curral do Açougue*, dahi até a ponte dos Afogados só havia á margem do rio, com frente para o mar, um lance de casas terreas, pertencente a um ancião a quem chamavam o *Pavão*, mestre chapelleiro, com quem conversámos quando nessa occasião commandavamos um ponto á margem do Capibaribe e por traz dessa casa.

Os dissidentes ainda occupavam os bairros do *Recife* e *Boa Vista*; fazia-se mister combater este em primeiro logar, porque a columna do chefe José de Barros ahi se sustentava, defendendo valentemente a ponte de 350 passos de comprida. Tinha duas peças pequenas embocadas por ella acima, além de sufficiente fuzilaria.

O meio de tomar este bairro era avançar pela ponte; porém quem fosse na frente podia contar com o sacrificio na primeira descarga.

Resolvendo-se definitivamente, na noite de 15, a tomada do ponto, esperava-se que apparecesse uma destas dedicações voluntarias ou desprezo da vida para marchar na frente, ou antes ordenar para uma morte quasi certa.

Depois de algumas difficuldades e principios de altercações, e já depois de meia-noite, o intrepido mineiro alferes-ajudante *Marçal*, desembainhando a espada, offereceu-se ao general para commandar o pelotão da frente, exemplo que foi seguido indistinctamente de outros; e formado elle, tratou-se de tomar precauções para o bom exito.

A' vista do perigo, era da maior vantagem dar de cá primeiro a descarga, e segura, com o fim de neutralisar ou pelo menos minorar o effeito da contraria; mas para isso tinha-se de chegar a alcance ou ao meio da ponte. Ainda havia outro perigo a evitar, em virtude do qual tornava-se de necessidade que a avançada fosse rapida.

Consistia nas balas que nos mandava o forte Pencil,[1] então denominado do Brum, apenas subia de cá alguem na ponte; vindo os projectis tambem de noite, parece que havia signal convencionado, dando aviso a fortaleza de subir gente pela ponte.

Finalmente marchou-se no maior silencio ; ia Marçal na esquerda da fileira, logar proprio de quem a commandava, e quem escreve estas linhas ao pé delle. Deu-se a descarga, é verdade, porém a contraria ou foi simultanea ou demoraria um segundo si tanto.

Os rarissimos que escaparam da morte e de ferimentos tiveram o bom accôrdo de bradar *victoria*, grito que produziu grande effeito, á vista da incerteza do destroço do nosso pelotão pelo fumo das duas descargas, que o não deixava distinguir. O infeliz Marçal cahiu sem proferir uma palavra.

Os dissidentes, abandonando a ponte, foram fortificar-se nos differentes logares do bairro ; houve luta encarniçada, bastantes mortes e ferimentos na rua do Sebo, em *Santo Amarinho*, *Hospicio*, até as *Aguas Frias*.

Poucas casas havia no largo logo adiante da matriz, e dahi á *Soledade* eram bordados de differentes chacaras, sendo por esses contornos bastante ferido o combate: constou que nesse dia morrêra o major Pitanga.[2] . . . . . . . . . . . . .

Algumas casas mais proximas da ponte foram examinadas, por desconfiança de haverem nellas alguns emboscados.[3]

---

[1] Diz um autor antigo que fôra edificado no anno de 1631 com aquelle nome, que era o da matrona do general Theodoro, hollandez.

[2] Sua viuva, bastante espirituosa, morava na ultima casa da rua do Collegio, ao chegar ao convento de S. Francisco, onde se aquartelou o 4º batalhão do Rio. Alguma vez os soldados diziam-lhe algumas pilherias ao passar, e ella retribuia as graças sempre com esta delicada e prompta apostrophe : Ah *Cains !*

[3] A casa donde sahia o governador Luiz do Rego, em 1817, e que n'essa occasião recebeu os tiros no hombro esquerdo, foi a quarta do lado direito de quem sãhe da ponte para o lado da matriz.

O palacete do bispo via-se fechado sem signal de habitação, nesses dias de conflicto; mas pela extensa chacara tambem se combatia.

Restabelecida a autoridade legal nos dous bairros, Santo Antonio e Boa-Vista, restava o do Recife, cuja ponte de 280 passos de extensão os dissidentes haviam cortado.

Por emquanto não se tratava de alojamento para os corpos expedicionarios. Quem não fazia parte das guardas avançadas, de piquetes e vedetas, ficava pelas ruas gozando o bello ar da inclyta cidade de Camarão e Henriques Dias; e a pracinha da *Polé* era de ordinario centro da maior parte.

Mais desassombrada de lances arriscados, principiava a tropa legal a gozar de certo bem-estar

Quem escapou da refrega da *Boa-Vista*, os da parte contraria, voltaram pelo varadouro e vieram reforçar os do Recife, unico baluarte dos dissidentes ainda sustentado, dizia-se, por Agostinho Bezerra e frei Canéca, que pertencia ao convento da Madre de Deus, situado naquelle bairro.

A pertinacia destes já se tornava inconveniente, attenta a falta de Carvalho, e ausencia do coronel Lacerda, major José Antonio Ferreira e mais alguns extraviados

Todavia achavam-se reunidos. Pela parte do mar haviam prevenido a entrada de gente e forças da esquadra, não só com a vigilancia da fortaleza do *Brum*, como a do forte *Quebra-Pratos*, perto do arsenal de marinha; e com a ponte cortada e guarnecido o *Porto das Canôas* suppunham inexpugnavel aquelle ponto.

Era arriscado transitar no largo do *Collegio* e na rua da *Praia*, por causa das balas atiradas das janellas do convento.

Convencionado o assalto do Recife para a madrugada de 17, bombardeou-se na vespera o que ficava a alcance do canhão: a alfandega e os sobrados das immediações do *Corpo-Santo*, foram os que mais soffreram.

Desembarcando do lado do sul, pelas bandas da ilha do *Nogueira* alguma força dos barcos de guerra, fez-se

diversão, a ponto de avançar pela ponte, levando-se ao mesmo tempo barrotes e taboas, de maneira que ao clarear do dia aprazado, 17 de Setembro de 1824, não havia mais a quem combater.

III

A população ou os mais opulentos habitantes da cidade, receiosos com a idéa de saque, dizem que se cotizaram com o fim de indemnisar a tropa da dispensa desse direito e uso antigo; e o dinheiro foi distribuido em proporção: o abastado capitalista Bento José da Costa fôra o que iniciou a medida, segundo constou.

Começaram a apparecer nas ruas homens tão abatidos, desfigurados, magros, côr de enxofre, que pareciam ter resuscitado, como Lazaro, e escapado agora da sepultura. Vinham a ser os portuguezes, caixeiros, e negociantes alguns, que permaneciam a dous mezes em subterraneos para escaparem do ferro dos soldados da terra quando sahiam ao *mata-marinheiro*.

A soldadesca andava naquelles dous dias dispersa; como não commettiam o menor insulto, nem queixas de desacatos chegavam ao general, este de sua parte tolerou esses momentos de expansão de que igualmente se achava possuido pelo bom desenlace da luta.

Em seguida ao desfecho do ultimo combate do Recife foram perseguidos os chefes dos fugitivos, e alcançados voltaram presos, frei Joaquim Canéca, majores Agostinho Bezerra, Emiliano, Nicolau, Bartholomeu e mais um ou dois.

Egual resultado teve no Ceará a facção alli levantada a favor da Confederação do Equador, por José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, para onde foi mandado a fazer parte da commissão militar o coronel conde de Escragnolle, levando o capitão graduado major do 3º batalhão da côrte José Gervasio de Queiroz Carreira, que na primeira legislatura, de 1826 a 29, veiu deputado por aquella provincia.

O commando do 4º batalhão do Rio, em falta do chefe Escragnolle, ficou no Recife ao major do mesmo,

Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal[4], mais conhecido por *Canôa*, em virtude da semelhança deste objecto com o chapéo armado, muito raso, de que usava.

Acompanhou a expedição desde Macció, onde a ella veiu reunir-se, vindo de Campos pela Bahia, o brigadeiro José Manoel de Moraes, permanecendo todo o tempo sem caracter official. Julgava-se um mysterio do governo geral, e até hoje não o deciframos, por ser elle mais antigo que Lima, posto que de egual graduação ; aquelle já tinha o posto de brigadeiro em 1821, ao passo que este ainda era em 1823 coronel commandante do regimento de Bragança, depois 2º de caçadores. Em qualidades civicas e militares não havia quem excedesse a Francisco de Lima ; honra á memoria de tão compassivo chefe e tão distincto vulto.

Mais indecifravel tornou-se o enigma quando chegou inesperadamente ao Recife *Barroso Pereira* por occasião das execuções dos condemnados, como ao diante se verá, sem menção alguma de Moraes.

Como ajudante de ordens deste, egualmente sem autoridade militar, ia o *Forriel de Gosto ;* ninguem conhecia por outro nome o coronel de Milicias, dos Pardos do Rio, Joaquim Francisco das Chagas Cattete.

Enviou-se á côrte, com a noticia do bom resultado da pendencia, o coronel de milicias do Rio Grande do Sul Antero José Ferreira de Brito, que fôra no exercito como quartel-mestre-general, o qual ganhou o posto de brigadeiro de primeira linha, e foi, em Maio do seguinte anno de 1825, com outra brigada render a do general Lima.

Entretanto cuidava este em regular, com prudencia e acerto, o governo da capitania e provincia a seu cargo.

---

[4] Era filho de um celebre ministro antigo de D. João VI, collega de Targini, a quem alludia um pasquim que appareceu no Rio por esses tempos, dizendo :

> Excelso Rei,
> Si queres viver em paz,
> Enforca Targini
> E degrada Thomaz,

Por sua indole pacifica e nobreza de alma não se exerceram perseguições, geralmente esperadas em taes occasiões; os corpos foram aquartelados convenientemente: o 2º na Madre de Deus do Recife; o 3º no hospicio da Boa-Vista; o 4º em S. Francisco, do bairro de Santo Antonio; a cavallaria e artilharia na Soledade.

O serviço dos poucos vasos de guerra que ficaram no *Lameirão* era operado pelo arsenal de marinha, debaixo das vistas do intendente, o capitão de fragata Guilherme Cypriano Ribeiro, em *Fóra de Portas*; e a cargo do *Velho Gaspar*, porteiro, inspector, capataz e unico agente do armazem, que, ataviado diariamente com o seu extenso casaco de brim branco e bordão, a tudo presidia.

Servia de prisão da gente do mar e recrutados para marinha uma cella no Arco do Bom Jesus; [5] deste ao primeiro sobrado e calçada do bairro *Fóra de Portas* andava-se pela praia, e no prêa-mar dos novilunios custava transitar por tocar a maré n'um velho armazem, em cima do comoro que servia para recolher fragmentos de ferros e cabos.

Supposto que o rigor da lei se tivesse limitado aos homens já presos, comtudo os que haviam militado com Carvalho andavam por cautela ainda homisiados, não obstante os promettimentos do general governador, que eram sinceros e sem dissimulação, como afinal todos experimentaram.

Tornava-se conveniente ir dando mostras de confiança, e uma das medidas adoptadas, e ao mesmo tempo util, consistiu na creação de um corpo de *libertos*, egual ao que na capital havia-se organisado e se aquartelava na Armação da Praia-Grande.

Alistaram-se com effeito os pretos forros a soldo, dando-se-lhes regulamento e divisões de companhias e

---

[5] Ouvimos dizer que a furia dos tempos modernos de destruir sem piedade os monumentos antigos não poupou o arco do Bom Jesus: um escriptor portuguez, clamando contra essa deploravel tendencia lá de sua terra, chamou-a vandalismo.

esquadras do estylo, sendo nomeado para commandar o corpo o capitão do 2º batalhão do Rio, Sebastião de Viveiros e Vasconcellos, e depois o capitão do mesmo batalhão João Manoel de Lima, [6] irmão do general.

## IV

Em virtude das benevolas disposições do governo, das quaes não era licito duvidar, e tambem de vislumbres, ainda que remotos, de esperanças de salvação dos presos, os habitantes felicitavam-se ; e mais desassombrados cuidava cada um em seu meio de vida como dantes, e parecia um sonho as desordens a pouco supprimidas.

Approximava-se a folgança do Natal, funcções de rua que em Pernambuco eram bem concorridas ; o *boi*, as *mulas*, os *cavallinhos*, as cantatas de Reis, são passatempos assaz recreativos para o povo.

Lembrava dar exercicio ao theatrinho, então fechado que era em uma casa terrea do lado da cadêa, com fundos para o Rio, ultima indo para o *campo da Honra* ; porém todo o embaraço que nos fazia privar de um dos mais uteis entretenimentos fundava-se na falta dos actores.

A maior parte ou quasi todos se tinham extraviado na refrega, uns por Grecia e outros por Troia, abandonando ingratamente por novo planeta a infeliz *Thalia*, que a deixaram ás escuras, pensando tristemente no pouco valor de seus cothurnos.

Do pessoal do theatro só restavam aproveitaveis tres escoimados de pecha : o jocoso Francisco, ancião, com botequim na rua do Queimado ; a mulher deste, que representava de primeira dama, moça e insigne artista em

---

6 Joven esbelto e de bonita presença, sua marcha ordinaria para os exercicios nas *Cinco Pontas* era pela rua de Hortas, e na passagem havia sempre na sacada de certo sobrado dessa rua uma *pessoa* a quem o nosso commandante não faltava com a continencia. Morreu depois no sul, sendo major, nas lides de Bento Gonçalves, de uma metralha no rosto.

todos os papeis serios, e a interessante D. Joaninha *Castiga*. Provinha este appellido do duetto que ella cantava e dançava com summa graça e habilidade com o Francisco, e que principiava :

> *Si quizer casar comigo*
> *Ha de ter segredo em tudo,*

e findava com o

> *Castiga, castiga, seu preto aqui está.*

Todos nomeavam o afamado *Ciry-Gordo*, a alma do espectaculo, o primeiro galan das comedias ; e na verdade que o era em todos os sentidos.

Mas este homem havia militado com Carvalho e occupava o posto de 1º sargento, dirigindo guerrilhas ; e apezar de que não fosse propriamente um chefe nem como tal procurado, achava-se occulto e receiava apparecer.

Tornava-se sensivel a falta do *Ciry-Gordo* para a abertura e começo dos divertimentos ; deu-se parte ao general governador do obstaculo principal, e este remediou o caso mandando lavrar um salvo conducto em favor do fugitivo.[7]

Para completar o numero de actores indispensaveis procurou-se na tropa quem mostrasse mais aptidão e habilidade nos ensaios. Entre os que appareceram ficou um soldado de nome Jeronymo, o qual mostrou tanta capacidade para o diante, que lá ficou no theatro : era lisboeta.

Entrou outro de nome Serafim, da artilharia, filho de Minas, trigueiro, bastantes signaes de bexigas, grosso

---

[7] Era um homem ainda de boa idade, cheio de corpo, prazenteiro, jovial. Num ensaio de um acto em que elle devia ser fuzilado, em razão da peça que ia uma noite em scena, recommendou aos soldados, que deviam executar e atirar, dizendo : *Camaradas, tenham em vista, logo na occasião de carregar as armas, não vá de mistura com a polvora algum carocinho de milho, porque eu vou morrer, mas é de mentira.*

e feiarrão; seu officio não era de chamar nem fazer de lacaio, mas só unicamente dançar a *chula* nos intervallos, que não eram cheios com o duetto *Castiga*. Serafim executava este antigo dançado, elle só, com tanta graça, galanteio e habilidade, a não deixar nada a desejar-se, e si alguns não o preferiam ao *Castiga* é porque D. Joanninha, com os seus faceiros *apanhados*, vantajosamente arrebatava o auditorio: além do *Castiga*, executava ella ás vezes um dançado á hespanhola bem lascivo.

Devemos neste ponto consignar um facto bem notavel, apezar de alheio á nossa narração.

Discutem e disputam os homens da sciencia sobre a origem dos *acasos*. O ouro tem grande valia em cima da terra si por *acaso* foi achado e tirado da profundeza em que jazia sem valor algum; a mudança de sorte foi operada pelo acaso: assim é o destino dos homens.

Procurou-se na tropa um homem que servisse de comico, e não acertaram com o futuro *Talma* brasileiro: o *acaso* não permittiu que puzessem os olhos em *João Caetano dos Santos*, alli tão perto e a uns 50 ou 60 passos do theatro!

João Caetano, filho de Macacú, jurou bandeira, como voluntario de tres annos, no quarto batalhão de caçadores, em 1822. Seguiu o corpo na expedição, e nessa occasião estava aquartelado no convento de S. Francisco, perto do theatrinho; era elle anspeçada da companhia do capitão *Apanha Flechas*,[8] e então contando 17 annos de edade com pouca differença.

Quem póde prever o porvir? Quando este homem notavel, tocou por seu justo merecimento artistico ao apogeu de suas glorias, admirando a patria e a Europa, procurando ser visto onde chegava, não só pela multidão, mas pela classe instruida e de primeira ordem dos logares, pensaria que nem nelle se reparou, de uma vez, quando se diligenciava encontrar um actor

---

[8] Os companheiros assim chamavam ao capitão da terceira companhia por observarem que no fim de algum jantar, em que havia entornado de mais, costumava sahir firmado para o ar e com os braços em attitude igual á dos rapazes ao atiçar-se algum foguete.

ou actores para remediar faltas, e procurando-se propriamente entre um grupo onde elle se achava ?!

O que são os tempos e as mudanças operadas nas condições da humanidade!

Estes exemplos demais nos irão servir adiante para demonstrar a superfluidade em privar da vida áquelles cinco desgraçados que jaziam na cadêa. Entretanto, deixando o incidente, entremos no periodo mais deploravel da nossa narrativa.

## V

Os presos foram sentenciados, como se previa, á pena ultima pela alçada militar.

Todavia a confiança no benigno general era tanta que quasi se dava como certo o perdão, confiança assaz firmada em solidos pormenores que se foram succedendo.

A demora de mezes em dar-se a execução ás sentenças muito concorria para firmar essa confiança; além disso corria como certo que Lima enviára á côrte o pedido de clemencia em favor dos réos; e até propalou-se a noticia de se haver secretamente permittido a evasão de Canéca e Emiliano, tendo-a este aproveitado e aquelle recusado fatalmente.

Nesta espectativa conservavam-se os animos; as familias dos presos não cessavam com seus rogos de implorar do governo impossiveis, que sua boa alma concederia, mas não os crueis deveres de seu elevado cargo; os ecclesiasticos, irmandades de cruz alçada, pediam tambem em favor de frei Canéca.

Ainda por esses tempos as noticias de longe não chegavam como agora, por encantamento; nem vapores nem telegraphos havia: o mal e o bem, o agradavel e o desagradavel, tudo rebentava de sorpresa.

Avistou-se uma vela em largo mar; era um navio de guerra que dahi a poucas horas lançou ferros no Lameirão.

Não deu cuidado este facto, visto como desde a guerra os barcos da armada se revesavam quasi sempre,

para o sul e para o norte, e quasi sem centro e systema de operação, desordem que começava a vulgarisar-se em consequencia de já andar no Maranhão o almirante *com o craneo* as viravoltas com o presidente Bruce para pagar-se do que, dizia, lhe era o Estado devedor, e de lá transportar-se a novos ares.

Incerteza que pouco durou, porque do navio dessembarcou para terra, saltando no arsenal o brigadeiro Bento Barroso Pereira, em grande uniforme e acompanhado de seus ajudantes de ordens, e dirigiu-se ao palacio.

A curiosidade do povo não tardou em divulgar sinistro presagio: que o general Lima fôra demittido, e vinha Barroso[9] para o substituir e dar execução ás sentenças proferidas contra os réos presos.

Assim se verificou infelizmente.

Comtudo a substituição não se effectuou, mas as execuções começaram, cabendo a sorte em primeiro logar ao major Agostinho Bezerra Cavalcanti, homem de côr preta, airoso mocetão, e na hora extrema sobejamente corajoso sem affectação.

Para que tanto rigor? Toda provincia achava-se no mais perfeito secego; tranquillamente os habitantes repousavam e ninguem mais se lembrava do passado; os productos da agricultura dos ferteis sertões centraes

---

9 Os Limas foram sempre briosos militares e limpos de mãos em todos cargos, desde o tronco vindo de Portugal (cremos que como major de um dos corpos ou cascos de corpos enviados á colonia), sendo Francisco de Lima o mais velho da familia; tinha igual graduação com a de Barroso; quando este commandava como coronel o regimento de granadeiros, aquelle com o mesmo posto mandava o de *Bragança*, sendo ambos promovidos a brigadeiros em fins de 1823 ou principio de 24. De Barroso tambem não havia notas, todavia este é que foi preferido na primeira fornada de senadores, em 1826, por parte de Pernambuco, sendo Lima mais tarde, em 1835, escolhido por Feijó e eleito pela provincia do Rio de Janeiro. Na profusão de titulos com a maioridade em 1841, deu-se-lhe o de barão de Barra Grande, ao passo que coube a *Araujo Lima* o de visconde de Olinda; ambos foram regentes; este occupou o ministerio do primeiro Imperador, aquelle foi um heroe na pacificação do norte. Não haveria motivos de reparo e nem essa idéa seria acolhida por quem deu sempre exuberantes provas de magnanimidade, porém o nosso general recusára formalmente o titulo de barão.

affluiam á força quotidiamente e com largueza pelas tres vias dos Afogados, Boa-Vista e Recife, e reinava geral e e visivel bem-estar na população, e nem sombras appareciam de novas perturbações ; o que restava das fadigas e afans dos combates, de tanta ostentação bellica, afiava-se nos cinco infelizes presos : qual a utilidade, pois? que lucrava a sociedade com a morte de homens completamente inoffensivos?

O abalo havido não teve base nem tão pouco originou-se de um plano geral de revolta com ramificações em grande escala : não passou de uma commoção de paixões entre Carvalho e Paes Barreto por despeito de privações da autoridade governamental, talvez arredadas por antecedencias pessoaes de conterraneos.

Mais risco poderiam correr, e por isso mais justificado algum rigor, os levantamentos de 1792, em Minas, e o de 1817. Naquelle prevalecia uma idéa, a da emancipação dos Estados-Unidos, ha pouco realizada, e que cumpria precaver, e José Alves Maciel de lá vinha procurando propagal-a ; e em 1817 dava-se o exemplo da sublevação das colonias hespanholas, diligenciando a separação da metropole. Apezar de que o Martins e seus companheiros de 1817, ou não tinham idéas fixas no objecto a que pretendiam attingir, ou cahiam em formal contradicção.

O Mexico, o Perú e os estados platinos rebellavam-se contra a mãe-patria : e os pernambucanos, com o rei entre nós, de quem queriam separar-se ?

Mais consequentes nesta parte foram M. Fernandes Thomaz, Ferreira Borges, e seus partidarios, em 1820, no Porto, levantando o grito de alarma para fazer voltar a monarchia á Europa e se eximirem da tutela de cá; e o D. João VI não teve o bom accordo de preferir este rico paiz para os ultimos dias de sua existencia.

Estes homens, a quem se ia tirar a vida, ainda poderiam prestar bons serviços á patria, como Carvalho mais tarde o mostrou no anniquilamento dos desordeiros de *Panellas* e *Jacuhipe*.

Claros exemplos deste mesmo teor deram-se depois em 1842 e 1848 : quanto não mereceram, passada a

luta, os batalhadores della, e no numero destes os benemeritos que ainda vivem?

Tanto essas commoções não tiveram plano de revolta perigosa para o Estado, e foram por assim dizer desabafos de paixões momentaneamente exaltadas por parcialidade decahida, que o resultado, se ganhassem, vinha, sem contestação, a dar no mesmo.

Quem reflectir no empenho e esforços dos atacantes do Recife, em 2 de Fevereiro, para tomar a cidade, ha de cuidar que no ganho da acção estava o *busilis*, o qual se não effectuou pela catastrophe de Nunes Machado.

Porém o desfecho final viria com mais demora, a ser identico; Coelho cercava pelo centro; a esquadra no porto; dalli para o norte e para o sul ninguem se movia a favor daquelles homens envolvidos, sem o pensarem, em um incendio, ateado imprudentemente na Côrte.

Notamos estes exemplos, conhecidos agora, para deduzir a desnecessidade das execuções de que tratamos. E' bem verdade que ha a descontar os tempos e as mudanças operadas de espaço a espaço. Todavia em épocas muito mais atrazadas não se dava vulto a brigas em que não perigasse formalmente a nação, ou houvesse uma grande idéa a realizar; para castigo dos pequenos tumultos havia galés e degredos; e só empregavam severas punições, quando, por exemplo, D. João II e Luiz XI de França trataram de esmagar o feudalismo; e D. João IV em 1641, tinha necessidade de intimidar com estrondoso feito os rebeldes refractarios e a poderosa Hespanha que se oppunha ao acto da acclamação, sendo mister envolver no castigo a propria nobre casa de *Villa Real*.

Esta desordem, portanto, iniciada por Carvalho, que lhe deu o nome pomposo de *Republica do Equador*, avaliou-se devidamente na côrte, a ponto de nomear-se Ferrão como meio termo entre os dous desavindos; porém no fim das contas e no melhor da empreza uma deliberação funesta da capital fez enlutar os habitantes, não devida ao Imperante, como se dizia, que era calmo e generoso, e disso deu evidentes provas em toda sua vida, mas

a instigadores encobertos, e alguns nortistas, que desta fórma o expunham e de facto o collocaram na frente de desastres até 1831, sem que o inexperiente Principe pudesse com tempo conhecel-os. [10]

Annunciado o dia para a execução de Agostinho, partiu com elle o prestito quasi a passo dobrado.

Caminhava aquelle homem para o ultimo fim da sua existencia tão tranquillo como num passeio regular, isto é, assim parecia exteriormente : ha grande duvida em acreditar-se que o mesmo acontecia lá por dentro. Em todo caso é certo que nunca mudou o prazenteiro ar, e nas *Cinco Pontas* morreu como heroe ; seguiram depois a mesma sorte tres infelizes em um só dia : Bartholomeu, o capitão Nicolau e outro.

Nicolau, que nos combates havia dado, como se dizia, sobejas provas de intrepidez e denodo, ao descer as escadas da cadêa empallideceu horrivelmente e cahiu desmaiado, sem signal de movimento algum.

Mandou-se vir um carretão raso, e nelle estendido o padecente, joven cheio de vida, assim caminhou com seus companheiros de infortunio até o ponto fatal.

Foram fuzilados ; sendo preciso prender ao poste o desfallecido. A' primeira descarga nenhum cahiu, e da segunda só um veiu á terra.

A pressa de carregar de novo as armas, os clamores daquelles homens já feridos, instando altamente para que os matassem logo, produziu certa confusão inesperada, e pela qual desappareceu a etiqueta militar usada em taes actos. O pelotão indistinctamente approximou-se, e cada soldado, o que primeiro carregava sua espingarda, ia atirando a queima-roupa numa das victimas que lhe parecia mais necessitada de seu auxilio ! Parecia uma carnificina.

---

[10] Parece que daqui partiu a preferencia de Barroso para senador em 1826, e um quasi esquecimento de Lima, que em 1830 é que foi nomeado *general das armas* da côrte até 7 de Abril de 1831, quando prestóu, por sua costumada moderação e acertos, relevantes serviços á ordem publica, e reappareceu, por justo merito nos mais elevados cargos da nação.

Appareceu um soneto attribuido a Canéca, com allusão ao desmaio do capitão Nicolau, o qual assim dizia :

Não temas, Nicolau, menor saudade
De a existencia perder na flor dos annos ;
Heroes houveram gregos e romanos
Que a vida acabaram por vontade.

Catão, tendo perdido a liberdade,
Em si crava o punhal, previne os damnos ;
E Socrates, entregue aos tyrannos,
Bebe a cicuta e vôa á eternidade.

Heroismo é virtude requintada,
Que, sendo por certos actos combatida,
Prefere á vida uma morte honrada.

Eia, pois, segue a estrada conhecida,
Por tantos patricios nossos já trilhada,
E que só ás almas fracas intimida.

Tocou a vez do nosso chorado patricio frei Joaquim Canéca.[11] Representava a edade de 50 annos ou pouco mais, corado, alvas cans, meio cheio de corpo, ar honesto e notavelmente resignado, sem mostra exterior de susto nem ostentação de coragem.

Desceu as escadas da cadêa de habito da Madre de Deus e seguiu com a tropa em alas até a capella *do Terço*, termo de duas ruas que ahi se confundem em uma só, bem espaçosa, até o largo das *Cinco Pontas*, terminando o seu lado direito no sobrado do Peixoto, em frente ao curral do *Açougue*.

No adro desta igreja do Terço e contiguo á porta principal havia-se armado de antemão um altar portatil

---

11 Nome que li de um moderno escriptor : não contestamos. Cremos que ouvimos nomear nesse tempo, em Pernambuco, Miguel Joaquim Pegado Caneca.

completamente paramentado, e já alli reunidos alguns ecclesiasticos, vestidos com suas roupas de gala, á espera da comitiva.

Fez-se com a tropa um grande circulo, e se mandou afastar do logar da scena o algoz, ajudante, meirinhos, ficando o padecente, que o principal dos padres, o que presidia o acto, convidou a approximar-se do altar.

Revestiram-no com todas as alfaias proprias para celebrar ; e depois de assim ataviado e de pé, e collocados dous padres cada um com seu missal nos topos do altar, teve começo a ceremonia solemne, estranha e admirada de todos os que presenciaram, successo novo, espantoso, nunca acontecido.

Aquelle padre que ficava em um dos topos abriu o livro e leu por pouco tempo ; o outro respondeu lendo, parecendo uma especie de dialogo, e com este signal acenado pelo primeiro a outro sacerdote que estava junto de *Caneca*, despiu deste a casula, aspergindo-o antes.

Depois de outra leitura e egual resposta e aspersão, tirou-se a estola: desta houve oblação de incenso ; em seguida com igual etiqueta, menos a oblação, o manipulo; logo o cordão; depois despiu-se a alva e da mesma fórma o amito, pondo-se remate á operação com a tirada do habito. Ficou desautorado, em camisa e calça de ganga amarella. [12]

Chegado o ceremonial a este ponto, e postos de pé os sacerdotes que liam, circularam o padecente e lhe applicaram com as mãos alguns signaes na corôa, acompanhados tambem de aspersão, e por ultimo o entregaram a um meirinho, que fizeram chegar, e que o vestiu de novo com a alva branca dos condemnados.

A paciencia e resignação da victima foi completa.

Findo o acto, marchou com ella o acompanhamento até o largo destinado, subindo *Caneca* as escadas da

---

12 Diziam os mais entendidos na materia que aquellas formalidades chamavam-se desautoração das ordens, para poder o réo ser enforcado.

forca com desembaraço e descansando em meio della á espera de seu ultimo fim.

Não tardou a perceber-se entre o grupo que rodeava o magistrado director da execução uma especie de alteração: era o algoz que recusava exercer o seu officio; ordens, ameaças, de nada serviram para o tirar de sua obstinação. O ajudante, intimado para subir, não acceitou egualmente a intimação.

A' vista de tal difficuldade o juiz mandou-os para a cadêa e ordenou que de lá trouxessem qualquer sentenciado para servir no acto.

Demorou horas a vinda da resposta negativa: nenhum preso se prestou a servir de carrasco; ameaças e gratificações de nada serviram.

A' vista do que combinou o ouvidor do crime com o commandante da força para ser o condemnado entregue á alçada militar; desceu a escada; fincou-se o poste, avançou o piquete, e... suas ultimas palavras foram: *Meus amigos, peço que não me deixem padecer por muito tempo*... e assim aconteceu; á primeira descarga cahiu sem vida.

S. João da Barra, 10 de Fevereiro de 1878.

FERNANDO JOSÉ MARTINS.

**Dr. Joaquim Manoel de Macedo**

*1º Secretario desde 21 de Dezembro de 1852 a 20 de Dezembro de 1856.*

N. em 24 de Junho de 1820. + em 11 de Abril de 1882.

## S. PAULO

---

# MANUSCRIPTOS DO EX-REGENTE FEIJÓ

### Esclarecimentos

---

O governo, installado a 17 de Maio, na cidade de Sorocaba, pela denominada *rebellião de* 1842, teve uma imprensa em que se publicava *O Paulista,* folha de pequeno formato, redigida pelo senador Diogo Antonio Feijó. Apenas sahiram á luz quatro numeros do *jornal official*, o primeiro a 27 de Maio, o segundo a 31, o terceiro a 8 de Junho e o quarto a 16 de Junho. Nas vesperas de ser publicado o numero 5 deu-se a debandada dos revolucionarios, ao approximarem-se de Sorocaba as forças ao mando do, então, barão de Caxias, e a *typographia do governo* deixou de trabalhar.

Os materiaes para esse numero já tinham sido distribuidos aos compositores; um destes guardou os que recebeu: são os mesmos que envio á commissão do « quinquagenario do Instituto. »

São todos da lettra de Feijó, e da sua muito conhecida orthographia. O primeiro inscreve-se ARTIGOS DE OFFICIO, e corresponde ao que hoje se denomina PARTE OFFICIAL, tendo por fim tornar conhecidos os actos do governo. O segundo, A PROVINCIA DE CORITIBA, combate a aspiração que a camara de Coritiba, então pertencente á provincia de S. Paulo, manifestava de constituir-se separada desta.

O terceiro, SUSPENSÃO DE GARANTIAS, censura essa providencia tomada pelo governo imperial. O quarto, O GOVERNISTA, é uma resposta dada por Feijó ao jornal daquella denominação, que alludira ao pedido feito ao governo imperial por Feijó, relativamente a uma pensão de 600$000.

---

## I

### Artigos de officio[1]

A Coluna libertadora regresou para esta cidade por aver noticia, de que as forsas contrarias pretendião atacala sem ser apercebida ; E quando isto não acontesa, reforçada ela com nova gente de Itapetininga, Faxina, e Araraquara poderão eispurgar algumas povoasões vesinhas de alguns inimigos que as incomodão ; depois caminharão seriamente a tomar a capital.

Apenas xegarão á Campinas 150 omens ; apesar de todas as cautelas, forão apersebidos, e antes que se reunisse o numero, que se pretendia reunir, forão atacados as tres oras da tarde do dia 2.° por alguns 600, entrando neste numero mais de 400 de tropa de linha. Os nosos resistirão por mais de 1 ora, e acabado o cartuxame das pesas[2] retirarão-se, deixando a bagagem, e poucos mortos, constando ser muito grande a perda entre mortos, e feridos dos inimigos ; mas breve sofrerão as consequencias deste atentado.

---

[1] Conservou-se a orthographia dos originaes.

[2] Aqui, está no original a palavra *fugirão*, corrigida a lapis para *retirarãose*.

N. da R.

Continùão com actividade as providencias, e preparativos para uma aporfiada luta. Vãose por em pratica os ataques de guerrilhas, e emboscadas pelas estradas todas, com cujo sistema seremos invenciveis.

Apesar das dificuldades das comunicasões, receberãose das Vilas do Norte, pelas quaes é mui provavel, a esta ora, estarem em marxa sobre a Capital.

Consta que a Comarca de Coritiba pretendia aclamarse Provincia.

---

II

## A provincia de Coritiba

A noticia de que tratavase na Comarca de Coritiba de aclamarse Provincia, parecenos ûm sonho. Tão pequena povoasão pertender carregar as despesas de uma Administração independente, onde é indispensavel uma Presidencia, uma Asemblea Provincial, uma Tesuraria, Forsas etc., onde alem das despesas tem de ser incomodada tanta gente ; e que alem diso nunca obterão respeito do Governo geral em rasão de sua pequenez ; e que ao principio tem de lutar já contra a perseguisão dele, porque o atentado é não só contra as leis, mas contra a Constituisão, com efeito parece sonho ; mas depois que lemos o *Governista* onde se aprova esta triste lembransa, e como aconselha, então não duvídamos que o mesmo Governo tenta eludir os Coritibanos por esta pueril vaidade, privandonos asim dos auxilios destes.

Comarca de Coritiba, nós vos desejamos toda a prosperidade, acautelaivos

porem de quem vos aconselha ûm crime, e do qual nenhuma vantagem vos resulta. Alerta! atendei bem para ese mimo fatal, que se vos oferece. Unidos, somos Paulistas, mas divididos seremos presa do Governo.

---

III

## Suspensão de garantias

Com rasão se diz — que ûm abismo xama outro abismo —. O Governo provocounos; quiz conhecer té onde pode xegar o pundonor dos Paulistas; nada tem poupado para desenvolver noso valor e nosa teima, e para esmagarnos não duvidou pisar ainda uma vez a Constituisão. Esta permite a Asemblea geral suspender as garantias nos 2 unicos casos — *Rebelião*, ou *invasão de inimigo pedindo a Seguransa* do Estado. — Não estando porém reunida a Asemblea, e *correndo a patria eminente perigo*, *poderá o governo* etc. Tem o governo na verdade usado já algumas veses deste direito; mas delegalos ao Presidentes e fora dos casos marcados na Constituisão! é atentado inaudito! Mas tudo deve esperarse do Ministerio actual!

Estão com efeito suspensas as garantias nesta Provincia pelo Presidente Bahiano, e desde 22 de Maio té 22 deste, em que estamos, e por uma simples ordem sua, sem ao menos dignarse publicar o Decreto, que o autorise! e nem ao menos mensionar a data!!! Brasileiros, onde estamos? Ainda acreditareis que tendes Constituisão? A nosa Constituisão actual é a vontade de Vasconcelos eisecutada fielmente pelos Ministros de Estado; que vergonha! Infeliz

Imperador, que apenas podeis xorar sobre as degrasas de vosos subditos sem poder retirar da vosa presensa eses monstros, que nos devorão ! Brasileiros, libertai vosso Monarca, pondeO em estado de que nos posa governar, segundo os impulsos de seu inosente corasão e os ditames da Constituisão, aliás pereceremos todos.

---

IV

## O Governista

A folha do Governo continua as suas mentiras.

Não se esqueceu de nós : muito teria que dizer talvez com verdade ; mas para desempenhar o conseito que dela se forma, lansou mão somente de falsidades. E entre outras que calamos notaremos unicamente o avansar descaradamente que requeremos uma pensão a S. M. I. por não podermos ir ao Senado; quando nós apenas em uma carta particular ao S. Antonio Carlos, a qual andou impresa, lhe rogamos, que obtivese da generosidade do Imperador uma pensão de 600$, porque aviamos vendido o pequeno estabelecimento que tinhamos em S. Paulo, e que antes de aprontarmos outro em S. Carlos fomos atacado de parlesia, e que por esa causa pouco progresso podia ele ter ; e mostravamos que a nasão não tinha prejuiso ; porque deixando de receber o subsidio de 3:600$, uma vez que não pudesemos acumular, ainda o Tesoiro lucrava. Esta é a verdade ; bem como que S. M. concedeunos não 600$, porem 4 contos e

sem a eisclusão, que lembravamos, e não só em atensão aos servisos prestados, e notese, que nunca alegamos servisos, como por axarmonos enfermo.

Lembramos isto não ao Redactor, mas ao publico para que saiba o como obtivemos a dita pensão, que tanto molesta alguem.

Desde 1821 servimos ao Brasil por ser noso dever e não para pedirmos paga deses poucos servisos que prestamos.

AMERICO BRASILIENSE,
Socio correspondente do Instituto.

# MEMORIA

sobre a estructura geologica dos terrenos da parte austral do Brasil, e sobre as solevações que em diversas epocas modificaram o relevo do solo desta região: por M. A. Pissis. Apresentada á Academia de Sciencias de França, na sessão de 27 de Junho de 1842. (*Memoires de l'Académie, X.* Paris. 1848, pag. 353 á 413: com 2 mappas e 8 planos).

Traduzida pelo Barão Homem de Mello

---

A' tres épocas differentes se devem referir as diversas solevações de que se encontram traços na parte austral do Brasil.

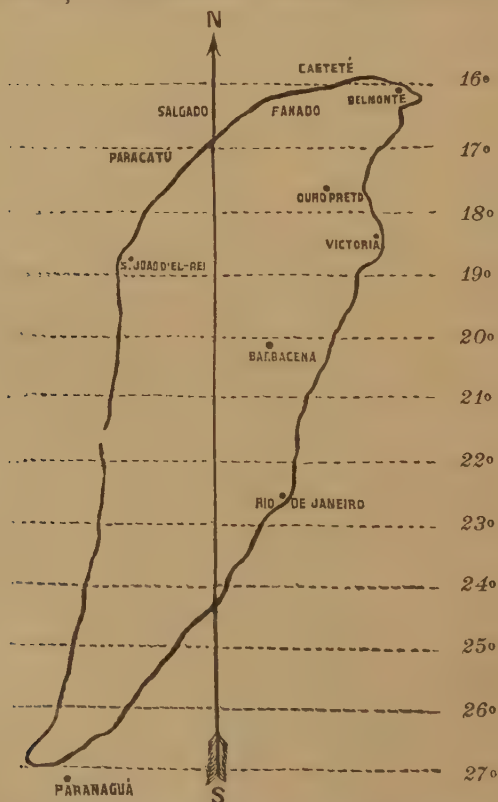
A mais antiga, tendo soerguido na directriz E. 38° N., a O. 38° S., as camadas de gneiss e dos talcitos phylladiformes, corresponderia ao systema do *hundsrück* ou á mais antiga solevação, assignalada por E. de Beaumont. Mas esta se distingue sobretudo da solevação observada na Europa por serem exclusivamente crystallinas as rochas aqui soerguidas: salvo si se quizesse considerar os quartzitos pseudo-fragmentarios e alguns satellites phylladiformes como rochas de sedimento, as quaes neste caso representariam a parte mais antiga do terreno de transição.

A segunda solevação ter-se-ia realizado na direcção EO.

Corresponde ao fim do terreno de transição, e é caracterisada pelo apparecimento á flor da terra de rochas amphibolicas, que se expandiram sobre este terreno á maneira de lavas, ou formando longas linhas de collinas, orientadas de E. a O. Reconhece-se esta solevação não só nas partes occupadas pelo terreno de transição, mas ainda em muitas cadêas unicamente formadas de rochas crystallinas, taes como o massiço do Corcovado na cidade do Rio de Janeiro, a serra dos Orgãos, o Itacolomi e a maior parte das cordilheiras mais elevadas

da provincia de Minas-Geraes, entre outras a que separa as aguas do S. Francisco das do Paraná.

Emfim, a terceira solevação ter-se-ia operado ao terminar o deposito terciario, cujas camadas foram por elle soerguidas. Esta solevação estendeu-se do N. 17° E. ao S. 17° O., pelo que deve ser referido ao systema dos Alpes occidentaes, vindo a collocar o terreno lacustre de Santo Amaro na mesma linha do da Limagne, com o qual apresenta assignalados caracteres de semelhança.

FORMAÇÃO GEOLOGICA DO CONTINENTE BRASILICO

(Carta da parte austral do Brasil durante o deposito do terreno siluriano, por **M. A. Pissis**.)

Remontando-nos agora ás epocas mais remotas dos tempos geologicos, vemos antes de tudo as rochas crystallinas da parte austral do Brasil formarem uma ilha assaz consideravel, cuja fórma era a de uma ellipse alongada, tendo o seu maior eixo na direcção de NE. a SO., e que estendia-se entre 16⁰ e 27⁰ de latitude austral. Ella era atravessada em todo o seu comprimento por cadêas de montanhas parallelas ao seu eixo, offerecendo um relevo analogo ao que apresenta o intervallo comprehendido entre o mar e a serra da Mantiqueira.

Já a esse tempo, através das largas fendas produzidas pela solevação dos gneiss e dos talcitos, se tinham expandido granitos de grão fino, abrindo uma passagem ora na base das montanhas, ora em sua parte austral, onde elles apparecem em possantes bétas, orientadas segundo o eixo das mais altas cadêas.

Depois da emissão destes granitos que se podem referir ás primeiras revoluções do globo, o continente, ou antes a ilha brasilica, gozou de um longo periodo de repouso, durante o qual as camadas do terreno siluriano se depuzeram nos mares occidentaes, no espaço occupado hoje pelas vastas planicies do S. Francisco e do Paraná. Alguns sêres vivos depositavam seus restos na parte superior destas camadas, caracterisadas pela presença do calcareo e de poderosos depositos de silica gelatinosa, quando uma segunda revolução veiu subitamente interromper a continuação destes phenomenos.

As camadas do terreno siluriano são solevadas em alguns pontos á uma altura de 1000 a 1100 metros do nivel do mar. As grandes deslocações, que se operam na linha EO., fazem-se sentir ainda sobre as partes emergidas das rochas crystallinas, e imprimem ás primeiras cadêas de montanhas um segundo movimento, que, não podendo mudar sua direcção, levanta as suas linhas de cumiada e lhes dá uma inclinação geral de S. para N., ao passo que, nos intervallos que os separavam, formam-se novas montanhas dirigidas de E. para O., excedendo muitas vezes em altura as cadêas formadas pela emissão dos granitos.

A esta época devemos referir os massiços mais elevados da serra do Mar, como a serra dos Orgãos, serra da Penha, e os grupos isolados do Corcovado e de Cabo-Frio, e emfim as altas cordilheiras de Minas-Geraes. Por toda a parte em que estes movimentos do solo se fazem sentir, dioritos se escapam por largas fendas e se estendem sobre as rochas estratificadas, cuja composição ou structura ellas modificam, transformando os calcareos argilliferos em calcareos compactos ou saccharoides, bem como em dioritos estratiformes, os gneiss que se acham em contacto, formando assim, no meio das planicies occupadas pelos grés do terreno siluriano, longas filas de collinas de E. a O.

O resultado destas poderosas perturbações foi um accrescentamento consideravel da area da parte emergida. O mar foi repellido muito mais para o N. e para O., e a parte austral do Brasil offereceu desde essa época uma configuração já muito semelhante á que hoje apresenta.

Com effeito o massiço central da provincia de Minas existia já, e bem assim a serra da Mantiqueira e a serra do Mar; os valles longitudinaes eram, pois, os mesmos que hoje, e as aguas, que escapavam destas altas terras, deviam, reunindo-se, conforme as mesmas leis geraes, formar rios, semelhantes em sua direcção aos que banham ainda estas regiões.

Na embocadura destes rios os detritos desaggregados das montanhas vinham formar vastos deltas, que a mais e mais conquistavam espaço sobre o mar, do qual algumas partes submergidas foram solevadas no fim do periodo terciario, e suas camadas, nas quaes se encontra ainda um grande numero de conchas analogas ás que ainda agora vivem nos mesmos logares, foram levantadas 150 a 200 metros acima do nivel do mar.

Este movimento, que se propagava de N. 17° E. a S. 17° O., parece se ter feito sentir egualmente sobre o terreno de transição que occupa o sul da provincia da Bahia, ao qual teria impulsado um duplo declive para o mar de um lado, e para o S. Francisco de outro.

O certo é que esta revolução é a ultima que deixou traços no sul do Brasil. A partir desta época só se encontram camadas de detritos sensivelmente horisontaes, e cuja superficie se acha interrompida por alguns valles de denudação. Estas camadas parecem ligar-se á época actual por bacias turfosas, em que se encontram vegetaes identicos aos da flora actual, como sejam rubiaceas approximando-se do genero cœphaélis e eriocaulon e cyperaceas.

# PARÁ

# MANUSCRIPTOS INEDITOS

Remettidos do Pará pelo socio correspondente

o Sr. Dr. José Joaquim da Gama e Silva

O primeiro é um officio do afamado medico Dr. Antonio Corrêa de Lacerda á camara municipal de Belem sobre a Cholera-morbus, onde assevera que ella invadiu o Pará em 1833.

O segundo é um officio do commissario hespanhol D. José de Iturriaga ao capitão-general Mello e Castro, sobre trabalhos da linha divisoria no Rio Negro.

O terceiro é uma participação do tenente-coronel commissario de limites, João Baptista Mardel, ao governador Caldas, do colloquio que teve com o commissario hespanhol sobre protellações dos commissarios portuguezes.

O quarto são cartas do conde Casa-Sipre (?), instando para que lhe concedam retirar-se á sua custa, pelo Pará, para a Europa, em vista de sua avançada edade e achaques; mesmo como prisioneiro, mesmo abandonando um sobrinho e toda sua comitiva, com excepção de um criado tão velho como elle ; obrigando-se a não olharem para nada, nem de cousa alguma darem fé ; e ainda, no caso contrario, a serem reenviados á sua custa para onde estão.

Esse hespanhol, natural de Quito, segundo o Sr. Dr. Gama e Silva era commissario da demarcação de limites.

Taes cartas são tão instantes, e revelam tão grande receio e terror de não serem attendidas, — que são a melhor demonstração do grau a que chegava o ciume e o egoismo de Portugal, e sem duvida da Hespanha, no receio de verem suas possessões conhecidas pelo extrangeiro; o que fará diminuir a estupefacção que hoje causa o aviso de 2 de Junho de 1800, mandando prohibir o transito e indagações do viajante barão de Humboldt e de qualquer outro extrangeiro ou mesmo portuguez que seja suspeito ; e explica o isolamento voluntario do Paraguay de Francia e de Lopes, e a detenção perpetua do sabio Bompland, apezar mesmo dos empenhos e rogos do Brasil, unica nação cuja amizade Francia buscava. [1]

---

A cholera-morbus já existiu no Pará, e a cholera morbus já deixou o Pará ;— os annos de 1833 e 1834 (parte dos) foram os escolhidos por ella para representar as suas dolorosas scenas : Graças á providencia que apenas consentiu o ella apparecer entre nós com tanta benignidade que a sua existencia e estragos mal foram suspeitados e menos temidos pelo povo. Continúo a estar persuadido, como sempre, que ella não é contagiosa. Os governos que melhor cuidarem dos seus interesses serão aquelles, que, procurando salubrisar as povoações, e illudir o terror publico, poserem menos estorvos as communicações commerciaes e se occuparem com particularidade dos meios com que os pobres devem ser soccorridos no tempo da sua invasão : o governo francez, Pariz, a immortal Pariz, offereceu a este respeito um modelo difficil

[1] Conserva-se a orthographia dos manuscriptos.

N. da R.

a imitar, e ainda mais difficil a exceder. A constituição cholerica só pela naturesa pode ser emendada; a mão do homem apenas a pode adoçar. Trabalhos tenho entre mãos a este respeito: logo que elles estejam concluidos, o que meus affaseres não permittirão em pouco tempo, eu dirigirei ao governo central um extracto das minhas opiniões sobre tal objecto.

E' o que se me offerece responder ao officio que V. S. me dirigiu em data de 4 do corrente, com a copia nelle mencionada. D.ˢ G.ᵉ a V. S.ª Cid.ᵉ de Belem do Grão Pará 8 de Agosto de 1834.

Illm. Sr. Manoel Sebastião de Mello Mor.ª Falcão, Presidente da Camara Municipal.—*Antonio Correa de Lacerda.*

---

Ex.ᵐᵒ S.ᵒʳ

Mui S.ᵒʳ mio. La carta de V. E. de 16 de Henero del año corriente que recivo dé manos del Teniente coronel Dn. Gabriel de Sousa Filgueyras, me enpeña al mayor reconocimiento, asi por la finesa de sus expresiones, como por las manos que la conduzen. Son de mucho aprecio las ofertas de la generosidad de V. Ex., y mui conformes a la estrecha alianza, a la correspondencia, y a la firme amistad que reina felismente entre nuestros Augustos Soberanos, y quisiera, que mis facultades fueran mas dilatadas para servir a V. E. com mas proporcion.

La grande distancia de las minas de Coyuabá y Mato Groso en cuyo Govierno se alla el Sr. Dn. Antonio Rolim de Moura, nombrado por S. M. F. plenipotenciario para las conferencias de

Rio Negro, retardara este paso, que debe preceder a la grande obra de la Linea Divisoria : pero la buena disposicion de sus executores y las providencias de V. Ex.ª haran resarcir este retardo y ganar tiempo en las operaciones. Aunque V. E. tendrá mui presentes los puntos precisos de viveres, embarcaciones acomodadas para sus respectivos destinos, Indios bogas e caudales, espero que no llebará a mal, que se los recuerde, siendo todo dirigido al cumplimiento de la voluntad de nuestros Amos, y que me concederá los avisos correspondientes á cada una de estas importancias, en inteligencia de que su falta no diferirá mi viage al logar de las conferencias, mediendo el tiempo que señala V. E. a la venida del Sr. D. Antonio Rolim de Moura.

Los buenos modos, y buen stilo del Teniente-coronel Dn. Gabriel de Sousa Filgueyra, me dejam apasionado á su persona y con deseo de sus adelantamientos. Yo se los pido a V. E., y le suplico, quiera conceder a mi obediencia el gustoso exercicio de sus preceptos.

Dios gu.ᵉ a V. E. m.ˢ ans. Cabruta 1.º de Junio de 1760.

Exm.º Sr.

B. L. M. de V. Ex.ª su m.ᵒʳ servidor.

D. José de Iturriaga.

Exm.º Sr. D. Manoel Bernardo de Melo e Castro.

Ill.$^{mo}$ e Ex.$^{mo}$ Sn.$^{r}$

Na participação inclusa verá V. Ex.$^{a}$ a Converça que comigo teve o Hespanhol na manham do dia 20 do Corrente, e della deduzirá V. Ex.$^{a}$ o que bem lhe parecer, podendo eu assegurar a V. Ex.$^{a}$ que por agora não ha mais novidade senão a de poucos dias antes, me dar parte de que pretendia mudar a sua ferraria para a sua Ribeira, se eu não achava inconveniente : ao que lhe disse que a sua Ferraria, e tudo o que S. S. quizece, pois eu lho não podia embaraçar.

A respeito da falla inclusa desejo que V. Ex.$^{a}$ me illustre para saber o que devo obrar que seja mais acertado.

Elle estace preparando para fazer huma illuminação, e pertende dar Ceia, ou pucaro de agoa, creio que em dia de S. Francisco, dizendo-me que elle recebéra a noticia de V. Ex.$^{a}$ com o Officio de participação das Serenissimas Nupcias e me pedio que em concurço com elle fizece os demostrativos applauzos, em cuja occasião pertendo com uma illuminação tambem dar um pouco doce.

D.$^{s}$ G.$^{de}$ a V. Ex.$^{a}$

Ega 23 de Setembro de 1785.

Illm.$^{o}$ Ex.$^{mo}$ Sr. João Pereira Caldas.

João Bap.$^{ta}$ Mardel.

---

Illm.$^{mo}$ Ex.$^{mo}$ Snr.

No dia 20 do corrente veio ao meu Quartel o Commissario Hespanhol, e depois de larga conversa em que politicamente o entertive, tendo percebido

que elle vinha com tenção de me fallar em alguma cousa; saltando toda a materia em que se fallava, principiou desta forma: « Snõr. F., V. M.ce sabe que estamos aqui embaraçados de continuar o curço da Demarcação pela proposta que o Exm.º Sr. João Pereira Caldas me fez, quando em 84, no meu Quartel, junto com V. M.ce me fallou, a que felismente dei a mesma resposta que da minha Côrte me instruião em cartas que S. Ex.ª me remeteu depois de partir e que eu conheço forão expreçamente retardadas; nellas por Lisboa, e despois por Quito me vierão resoluçoens de approvado o que athe alli tinha feito, e poderes com instrucçoens do que para o futuro devêra faser, com um Plano de Direcçoens, de que já fiz participante a S. Ex.ª por diferentes vezes, e a que o mesmo Snõr me não tem dado resposta; e como vejo que bisto he querer por em dilação o complemento do Tratado, querendoseme faser carga das dificuldades e embaraços quando por parte dos Snrs. Portugueses he que os ha; sou obrigado a requerer a V. M.ce uma conferencia ou permitir-me que lhe dirija alguns Officios sobre este ponto, para que a minha Côrte se persuada de que pela minha parte não é o embaraço, e que eu faço todos os esforços para que se continue esta Diligencia, nestes termos elleja V. M.ce o dia em que deverá ser a Conferencia na qual pertendo primeiro que tudo que V. M.ce debaixo de palavra de honra digão que farão bom tudo o que eu propuzer, pois são pontos que ainda tenho occultos e que quero saber se V. M.ce tem como eu poder para os ultimar, para que não fiquem sujeitos a anullar S. Ex.ª o Snr. General Commissario Portuguez, tudo como por differentes veses tem feito a Instrumentos que se lavrarão

entre mim e seo antecessor de V. M.ce cujos Instrumentos suppostos annullados por parte de Portugal estão approvados pela Côrte de Madrid, mas que havendo de se continuar taes anullaçoens não se póde continuar a Demarcação pelo que fica susceptivel de haverem embaraços a cada instante, em que se dependa da approvação ou reprovação do Snr. General Commissario de Sua Mag.de Fidelissima, a que eu não quero nem devo estar sujeito, assim como V. M.ce não deve estar sujeito as decisões do Snr. Vice Rey de Lima.

Respondi :

Dirija-me V. S.a os officios que quizer que eu responderei a elles, mas emquanto a Conferencia sobre pontos de Demarcação, como isso ficou suspenso pela duvida que houve de parte de V. S.a até decisão das Cortes eu não farei nem huma, e quando a fizece, a qualquer proposta de V. S.a responderei isto mesmo. » Instou : « Quando eu não soubece que V. M.ce a qualqer Officio só me dá respostas paleativas com pretexto de molestia em quanto lhe vem as decisões de Barcellos (que vergonha para mim ! ), as quaes se retardão tres e quatro mezes, taes forão os ultimos que lhe dirigi, eu pretendiria uma resposta Cathegorica sobre a entrega do que não ha duvida, que é o terreno da Bocca do Javari, onde se Collocou o Marco até a Bocca mais occidental do Iapurá onde se collocou o outro, e fiquemos embora esperando as Resoluçoens das Cortes a respeito do mais, que provavelmente não será como os senhores Portugueses intentão.

Esta é a que quero pedir em Conferencia, e não em Officios porque este não tem vigor do que se assenta em huma assembléa authorisada. »

Vendo pois quê me apertava os cordeis tanto e que não accedia aquella resposta que lhe tinha dado, disse: « Snr. Dn. Francisco, eu não estou authorisado de ultimar coisa alguma da Demarcação, e nestes termos não vou a Conferencia dessa natureza.» Instou:— « Quero pois saber com quem heide conferenciar: com S. Ex.ª não, porque não me compete como me disse; V. M,ce não está authorisado; neste embaraço estaremos toda a vida, quando a minha Corte entende que da parte de Portugal vem Commissarios com eguaes poderes aos meos.» — Conclui: — Digame V. S.ª isso mesmo em Officio, e responderei.»

Recolheuce por fim depois de desafogar quanto poude, esperançandome que me escrevesce, mas como ainda não vieram não quiz retardar esta participação, a qual se V. Ex.ª lhe parecer digna de resposta que me possa illustrar, estimarei que venha com brevidade, pois que esta conversa foi já em um tom um pouco decisivo.

D.ª G.de a V. Ex.

Ega em 23 de Setembro de 1785.

Illm.º Exm.º Snr. João Pereira Caldas.
João Baptista Mardel.

---

Ilm.º Senor Don Manoel de Gama Lobo de Almada

Ega 23 de Junio de 1791

Mui Sr. mio de mi mayor respecto. Em 11 de Junio de este mez, di quenta al Sr. Governador Comandante General

y Comisario principal de este partido de S. M. C. mi Soberano, de los motivos que me trajeron a esta Vila de Ega de S. M. F., que no dudo los pasaria a su segundo comisario que aqui reside. Con este motivo pasé tambien a suplicarle a dicho Sr. Comisario me permitiese pasar al Gran Pará, pero haviendome respondido, que solo al primer Comisario y Governador del Rio Negro que reside em Barselos correspondia esa faculdad. Al mismo dia me tomé la licensia de escrivir a V. S. Ilm.ª implorando su favor para que diese ordenes p.ª mi transporte, pero como despues he padesido dos ataques p.r la naturalesa del Clima de esta Vila que no me acomoda, y el temor de que se retardase la deliberacion de V. S. Ilm.ª p.r las naturales dificuldades de la navegacion del Rio, repeti mis instancias a este Segundo Comisario que constan en la copia adjunta que incluio a V. S. Ilm.ª para q.e me dejasi pasar a ofreserle mis respectos en Barselos, a boluntad, disposition de V. S. Ilm.ª y del S.r Capitan General, pero habiendose denegado á tantos allanamientos que he echo, buelvo a rogar a V. S. Ilm.ª se apiade de mi, por un efecto de su propria generosidad, por el amor a la humanidad y Hospitalidad, y por las entrañas de Maria Santisima para sacarme a la mayor brevidad del eminente riesgo que corre mi cansada edad y poca salud, la qne deseo y pido a Dios en V. S. Ilm.ª p.r m.s a.s de colmadas satisfaciones.

Ilm.º Snr.

B. L. M. de V. S. Ilm.ª su mas rendido e seguro servidor.

el Conde de Casa Sifer.

---

Sr. Comisario Dn. Juan Enrrique Wilchens (Duplicado — copia de la que le escrevi a este Sr. 2.e Comisario de Limites en esta Villa de Ega).

Mui S.r mio. V. S. sabe q. tengo escrito al Primer Comisario el Illm. Snr. Dn. Man.el Gama Lobo, Governador de la Capitania del Rio Negro, rogandole me permita pasar al Gran Pará, no solo por la piedad devida a un viejo caballero q. vino asta este Pais en la buena fee de q. seria bien resevido y hospedado de la Ill.e Nacion Portugesa, sino como a un Español aliado y amigo de ella, sino tambien como a un Individuo honrado, cuias intenciones son el bien e may.r union de las dos coronas, con veneficio a una y otra, a cuio fin desea comunicar sus ideas al Exm.o Snr. Capitan General del Pará para q. bajo su aprobacion pueda pasar a Lisboa, a los P. de la Reyna Fidelisima a hacerle sus proposiciones importantes a las dos coronas, condicionalm.te p.a quando sea apreciadas p.r mi Soberano el Rey Catolico, que no dudo cederá asi p.r el mismo amor y aliansas q. tiene contraedas con S. M. F., como p.r q. dichas proposiciones mismo concluen por evidencia al mutuo bien de sus Dominios y Vasalos.

He tenido el honor de que V. S. me ha visto e save q. a demás de una edad abansada y cercado de males havituales, espero mui poco de vida y duracion. La respuesta del Illm.e Snr. Gama puede tardar por diferentes causas naturales a la insierta Navegacion y dificultades de este Rio, y si a esta retardacion se aña de lo poco q. espero vivir, quedaran sepultados com mi vida mis buenos deseos de haser mas hutil la Aliansa a anbos Soberanos y tanbien moriran

comigo las esperansas e intereses de una dilatada familia q. dejo en Quito, de donde soy Natural.

En consideracion a estas extraordinarias causas q. deven interesar la Piedad de V. S., la del Illm.º Sr. Gama, y aun la de toda una Nacion tan Noble y Generosa como la Portugesa, he pensado en el advite de rogar a V. S. tome sobre si la deliberacion de enbiarme enbarcado en qualquiera Buque de la Nacion, a mis expensas e costes, con un sobrino e tres criados, para q. se nos consigne al Ex.^mo^ Snr. Capitan General, ó al Illm.º Snr. Gama, al mismo modo que se fueramos Prisioneros de Guerra, ó perjudiciales al Estado de Su M. F., sugetandome, a q. si no hallasen buenas mis rasones y nesesidad de pasar a Europa a ponerme a los P. de S. M. F., me bolverian a poner tanbien á mi costa y expensas en la Frontera de estes Dominios de S. M. F., donde pasaré los cortos dias de mi triste vida con humildad y resignacion a la boluntad de Dios, q. me ha traido a estas partes p.^r^ um errado consepto de q. no havia positivas ordenes y disposiciones para dar con las Puertas a la Cara a un Caballero basallo de S. M. Catolica, que tiene sobre su Corason Real a todos los de S. M. F.

Sirvase V. S. de hacer um maduro examen sobre esta mi respectuosa representacion, p.ª deliberar con la brevidad q. pide mi extrema nesesidad, p.ª q. yo tome mis medidas ; Entretanto q. pido a Dios por la inportante salud y bida de V. S., q Dios gu.^e^ m.^s^ a.^s^

Ega 23 de Junio de 1791.

(Rubrica do Conde)

Mui Sr. mio.

Parecerá a la discrecion de V. S., q. es exesiva la condicion en que me sugeto en esta carta p.ª lograr mi transporte a Europa, y algunos de mi Nacion condenarán mi conduta en entregarme a los Ministros de S. M. F. como un Prisionero, pero estes no consideraran q. si no tomo este Partido me dejaré morir miserablem.te en estos Montes, porq. me faltan fuersas para emprehender el trabajoso camino de Tierra q. traje de Quito, ademas de eso V. S. me hiso el honor de comunicarme q. los Ministros de estos Paises tenian expresa prohivision de su Augusta y Alta Soberana p.ª q. no dejen pasar individuo alguno a menos q. no trajesen expresa Orden ó Pasaporte de S. M. F. — Si espero esta Providencia para mis ulteriores solicitudes, temo no me llegue en vida, ó a lo menos q. quede interamente perdida mi salud, nestas Montanas en q. se carese de toda rasonable substancia; Perdoneme V. S. le haga presente q. la hordem de S. M. F. debe hablar de personas sospechosas q. como espias e Exploradores pueden traer e traigan algun perjuicio a sns Estados ahora, ó en los tiempos venideros, pues me parece q. no se deben entender con un Caballero Viejo q. no respira otra cosa q. el amor a su Soberano, e p.r consiguiente al de su Augusta Aliada y Parienta, conquien está en la mais perfecta Armonia. V. S. debe estar asegurado por las circunstancias de mi persona q. soy incapaz de exercitar el ruin y peligroso enpleo de Espionage, y para q. mas se asegure de que estoy distantisimo de ello y q. mi consiencia es sana y limpia, repito a V. S. que me constituio desde aqui al

Gran Pará, Prisionero condusido a mi costa, en cuio caso aun q. yo fuese un Argos, y llevase malas intensiones, no podrian perjudicar a los intereses de la Nacion mis informes, p.r q. seria hablar sin tino, el q. ade ir acantonado en un Camarote.

No obstante de la condicion que llebo propuesta, de condusirme como um Prisionero, añadiré en esta Posdata otra no menos Cruel, esto es, q. si V. S. desconfia de la compañia q. me hará mi sobrino y tres criados, como q. ellos como mas Mosos, podrian haser algunas obserbasiones, de q. son incapases, tanbien dejaré a mi sobrino y dos criados por q. como mas Mosos tienen fuersas p.a volverse por tierra y seguirme por la via de Guaiaquil, Panamá ó Cartagena, y Yo seguiré mi viage si V. S. me lo permite con un solo criado tan viejo como Yo, a ponerme a las ordenes del Exm.o Snr. Capitan General : Estos son unos állaniamientos q. si no me aseptan, y q. Yo perdiese mi vida, Creo que lo sentiria en lo mas vivo de Su Corason la Piadosisima y Soberana Reyna Fidelisima, y asi espero una pronta y categorica respuesta de V. S. para tomar mis medidas ofresiendome a V. S. con el mas sincero afecto su mui rendido servidor.

El Conde de Casa Sipre.

# EXCURSÕES GEOGRAPHICAS

PELO

Barão Homem de Mello[1]

*1872 — 1886*

I. Ascenção aos Picos do Itatiaia, do Itacolomi, e da Itabira do Campo. Congonhas do Campo. Alto das Taipas.—II. Campos da Bocaina. Bacias do Parahyba e do Tieté: divisor das aguas.—III. Morro de Arassoyaba. Fabrica de Ipanema. Rio Sorocaba. Salto de Votorantim.—IV. Excursão á Serra da Mantiqueira, pela Garganta de João Ayres.

---

## I

## Ascensão ao Itatiaia

EM JUNHO DE 1876

O viajante que da cidade do Rio de Janeiro se dirige para o interior, tomando pela estrada de ferro de Pedro II, transpõe primeiro a zona de *serra-abaixo*, cuja differença de nivel, na extensão de 63 kilometros pela linha, não vae além de 30 metros.

Ahi começa a *serra do Mar*, cuja escarpa, rasgando-se em profundos valles, é vencida por uma galeria de dezesete tunneis, sendo, no kilometro 89, transposta a linha de cumiada pelo *tunnel grande*, cujo cumprimento é de 2236 metros.

A altura dos trilhos neste ponto acima do nivel do mar é de 416,63 metros, sendo a altitude da garganta de 597 metros.

---

1 V. *Rev. do Inst. Hist.*, 35 (1872), parte 1ª, pag. 80.

Tem-se penetrado no extenso e pittoresco valle do rio Parahyba, formado do lado de léste pelas ramificações interiores da *serra do Mar*, e do lado de oeste pela alterosa serrania da *Mantiqueira*.

Ao chegar ao kilometro 203.600, na estação de Campo-Bello, avista-se nessa serrania uma gigantesca massa de montanhas, cujo cimo elevado apparece fechando o horisonte pelo lado de noroeste.

A estação do Itatiaia, no kilometro 211, é o ponto mais commodo para delle fazer-se a ascensão ao *Itatiaia*.

---

Tendo partido do Rio de Janeiro no dia 27 de Junho de 1876, fui, na fazenda do Itatiaia, reunir-me aos companheiros, que a convite meu acceitaram fazer essa excursão áquella elevada serrania, que avistavamos do trem da estrada de ferro, sem nunca termos tido occasião de visital-a.

Ao chegar eu á fazenda do Itatiaia, ahi encontrei reunidos já os meus companheiros de excursão para subirmos ao pincaro do Itatiaia.

Eram estes os meus amigos Dr. Luiz Dias Novaes, fazendeiro em S. José dos Barreiros, o tenente-coronel José Rodrigues de Toledo e Silva, advogado em Rezende, e o Dr. Antonio Fernandes da Rocha Leão, proprietario da fazenda do Itatiaia, á margem do Parahyba. Ahi pernoitámos.

Os terrenos em que estão as altas serranias do Itatiaia pertenciam então ao commendador Francisco Ramos de Paula, fazendeiro no municipio do Bananal, o qual mandára ordem aos seus empregados para podermos livremente percorrer os logares, que nos propunhamos visitar. A *Casa da Invernada*, no alto da montanha, foi graciosamente posta á nossa disposição.

O Dr. Rocha Leão fez-nos o obsequio de incumbir-se de tudo quanto era necessario para a nossa viagem e estada no Itatiaia.

---

No dia 28 de Junho, montados todos em excellentes animaes, traquejados em subir serras, partímos da fazenda do Itatiaia, pelas seis horas da manhã.

O thermometro de Fahrenheit marcava á sombra 64. O excellente aneroide, que levavamos, de Negretti e Zambra, observado a essa hora, indicou $0^m,738$.

No hypsometro de Casella, a columna de mercurio, sob a acção da agua fervendo, attingiu a 211.

A's dez horas atravessámos o ribeirão do Itatiaia, cujas aguas são de uma limpidez crystallina, permittindo ver distinctamente os objectos collocados em seu alvissimo leito de arêas. Chegámos logo a fazenda da Cachoeira, então pertencente ao referido commendador Francisco Ramos de Paula.

Esta fazenda fica na raiz da serra.

O thermometro de Fahrenheit marcava então $56\,^1/_2{}^0$. O barometro marcou $0^m,694$, e o hypsometro de Casella $208^0$.

Da estação do Itatiaia á este ponto vão 10 kilometros.

Começámos logo a subir a serra, e as duas e meia da tarde chegámos a um pittoresco valle, chamado *Coixos*, onde existe uma extensa plantação de macieiras, que ahi dão excellentemente.

No logar em que avistámos a ultima palmeira na subida da serra, até este ponto, o barometro marcou $0^m,652$, e nos *Coixos*, ás duas e meia da tarde, $0^m,624$.

A's quatro horas chegámos ao alto da serra, e, havendo atravessado o pequeno ribeiro da *Passagem*, apeiámo-nos na *Casa da Invernada*, com bellissimo tempo.

Pouco depois chegou o lote de animaes carregados, que nos trazia provisões de boca, leitos, e tudo quanto era necessario para uma commoda estada alli.

A' tarde desse dia passámos visitando os logares mais proximos, contemplando do morro do Rolador, a O. da casa, o immenso panorama, que ahi se descortina.

Desse ponto observa-se distinctamente, na face norte, a parte abrupta dos altos cabeços *Pedra do Couto*, *Pyramides* e *Cabeço de Pedra*, que irrompem da

gigantesca massa de montanhas, e apresentam as fórmas as mais originaes e fantasticas.

Pyramides. Casa da Invernada. Cabeço de Pedra.

O pincaro das Agulhas Negras fica mais ao N. e não é avistado da *Casa da Invernada*.

O resultado das observações no resto do dia foi o seguinte :

No alto da serra, quatro horas da tarde, barometro $0^m,599\ ^1/_2$ ; thermometro ao ar livre 65°.

*Casa da Invernada*, cinco horas, barometro, $0^m,599\ ^1/_2$; hypsometro $195\ ^4/_5{}^\circ$ ; thermometro 53.

A's oito horas da noite o barometro marcava ahi $0^m,499\ ^1/_4$ .

Pela manhã do dia 28, tendo diante de mim aquelle immenso horisonte e as serranias que ia visitar esse dia, minha alma abriu-se a essas emoções suaves e tranquillas, que nos desperta sempre a contemplação das grandes obras da natureza.

Em todos os tempos, desde a mais remota antiguidade, as montanhas têm fallado ao sentimento e á imaginação dos povos, como si nessas structuras maravilhosas houvesse a natureza encerrado os recessos mysteriosos do pensamento humano. Ahi, em seus antros profundos, os oraculos antigos transmittiam aos mortaes os vaticinios que decidiam dos destinos dos povos.

E depois que sobre a terra raiou a luz do christianismo, foi lá, no cimo dos altos montes, que a fé dos crentes elevou os monumentos de suas concepções imperecedouras.

*Fundamenta Domini in montibus sanctis* [2]

O hospicio do grande S. Bernardo, situado 2474 metros acima do nivel do mar, é ao mesmo tempo um monumento da fé e uma affirmação das energias do espirito humano, triumphando das forças rebeldes da natureza.

Pena é que no alto do *Itatiaia*, com um clima tão ameno, como si houveramos subido as mais puras regiões da atmosphera, a mão do homem civilisado não se tenha ainda apoderado dos elementos que a natureza ahi depoz ao seu serviço.

---

Com o espirito entregue a essas cogitações, sahimos a percorrer os pontos accessiveis do *Itatiaia*, guiados pelo nosso companheiro tenente-coronel José Rodrigues de Toledo e Silva, genro do proprietario da fazenda, o qual, tendo ahi estado muitas vezes, tinha a grande vantagem

2 Psalmos.

de conhecel-o perfeitamente. Delle podia dizer-se que era um verdadeiro *Tapejyára, senhor do caminho.*

Nos lagrimaes de agua parada encontrámos delgadas laminas de gelo, de tres millimetros de espessura, e em um corrego mais adiante, em uma bacia formada por uma pequena cascata, laminas maiores, perfeitamente geladas, de um centimetro e mais de espessura. Nesta cascata, que parecia uma graciosa miniatura destinada a ornamento de um jardim paizagista, observámos o phenomeno que nos annunciára o nosso companheiro, de estar gelada a parte exterior da columna d'agua, vendo-se esta deslisar-se por dentro, como si corresse na parede interior de vidro vasado em fórma de cascata.

Entretanto a temperatura da agua corrente no corrego da Passagem era de 41° Fahrenheit.

Havendo contornado o *Cabeço de Pedra*, pela sua face L. e N., entrámos em um espaço fechado de todos os lados por penedos enormes, que accentuam a physionomia desta região como uma paizagem typica, ou quasi a paizagem ignota de um outro planeta.

Dir-se-ia, ao penetrar neste mysterioso rincão de pedras, que temos diante de nós os logares fantasticos habitados outrora por sêres sobrenaturaes, ou pelos Titans da edade antiga, aqui soterrados debaixo dos destroços de um mundo em ruinas!

A denudação pluviatil, a acção lenta do gelo e a destruição meteorica, despedaçaram a superficie deste torrão; e sob o sudario de neve, que envolve estes cimos altaneiros, sente-se toda a omnipotente energia das leis latentes da natureza, que tão maravilhosamente esculpiram o relevo deste solo.

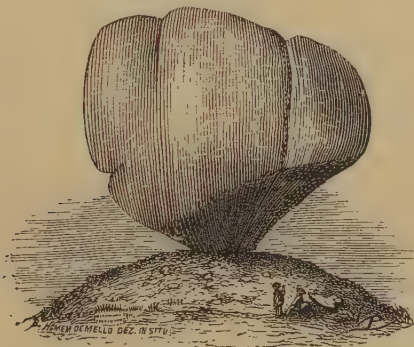
Encaminhámo-nos para a depressão que existe entre o *Cabeço de Pedra* e as *Pyramides*: deste ponto avista-se ao sul a *casa da invernada*.

O barometro marcou neste ponto $0^m,584$, e o thermometro 50°.

Retrocedendo dahi, detivemo-nos em admirar os effeitos da desaggregação da rocha em alguns penhascos, e as admiraveis posições de equilibrio com que estes se sostinham, parecendo ter de desabar a todo momento.

Este percurso é feito todo a pé.

Subindo por entre pedras, e segurando-me nos arbustos mais resistentes, fui então, eu só, visitar a curiosa gruta, que ahi se abre sob as grandes penhascos que formam as *Pyramides*.

Esta gruta só dá accesso pelo lado do norte, por onde entrei. Rasga-se em uma cruz perfeita, sendo sua principal galeria de norte para sul de tres metros de largo, abrindo-se mais, nesta ultima direcção, a galeria léste-oeste, que com ella cruza, é muito mais estreita e não dá sahida nas extremidades.

Pelos vãos do rochedo vem do alto luz, que torna o interior da gruta bastante claro.

No ponto de cruzamento das duas galerias ha uma lage a nivel que torna commoda a estada ahi. Neste ponto marcou o barometro $0^{m},576\ {}^{1}/_{5}$.

Estamos como em um templo da naturesa, no qual só se avista pedra e céo.

Sahindo da gruta, reuni-me aos companheiros, e dirigimo-nos á *Pedra do Couto*, cuja face sul é um enorme despenhadeiro, cahindo o penhasco a prumo para o *Grotão do Couto*, em cujo fundo corre o ribeirão da Lapa.

Voltando sobre parte do caminho andado, chegámos á beira de uma muito insignificante lagoa ; e, tomando para oeste, contornámos um morro que ahi fica e viemos sahir no *caminho do Silverio.*

Este pequeno trecho fizemos a cavallo.

Dirigimo-nos então, eu e o tenente-coronel José Rodrigues, para uma pequena lagoa, que é uma das nascentes do ribeirão do Itatiaia.

Apeámo-nos, e seguindo ao sul desta, lançámo-nos a subir a montanha para galgar o pincaro do Itatiaia.

Esta ascensão é aqui difficilima. Depois de vencer muitos obstaculos, no que só me alentou a coragem de tão esforçado companheiro, ganhámos o ponto, de onde se avista todo o immenso valle do Rio Preto, para nordeste. Com mais 30 metros de subida, estariamos no pincaro mesmo do Itatiaia.

Mas estavamos longe da casa, e eram ainda maiores as difficuldades a vencer dahi em diante.

Nesse ponto paramos á contemplar o horisonte sem fim, que dahi se descortina.

Dir-se-ia que estavamos como em um ponto aereo, suspensos sobre o globo terrestre.

A cavalleiro da linha de fastigio da contra-escarpa septentrional da *serra do Mar*, avistam-se dalli perfeitamente os *Campos da Bocaina*, que eu havia visitado quatro annos antes. Neste quasi fantastico passeio aereo sobre uma região tão extensa, fomos efficazmente auxiliados pelo excellente oculo de alcance que levavamos.

A rocha das montanhas do Itatiaia é o granito, em que predominam feldspatho, mica e amphibolo, além de um mineral amarello, não determinado, talvez granada.

Delle existem boas amostras no museu nacional do Rio de Janeiro.

Alli na encosta norte do pincaro das *Agulhas Negras* marcou o barometro $0^{m},562$, e o thermometro 46, ás quatro horas da tarde.

Nesse alto colhi uma cactacea alpestre, de pequenas dimensões, que resistiu bem ao clima da cidade do Rio, para onde a trouxe.

A altitude do pincaro do Itàtiaia foi definitivamente medida pelo engenheiro brasileiro *Dr. José Franklin Massena.*

O illustrado astronomo montou o seu observatorio na *Casa da Invernada*, no dia 13 de Julho de 1867, e ahi permaneceu até ao dia 17, procedendo á observações scientificas.

Pincaro do Itatiaia.

A altura do pincaro das *Agulhas Negras* sobre a planicie proxima foi obtida por medida geodesica.

Franklin Massena chegou á este resultado :

Pincaro das *Agulhas Negras*, altitude $2994^m$.

*Casa da Invernada* (retiro do Capitão Ramos), altitude $2181^m$.

*Coixos*, $1888^m$.

As operações a que procedeu, os methodos scientificos que empregou, todos os elementos de seus calculos, vém circumstanciadamente expostos na preciosa obra que escreveu, *Quadros da naturesa tropical ou ascensão scientifica ao Itatiaia, ponto culminante do Brasil:* Rio de Janeiro, 1867.

A's sete horas da noite estavamos de volta na *Casa da Invernada*, marcando ahi o barometro $0^m,593\ ^3/_4$

O mappa aqui junto dá rigorosamente as caminhadas que, no referido dia 29, fizemos no Itatiaia.

No dia 30 cedo dispuzemo-nos para descer a montanha.

A's seis horas da manhã o thermometro ao ar livre marcou $42\ ^1/_2{}^0$, e o barometro $0^m,592$. A's seis e um quarto começámos a descida.

Parámos no ponto em que encontrámos na matta as primeiras palmeiras: marcou ahi o barometro $0^m,650$.

Penetrámos então na parte mais densa da matta, e pelas anfractuosidades impenetraveis da montanha viamos as aguas, que cahiam em cascata, trazendo em si desfeita a neve do Itatiaia.

*De longa distancia ouviam o ruido de suas aguas, lastimadas e como queixosas das quebras que sentiam em a desegualdade dos penedos. Deixaram, por estas, suas aguas as musas do Parnaso em caso que tiveram noticias dellas.* Dir-se-ia que aqui estava comnosco o padre Simão de Vasconcellos, exprimindo nestas eloquentes palavras o que tambem sentiamos, penetrando por estes interiores.

A's onze e meia chegámos á *Fazenda da Cachoeira*, na raiz da serra: o barometro marcou ahi $0^m,694$ e o thermometro ao ar livre 61.

A's duas horas da tarde apeámo-nos na fasenda do Itatiaia do Dr. Rocha Leão: o barometro marcou $0^m,724\ ^1/_2$, e o thermometro 66.

Estava finda a excursão.

No dia seguinte, feitas as nossas reciprocas despedidas, separámo-nos.

---

Typo-lithographia

Lith Imp. Instit. Geographico de Alexandre Speltz

A ascensão ao Itatiaia tem sido feita, entre outras, pelas seguintes pessoas :

Engenheiro brasileiro Dr. José Franklin Massena em Julho de 1867. Além das altitudes que mediu, deunos a coordenada geographica desse ponto culminante de nosso systema orographico :

Long. 1° 37' 2", 85 O. Imp. Obs Castello ;
Lat. S. 22° 29' 49", 79 ;

S. A. o principe conde d'Eu, acompanhado do Dr. Glaziou, Marcos Ferrez e E. Witig, em 1868 ;

Dr. Antonio Verissimo de Mattos, Janeiro 1876 ;

Dr. Joaquim Nabuco, ministro russo Axel de Bereads, secretario da legação franceza Ternaux Compans e addido á mesma, Navene, em Abril 1876 ;

Conselheiro Homem de Mello, Dr. Antonio Fernandes da Rocha Leão, Dr. Luiz Dias Novaes e tenente-coronel José Rodrigues de Toledo e Silva, em Junho de 1876 ;

Dr. André Rebouças e a turma de seus alumnos na escola polytechnica do Rio de Janeiro, em Janeiro de 1887. Seguindo da cidade de Rezende á fazenda da Esperança, subiram a serra da Pedra Sellada e dalli chegaram ás *Agulhas Negras*. Deste ponto foram á *Casa da Invernada*, e dahi desceram a Campo Bello pela mesma estrada que eu havia seguido em 1876. No mesmo anno de 1878 publicou o eminente professor o resultado de sua importante excursão, sob o titulo *Ao Itatiaia*.

« O Itatiaia, diz o distincto excursionista, não é sómente um monte Righi, ou um monte Washington, isto é, um pico elevadissimo com infinitos panoramas : é uma região inteira a povoar, um cantão suisso situado nos limites da provincia do Rio, a algumas horas da capital do Imperio, por uma commoda via-ferrea. »

Os terrenos desta vasta propriedade pertencem hoje ao distincto industrial e agricultor, commendador Ireneu Evangelista de Souza, que de certo empregará toda a energia de seus intelligentes esforços em

aproveitar os variados recursos desta zona privilegiada, estabelecendo nella uma população laboriosa e dada á industria.

Da estação do Itatiaia ao alto da serra deste nome a distancia é pequena: daquelle ponto á fazenda da Cachoeira, na raiz da serra, dez kilometros; dahi á *Casa da Invernada*, no alto, dezeseis kilometros.

*E saxo aqua salubris* é a significação do vocabulo tupy — *Itatiaia* (Martius e general Couto de Magalhães). *E' alli*, diz o abalisado mestre Dr. André Rebouças, *o esplendido assento de uma cidade modelo, de uma* HYGIENOPOLIS, *como em* 1877 *propoz o Dr. Richardson, de Londres.*

---

## ASCENSÃO AOS PICOS DO ITACOLOMY E DA ITABIRA DO CAMPO

---

No dia 6 de Agosto de 1882 sahi da cidade do Rio para fazer a ascensão dos picos do Itacolomy e da Itabira do Campo, visitando as regiões intermedias, em estudo geographico

A estrada de ferro de D. Pedro II só chegava então até Carandahy, no kil. 419.390: altitude 1056$^{m}$.

Acompanhado do Dr. Alfredo Lisboa, engenheiro da construcção, e de meu sobrinho o Dr. Francisco Homem de Mello, segui no dia 7 pela linha ferrea, ahi traçada no terreno elevado, de onde correm as aguas a léste para o rio Doce, e a oeste para o Carandahy e Paráopeba.

No kil. 421.250 transpõe-se o rio Carandahy sobre uma alta ponte de cantaria de 60$^{m}$: 4 arcos, dous de cada lado, de 9$^{m}$, e o vão central aberto, de 20$^{m}$.

Na distancia de tres kilometros entra a linha no valle do rio Piranga, já aguas do rio Doce. E' este logar notavel por suas grandes formações calcareas. Ahi admirei um grande penhasco de marmore branco, denudado pelas chuvas.

Ao lado recolhi bellas amostras de spatho de Islandia.

No kil. 427.750 transpõe-se o contraforte do *Alto das Taipas*, deixando-se definitivamente as aguas do rio Doce (Piranga) e entrando-se no valle do Carandahy.

Dahi a cinco kilometros transpõe-se a *Garganta das Paineiras*, e tem-se entrado no valle do rio Paráopeba.

As linhas de contorno das duas tão distinctas bacias do Rio Doce e Rio das Velhas juxtapôem-se aqui admiravelmente, penetrando-se reciprocamente em curvas caprichosas, que os accidentes naturaes do terreno mal deixam perceber.

As quatro horas da tarde atravessámos o bairro dos Pinheiros, e entrámos na cidade de Queluz, onde fui obsequiosamente recebido pelo engenheiro em chefe da construcção Dr. José Ewbank da Camara.

Deste ponto voltou o Dr. Homem de Mello para o Rio.

---

A cidade de Queluz está graciosamente situada no *sellado* de um alto morro, em cuja fralda occidental passa a linha ferrea. A estação respectiva fica no kilometro 462.280: altitude 932$^{m}$, 44.

A egreja matriz, edificada no centro de uma vasta praça, tem de elevação sobre este ponto 55$^{m}$, 56.

A's seis e meia da tarde marcou aqui o thermometro centigrado 3° $^{1}/_{2}$.

No dia 9, pelas cinco horas da manhã, segui conjunctamente com o Dr. Ewbank pela estrada real de Queluz a Ouro-Preto, com destino a esta capital.

Sahindo da praça da Matriz, subimos o morro de Santo-Antonio, em cujo alto está a egreja desta invocação, 20 metros acima da praça, e entrámos na *Chapada*.

No fim de 10 kilometros, chegámos ao *sitio da Varginha*, tão tristemente celebre na historia da *Inconfidencia* pela barbara sentença da alçada do Rio de Janeiro de 18 de Abril de 1792. Ahi se mostra ainda a *mesa de Tiradentes*, a mesma junto á qual se deram as criminosas praticas, a que se refere a sentença.

Dahi a 9 kilometros fica a freguezia de Santo Antonio de *Ouro-Branco*, onde chegámos ás nove horas: a egreja matriz tem no frontal, no sopé da cruz, a inscripção 1779.

A léste, na orientação de sul para norte, ergue-se a *serra de Ouro-Branco*, cuja alta escarpa imprime aqui um caracter severo á paizagem.

A antiga estrada para Ouro-Preto, pela qual passei em 1852, era lançada mais ao norte, em uma atrevida diagonal sobre a escarpa da montanha. Ainda se vêm della alguns pannos de muralha, já arruinados.

A directriz da estrada actual passa mais ao sul, pela *fazenda do Pé do Morro*, a 4 kilometros da povoação.

A casa da fazenda é uma amostra caracteristica do typo das antigas construcções particulares: fortes paredes de pedra, pesado madeiramento, tecto baixo, janellas quasi quadradas. Em uma pedra de granito do chafariz está a inscripção 17 † 56, perfeitamente gravada.

Esta fazenda pertenceu primeiramente ao padre Simão, que fez a casa de morada actual; passou depois a F. Trindade, e é hoje propriedade do Sr. Cesario.

Não longe daqui avista-se a fazenda em que nasceu o marquez do Bomfim.

As aguas desta região correm ainda para o valle do rio Paráopeba.

Pouco adiante da *fazenda do Pé do Morro*, começámos a subir a *serra do Ouro-Branco*, atravessando aguas que vão contornando pelo lado do sul as altas *serras do Itatiaia* (não é o Itatiaia da Mantiqueira a que antes nos referimos) e do *Itacolomy*, e pertencem á bacia do Rio Doce.

Daqui em diante o solo apresenta um aspecto extremamente dilacerado, e tornam-se notaveis as grandes rochas de estratificação concordante em angulo de 45° para O.

Descemos dahi a um fundo valle regado pelo rio das Lavrinhas (aguas do rio Doce) e começámos a subir a alta *serra de Itatiaia*: a mesma estratificação concordante da serra do Ouro-Branco.

E' lindissima a chapada da Serra, expressivamente caracterisada pela denominação local, que aqui tem, de *campo da Alegria.*

Daqui desce-se até a *ponte do Falcão* sobre o ribeirão deste nome.

Deste ponto seguimos até ao alto da serra, ou antes *Serrinha da Saramenha*, já proxima de Ouro-Preto.

Em uma aberta através da matta, em meio da descida, avista-se, para léste, o mais bello perfil da montanha do Itacolomy, olhada de O. para L., avulta ao sul a maior massa da montanha, inclinando-se suavemente para norte, destacando-se na extremidade a grande pedra do Itacolomy.

A's cinco horas da tarde chegámos á cidade de *Ouro-Preto.*

O itinerario até aqui é o seguinte :

| | Kil. |
|---|---|
| Queluz . . . . . . . . . . . . . | 0 |
| Sitio da Varginha. . . . . . . . . . | 10 |
| Ouro Branco . . . . . . . . . . . | 19 |
| Fazenda do Pé do Morro. . . . . . . | 23 |
| Alto da Serra do Ouro Branco. . . . | 26 |
| Valles de permeio, até. . . . . . . . | 32 |
| Alto da serra de Itatiaia . . . . . | 36 |
| Campo da Alegria até ao Falcão . . . | 49 |
| Saramenha . . . . . . . . . . . . | 53 |
| Raiz da serra da Saramenha. . . . . | 57 |
| Cidade de Ouro-Preto . . . . . . . | 63 |

---

A cidade de Ouro-Preto é uma das mais pittorescas do Brasil.

O aspecto de seus edificios publicos e particulares, a originalidade de seus templos, destacando-se no dorso ennegrecido da montanha como em uma immensa tela, chamam logo a attenção do viajante por suas massas pesadas e por seu typo antigo.

Além do palacio do governo, que tem o aspecto de uma fortaleza, e da Cadêa, que é nesse genero o maior edificio do Brasil, tornam-se notaveis suas egrejas por seu caracter monumental.

Entre estas sobresahem : a egreja do Carmo, por sua opulenta ornamentação em pedra *steatite* na fachada e por sua elevação ; a egreja do Rosario em fórma de ellipse, como a egreja de S. Pedro no Rio, e a de Marianna ; a egreja das Mercês de Ouro-Preto. Acima de todas talvez está a egreja de S. Francisco de Assis, de amplas proporções e da mais original architectura : tem duas magnificas torres redondas, ostentando-se na fachada e no interior a mais opulenta ornamentação em pedra *steatite:* os dous pulpitos, bem como os capiteis do arco-cruzeiro, são todos deste material.

Em edificios historicos mostram-se em Ouro-Preto : a *casa dos contos*, em que morreu o poeta Claudio Manoel da Costa, ahi preso ; a *casa dos ouvidores*, onde morou Gonzaga, hoje repartição da policia ; a casa que foi da *Marilia de Dirceu*, hoje pertencente ao barão de Ouro-Branco : a casa de Claudio M. da Costa, onde se mostra ainda o *balcão historico*, logar, de reunião dos conjurados da *Inconfidencia* : o local da casa de *Tiradentes*, na rua deste nome, e a casa em que morou o estadista Vasconcellos.

Funcciona em Ouro-Preto a escola de minas, dirigida pelo eminente geologo, commendador H. Gorceix, com laboratorio bem montado de chimica-mineral e boa bibliotheca.

Ha ainda uma escola de pharmacia, um lyceu de estudos secundarios e uma bibliotheca publica, com oito mil volumes.

Ouro-Preto está hoje ligado á côrte pela estrada de ferro de D. Pedro II, kilometros 543.

---

No dia 11 pelas dez horas da manhã, formando uma pequena caravana, seguimos a visitar a montanha do

Itacolomy. Fomos companheiros nessa agradavel excursão : o Dr Manoel de Magalhães Gomes, Revm. conego Honorio Benedicto Ottoni, engenheiro Jorge João Manders, habilissimo desenhista, e o autor destas linhas.

A montanha é francamente accessivel até ao alto, onde chegámos a uma hora da tarde.

Passa-se successivamente pelas Lages, Alto da Cruz, encosta oriental do Morro do Cruzeiro, descendo-se até o *ribeirão do Carmo*, que ahi se transpõe para a margem direita.

Começa aqui a subida da serra ; deixa-se á esquerda a chacara do Dr. Mello Franco, e chega-se a um *sellado*, de onde se descortina já uma bella vista.

Continuando-se a subir, entra-se em uma chapada em que mais se alarga o horisonte. Subindo-se ainda, attinge-se a uma aberta ou rincão, em cujo extremo meridional está a montanha ou massiço do *Itacolomy*. Do

Pico do Itacolomy.
(*De S. para N.*)

sopé desta ao alto, onde se chega bem a cavallo, a elevação é de 160 metros.

Nesse alto parámos, ao sul do grande penhasco, contemplando com admiração o immenso horisonte, que dalli se descortina.

O Sr. Manders tirou desse ponto differentes vistas, das quaes aqui damos a que representa a propria pedra do Itacolomy.

Deste ponto vê-se distinctamente a nordeste a cidade de Marianna, ao norte a serra do Caraça, a noroeste a cidade de Ouro-Preto com suas altas torres. A nornoroeste, dominando o horisonte por esse lado, avista-se o pico gigantesco da Itabira do Campo.

Segundo as observações do eminente professor, director da escola de minas, commendador H. Gorceix, a elevação do Itacolomy é a seguinte :

| | |
|---|---|
| Altitude da sala de physica da escola de minas de Ouro-Preto (soalho) . | 1133 m |
| Elevação do pico do Itacolomy acima da escola de minas . . . . . | 619 m |
| | 1752 m |

Só no proprio logar se póde com justeza apreciar o facies geologico, tão admiravel, deste alto cimo.

O Itacolomy representa uma enorme rocha estratificada em angulo de 15° para oeste, e assim as mais rochas *in situ* nesta montanha.

A massa geral dessas rochas é de quartzito schistoso, em grande parte hydro-micaceo, denominado pelo barão de Eschwege *itacolomito*.

Sob a autoridade deste geologo prevaleceu por longo tempo a opinião, reproduzida em todas as obras de mineralogia, que attribue a esta rocha propriedade flexivel.

Este erro scientifico subsistiu até que o eminente professor Orville A. Derby, observando um grande córte geologico desta rocha, em differentes estados, na estrada de ferro do Rio Verde, verificou que a presumida flexibilidade do *itacolomito* não é sinão um

principio de alteração da rocha pela perda de um de seus elementos integrantes.

O resultado de tão importante verificação scientifica está publicado no *American journal of science*, sob o titulo *On the flexibility of itacolomite.*

No dia 12 segui para a cidade de Marianna, onde visitei o paço episcopal, o seminario em que estudei de 1847 a 1852, a Sé, e as egrejas de S. Pedro e do Rosario. Depois, em companhia de meu illustre amigo o Dr. Theophilo Ottoni, presidente da provincia, que me honrára com um convite para esse fim, fomos visitar os trabalhos de mineração da grande lavra ingleza do morro do Maquinê, logo em seguimento ao morro de Sant'Anna.

No dia 13 voltámos todos a Ouro-Preto.

---

## ASCENSÃO AO PICO DA ITABIRA DO CAMPO

---

No dia 14 de Agosto sahimos de Ouro-Preto, eu e o Dr. Ewbank, elle para ir ver as obras do prolongamento da estrada desde Itabira até Queluz, e eu com destino ao pico da *Itabira do Campo.*

Ao sahir da cidade, no fim da rua das *Cabeças*, fui visitar o meu amigo Dr. Bernardo Guimarães, o grande poeta e romancista, que então habitava um grande sobrado em um alto nesse lado da cidade. Foram-me apresentados por elle todos os seus filhos e sua respeitavel Snrª., tão solicita no tratamento de seu idolatrado esposo; já então valetudinario, mas trabalhando sempre, dotando a litteratura brasileira com os primores de seu talento privilegiado.

Passámos o Jardim Botanico e começámos a subir a *serra de Ouro Preto*, que se transpõe no logar denominado *Pedras de Amolar*. Tem-se aqui entrado no valle do Rio das Velhas.

Seis kilometros adiante encontra-se um chafariz de pedra, no qual está gravada a seguinte inscripção :

*Esta fonte e este cam.º*
*mandou faser*
*o Ill.mo Ex.mo S.r*
*D Rodrigo Iose de Menezes*
*G.or e Cap.am Gen.al*
*d'esta Cap.nia de M.as G.es*
*em* 1782.

Em *Henriques*, na raiz da serra, bifurca-se a estrada para Sabará e para Cachoeira do Campo.

Tendo atravessado *Tabões* e o rio deste nome, chegámos á *Cachoeira do Campo*, um dos pontos que me propunha visitar.

Cachoeira do Campo é um logar justamente celebrado por seu clima secco e saluberrimo, e tornou-se notavel por ter sido a residencia de verão dos antigos governadores de Minas e por uma coudelaria que ahi manteve o Imperador D. Pedro I.

Fica á margem direita do ribeirão *Maracujá*, affluente do rio Itabira. Na egreja matriz nota-se rica obra de talha.

O antigo palacio dos governadores, simples casarão de que subsiste parte em ruinas, era fóra, á margem esquerda do rio, ahi transposto em uma solida ponte de pedra de tres arcos plenos. Na verga da janella, á esquerda, ha a seguinte inscripção :

*Viva Iose* [1730] *D Roiz Asor...*

Logo abaixo da ponte o rio Maracujá precipita-se fortemente encachoeirado pela extensão de um kilometro.

Faz a mais agradavel impressão, na Cachoeira, ver os grandes cafeeiros que ahi se desenvolvem perfeitamente ao lado dos marmeleiros, que por sua vez dão excellentemente.

Da Cachoeira seguimos para Itabira do Campo, onde chegámos ás cinco horas da tarde.

O perfil da estrada percorrido até este ponto é o seguinte :

| | Kilom. | | Altitude |
|---|---|---|---|
| Ouro-Preto . . . . | 0.000 | Valle do Rio Doce | 1145 m |
| Pedras de Amolar (alto da serra) . . . . | 6.600 | | 1320 |
| Henriques . . . . . | 16.000 | Valle do Rio das Velhas | 1100 |
| Rio Tabões . . . . . | 20.000 | | 1020 |
| Cachoeira do Campo . . | 26.400 | | 1037 |
| Tejucos . . . . . | 33.000 | | 896 |
| Itabira do Campo (estação) . . . . . . . | 45.000 | | 847 |

No dia 15 de Agosto, pela manhã, sahi conjunctamente com o Dr. Frederico Smith de Vasconcellos, engenheiro da construcção, para ir visitar o pico da Itabira do Campo, que fica 10 kilometros a noroeste da freguezia deste nome.

Atravessámos a vau o rio Itabira, que tem neste ponto a largura de 40 metros. Subimos o morro do Tombador, em cuja encosta está a freguezia da Itabira, 30 metros acima do nivel do rio.

Não póde ser mais agradavel a excursão pela espaçosa estrada real, calçada em varios pontos, que segue daqui em direcção á Piedade da Paráopeba.

Vencem-se differentes contrafortes da encosta sul da grande montanha ; e ao cabo de 10 kilometros de subida, suavisada por algumas secções de nivel em pittorescos *sellados*, tem-se repentinamente á vista a face sul do pico.

Nesta orientação, a rocha, emergindo do solo, nos apparece, como fendida no centro, simulando a enorme boca de um monstro, aberta para cima.

Ahi bifurca-se a estrada. A de oeste, que é a principal, vae ter á Piedade da Paráopeba. O caminho de léste, mais estreito, conduz ao norte do Pico.

Tomámos por este, e subimos, pelo lado de leste, até a linha de immersão da collossal pyramide no alto cimo da montanha.

Desde a base desta, toda a formação é de ferro oligisto, cujos fragmentos alastram aqui o solo, descobrindo-se em alguns pontos da superficie a ganga, que predomina nestes terrenos.

O pico, gigantesca massa de ferro oligisto, apresenta um dos mais energicos focos de attracção magnetica que a sciencia possa registrar.

Assim, a destruição meteorica da collossal pyramide está-se operando com muito maior energia do que a denudação pluviatil, que alias é alli visivel.

Os raios e coriscos têm despedaçado as altas arestas do penhasco, arrojando os seus fragmentos lacerados a cem e mais metros de distancia.

Dous dos maiores fragmentos o Dr. Smith de Vasconcellos, que aqui está comigo, cubou, um em 10, outro em 15 toneladas!

A altitude deste pico é de 1520 metros.

Daqui avistámos perfeitamente a léste a serra do Caraça, a sudeste a serra de Ouro-Preto; e além desta, muito mais alta, fechando ahi o horisonte, a serra do Itacolomy, distinguindo-se, ainda, a oeste desta a serra de Itatiaia. Mais para oeste sobresahe a serra do Ouro Branco, cuja escarpa vae morrer suavemente na superficie uniforme do chapadão.

Na orientação da alta serra do Itacolomy alveja ao longe a freguezia da Cachoeira do Campo; e além, no extremo sudoeste, apparece a serra de S. José de El-Rei.

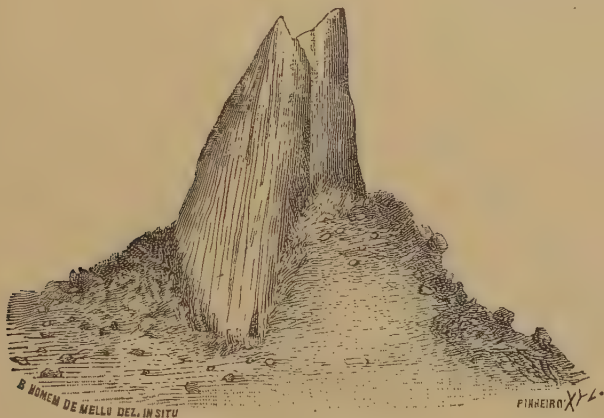
Do sopé do pico descemos cerca de 30 metros para a esplanada, que fica ao norte da mesma, e de onde o sabio conselheiro Martius tirou em 1817 a fidelissima vista da montanha, que vem na sua *Flora Brasiliense*.

Desse ponto tirei a vista, aqui junta, da mesma face da montanha.

Vê-se que a ponta do rochedo naquella época era mais acuminada.

E' pouco variada a flora local. Como vegetação predominante encontrámos ahi duas bellas especies de

cactus, a canella de ema, o páo-candêa e a bengala. Orchideas ha em abundancia, sendo destas a principal uma que dá bellissimos racimos de flores de um amarello aureo : suas raizes adherem na pedra nua, resistindo á mais ardente exposição de sol.

Ao norte do pico estendem-se em fundos valles frondosas mattas de um verde-negro carregado, avistando-se no fim a fazenda á que vae ter o caminho pelo qual seguimos, a leste do pico.

Pico da Itabira do Campo.
(*De N. para S.*)

Na estrada real, por onde viemos, a 2 kilometros do pico, encontra-se uma abundante fonte de purissima agua potavel. Precioso recurso, nem de proposito alli collocado pela natureza, em vantagem dos que fazem esta excursão, das mais interessantes que se possam emprehender.

Presentemente a estrada de ferro de D. Pedro II funcciona já até a Estação da Itabira do Campo, kil. 522 do Rio.

Os terrenos lateraes da estrada são auriferos. Ao lado direito vêm-se os vestigios da antiga lavra da *Cata*

*Branca*, outrora explorada por uma companhia ingleza; e ao lado esquerdo as excavações das lavras da *Cata do Corrego Secco*, trabalhada por uma companhia allemã.

De volta da excursão, ás duas horas da tarde, descansámos em casa do Revm. vigario da freguezia, padre Francisco Xavier de Souza, filho deste logar.

Este sacerdote, tendo aliás recebido uma instrucção limitada, torna-se notavel pela sua perfeita intuição em assumptos de mechanica. Já fez elle proprio tres relogios de egreja, que funccionam perfeitamente, um relogio de algibeira, um piano e um realejo. Fez por si mesmo os instrumentos com que trabalha, e é tão perito em suas obras, que é elle quem aqui concerta os instrumentos de precisão dos engenheiros da linha.

---

Terminada tão agradavelmente a interessante excursão ao pico da Itabira, segui no dia 16 a percorrer os trabalhos em construcção da linha ferrea desde este ponto até Queluz.

Nesta parte da visita prestaram-me todos os esclarecimentos e obsequios os distinctos engenheiros Drs. João Pereira Ferraz, Frederico Smith de Vasconcellos, Alberto de Andrade Pinto, Simão Gustavo Tamm e Miran Latif. A todos aqui apresento meus agradecimentos.

Esta secção tem a extensão de 60 kilometros.

Partindo de Queluz, kil. 462, a linha atravessa os rios Bananeiras (duas vezes), Ventura Luiz, e Soledade (tres vezes), todos tributarios do rio Maranhão.

No kilometro 497 transpõe o valle do Paráopeba para o do Rio das Velhas, com a cota de $1132^{m}$.

E' aqui o tunnel do Ouro Branco, de $255^{m}$ de extensão, aberto em grande parte em rocha calcarea, aquem do qual 500 metros fica o entroncamento do ramal de Ouro-Preto. Segue dahi margeando o rio *Lagoa do Neto*, por elle atravessado tres vezes, e vae terminar na Itabira.

Do tunnel do Ouro Branco desviei-me para oeste, seguindo até Congonhas do Campo, logar tão notavel, que me deixára funda impressão quando pela primeira vez ahi passei em 1852.

São lindissimos os campos nesta travessia; e a estrada, aqui levada pelo *sellado* dos morros, permitte ao viajante observar o aspecto regional de uma vasta extensão.

A léste avulta a grande massa da serra do Ouro Branco. Ao norte ergue-se a *serra do Pires*, assim chamada por ter o seu planalto a fórma concava de um pires. Esta serra separa o valle do rio Paráopeba das aguas do Itabira, e em seu prolongamento norte faz systema com as serras da Itabira e da Moeda.

Já de longe avistam-se as alvas e elegantes torres da egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, produzindo na paizagem o mais bello effeito.

O rio Maranhão (este é o nome local e não rio de Congonhas, como apparece em livros de geographia) divide Congonhas do Campo em duas partes: a egreja matriz fica á margem direita, e defronte, á margem esquerda, na encosta de um alto morro, ergue-se a egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, cerca de 140 metros acima do nivel do rio.

Junto ao povoado conflue pela margem direita no rio Maranhão o rio de Santo Antonio, que vem da serra da Boa Morte.

O rio Maranhão é formado pelos rios Soledade e Gagé, formado este ultimo por sua vez pelos rios Ventura Luiz e Bananeiras.

Depois de receber o rio Santo Antonio, o rio Maranhão toma a direcção de oeste, e vae dahi a dez kilometros confluir no rio Paráopeba; sete kilometros abaixo este recebe pela margem esquerda o rio Camapuam, e assim engrossado em suas aguas vae dahi a 4 kilometros formar o *Funil do Paráopeba*, em que o rio passa apertado em um estreito canal.

A egreja do Senhor de Mattosinhos é em toda a sua extensão rodeada de um espaçoso adro, calçado de lages polidas, com uma elegante escadaria de cantaria na frente, na qual estão collocadas as estatuas, em

tamanho natural, dos quatro evangelistas e dos profetas, feitas de steatite ou pedra-sabão.

Um artista nacional, conhecido pelo appellido de *Aleijadinho*, fez em 1817 e 1818 estas estatuas, bem como a imagem de Christo e dos doze apostolos, que formam o passo da cêa no torreão do fundo do sanctuario, em frente á egreja.

O sabio viajante Aug. de Saint-Hilaire, testemunha coeva, dá sobre isto esclarecimentos precisos em sua preciosa obra *Voyage dans le district des diamants*. Paris, 1833, 1º, pag. 205.

A tradição, que encontrei sobre o Aleijadinho, é que elle falleceu em 1854 na Cachoeira do Campo.

A egreja matriz de Congonhas do Campo foi fundada em 1706.

A cruz do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos foi erecta em 1717 pelo irmão Feliciano da Exaltação, e a construcção do templo actual, no alto do sanctuario, começou em 1720.

Ao lado da egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos ha um espaçoso sobrado, occupado por um seminario. Foi este fundado em 1830 pelo *padre Leandro* Rabello e Castro. A obra da portaria foi feita em 1844.

Serve presentemente de reitor o Rvm. padre Camillo de Lellis Ferreira Velloso.

Este zeloso sacerdote tem continuado as obras do sanctuario, havendo em 1878 terminado nelle mais um torreão, em que está o passo do *Encontro* e da *Crucificação*.

Todos estes monumentos da fé christã dizem bem no seio das magnificencias naturaes, que dalli se admiram.

Pertencentes á egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, ha nos arredores uma abundante pedreira de *steatite*, com tres variedades, esverdeada, amarellada e azul.

A léste avulta o elevado massiço da Serra do Ouro-Branco, a qual parecendo fenecer na *serra do Deus-te-Livre*, liga-se adiante á serra do Pires e á serra mais alta

da Boa-Morte, que alguns chamam impropriamente serra de Congonhas.

Prolongando-se para oeste, a serra da Boa-Morte vae atravessar perpendicularmente o rio Paráopeba, formando ahi o Funil do Paráopeba.

No dia 18 voltei a Queluz.

---

Em meu regresso ao Rio aproveitei a occasião para visitar a parte dos Campos Geraes, que vae dahi até Carandahy.

Para este fim tomei, no dia 19, a estrada real tantas vezes transitada pelos sabios viajantes Spix, Martius, barão de Eschewege, Aug. de Saint Hilaire, Mawe, Burton e tantos outros.

Atravessando o bairro de Pinheiros, entra-se logo na zona dos campos.

O terreno, pittorescamente ondulado, vae subindo gradualmente até o alto conhecido por *Bandeirinha de Cima*, a 12 kilometros de Queluz.

Dahi se avista a léste a serra de Itatiaia, a serra do Ouro-Branco e seu prolongamento até o morro do *Deos-te-Livre*, tunnel do Ouro-Branco—S. Julião, serra do Pires, pico da Itabira, serra da Boa-Morte e serra da Moeda.

Dahi a 9 kilometros atravessa-se o rio Paráopeba, e com mais 4 kilometros chega-se ao *sitio da Rocinha*, notavel na historia da *Inconfidencia*.

Logo adiante está o *Alto das Taipas*, ponto dominante nesta região. Dahi se avista a serra do Ouro-Branco, pico da Itabira, serra da Moeda, e a O. a serra de Camapuam.

Com mais um kilometro chega-se a uma eminencia, de onde se descortina a S S O. a alta serra de S. José de El-Rei e a do Lenheiro, e a S E. a serra da Mantiqueira.

Passei pouco adiante pela fazenda das Taipas, e, depois de atravessar o rio Carandahy, cheguei á estação deste nome.

O itinerario de hoje foi o seguinte:

| | Kilom. |
|---|---|
| Queluz . . . . . . . . . . . | 0 |
| Bandeirinha de Cima . . . . . . | 12 |
| Rio Paráopeba . . . . . . . . . | 21 |
| Sitio da Rocinha . . . . . . . . | 25 |
| Felippe . . . . . . . . . . . | 27 |
| Alto das Taipas. . . . . . . . . | 28 |
| Rio Carandahy. . . . . . . . . | 38 |
| Estação de Carandahy. . . . . . | 39 |

Aqui findou esta excursão, na qual percorri 315 kilometros a cavallo e 420 em estrada de ferro.

---

II

## Campos da Bocaina. Bacias do Parahyba e do Tieté: divisor das aguas.

---

Em 1872, em companhia de meu amigo o Dr Luiz Dias Novaes, visitei os *Campos da Bocaina*.

Subimos pela serra de S. José dos Barreiros, em terras do commendador Luiz Ferreira de Souza Leal.

Aravessámos terrenos de basta vegetação florestal e transpuzemos a linha de cumiada nas cabeceiras do rio *Mambucaba*. Neste ponto corre este sobre aspero lagedo, e ainda com o sol mais ardente suas aguas puras e crystallinas são sempre frescas.

Começa-se logo a descer sensivelmente até chegar ao vasto chapadão, pelo qual se estendem os *Campos da Bocaina*.

A altitude do *divortium aquarum* é de 1.800 metros e o da chapada de 1.600.

E' uma região deliciosa, regada de aguas abundantes e puras, abrindo-se em um vasto horisonte, de paizagens pittorescamente accidentadas.

Terras ferteis, grande extensão de campos naturaes, entremeada de mattas, ribeirões caudaes, clima ameno e saluberrimo, temperatura sempre moderada, tornam esta zona a mais apropriada para a industria pastoril e agricola.

Adiante, para o lado do oeste, fica o *morro do Chapéo*, altitude de 1.800 metros, medida pelo Dr. Glaziou; e, á pouca distancia, as nascentes do rio *Parahyba*.

Os humildes lacrimaes de agua, que aqui vemos nascer do solo a pouco mais de dez kilometros do litoral maritimo, só vão entrar no oceano após um percurso de mais de mil kilometros!

---

## BACIAS DO PARAHYBA E DO TIETÉ

---

No intuito de conhecer a região, pouco estudada, que constitue o *divortium aquarum* da bacia do rio Parahyba da do rio Tieté, fiz em 1873, o percurso de Jacarehy a S. Paulo, passando pela villa de Santa Isabel, e dalli voltando a Jacarehy por Mogy das Cruzes.

De Jacarehy atravessa-se, por excellente ponte sobre pilares de cantaria, o rio Parahyba, e seguindo por uma boa estrada de rodagem, sempre em terrenos montuosos, chega-se á villa de Santa Isabel, a 30 kilometros daquella cidade. Os municipios de Santa Isabel, e seus limitrophes do Patrocinio e Nazareth têm excellentes terras de cultura, sendo a sua principal lavoura o café, depois a canna e cereaes em abundancia, que expede para S. Paulo. Santa Isabel fabrica annualmente cerca de 20.000 barris de aguardente: no municipio de Nazareth a maior cultura é a do milho.

A villa de Santa Isabel é atravessada pelo ribeirão de Araraquára, o qual, seguindo seu curso para NE., vae entrar no rio Parati-y, affluente do rio Jaguary, importante tributario do Parahyba : o rio Jaguary dá boa navegação para lanchões até 40 kilometros acima de sua barra.

De Santa Isabel, tomando-se a estrada de S. Paulo, vae-se subindo gradualmente Araraquára, acima, até *Pedro da Pedra*, a 13 kilometros daquella villa. Este é o ponto divisor das aguas das duas bacias. Contravertente do ribeirão de Araraquára, nasce aqui, um pouco mais para oeste, o rio *Bacurúbú*, que conflue no Tieté, pela margem direita, pouco acima da *Conceição dos Guarulhos*.

Do divisor das aguas ao Arujá são 3 kilometros.

Dahi a 20 kilometros atravessa-se o rio Tieté ; em seguida o corrego de Itaquéra, nas fraldas da povoação de S. Miguel. Deste ponto a S. Paulo, 30 kilometros. Os terrenos da bacia do Tieté são menos accidentados do que os do valle do Parahyba, e são geralmente abertos em campos naturaes.

Sem observação attenta, o viajante, ao deixar as aguas do *Araraquára*, não se apercebe que tem neste logar passado da bacia do Parahyba para a do Tieté. Não ha aqui nenhum serrote, nenhum accidente physico, que assignale aquella separação.

De S. Paulo segui para Mogy das Cruzes.

Aqui a physionomia do terreno muda inteiramente. Ao Norte da cidade, avulta o escarpado *serrote de Itapety*, em cuja fralda corre o rio Tieté. Na contra-escarpa, para o lado do norte, as aguas correm já para o Parahyba. Neste ponto, unicamente, o divisor das aguas é nitidamente assignalado.

Logo adiante da cidade, nas cabeceiras do *Guararema*, affluente do Parahyba, passa-se o divisor das aguas, seguindo-se sempre por uma extensa planicie. No ponto em que esta termina, e começa-se a descer : tem-se deixado o valle do Tieté e está-se na bacia do Parahyba.

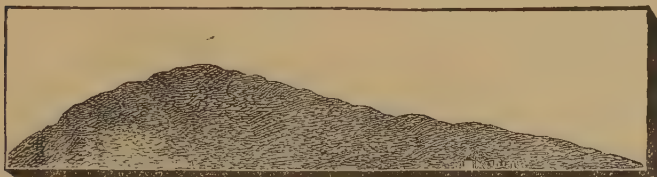
---

III

## Morro de Arassoyaba. Fabrica de Ipanema. Rio Sorocaba. Salto de Votorantim.

---

A 21 kilometros da cidade de Sorocaba, pela linha ferrea, fica a montanha do *Arassoyaba*, em cuja fralda oriental está collocada a *fabrica de ferro* de S. João de Ipanema.

O perfil longitudinal da serra é de norte para sul, erguendo-se suavemente em meia laranja, mais elevada da parte do sul.

Morro de Arassoyaba.
(*De L para O.*)

Sua altitude é de 888$^m$, e a differença de nivel sobre a planicie proxima de 300$^m$.

Suas jazidas de ferro magnetico são abundantissimas e á flor da terra : a porcentagem do ferro é aqui de 72 $^1/_{10}$ no geral.

Uma riquissima pedreira de marmore preto fornece o fundente necessario para o serviço dos dous fornos altos, que estão sempre em trabalho.

No mesmo morro existem abundantes jazidas de pedra refractaria para o revestimento interior ou camisa dos fornos.

As mattas do morro, systematicamente conservadas e replantadas, fornecem excellente carvão vegetal para a fusão do minereo de ferro.

As madeiras que dão carvão mais rico são o cambuy, guabiroba e guamerim, todas da familia das myrtaceas.

Em 1864, sendo eu presidente da provinca, fiz, em cumprimento do aviso emancipando os africanos da nação, retirar da *Fabrica* todos os trabalhadores dessa origem, em numero de 500. Eram elles, que tinham á seu cargo o fabrico do carvão.

Hoje este serviço é feito por empreitada, em condições muito superiores; e o empreiteiro desempenha todo esse trabalho, a contento, unicamente com sessenta operarios!

Foi uma fortuna para a *Fabrica do Ipanema* haver o governo imperial collocado á frente daquelle estabelecimento um profissional da ordem do coronel Dr. Joaquim de Souza Mursa, seu director ha cerca de vinte annos.

Este distincto official do nosso corpo de engenheiros fez os seus estudos metallurgicos na Allemanha, e alli entregou-se com dedicação aos mais pesados trabalhos praticos.

Sua perfeita competencia profissional, seu zelo inexcedivel, bem como a sua autoridade moral e energia de mando, quando precisa, tornaram a *Fabrica do Ipanema* um estabelecimento modelo, sob o ponto de vista technico.

Pena é que alli se esteja ainda commettendo o erro economico, tão arraigado entre nós, de costear industrias por conta do Estado, tolhendo a expansão de forças que só a iniciativa particular póde desenvolver.

A escassez das dotações do orçamento respectivo, sua desproporção com as exigencias do serviço, constituem e constituirão sempre uma difficuldade insuperavel emquanto prevalecer a doutrina do Estado industrial.

A geologia desta interessante região está perfeitamente tratada nas obras do barão de Exchewege, Martius e outros sabios, que têm visitado o Ipanema.

Quatro vezes visitei esta fabrica e a montanha do Arassoyaba: Novembro 1873, Abril de 1876, Julho de 1877, e Dezembro de 1884.

---

## RIO SOROCABA. SALTO DE VOTORANTIM

---

No dia 19 de Abril de 1876 segui da cidade de Sorocaba para o *Salto de Votoratim*, formado pelo rio Sorocaba, 5 kilometros S O. daquella cidade. Mais tarde, em Novembro de 1884, tive occasião de percorrer as nascentes do mesmo rio Sorocaba, bem como a parte inferior deste.

O rio Sorocaba nasce na grande chapada da serra do *Paranapiacaba*, aos 23° 50" de lat. S.

E' formado de dous braços, o Sorocabuçú, mais meridional, ao sul da villa do Una, e o Sorocá-mirim ao norte desta. Antes de fazer juncção com o Sorocá-mirim, o Sorocabuçú recebe por sua margem direita o rio Una, abaixo da villa deste nome, lado de oeste.

Cabeceiras do rio Sorocaba.

Tres kilometros além da villa, aguas abaixo, fórma um salto de boa quéda.

Continuando seu curso pelos terrenos montuosos da serra de S. Francisco, precipita-se da escarpa septentrional desta no grande salto de *Tupararángua*, 12 kilometros ao sul de Sorocaba. Dahi segue sempre na direcção NO. por entre pedras, em leito declivoso, até o *Salto de Votorantim*.

Banha a SE. a cidade de Sorocaba, passa a léste do morro de Arassoyaba, e vae entrar á margem esquerda do rio Tiété, aos 22° 49' de lat. S. com um curso de 180 kilometros. Pouco acima de sua barra no Tieté fórma o *Salto de Jurumerim*.

Salto de Votorantim.

O rio Sorocaba é atravessado pela estrada de ferro Sorocabana em quatro logares : no kil. 110 a léste da cidade, e no kilometro 147 ; e nos ramaes de Tatuhy kil. 175, e de Botucatú kil. 195 : a largura do rio neste ponto

DR. LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ

VISCONDE DO BOM RETIRO

PRESIDENTE INTERINO DESDE 23 DE JANEIRO

*e effectivo em 21 de Dezembro de 1875*

N. em 7 de Maio de 1818. + em 12 de Agosto de 1886.

é de 40 metros, e sua elevação acima do nivel do mar, nas aguas minimas, de 449$^{m}$.

O *Salto de Votorantim* offerece a sua mais bella perspectiva na ultima quéda embaixo: ahi a columna d'agua tem de altura 7 metros, representando o dispendio de 5 metros cubicos por segundo.

Aproveitando-se a secção encachoeirada, que a precede vindo de cima, tem-se a altura total de 34 metros.

Pela singular distribuição da columna d'agua, espadanando-se umas contra outras, no mais pittoresco emmolduramento entre penedos, o *Salto de Votorantïm* é um dos mais lindos, que se possam admirar.

Nesta creação graciosa, perennemente ensombrada por uma vegetação luxuriante, a natureza nos apparece tal qual é: o mais sublime dos artistas.

---

## IV

## Excursão á serra da Mantiqueira, pela Garganta de João Ayres

---

No dia 16 de Setembro de 1876 sahi do Rio de Janeiro em excursão á serra da Mantiqueira e as importantes obras que, na Garganta de João Ayres, e pela serra e além, se estavam então executando no prolongamento da linha central da estrada de ferro D. Pedro II.

Estavam ellas sob a direcção em chefe do habil engenheiro Dr. Antonio Augusto Monteiro de Barros e do seu auxiliar o Dr. Adolpho Dillermando de Aguiar.

O trafego só estava então aberto até a estação de João Gomes, no kilometro 324.800: altitude, 837$^{m}$.

No dia 17 seguimos deste ponto, a cavallo, pelo leito em construcção. Além da ponte do Vasconcellos, de $42^m$, sobre o rio *Posse* no kilometro 329, não ha obra notavel até a raiz da serra, onde está hoje a estação da *Mantiqueira*, kilometro 337.280, altitude $878^m,77$. Começa ahi a subida da serra transposta em quatro tunneis :

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Tunnel n. 23 : | ext. | $193^m,90$ — | kil. | 342.470 |
| » » 24 : | » | $107^m,42$ — | » | 343.045 |
| » » 25 : | » | $142^m,50$ — | » | 345 627 |
| » » 26 : | » | $139^m,40$ — | » | 347.217 |

Galga-se o alto no kilometro 350.964, na altitude de $1117^m,43$.

A differença de nivel é de $238^m,66$, vencida em uma extensão de $13^k,684$.

E' esta a Garganta de João Ayres, onde está hoje a estação deste nome.

A excavação deste córte deu 122.484 metros cubicos de terra, e a altura dos taludes é de $24^m$.

Foram verdadeiramente admiraveis os trabalhos aqui executados.

A terra, saturada de agua em toda a parte, não permittia trabalho regular em ponto algum.

O habil empreiteiro Dufles, para suster os enormes escorregamentos do terreno, fez com grossos madeiros, obra pesadissima, um revestimento em toda a extensão da linha neste ponto, e começou o trabalho regular do *drain* dos taludes, diminuindo-lhes o peso com socalcos de distancia em distancia, e consolidando-os por meio de enrocamento e alvenaria.

O leito da estrada, para corrigir a filtração perenne de agua manada das camadas superiores, foi todo empedrado nessa parte.

Mal se póde agora ajuizar do immenso serviço que ahi houve, o qual faz honra aos engenheiros, que o executaram.

Dahi seguimos até o Sitio, no kilometro 363, onde está hoje a estação deste nome. Neste trecho de linha o rio Bandeirinha é atravessado por esta nove vezes.

Daqui á Barbacena são 15 kilometros, 425 metros pela linha.

Esta zona está toda aproveitada em grandes estabelecimentos de criação, e presta-se com vantagem á cultura da vinha, que se vae já introduzindo, e do trigo.

No dia 20, tendo-me despedido dos Drs. Monteiro de Barros e Dillermando, voltei ao Rio.

Rio de Janeiro, 21 de Oitubro de 1888.

---

# Colonisação de Sergipe de 1590 á 1600

## Governo de Thomé da Rocha e Diogo de Qoadros.

---

## MEMORIA

Offerecida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Pelo Dr. Firmo de Oliveira Freire

---

### I

O pouco ou nada que se tem escripto sobre Sergipe e a grande difficuldade no encontro de materiaes para quem quer que nutra o desejo de estudar o seu passado, são circumstancias poderosas para não deixarem muito a limpo qualquer affirmação.

Temos trabalhado para vencer essas difficuldades, percorrendo todos os archivos das camaras e cartorios da provincia. E si não fôra o auxilio de bons e patrioticos amigos [1], a quem antecipamos nossos sentimentos de gratidão; ellas tornar-se-iam insuperaveis na empreza que tomamos de escrever a sua historia, tanto

---

[1] Temos o prazer de registrar aqui os nomes dos illustrados cavalheiros, que não têm poupado sacrificios em auxiliar-nos com as luzes do seu talento : João Ribeiro, na côrte ; Drs. José Hygino, José Ladisláu Pereira da Silva, João de Oliveira e Cicero Odon Peregrino da Silva, em Pernambuco ; Drs. Francisco Hora de Magalhães e Narciso Junior, na Bahia ; Dr. José Luiz Coelho Campos e padre Olympio Campos, em Sergipe, e Balthazar Goes.

mais importante, quanto Sergipe influiu directamente sobre o movimento da civilisação no Brasil.

Sob a acção de principios, que foram transplantados da metropole, para dirigirem a civilisação deste paiz, em que a força dirigente não foi uma posse indivisa entre Estado e povo, entre aristocracia e democracia; cabendo áquelles toda omnipotencia, toda direcção, e a este toda passividade, toda obediencia; as condições physicas poderosamente contribuiram para fortalecerem-se esses principios, cujos perniciosos effeitos só uma bem accumulada e disseminada sciencia restringirá e apagará.

Nos primeiros tempos historicos esse resultado era impossivel, porque a nascente raça, aquella que, por justos motivos, devia sentir amor ao paiz e mover-se por sentimentos proprios, atravessou um longo periodo de preparação, uma vida secular de assimilação de forças, para crear o espirito sceptico e levantar a revolta contra a nobreza, que tudo espoliava e tudo avassallava.

Só ulteriores periodos poderiam ser os encarregados de tão nobilitante empenho, cujo inicio amplamente se faz sentir no actual momento historico. E durante esse periodo de florescencia, em que a raça americana ia perdendo a hereditariedade mental e moral dos seus progenitores, quanta coerção, quanto soffrimento, quanta perda de vida mesmo, não soffreu ella por parte da nobreza, da olygarchia portugueza, da politica colonial?!

Si ellas tornavam exclusiva a si a posse do governo, a direcção do movimento, nunca poderiam crear principios de utilidade real, que servissem de base de uma civilisação e que dirigissem o intellecto de um povo.

Isto havia de vir do elemento plebeu, democratico, que affrontava o perigo para reunir os elementos da organisação de uma sciencia, verdadeira lei mental do espirito humano.

O governo não é uma causa de progresso, quando muito um seu expoente. Como elle a religião, força altamente poderosa na historia colonial, cuja promiscuidade de interesses prendia nas mãos das duas classes toda actividade, toda deliberação, toda vida nacional, em summa.

E isto era o resultado mais directo do regimen de colonisação, que Portugal instituiu por uma centralisação administrativa, em que representam saliente papel as duas classes, entrando cedo em cohesão, pelo sentimento religioso que as prende, e pela protecção da corôa ao clero, a quem entrega a direcção moral das almas do novo continente.

A' classe popular não era concedido elaborar nessa organisação, privilegio exclusivo da nobreza. Pauperrima de cultura, inconsciente do valor das liberdades, pela hereditariedade dos seus antecedentes, sob a acção da direcção moral do clero, que fortalecia os sentimentos de lealdade, reverencia e susperstição, caracteristicos bem visiveis da civilisação portugueza, ella estava muito longe de tornar effectiva a causa de real progresso—a sciencia.

As leis que dirigiam o espirito dos homens, naquella época, estavam em desequilibrio de acção, bastante visivel durante todo periodo colonial. E elle é a causa real do caminhar lento que leva o paiz.

Ao passo que a natureza, fertil, rica, de aspecto assustador, desviava os espiritos da tendencia analytica e positiva, excitando as faculdades da imaginação, o baixo nivel do intellecto nacional impossibilitava essa mesma tendencia.

Muito tinha que trabalhar a classe popular para vencer tão grandes obstaculos, pois em seu seio é que devia iniciar-se o movimento de progresso, cujo começo attesta claramente o seculo actual.

O elemento plebeu foi, pois, a força mais activa e de maior cohesão do intellecto brasileiro. Foi elle quem atirou no caminho da inquirição, das pesquizas, o organismo nacional, deixando o sello de sua passagem no accumulo de sciencia e sua distribuição, que a nação vae realizando á proporção que vae-se integrando e differenciando-se o legitimo typo brasileiro.

Contra que potencia social levantou elle primeiramente sua revolta? Qual das duas classes, clero ou aristocracia, foi o alvo de seu espirito sceptico? Donde lhe veiu a assimilação da cultura que o nutriu? Quaes têm sido seus reaes protogonistas?

Não está no plano da presente memoria a discussão destas questões, que têm sido tão completamente olvidadas pelos nossos historiadores, reunindo-se a esta lacuna da historia patria o esquecimento que têm votado á Sergipe, onde o espirito critico encontrará o antecedente de importantes factos historicos, de caracter geral.

Theatro das explorações dos francezes que, de longas éras, trataram aqui com os naturaes, cuja vontade procuravam domar, fazendo da região seu maior ponto de reforço, depois que foram expellidos de outros pontos ; a conquista de Sergipe evitou uma invasão sobre a Bahia, para qual se preparavam, sendo ella causa real deste feito bellico. [2]

Em geral se diz que a conquista de Sergipe foi motivada por uma ordem de Felippe I, de Portugal, que a requerimento dos habitantes da zona entre os rios Real e Itapicurú, alvo do commercio entre francezes e indios e seus assaltos, francamente autorisava fossem expellidos e se promovesse a colonisação da terra. Si o bem publico repercutiu no coração do rei a inspirar-lhe uma deliberação altamente util a esses infelizes habitantes, o mesmo não succedia com os membros do governo colonial, para quém era indifferente a posição precaria desses individuos. E disto já tinham dado provas, desde a primeira tentativa de conquista por Luiz de Brito em mil e quinhentos e setenta e tantos. A conquista foi então effectuada e o territorio abandonado.

Luiz de Brito só quiz fazer uma carnificina sobre os infelizes indigenas e o exercito uma pesquiza de escravos.

Foi uma verdadeira *bandeira*.

---

[2] O que acima fica dito comprova-se pela seguinte carta de sesmaria do Braz de Abreu, dada pelo capitão-mór de Sergipe, João Mendes, em 15 de Maio de 1623 e registrada pelo escrivão Diogo Garcia.

« Saibam etc., diz braz dabreu q. elle vejo semdo governador christovão de barros ajudar a tomar este seregipe com suas armas e quavalo e escravos a sua custa em serviso de sua magestade e sempre ho acompanhoulhe em todos os rebates sempre esteve prestes domde recebeu muitas frechadas he pelouradas por estarem francezes hem companhia do dito gentio he lhe ensinavam o artefisio de fogo por

Sem contestarmos a veracidade historica da ordem régia, clausula indispensavel para a realização das guerras, segundo a lei corrente, tiramos-lhe, todavia, o valor de causa determinante da viagem de Christovam de Barros.

Si á vontade e á ordem de um soberano legitimo, os seus delegados não procederam com o cumprimento restricto e absoluto de seus desejos, como succedeu entre Luiz de Brito e D. Sebastião, não seriam, por certo, as determinações de um rei intruso, cuja ascensão ao throno fôra resolvida por uma junta de juizes, bastante parciaes para esquecerem o direito de herança de D. Catharina, com profundo descontentamento da nação portugueza, a causa real de uma conquista cheia de perigos e incommodos. Por certo Christovam de Barros, depois dos esforços de Luiz de Brito para desbaratar as forças inimigas, e quando ellas já se tinham reconstituido a apagar todo vestigio da victoria, não attenderia ás reclamações do bem publico, si razões mais poderosas não fallassem a seu espirito.

Fazendo elle parte de uma interinidade collectiva, que assumira as redeas do governo da Bahia por morte do seu governador Manoel Telles Barreto (1587), aproveitou as garantias do cargo que então occupava, e que assegurava-lhe probabilidades de bom successo, para punir e vingar a morte de seu pae Antonio Cardoso de Barros, morto pelos cahetés, junto ao rio S. Francisco.

Si esta circumstancia muito influiu para ser Christovam quem se puzesse á frente da expedição, a ella

terem muitas espingardas que lhe fiquaram de cento e cincoenta omês [1] que tinham mortos tres anos na tabagana nos tres piquos *he queria os ditos francezes por mar he o gentio por terra a tomar a baia se lhe não viera dar guerra o dito governador christovão de barros* he hora matou muito gentio etc. » Deixamos de transcrever as partes de formulario do documento. O extrahimos de um livro de registro de sesmarias, que encontrámos no cartorio da provedoria da cidade de S. Christovam, ex-capital da provincia, codice de trezentas e tantas paginas. Delle extrahimos todas as cartas de sesmarias que citarmos nesta memoria.

---

1 Serão esses de que falla Fr. Vicente do Salvador no livro IV, cap. 17, de sua *Historia do Brasil* ?

reuniu-se uma causa de maior valor — eliminar a concurrencia dos francezes com os naturaes no rio Real, que já assustava a séde do governo colonial, por isso que se preparavam para assaltar a Bahia.

A época era de tentativas aventurosas.

Os successos de Víllegaignon não lhes eram talvez desconhecidos. Era uma animação. Conspiraram.

Julgando-se fortes pelo concurso da raça indigena, cujas riquesas compravam com quinquilharias, a hospitalidade com attenções, a amizade com complacencias, para dirigirem o pensamento, dominarem a vontade e aguçarem o appetite do sangue e da presa, nas arriscadas emprezas em que atiravam-se com a raça indigena, ao simples aceno de suas velleidades, os francezes conceberam o projecto de atacar a cidade de S. Salvador, indo elles por mar e o gentio por terra.

O segredo, porém, transpirou, ou foi trahido, porque a noticia chegou a Bahia antes que o plano tivesse principio de execução. O perigo era eminente, e convinha esmagar a revolta nos quarteis de organisação ou em marcha para seu destino. Então foi resolvida a expedição por terra, donde se temia o maior damno. [3]

Qualquer demora nessa expedição, que se deu em 1590, seria altamente compromettedora aos interesses da capitania da Bahia, em vista da declaração de guerra entre a França e a Hespanha (1595), circumstancia que excitaria as excursões dos armadores francezes e que viriam reforçar seus compatriotas. E foi esta uma circumstancia de que aproveitaram-se, já effectuada a conquista de Sergipe, para a execução de suas piratarias. Em direcção ao Brasil cortam os mares diversas flotilhas francezas, que penetram suas barras para a exploração das riquezas.

De tres navios, vindos da Africa, acoçados pelas doenças, um commandado por Pois de Mill, naufraga nas costas de Sergipe, onde ficam prisioneiros cento e dezeseis homens [4]

---

[3] *Conquista de Sergipe* pelo Dr. José Joaquim de Oliveira. Mss. de 5 fls.

[4] Varnhagen, *Hist, Geral*. I, 391.

Da Rochella parte uma armada, não só para piratear nas costas do Brasil, como para saquear a cidade da Bahia. Destroçados seus navios por uma tempestade que os dispersa, alguns naufragam em Sergipe, onde são presos os naufragos e enviados por terra para a Bahia, afim de serem castigados.[5]

Qual seria o futuro da colonisação na Bahia si a conquista de Sergipe não antecede a um conjuncto de circumstancias tão desfavoraveis a si, e como colonia nascente não fornece auxilios para destruir os elementos contrarios, que tendiam a fortificar-se?

Além disto, ponto intermedio entre os dous mais populosos centros coloniaes de então— Bahia e Pernambuco— na colonisação de Sergipe as duas capitanias encontraram condições favoraveis á sua prosperidade, em vista da facilidade de communicação que lhes offerecia. E cedo grandes serviços tornaram-se salientes.

Si não fôra Sergipe, como Bagnuolo realizaria sua tactica politica perante Nassau, a quem entregou a destruição de uma pequena riqueza publica, amontoada por uma vida de quarenta e tantos annos?

Eis antecedentes historicos, que têm sido tão injustamente esquecidos pelos historiadores patrios para o delineamento dos principios dirigentes da civilisação do Brasil.

## II

Effectuada a conquista, Christovam de Barros funda um arraial, a que deu o nome de cidade de S. Christovam, em honra ao santo de seu nome, junto á foz do rio Sergipe, hoje Cotinguiba.

E' opinião de quasi todos os historiadores, principalmente Varnhagen, que é muito claro na localisação da primeira povoação de Sergipe, que ella foi situada sobre um isthmo, onde perto do mar faz barra o rio

5 Rocha Pitta, *Hist. da Amer. Port.* § 95,135.

Puxim no *Cotinguiba*, e junto ficava edificado o forte. Barlœus diverge deste modo de pensar, e, segundo elle, ella foi edificada á margem esquerda do Cotinguiba *e do Apicum Pomonga*. Pelo seu mappa geographico está situada na costa oriental da *Ilha dos Coqueiros*, formada pelo oceano e os rios *Cotinguiba e Pomonga*, junto aos apicús que este ultimo rio faz, ficando o forte na margem direita do *Cotinguiba*. E' esta tambem a opinião do autor da *Rasão de Estado*. [6]

Preferimos estas fontes em semelhante minudencia.

Em recompensa aos seus serviços, pelos quaes não só a capitania da Bahia ficou isenta de uma invasão, como a colonisação estendeu-se a novas paragens, donde o erario tinha muitos proventos a tirar para o futuro, o rei das Hespanhas fez doação a Christovam de Barros do territorio, que acabava de conquistar, com a ordem de vender estas terras ou repartil-as entre os colonos que quizesse e fosse de sua vontade, com a condição de estabelecer ahi colonias dentro do tempo prefixado pelo rei. [7]

Fez então diversas doações aos que ajudaram a obra da conquista, dentre elles seu filho Antonio Cardoso de Barros, de todo o territorio comprehendido entre os rios Cotinguiba e S. Francisco, por carta de 9 de Abril de 1590 [8]; e depois de assistir a administração publica e encetar o trabalho de colonisação, pela organisação de uma nova capitania, recolhe-se a Bahia, deixando o governo entregue a Thomé da Rocha, que, na guerra de Sergipe, tomou parte importante, vindo da Bahia, depois

---

[6] *Rev. do Inst. Hist.*, *t.* X, *l.* 191

[7] Seregippa, ad littus miliaribus triginta duobus excurrens, addita primum Lusitanorum imperio fuit per Christovannum de Barros Cardosum, cui meritorum prœmium, has ipsas terras, Seregippem et S Francisci flumen inter, donavit Hispaniarum rex, ex jure, ut divendere illas et partire in colonos quas vellet jus ipsi esset ea lege, ut intra prefixum à Rege tempus, colonias conderet. Barlœus. *Rerum per ostennium in Brasilia*, etc., 534.

[8] Varnhagen, *Hist. Ger.* I. 378.

da sahida de Christovam, auxilial-o e acabar a obra da conquista, [9] que durou oito mezes de grandes lutas. [10]

Assim illustrou Christovam de Barros o governo da interinidade collectiva, que dirigia a capitania da Bahia, com a realização de uma conquista, para a qual poz-se a caminho, correndo os riscos e incommodos de uma viagem rapida, por entre florestas virgens, occupadas por indios selvagens ; e o que mais é, dando um bello exemplo da mais completa abnegação no momento preciso, em que podia, sem censura legitima, continuar a gozar, com sua aposentadoria, as honras e immunidades da governação do Estado, e temer os inconvenientes de sua ausencia nos conselhos de um governo interino encarregado da administração do paiz. [11]

Prestou grande serviço na destruição do movimento bellico, tanto mais funesto quanto o Brasil, então colonia hespanhola, sentia uma insufficiencia de recursos e auxilios, por parte da metropole, cheia de tristezas pelas suas perdas na Africa, e preoccupada com a subjugação a uma outra potencia européa.

Ao mesmo tempo o Brasil tornava-se o theatro de explorações inglezas, promovidas pelo egoismo de riquezas, que desperta nos espiritos de Fenton, Withrington, Cavendish e Lancaster a realização de excursões pela America ; cuja opposição, ainda que forte, em começo,

---

9 Carta de sesmaria de Gaspar Gomes, dada pelo capitão-mór de Sergipe Diogo de Qoadros em 3 de Dezembro de 1595, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão em 20 de Maio de 1596 :

« Saibão, etc. diz gaspar gomes m^or nesta capitanja sidade san christovão q'ele vejo en ajuda de dar a guera com christovão de barros *houtro sim vejo com tome da roxa*, etc. »

10 Carta de sesmaria de Thomé Fernandes, dada pelo capitão-mòr Thomé da Rocha a 23 de Julho de 1594, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão a 5 de Agosto de 1594 :

« Saibão,etc. diz tome fernandes que ele vejo a judar a dar a guera en sergipe del rey en companhia de christovão de barros capitão geral das entradas com suas armas e escravos a sua custa sem premio nenhum nen couza algua del rey e despois da terra ja tomada se *foi asim que neste serviso de sua magestade gastara oito mezes*, etc.»

11 Dr. Joaquim J. de Oliveira, loc. cit.

não poderia vencer os embaraços, que haviam de sobrevir, si a attenção dos aventureiros não se prende ao *El-Dourado*, por iniciativa de Ralegh. As condições de prosperidade empeioravam tanto mais, quanto o Brasil, para vencer os obstaculos que nasciam de invasões extrangeiras e do levantamento dos naturaes, tinha de recorrer aos proprios recursos. Em vez do governo colonial dirigir sua attenção para as colonias nascentes, a dirigia para zelar e defender a integridade territorial.

Assim, em Sergipe iniciava-se o trabalho de colonisação sob um conjuncto de circumstancias pouco favoraveis á sua prosperidade.

Foi o seu capitão-mór, como já o dissemos, Thomé da Rocha, que recebeu de Christovam de Barros a direcção da capitania.

Ainda qne não tenhamos encontrado a carta de nomeação de Thomé da Rocha, todavia para nós é fóra de duvida o que acabamos de dizer; achando-se já investido do cargo desde Julho de 1591, segundo as asseverações de Varnhagen em uma memoria sobre Gabriel Soares de Souza.

Tendo este rico fazendeiro da Bahia alcançado das côrtes os despachos para explorar o rio S. Francisco, em cujas cabeceiras suppunha existirem minas, por isso que uma tentativa já tinha sido feita, havia tres annos, por seu irmão João Coelho de Souza, cujos roteiros possuia, partiu de Lisboa em Abril de 1591 e chegou á costa de Sergipe a 15 de Junho do mesmo anno, ancorando junto á enseada do Vasabarris. [12] Querendo penetrar na barra, em uma arca flamenga, de nome *Grifo Dourado*, por conselhos de um francez Honorato, que de terra tinha ido com dous indios, em uma jangada, para lhe

---

[12] Este rio vem em todos os mappas geographicos, menos o de Barlœus, com o nome de *Irapiranga*. No do historiador hollandez elle traz o de *Potiiipeba*. Gabriel Soares de Souza. em seu *Roteiro*, denomina-o *Cotegipe* (*Rev. do Inst. Hist* , tomo. XIV, 33.)

Acceitamos a denominação de Barlœus. Seu nome indigena era *Potigypeba*, segundo duas cartas de sesmarias de Manoel da Fonseca, dadas por Diogo de Qoadros e seu loco tenente Manoel de Miranda Barbosa. em 5 de Março de 1600 e 10 de Abril de 1601.

ensinar a entrada, bateu nos bancos e sossobrou a embarcação, em virtude dos fortes ventos e correntes de agua; resultando afogarem-se alguns passageiros, salvando-se a carga em uma cetêa, que mandou Thomé da Rocha, capitão de Sergipe, na qual parte della foi enviada para a Bahia. [13]

Não obstante as armas portuguezas terem conquistado as terras de Sergipe e destroçado as forças inimigas, que ahi se tinham fortificado, todavia os francezes não tinham perdido a esperança de rehaver o territorio, de cuja riqueza tiravam tantos proventos. Descansados da primeira perda, reuniram novos elementos para uma luta, tentativa bastante sympathica á raça indigena, que lhes vem prestar auxilios; por isso que os francezes, guiados pela idéa de riqueza, e não pelo desejo de fundarem uma colonia e activarem sua prosperidade, não lhe querem impôr um novo estado social, uma nova vida, para cuja adaptação sente o selvagem uma natural indisposição. Uma tal convivencia, que não requer do natural o menor esforço, gera-lhe uma sympathia tanto maior, quanto a deslocação dos habitos é nulla.

Seriam os selvagens seus encarniçados inimigos si idéas de um plano politico guiassem os francezes nas excursões em Sergipe; e então tempo de sobra tiveram elles para fortalecer-se de elementos que se oppuzessem á victoria das armas portuguezas, pois nestas paragens pirateavam de longas éras.

Em vista disto, tiveram os francezes auxilio do indigena, na nova luta que emprehenderam, sendo batidos por Thomé da Rocha em 1593 e por Diogo de Qoadros em 1596, nas aguas do rio Real. [14]

---

[13] Varnhagen, *Rev. do Inst. Hist.*, tomo. XXI, 455.

[14] Carta de sesmaria de Domingos Lourenço, dada por Diogo de Qoadros a 3 de Dezembro de 1595, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão a 20 de Maio de 1596:

«Saibão etc., diz dom^os lourenso ora estante nesta sidade de san christovão *q ele vai en tres anos que vejo a esta capitanja e nela ajudar a dar soldados ao capitão tome da rocha e agora oferecendo se este encontro dos francezes neste rio real a companhou a ini com suas armas e escravos domde o fez como valeroso soldado, etc.*»

Tendo sempre se opposto com heroismo a uma invasão inimiga, entrega o governo da nova capitania a Diogo de Qoadros.

Ainda que não nos seja possivel determinar a data da substituição, por escassez de documentos, todavia asseveramos que ella se deu antes de Dezembro de 1595, em virtude da carta de sesmaria de Gaspar Gomes, já assignada por Diogo de Qoadros [15] e depois de Julho de 1594, por um identico documento de Thomé Fernandes, ainda assignado por Thomé da Rocha. [16]

Assim, entre 1594 e 1595, deixou o governo da capitania de Sergipe Thomé da Rocha, sendo substituido por Diogo de Qoadros.

Durante seus quatro annos de administração, e os primeiros da capitania, o movimento colonial, não obstante as tentativas dos piratas, foi prospero ; pois, segundo Barlœus, quatro annos depois da conquista, a nova capitania já contava um trabalho agricola em quatro pequenos engenhos de assucar, então existentes ; as profissões pastoris já tendiam a organisar-se por uma creação activa, principalmente a de gado; elevando-se o numero dos curraes a quarenta e sete ; e a modesta cidadinha já contava cem fogos. [17]

Em virtude da lei de 22 de Agosto de 1587 [18] a guerra de Sergipe, sanccionada pelo rei, foi considerada justa, e pois, boa opportunidade offereceu de grandes lucros pela escravisação do gentio. Realmente quatro mil indios ficaram sob o peso do captiveiro. [19] O braço africano, que era tanto mais importado quanto maior o proteccionismo dos jesuitas ao indigena, foi largamente conduzido para a nova capitania e reunido ao do natural,

---

[15] V. nota 9.

[16] V. nota 10.

[17] Fecitque hæc res, ut Bahiensium plurimi pellecti huc commigraverint et exactis aliquod annis Ingenia fabricaverint quatuor, licet minoris precii et armentorum septa quadrigenta et oppidulum, centum circiter œdificiis constans. » Barlœus, ob. cit., 531.

[18] Varnhagen, *Hist. Ger.* I, 376.

[19] Fr. Vicente de Salvador, obr. cit. liv. V, cap. 20.

que a lei considerava escravo; e activaram em começo a colonisação em beneficio da raça conquistadora, que entrava na concurrencia em pequeno numero relativamente ás duas. Entretanto seus caracteres ethnicos predominaram, em vista da vantagem de seu grau de civilisação e de cultura, amontoado por um passado historico de muitos seculos.

Generalisou-se sua lingua, sua politica e sua religião, que se infiltraram nas novas gerações.

Si pelo lado ethnico o portuguez venceu e predominou em Sergipe, pelo lado anthropologico o negro entrou com mais largos elementos no typo physico do sergipano.

Nos cruzamentos que por aqui effectuaram-se em larga escala, nas gerações mestiças que se organisaram, o typo physico procurou o da raça mais numerosa, que foi a africana, pois *o mulato* e *o cafuz* são as raças que dão maior densidade especifica á população de Sergipe.

As ultimas estatisticas demonstram claramente esse predominio. A propria raça indigena, neste ponto de vista talvez concorresse mais do que a branca.

As gerações mestiças em Sergipe predominam no numero.

E' este um facto de alto valor para o caracteristico do sergipano; e não está no plano desta memoria leval-o ás suas ultimas consequencias.

Na organisação do governo da capitania reflectia-se o intellecto daquelles tempos.

Com um seu delegado—o capitão-mór—em quem abdicava grande parte de suas funcções, tinha o governador da Bahia toda ingerencia no movimento publico de Sergipe, cujos officios de fazenda e justiça eram por elle providos ou sanccionados, segundo a faculdade que lhe concedia o regimento.

Além do capitão-mór tinha a capitania um ouvidor, um provedor-mór da fazenda, que zelavam os interesses da justiça e fazenda, o conselho, almoxarifes, escrivães, etc.

Não encontrámos em nossas pesquizas nenhuma carta de nomeação ou regimento de funccionario algum de

Sergipe, nesse tempo, para devidamente apreciarmos as especialidades de prerogativas concedidas a elles.

III

Diogo de Qoadros dirigiu a administração publica de 1595 a 1600, sendo o provedor-mór da fazenda Gaspar de Almeida,[20] o ouvidor Simão de Andrade[21] o almoxarife Martins de Souza [22] e escrivão Jeronymo da Costa Fisão.

O novo capitão teve de dirigir sua attenção para os francezes, que, além das duas tentativas já feitas, tentaram ainda diversos assaltos e effectuaram diversas guerrilhas para rehaver sua antiga posse.[23]

As condições topographicas da cidade não permittiam que os seus habitantes se prevenissem dos assaltos, que de emboscada eram dados, em vista da posição insular, por isso que não podiam presenciar a

---

[20] Carta de sesmaria de Gaspar de Oliveira, dada por Diogo de Qoadros a 2 de Abril de 1596, e registrada pelo escrivão Jeronymo da Costa Fisão: « Saibão etc diz gaspar doliveira *provedor da fazenda de sua magestade desta sidade de san christovão* e morador de cinco anos etc. »

[21] Carta de sesmaria de Simão de Andrade, dada pelo padre Bento Ferraz em ausencia do capitão Manoel de Miranda Barbosa, loco-tenente de Diogo de Qoadros, a 18 de Dezembro de 1600, e registrada pelo escrivão Manoel André: « Saibão etc., diz simão dandrade que ele vai em quatro anos que esta ajudando a pouoar esta capitania com sua mulher e filhos e *servindo sempre a sua magestade de ouvidor e outros caregos do serviso de sua magestade de que foi encarregado* etc. »

[22] Carta de sesmaria de Martins de Souza, dada por Manoel Miranda Barbosa, em ausencia de Diogo de Qoadros, a 15 de Março de 1601:

« Saibao etc., diz martins de souza morador nesta capitania *almoxarife ds sua magestade* etc. »

[23] Carta de sesmaria de Manoel André, dada pelo capitão-mór Cosme Barbosa a 19 de Junho de 1602:

« Saibão etc. diz manoel andre m^or^ nesta capitania de seregipe que esta servindo a sua mag^de^ a treze anos que se tomou esta capitania *indo a todas as gerras e assaltos que ao gentio e francezes se fizeram nesta dita capitania* etc. »

entrada de flotilhas pelas barras dos rios navegaveis. Em vista disto, talvez, convenceu-se o governo da necessidade de mudar a cidade para uma eminencia, donde se pudesse presenciar qualquer movimento maritimo. Foi escolhido um outeiro escalvado, que fica junto á barra do rio Puxim, para séde da nova S. Christovam, cujos habitantes ficavam em melhores condições para vigiar a entrada de inimigos [24] ficando ainda a barra do rio Real fóra da observação, e por onde podiam ainda penetrar para realisar suas emprezas [25].

Foi resolvido, pois, pelos poderes competentes e de accôrdo com a opinião do povo, em presença do desembargador Gaspar de Figueiredo Homem, a mudança da cidade para o novo logar em 1595 ou 1596.

Em Setembro de 1603 o conselho da capitania pede uma doação de terra ao capitão-mór Thomé da Rocha, que, pela segunda vez, administrou Sergipe, e neste documento allega-se a mudança da cidade no tempo acima indicado.

Conservamos toda fidelidade do documento até na orthographia. E' o mesmo de que falla Jaboatão (§ 117, pag. 131) em sua obra, o que indica ter o franciscano folheado o livro de registro de sesmarias, donde o extrahimos.

« Saibão quantos este estrom^to de carta de sesmarya vyrem q' no ano do nasim^to de noso sõr Yhũs Xpõ de mill e seis sétos e tres anos aos tres dias do mes de setembro do dito ano nesta sidade de são xpvão cap^ta de seregipe teras do brazill nas pouzadas de mim escryvão das dadas sesmaryas ao diente nomeado por afonso pereira precurador do conselho me foy, apresentado huã pitisão com hũ despacho ao pee dela do sõr capitão mor thome da rocha de que o teor he o seginte ☞ ao yuis e vereadores e

24 Jaboatão. *Nov. Orb Seraph.* Preamb., 120.

25 Ainda existe neste outeiro o vestigio dessa edificação.

precurador do conselho nesta capitania que ho desembargador gaspar de figueiredo omem veo a esta cap.<sup>ta</sup> a sete ou oito anos e a requerimento do pouo consulltou e asentou com os moradores e capitão de se mudar a sidade que no tall tempo estava no aracayu que se asitoase neste outeiro adonde llogo se passou a ygreya e o forte e diso se fiserão autos o que o sôr g<sup>dor</sup> ouue p<sup>r</sup> bem he ora uosa merse manda a todos os moradores com graves penas q'fasão casas e pesão chãos pera iso e p<sup>r</sup> que ategora não são dados teras pera o conselho e aredor deste outeiro estão teras deualluto p<sup>r</sup> numqua se aproueitarẽ pedem a uosa merse em nomede sua mag<sup>de</sup> mill brasas de tera que se comesara domde acabar a dada de sebastiaõ de brito e balllhezar feras corendo pello caminho que uay para caipe ate chegar allagoa que esta allem de manoell thome e pello dito caminho que say da ponte uelha ate chegar a dada de xpvão dias corendo rumo dr<sup>to</sup> allongo do outeiro ho que se achar e resebera merce ☞ despacho dou ẽ nome de sua mag<sup>de</sup> para o conselho pera ben e acresetamento da nova sid<sup>e</sup> desta cap<sup>ta</sup> todo o comprymento da tera donde acabão as ditas dadas que em sua pitisão fazem mensão corendo pello caminho velho que vay para caipe ate dar na llagoa que esta allem de manoell thome da banda delleste q' he o q' esta yunto do caminho que vay para vaza baris e de largo oito sẽtas brasas que se comesara do dito caminho da ponte velha e yra corendo pella testada da dada de manoell gomes ao lloeste até chegar a dada xpvão q' serve defronte desta sidade edahy ira corendo ao sull ate entestar com manoell thome o que se achar e desta maneira lhe pasẽ carta e demarquem llogo a quall lhe dou por

devalluto Seregipe tres de setẽbro de seis sentos e tres anos tome da rocha ho que tudo isto se continha na dita pitisão e despacho e pella dita manr$^{a}$ o dito sõr capitão mor deu e fez merce en nome de sua mag$^{de}$ da dita tera para o conselho desta cap$^{ta}$ e pera seus erdeiros e desemdentes e sosesores fazerem nela tudo o que nesesaryo lhe for lora e isemta de todo o trebuto som$^{te}$ q' pagera o dizimo a á$^{s}$ que se deve a ordem de noso sõr yusu xpõ como em seu regim$^{to}$ manda e dara por ela caminhos para pontes fontes pedreiras vyeiras e todo o mais q' nesesario for o povo e sera obrigado a mandar registrar esta carta no l$^{o}$ das registradas das de sua magestade desta dita cap$^{ta}$ demtro de um ano conforme em seu regim$^{to}$ manda sob as penas nela conteudas e se demarcara lloguo onde pora seus marcos como he custume estarem as couzas do conselho demarcadas e pello percurador do conselho af.$^{o}$ per$^{a}$ foy dito perante mim escryvão q' ele asseitava a dita tera em nome dos mais com as condisões aquy declaradas e pela dita maneira o dito sõr capitão mor lhe fez merce em nome de sua mag$^{de}$ e lhe mandou ser feita esta carta neste l$^{o}$ das dadas p$^{a}$ se lhe darẽ os terlados que nesesaryo forẽ e eu xpvão dias escryvão das dadas e sesmaryas nesta cap$^{ta}$ por sua mag$^{de}$ que esta carta tomey no meu l$^{o}$ das dadas sem couza que duvida fasa onde asinou o sõr capitão mor dia e ano atras escryto e decllaro que o comprym$^{to}$ da dita dada comesara a correr pe$^{lo}$ caminho da ponte velha q' vẽ a dar no caminho de vaza baris e caipe e dahy yra corendo direito ate dar nos matos q' estão allem da llagoa q' esta defronte das cazas donde mora manoell tome da banda de lleste donde pela dita

> banda vay outro caminho dar no de vaza baris e a largura comesara do dito caminho velho pella testada de manoell gomes ate dar no outeiro da dada de xpvão dias e daby yra corendo a sull ate entestar com manoell thome dada q' ele pesuy e desta manr^a se fara a dita demarquasão xpvão dias escryvão das dadas e sesmaryas nesta dita cap^ta que esta declarasão fiz por mandado do sõr capitão mor que com esta..... mandou pasar esta carta onde asynou no dito dia mez ano atras escrito e os matos donde o comprym^to se a deve contestar estão da banda do sull — *Thome da Rocha* « [26]

Effectuada a mudança da cidade e transferidos o forte e a egreja, o capitão manda apregoar a ordem para os habitantes edificarem casas.

Ainda que a allegação não fosse uma circumstancia bastante forte e de interesse real para demover a mudança da cidade, com que o progresso soffreu mais ou menos um estorvo, por isso que podia-se remediar o mal, collocando um corpo de atalaia, que prevenisse ao poder central qualquer preparativo de invasão, todavia tenderam a diminuir as aggressões depois da mudança, devido mais talvez á convicção que entrou no espirito dos francezes e indigenas da improficuidade de suas emprezas do que ás suppostas garantias que a idéa da mudança creou.

Depois de uma luta de alguns annos, os francezes tiveram de abandonar o theatro da guerra, e em 1601 elles achavam-se completamente eliminados do territorio de Sergipe.[27]

---

26 Não obstante as sesmarias traçarem limites muito vagos, o que motivou grandes pleitos judiciarios, todavia as de Christovam Dias, Manoel Thomé e Manoel Gomes, são de doações nas circumvizinhanças do outeiro, pois tomam-no e o rio Puxim como pontos de limites. Não ha duvida que a mudança, a que refere-se o documento foi para o logar acima mencionado.

27 Carta de sesmaria de Melchior Dias Caramurú, dada pelo capitão Melchior Maciel a 4 de Dezembro de 1601, e registrada pelo

Durante a administração de Diogo de Qoadros, que manteve todo zelo na integridade territorial e na unidade politica da nascente capitania, o movimento colonial activou-se, concorrendo muitos individuos a pedir doações de terra.

Grande porção das zonas vizinhas aos rios Piauhy, Real e Vasa-barris, foi dada por sesmaria, começando pelo sul a tirar-se do solo os elementos para riqueza. Quasi todo o territorio que avizinha principalmente os dous primeiros rios ficou occupado por lavradores e criadores, a pouca distancia do littoral. A constituição chimica do solo poderosamente influiu sobre a direcção que, cedo, tomou a lavoura, situando-se na zona oriental da capitania, por ser a que mais se prestava á tendencia muito inherente, á raça que veiu colonisar, com auxilio da africana e indigena. Por uma hereditariedade, que lhes vem de antecedentes muito longinquos, o branco e o preto dedicam-se ás profissões de habitos fixos, assim como o mestiçamento que entre si formam.

Esse caracter ethnico guiou as duas raças a procurarem a zona oriental, a que avizinha o littoral, em uma distancia de doze leguas para o occidente, para nella gerarem os focos de população. Ao indigena, e seus productos de cruzamento com o branco e preto, ficava a zona occidental, pela pobreza de seu solo, para nella desdobrar a actividade de uma vida nomade, entregando-se ás profissões pastoris.

Tão mal estudada pela jurisprudencia daquelle tempo, a raça indigena foi o objecto da maior questão

escrivão Manoel André a 5 de Dezembro do mesmo anno: « Saibão etc. diz melchior dias caramurú mor$^{or}$ na baia que elle andou nas gerras que si fizeram, ao gentio e francezes nesta capitania muito tempo con suas armas e cavallo e escravos *ate realmente ser llansados fora e desbaratados o inimigo sempre a sua custa* etc. » O illustrado professor de historia do Collegio de Pedro II, Capistrano de Abreu, em um artigo sobre Rubelio Dias (*Rev. da Soc. de Geogr. de Lisb.*), falla de Melchior Dias e diz que sua morte succedeu em 1619. Pelo testamento de Melchior, cujo original possuimos, e que aqui fez familia, de importante papel na politica colonial, ainda vivia em Dezembro de 1622.

da politica colonial, *da questão abrasadora*, como alguem ja disse— abolição da escravidão indigena. Levantada pela classe dos jesuitas, que seguiram sempre uma politica proteccionista para com o selvagem, cuja escravisação pelo colono portuguez era o movel das lutas e conquistas, saciando-se, assim, o espirito de riqueza, bem caracteristico daquelles tempos, essa grande questão que atravessou vida secular, pela indecisão da corôa, levantou uma luta entre a classe popular e a dos jesuitas.

Ella mataria no Brasil os habitos de reverencia ao clero e superstição á religião, si causas muito geraes não tivessem sido seus antecedentes na historia da metropole, e si o clero secular não tem feito harmonia com a classe do governo, em que o sentimento de avareza do colono a escravisar o indigena encontrou sempre muito appoio.

As duas classes alcançam completa ascendencia sobre a classe popular, que nada aspira, deseja e realiza, sem sua intervenção. Tornam-se ellas o objecto de reverencia e lealdade, e debaixo de taes principios tem caminhado a civilisação brasileira. Em Sergipe não têm sido sinão estas mesmas leis que têm dirigido o movimento social.

Entretanto o papel do indigena na elaboração geral foi pequeno, até mesmo na hereditariedade dos habitos, relativamente ao que se deu em outras provincias. O mestiçamento em que elle entrou, como, elemento gerador, hoje representa diminuta acção pelo pequeno numero a que eleva-se a população desses mestiços.

Ou a pequenhez do territorio era desfavoravel á sua permanencia, sem cahir nas garras do captiveiro, e então emigrou, ou então a deshumanidade na luta para captival-o foi enorme. O facto é que o contingente do elemento indigena na historia de Sergipe não é tão grande como em outras provincias, levando-se mesmo em linha de conta as circumstancias relativas.

Fechando esta ligeira digressão, devemos continuar em nosso assumpto.

A colonisação seguiu a marcha da conquista. Começou pelo sul. Raras são as doações, feitas nos dez

primeiros annos de colonisação, junto aos rios que demoram ao norte da provincia. Para ahi emigrava o indigena, que a colonisação não sabia aproveitar, furtando-se á escravidão que se lhe queria impôr.

Si formavam-se centros de resistencia, elles se enfraqueciam á proporção que ella se estendia, com a expatriação do natural.

Só podemos encontrar duas doações, nas vizinhanças do rio Sergipe, cujo curso se faz na porção septentrional.

Acreditamos mesmo que ellas só foram pedidas em ulteriores periodos.

Durante a administração de Diogo de Qoadros, cuja responsabilidade directa e immediata vae até Julho de 1600, pois dahi em diante foi substituido pelo seu loco-tenente Manoel de Miranda Barbosa, fizeram-se sessenta e uma doações de terra a individuos, que não só tinham tomado parte na conquista, como auxiliado depois a posse do territorio conquistado, contra invasões inimigas, muitas vezes tentadas, sendo a menor de meia légua em quadro.

Cedo teve a capitania de procurar um novo sitio para a edificação da cidade, mudando-a do outeiro, junto ao rio *Puxim*, para uma elevação que fica nas margens do *Piramopama*, affluente do Vasa-barris, onde deu-se a invasão hollandeza em 1637.

A' nova cidade deu-se o nome de *cidade de Sergipe d'El-Rei*, que se conservou durante todo o seculo XVII, sendo dahi em diante substituido pelo de S. Christovam.

E' elle que vem em todos os mappas geographicos e manuscriptos antigos, que nos foi possivel ver e consultar.

Não encontrámos documento algum por onde se possa verificar a data desta segunda mudança.

Sobre este ponto só podemos levantar hypotheses mais ou menos provaveis.

Em Março de 1607 Pero Novaes de Sampaio pede ao capitão-mór de então, Antonio Pinheiro de Carvalho,

doze braças de terreno para edificar uma casa no assento da nova cidade. [28]

Não obstante na petição não virem, para a demarcação dos limites, descripções que nos tragam a convicção de que a doação é na cidade que fica junto ao *Puxim* ou *Piramopama*, todavia acreditamos mais na segunda hypothese, em vista de outra doação pedida pelo mesmo Pero de Novaes Sampaio, na mesma data, de 70 braças de terra, junto ao ultimo rio, para edificar uma casa [29]

E' muito pouco provavel que o peticionario quizesse edificar uma casa tão distante da cidade, na hypothese della ainda estar no outeiro do Puxim em 1607.

Parece, pois, que nesse tempo a cidade já tinha sido transferida para as margens do *Piramopama*.

O que, porém, asseguramos é que em 1610 já se tinha dado a mudança da cidade para este logar, em vista do seguinte documento :

> « Saibão quantos este publico instromento de sesmaria virem que no ano do nacimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e seis centos e dez anos aos vinte dias do mez de setembro do dito ano nesta sidade de San Christovão capitania de Sergipe de El Rei nas pousadas de mim escrivão ao diente nomeado apareceo Pedro Lopes procurador do conselho desta sidade e por ele me foi aprezentado huma petiçam da camera, com hum despacho posto ao pe dela dó

[28] Carta de Pero Novaes de Sampaio, dada pelo capitão-mór Antonio Pinheiro de Carvalho a 19 de Março de 1607, e registrada pelo escrivão Francisco Rodrigues a 25 de Março do mesmo anno : « Saibão etc. diz pero novaes de sampaio que ele quer fazer suas casas no asento da nova sidade e não ten chãos aonde as posa fazer pede a v' m'., etc. »

[29] Carta de Pero Novaes de Sampaio, dada pelo mesmo capitão-mór e da mesma data : « Saibão etc. diz pero novaes de sampaio morador nesta capitania *q' ele quer fazer uma caza ..... na ribeira do piramopama*, etc. pede a v m em nome de sua magestade lhe fasa merse de sesmaria de setenta brasas de tera em quadro na dita parte comesando do ..... que corendo ao longo do caminho pera o *piramopama*, etc. »

cappitam mor desta dita capitania Antonio Pinheiro de Carvalho da qual petisam e despacho o treslado dela é o seguinte:

Dizem os officiaes da camera desta sidade qne ao povo dela he necesario hũm pedaço de tera nos limites desta sidade para despêjos de cavalgaduras e de madeiras para casas, lenhas, lagoas que para iso sam mister meya legoa de tera a qual meya legoa de tera se comesará da ribeira do Peramopabama até a ribeira que corre da banda de Matias Moreira, hindo para Caipe e para banda do sertão, correrá pelos péss dos outeiros que estão entre as mangabeiras supposto que seja dada alguem pedem a vosa merse em nome de sua magestade lhe de a dita tera pois he para bem e pro do povo. Resebera merse Dou de sesmaria em nome de sua magestade aos supplicantes a tera que pedem por ser asim necesaria para serviço desta cidade. Sergipe hoje trez de Julho de mil e seis centos e dés annos. — O capitam *Antonio Pinheiro de Carvalho.* [30] (Seguese a formula do regimento).

Não nos caberia tratar deste ponto, que é posterior ao governo de Diogo de Qoadros, si não fosse desconhecida por quasi todos os historiadores patrios a data da segunda mudança da primeira cidade de Sergipe, de sua capital.

Nenhum outro centro de população, sinão S. Christovam, levantou-se durante a administração de Diogo de Qoadros, que foi succedido pelo seu loco-tenente Manoel de Miranda Barbosa em 1601.

Larangeiras (Sergipe), 2 de Março de 1888.

---

30 Este documento extrahimos de uns autos de um pleito judiciario, sobre posses de terras, do meiado do seculo passado. Não o encontrámos no livro de tombo de que já fallámos, e donde extrahimos todas essas sesmarias.

Eis a causa das differenças de orthographia e redacção.

# BREVES INFORMAÇÕES

## SOBRE A

# Provincia do Paraná

---

Convidado pela commissão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro para apresentar um trabalho destinado a ser impresso no volume especial da *Revista*, que tem de ser publicado no dia 21 de Oitubro, venho, ainda que incompetentemente, dar conta dessa honrosa tarefa.

Antes de começar, devo congratular-me com o meu paiz pelo faustoso acontecimento que se vae realisar : —o jubileu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

A festa que por tão grato motivo tem de ser effectuada no já mencionado dia 21 de Oitubro não significa sómente a apotheose de uma data. Não; significa tambem que ha cincoenta annos uma aggremiação de homens illustres, dos quaes os feridos pela morte têm sido substituidos por novos lutadores, levados unicamente por impulsos patrioticos, trabalham dia por dia, hora por hora, incessante e desinteressadamente, afim de elevar o nome da patria.

Applaudindo como brasileiro os serviços prestados por tão inclytos varões, eu, que apezar de fazer parte dessa sociedade, posso fallar da mesma com inteira isenção de animo, visto que, admittido a pouco tempo na qualidade de socio correspondente e sem a aptidão necessaria, em nada hei contribuido para as glorias que ella tem conquistado, cumpro o agradavel dever de dirigir neste momento :

Ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro a mais cordial saudação.

Aos meus dignos consocios, parabens sinceros pelo muito que têm feito para a elevação e progresso da sociedade.

Ditas estas palavras, partidas intimamente do coração, passo a entrar em materia.

## I

Escolhendo assumpto entre aquelles de que tem por fim occupar-se a sociedade, darei, como o indica a epigraphe deste escripto, breves informações sobre a provincia do Paraná.

O territorio actual desta pertencia antes do anno de 1853 á provincia de S. Paulo.

Até essa epoca, excepção feita de uma ou outra localidade que apresentava em seu commercio ou industria signaes de vitalidade, a provincia, ou antes a quinta comarca de S. Paulo, pouco prosperava.

As estradas eram quasi intransitaveis, principalmente as que communicavam Curityba com a marinha, que até offereciam difficil transito para cargueiros.

As communicações com a côrte eram demoradas e irregulares.

As tentativas de introducção de immigrantes não apresentavam em geral resultados satisfactorios, por serem feitas, segundo o systema erroneo até então usado, nos sertões ou logares distantes dos povoados.

A instrucção publica era acanhada e deficiente.

Não havia orgam algum de imprensa.

A segurança individual não offerecia as devidas garantias, principalmente nas localidades remotas.

Finalmente, as paixões partidarias achavam-se em estado de exaltação; tanto que na villa de S. José dos Pinhaes, distante 19 kilometros de Curityba, por occasião da eleição em 1852, houve uma verdadeira carnificina.

Taes eram as circumstancias da comarca, quando foi por lei n. 704, de 29 de Agosto de 1853, elevada á cathegoria de provincia, com a denominação de Paraná.

Foi a nova provincia installada em Curityba no dia 19 de Dezembro do mesmo anno, e, como era natural, começou de então para diante a mudar-se a face das cousas.

Serviços importantes foram iniciados, entre os quaes o da estrada da Graciosa, que, apezar de não dever ser a preferida por ter maior distancia e tornar-se mais dispendiosa do que a do Itupava, prestou mais tarde grandes serviços por estabelecer a communicação regular entre Curityba e a marinha ; foi fundado o primeiro orgão de imprensa, o *Dezenove de Dezembro*, para a publicação dos auctos do governo ; a vida official animou a todos os ramos de serviço publico ; emfim a provincia, primeiro lenta, quasi insensivelmente, depois com mais desembaraço, entrou na via do progresso.

## II

Dadas estas ligeiras informações retrospectivas que servirão para estabelecer a comparação entre o passado e o presente, passarei a descrever a rapidos traços o que é a provincia na actualidade.

A provincia do Paraná divide-se, em relação ao seu clima, em duas partes bem distinctas : a da *marinha* e a da serra acima, que constitue o planalto da provincia, tendo por linha divisoria a serra do Mar.

Na marinha o clima é quente e no planalto frio, porém em ambas as partes supportavel, e sem ter comparação com os logares onde os calores ou os frios são levados ao excesso.

Os terrenos da marinha, em que estão situadas, á beira-mar, as cidades de Paranaguá e de Antonina, e as villas de Guarakessava e Guaratuba, e no interior, junto á raiz da serra do Mar, a cidade de Morretes e a villa de Porto de Cima, são cobertas de mattas, nas quaes existem em abundancia madeiras de lei excellentes para a construcção.

Não contém campos naturaes, e sómente possue campinas, geralmente de pequena extensão, feitas artificialmente para aformoseamento das casas e povoações e pastagens de animaes.

O territorio do planalto, que se acha approximadamente a 900 metros acima do nivel do mar, é composto de extensos e magnificos campos e de florestas, onde, além de outras especies, encontra-se em abundancia o gigantesco pinheiro.

Logares ha em que existem mattas inteiras desta arvore, das quaes o verde-escuro copado, a perder-se ás vezes por largas extensões, apresenta uma agradavel vista ao viajante.

Nesse planalto acham-se, pela ordem da sua proximidade do littoral, as cidades de Curityba, Campo Largo, Lapa, Ponta Grossa, Castro e Guarapuava, além de outras villas, freguezias e povoações.

O planalto não se estende por todo o interior da provincia: antes de chegar ás extremidades della o terreno baixa novamente e fórma como que um segundo littoral (não tão baixo como o da marinha), a procurar o nivel dos rios que desaguam no Paranapanema e Paraná.

A provincia tem dous portos principaes: o de Paranaguá e o de Antonina, situados na mesma bahia.

Tambem existe o porto de Guaratuba, porém este é pouco frequentado em razão das difficuldades que apresenta a barra, e da inactividade commercial da localidade por falta de via de communicação terrestre regular.

O clima da provincia é muito saudavel.

A população póde calcular-se em 180.000 ou 200.000 almas.

## III

As terras da marinha produzem abundantemente canna de assucar, arroz, café, mandioca, aipim, feijão milho, batatas, bananas, laranjas e muitas outras frutas.

As do planalto são excellentes para a plantação do milho, feijão, fumo, centeio, mandioca, aipim, batatas, pecegos, marmelos, pêras, maçãs, ameixas e muitas outras.

Outrora cultivou-se com muita vantagem o trigo, mas por ter dado a ferrugem abandonou-se essa cultura.

Está-se tratando de fazer novas tentativas, e até o governo provincial concedeu favores para auxilial-as ; não tenho conhecimento do resultado obtido, porém si fôr satisfactorio, como é de esperar, visto serem as terras apropriadas para a cultura dessa planta, será um novo e bom elemento que entrará para a provincia.

As mesmas terras tambem dão perfeitamente o linho e o algodão .

Têm sido feitas já extensas plantações deste ultimo no municipio de Castro, e ainda actualmente se fazem algumas no de S. José da Boa Vista.

Em toda a provincia produz bem a videira.

Existe no planalto em grande abundancia a herva-mate, a principal riqueza do Paraná.

De par com o opulento pinheiro tambem existem madeiras de lei.

No rio Tibagy são abundantes os diamantes, sendo, porém, os que até agora têm sido encontrados todos de pequeno tamanho.

Em diversos pontos existem mineraes, para cuja exploração o governo tem concedido privilegios.

Ha no fundo da provincia immensos sertões, uns contendo povoações, aldeamentos e colonias militares, e outros desaproveitados e ainda occupados por indigenas.

## IV

A principal industria da provincia é, até hoje, a herva-mate.

Para preparar este producto existem muitas fabricas, principalmente em Curityba e Campo Largo.

O consumo da herva-mate nos paizes extrangeiros é limitado ás republicas Argentina, Oriental e do Chile.

E', porém, este producto tão justamente apreciado naquelles paizes, que o consumo augmenta de modo verdadeiramente animador.

E' assim que sendo no quinquennio de 1855 a 1859 a média da exportação annual de 380.286 arrobas de 15 kilogrammas, no quinquennio de 1883 a 1887 attingiu a 1.036.591 arrobas: o que significa que da época da installação da provincia até hoje o consumo tem quasi triplicado.

Com a herva-mate prepara-se uma bebida saborosa e dotada de propriedades altamente hygienicas, conforme o têm reconhecido todos os sabios extrangeiros que a têm examinado.

Como bebida, pertence á classe do café e do chá, dos quaes possue o mesmo constitutivo—a theína ou cafeína.

Dotada de taes qualidades, logo que seja sufficientemente conhecida, não poderá deixar de ser universalmente usada.

Alguns industriaes têm applicado incessantes esforços no sentido de introduzir o mate nos mercados da Europa e dos Estados-Unidos, para cujo fim crearam com o auxilio do governo da provincia uma associação denominada *Propagadora da Herva-mate.*

Quando forem coroados de exito esses patrioticos intuitos, como sel-o-ão tarde ou cedo, visto como os europeus e norte-americanos não poderão desprezar a bebida sã, saborosa e barata que lhes offerecemos, só essa industria constituirá uma riqueza immensa para o Paraná.

A exploração do pinho tambem é outra industria que deve considerar-se como um poderoso elemento de riqueza.

Bastará que o viajante chegue, no trem da estrada de ferro, aos campos de Curityba, e lance os olhos para as florestas immensas de gigantescos pinheiros que se erguem de todos os lados, para convencer-se desta verdade.

O pinheiro é uma arvore preciosa nesta provincia.

Quasi só com os seus productos póde-se fazer uma casa, e aliás bem confortavel.

O vigamento, a coberta, as paredes, as portas, as janellas, o soalho e o forro, tudo póde ser feito de pinheiro.

Em casas assim construidas só os esteios é que costumam ser de *embuia* ou de outras madeiras de lei.

Fica, porém, entendido, que não é esse o systema usado geralmente, e que a maior parte das casas são feitas de paredes de tijolos, pedras ou madeiras, rebocadas com cal e cobertas de telhas.

O pinheiro dá um excellente fructo— o pinhão — que cosido ou assado constitue uma agradavel e succulenta alimentação.

Depois da construcção da estrada de ferro de Paranaguá á Curityba foram estabelecidas diversas serrarias nos arredores de Piraquara, entre as quaes torna-se notavel a do nosso distincto comprovinciano, o barão do Serro Azul.

Essas serrarias já têm feito grande exportação de pinho para o Rio de Janeiro, mas infelizmente os resultados hão sido negativos pela competencia que lhes faz o producto similar extrangeiro.

Tal competencia por absurda não poderá por muito tempo continuar.

Que o extrangeiro nos mande os artefactos de sua industria, que nos transmitta os productos de sua adiantada civilisação, é justo, é razoavel; porém que forneça a madeira bruta, a nós que estamos na natureza virgem e cercados de opulentas florestas, onde se encontra profusamente tudo o que fôr necessario neste genero, é até contristador e incomprehensivel.

O pinho do Paraná é não só egual, mas superior a todos os outros em resistencia e flexibilidade, segundo a opinião insuspeita de profissionaes que o examinaram na Belgica sob a inspecção do respectivo governo; alimentemos, pois, a esperança de que elle não tardará a adquirir o credito a que tem direito.

As referidas serrarias poderão produzir mensalmente carga para quinze navios de 200 toneladas: dahi vê-se a importancia da alludida industria e o quanto poderá ella concorrer para a prosperidade da provincia.

Outra grande industria existente nas localidades de serra abaixo é a da fabricação da aguardente.

Com ella se liga a da fabricação do assucar, que é preparado nas mesmas fabricas, porém em pequena quantidade, por offerecer a da aguardente maiores resultados.

No anno de 1878 foi fundado em Morretes, pelo Dr. Adolpho Lamenha Lins (prematuramente fallecido), que já havia exercido com muita distincção e patriotismo o cargo de presidente desta provincia, um engenho central para a fabricação de assucar e aguardente.

Esse engenho que actualmente pertence ao digno Sr. commendador Antonio Ricardo dos Santos, e que possue aperfeiçoados machinismos, não tem, por motivos que ignoro, e apezar da actividade de seu proprietario e respectivos encarregados, produzido resultados que compensem o capital empregado.

As demais industrias da provincia são, além de outras de menor importancia, as da farinha de mandioca, fumo, cerveja, sabão, velas, farinha de milho, barricas, cal, telhas, tijolos e vinho. Esta ultima industria vae-se desenvolvendo muito e promette tornar-se importante.

Nos ricos e extensos campos da provincia, principalmente nos Campos Geraes, existe a criação do gado vaccum, cavallar, muar e lanigero ; e em diversas localidades faz-se abundante criação do gado suino.

O gado vaccum da provincia dá não só para o consumo da mesma, como para ser exportado. Para a provincia de S. Paulo vae annualmente pela via terrestre grande quantidade.

Os couros de bois são tambem objecto de grande commercio.

Fabrica-se na provincia carne secca, queijos e manteiga.

A industria pastoril é uma das que se podem desenvolver com grande vantagem na provincia, pelos excellentes campos que ella para isso possue.

Conforme o demonstram experiencias que têm sido feitas, é facil de criar o bicho de seda.

Existe uma lei da assembléa provincial garantindo juros para o estabelecimento de uma fabrica de tecidos em Castro; infelizmente, apezar de ser facil obter alli a materia-prima, por meio das convenientes plantações, nenhuma empreza ou capitalista tem querido até hoje se utilisar da concessão.

## V

A grandiosa lei de 13 de Maio, que estabeleceu a egualdade humana no Brasil, não prejudicou a lavoura ou a industria, e nem affectou em cousa alguma a vida regular desta provincia.

Essa lei foi acceita em geral enthusiasticamente, e não provocou resistencia nem na imprensa e nem na opinião.

Antes mesmo da sua promulgação a provincia já dera mostras de adherir a ella, levantando o estandarte da abolição.

Umas localidades libertaram todos os seus escravos, outras approximaram-se a esse resultado, e outras que não fizeram tanto auxiliaram tambem o movimento, fazendo maior ou menor numero de libertações.

Póde, pois, dizer-se que a lei de 13 de Maio foi acceita pelo consenso unanime da população do Paraná.

## VI

Existem nucleos de immigração nos municipios de Curityba, Serro Azul, S. José dos Pinhaes, Campo Largo, Morretes, Porto de Cima, Paranaguá, Palmeira, Ponta Grossa e Castro.

Desses nucleos grande parte tem prosperado e produzido o bem-estar dos immigrantes.

Outros têm sido abandonados por estes no todo ou em parte.

Estes insuccessos tiveram por causa ou não serem as terras proprias para o fim a que eram destinadas, ou não se adaptarem os immigrantes com o clima, como succedeu com parte dos estabelecidos na marinha, onde as terras aliás são uberrimas ; ou finalmente não serem os mesmos immigrantes agricultores, e preferirem occupar-se no commercio ou pequenas artes e industrias.

Mas, apezar disso, a immigração já tem contribuido de algum modo para dar animação á provincia.

Curityba principalmente muito lhe deve. Cheia de actividade e de movimento, com a sua edificação a augmentar prodigiosamente, essa cidade caminha apressada e sem que nada possa detel-a para o progresso e o engrandecimento.

E uma das causas disso é o estabelecimento de muitos nucleos de immigração em seus arredores.

O povoamento do Brasil por extrangeiros trabalhadores e intelligentes, que venham auxiliar os esforços dos filhos do paiz, no sentido de fazer desenvolver os elementos desaproveitados que nelle existem, é uma das questões mais momentosas da actualidade.

Esta provincia é uma das que melhor se prestam para receber os hospedes que a procurem.

Climas differentes, terras e elementos apropriados para as variadas especies de cultura e para os diversos generos de industria, tudo nella encontrará á escolha o immigrante mais exigente. Só o que não fôr laborioso é que deixará de encontrar a conveniente collocação.

Dêm os poderes publicos o devido impulso a esse ramo de serviço, e não será difficil o estabelecimento da immigração em larga escala na provincia.

## VII

As estradas de rodagem ou mandadas construir pelo governo, como a de Graciosa, de Curityba á Antonina, e a de Matto Grosso de Curityba a S. Luiz (nos Campos Geraes), ou naturaes, como as que existem em

diversas partes do planalto, em que os campos levemente accidentados prestam-se com pequenos serviços á passagem de carros, estendem-se por quasi toda a provincia.

Presentemente estão sendo construidas estradas do Imbituva á Guarapuava e do Porto da União á Palmas, para pôr estas duas localidades (Guarapuava e Palmas) limitrophes com as republicas Argentina e do Paraguay, em communicação regular com o resto da provincia.

Tambem está em construcção a estrada de Antonina á villa do Serro Azul.

O governo deu ultimamente ordem para serem feitas duas estradas, ambas partindo de Guarapuava, uma pelo valle do rio Iguassú e outra pelo valle do Piquiry até a sua foz, para, ligando-se afinal e prolongando-se, ora pela via fluvial, ora pela terrestre, chegar á capital de Matto Grosso.

Essas estradas, além de estrategicas, são de immenso alcance e de grande futuro, pois que não só virão beneficiar esta provincia, rasgando os seus despovoados sertões até o magestoso rio Paraná, e tornando accessivel ao *touriste* a contemplação do Niagara brasileiro —a esplendia cataracta de Guayrá — como ainda mais á provincia de Matto Grosso, que ficará em communicação directa com as suas irmãs, entrando no convivio da sociedade brasileira, da qual, apezar de fazer parte integrante, se acha como que segregada por falta de estradas.

Em continuação da estrada de Curityba a S. Luiz, a que já me referi, existem vias de communicação que se prestam á rodagem, para Palmeira, Ponta Grossa, Imbituva, Castro e outros pontos. De Curityba tambem existem estradas nas mesmas condições para a Lapa, Rio Negro, Votuverava, S. José dos Pinhaes e Arraial Queimado.

Como vê-se, pois, excepto para os sertões remotos ou pouco povoados, já existem ou estão se preparando communicações regulares entre toda a provincia.

E' verdade que estas vias de communicação nem sempre estão em estado regular; porém como as chuvas são abundantes na provincia, e torna-se difficil a esta, em razão da exiguidade de sua renda, attender de prompto

aos concertos de que tão multiplas e extensas estradas necessitam, não é esse facto para admirar.

Existem communicações terrestres por diversos pontos com as provincias de S. Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catharina.

Para Guarakessava as communicações são feitas pela via maritima, e para Guaratuba pelas vias maritima e terrestre. De ha muito projecta-se fazer estradas regulares desta ultima villa á Morretes e S. José dos Pinhaes.

Os rios navegaveis são, além de outros, os rios Negro, Iguassú, Ivahy e Tibagy, não fallando nos rios Paraná e Paranapanema, que ficam na linha divisoria da provincia.

A navegação desses rios é feita quasi toda em canoas e lanchas.

A do Iguassú, do porto Amazonas as porto da União da Victoria, é tambem feita por um pequeno vapor, de propriedade do Sr. Amazonas de Araujo Marcondes. Com a sêcca torna-se difficil e até interrompe-se a navegação para o vapor; mas como não é isso devido á falta absoluta de agua, visto como o Iguassú tem as suas nascentes algum tanto distantes, e antes do porto Amazonas recebe muitos pequenos tributarios, é o mal remediavel, e com a construcção das obras d'arte necessarias poderá o rio tornar-se navegavel em todas ás estações.

O mencionado vapor tambem viaja algumas vezes pelo rio Negro, tributario do Iguassú.

Sobre a navegação do rio Iguassú, encontram-se detalhadas informações na interessante descripção feita na *Revista Trimensal do Instituto*, volume 50, pagina 157 até 175, da viagem feita de Curityba ao porto da União pelo ex-presidente desta provincia, nosso illustrado consocio senador Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Desde 5 de Fevereiro de 1885 possue a provincia a viação aperfeiçoada, isto é, a linha ferrea funccionando de Paranaguá á Curityba na extensão de 111 kilometros.

As difficuldades encontradas na serra foram taes, que a construcção dessa estrada é considerada uma das obras mais difficeis nesse genero e honra altamente a engenharia que a executou.

Existe um logar na serra em que a linha depois de transpôr um viaducto e de atravessar um tunnel passa durante algum tempo junto a despenhadeiros horrorosos; em alguns pontos a altitude do local apresenta ao longe á vista o mar e todo o territorio da marinha, com as suas povoações alvejantes, formando um lindo panorama: ahi a mistura do horrivel com o bello não póde deixar de causar ao viajante inolvidavel impressão.

Existe garantia de juros para um ramal da estrada de ferro da estação de Morretes ao porto de Antonina.

Actualmente a grande aspiração dos paranaenses é o prolongamento da estrada de ferro, afim de que possam comparticipar dos beneficios que ella proporciona as importantes e ricas povoações do interior da provincia.

Agora mesmo está o parlamento tratando de satisfazer essa justa e fundada aspiração; e provavelmente ainda antes de encerrar a sessão tomará alguma providencia a respeito.

Existem estendidas linhas telegraphicas de Paranaguá e Antonina até Lapa, Castro, Guarapuava e Palmas, com diversas estações intermediarias

Em relação, pois, a esse grande melhoramento, que tanta influencia tem na vida commercial, industrial, particular e politica, si bem que ainda haja muito que fazer, podemo-nos considerar já bem adiantados.

Como melhoramento realizado, torna-se digno de menção o passeio publico de Curityba, bellissimo ponto de recreio devido á iniciativa do nosso prestante consocio o senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, e como em projecto a illuminação a gaz da capital, que já se acha contratada pelo governo da provincia.

## VIII

Existem em Curityba diversos jornaes diarios e semanaes.

Em Paranaguá e Antonina existem tambem periodicos hebdomadarios.

Em muitas localidades ha associações litterarias com bibliothecas, que prestam relevantes serviços á mocidade estudiosa.

Contam-se em Curityba os seguintes estabelecimentos de instrucção:

O Instituto Paranaense creado pelo governo, e varios collegios, onde se ensinam todas as disciplinas necessarias para o ensino preparatorio;

Diversas aulas de instrucção primaria;

Uma de surdos-mudos;

Uma de desenho e pintura.

Em algumas cidades existem collegios ou aulas do ensino secundario, e em todas, bem como nas villas e freguezias, escolas de ensino primario.

Até agora existiam tambem aulas primarias em muitos bairros e povoados; mas infelizmente, com grande prejuizo para o ensino publico, acabam de ser supprimidas pela assembléa legislativa provincial.

Em compensação, nota-se de algum tempo a esta parte um movimento intellectual verdadeiramente animador.

Uma pleiade de moços talentosos trata de levantar a litteratura da provincia.

Cada um dos membros dessa cruzada civilisadora esforça-se por apresentar em livros ou artigos de jornaes o melhor e o mais bem acabado trabalho; uma nobre emulação reina entre todos; finalmente, o gosto pelas letras impulsionado por serios e profundos estudos surge vivaz no Paraná.

A geração que se ergue está destinada a levantar bem alto o nome da provincia.

## IX

Pelas toscas informações que acabo de dar vê-se quão fartos são os elementos com que conta o Paraná.

Vê-se tambem que elles em sua maior parte se acham ainda desaproveitados.

A comparação, porém, do èstado actual da provincia com o da época da sua creação mostra o muito que temos caminhado.

O Paraná, pois, cujo progresso tende cada vez mais a accelerar-se com o aperfeiçoamento das vias de communicação, introducção do elemento extrangeiro e desenvolvimento da lavoura, industria e commercio, póde e deve aspirar a um futuro brilhante.

Cumpre, porém, que não o esperemos inactivos; cumpre que o ajudemos a prepàral-o.

Para isso é preciso mais do que tudo, trabalho e patriotismo.

Terminando, direi que, recebendo com demora o convite a que já me referi da commissão do Instituto, não tive tempo de procurar minuciosas informações sobre os assumptos de que acabo de occupar-me, e vi-me forçado a dar sómente delles os traços geraes.

Por tal motivo, pois, e pelo ainda maior da incompetencia do autor, espero que o Instituto me desculpará da insufficiencia deste trabalho.

Campo Largo, 4 de Setembro de 1888.

ANTONIO RIBEIRO DE MACEDO.

---

## RIO DE JANEIRO

---

# REGISTO da Provisão dos Priuellegios que gosão os sidadois desta Cidade.[1]

---

DOM PEDRO por graça de Deus Principe de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem mar, em Africa e de guinê, e da conquista navegação comerssio de Ethiopia Arabia, Percia e da India &ra como regente e governador dos ditos Reinos e Senhorios fasso saber que por parte do Doutor frey Mauro da Asumpção foi apresentado ao goarda mor da Torre do Tombo huã prouisão feita em meu nome, passada pella chançellaria nas costas de huã sua Petição de que tudo o Tresllado he o seguinte : « Diz o Doutor frei Mauro da asumpção Procurador Geral da cidade de São Seb.am do Rio de Janeiro que o Senhor Rey Dom João o quarto da gloriosa memoria foy servido faser mercê aos cidadois da dita cidade das honras, Liberdades, e Priuillegios comcedidos aos cidadois da cidade do Portto como consta do Alvarâ que apres.ta e por quanto lhes falta inteira noticia de quais serão os Priuillegios referidos pera poderem uzar delles na forma do Alvarâ que com esta offereçe, Pede a V.S.a seia servido mandar ao guarda mor da Torre do tombo lhe passe hum Tresllado em modo que faça feê dos Priuillegios comçedidos aos cidadões da cidade do Portto e Receberâ

---

1 Cópia de Ms. off. pelo Snr. Director do Archivo Publico do Imperio, Dr. Joaquim P. M. Portella.

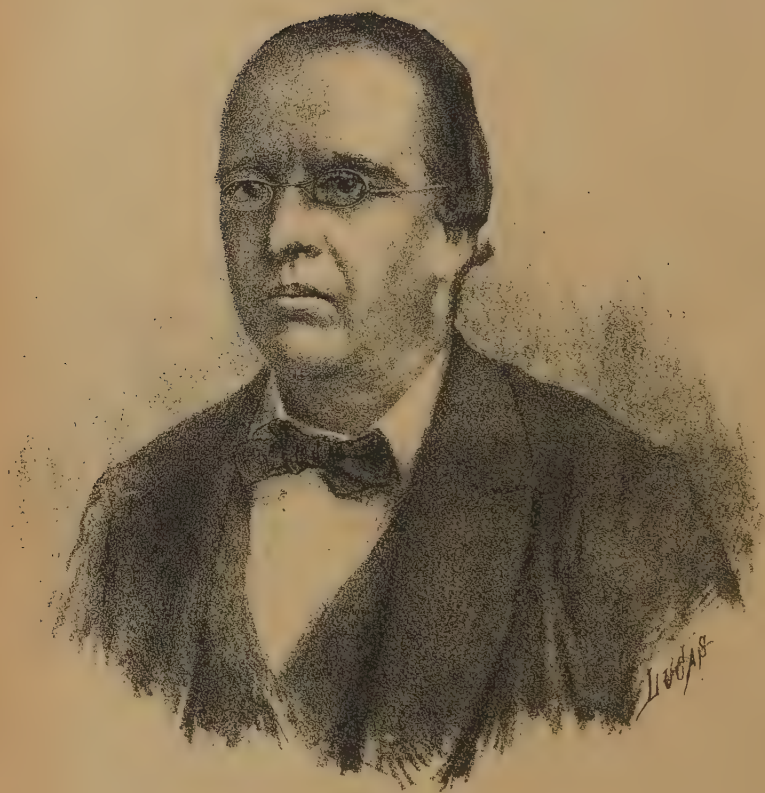
mercê. « Despacho » Sim na forma ordenada Lisboa treze de ouctubro de seis centos e setenta, rubricada por hû ministro do Dezembargo do Passo.

« Dom Pedro por graça de Deus Principe de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa e de guinê, como regente e governador destes Reinos, e Senhorios &ra. fasso saber a vos guarda Mor da Torre do Tombo que hauendo respeito ao que por sua atras escrita me emviou dizer o Doutor frei Mauro dasumpção procurador Geral da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e visto o que allega hey por bem e vos mando que lhe deis o Tresllado dos Priuillegios comçedidos aos cidadões da cidade do Portto de que na mesma petição fas menção, o qual lhe darão na forma custumada e comforme a prouisão que mandei passar da ordem porque da mesma Torre se hão de dar as partes o Tresllado das cousas que pedirem cumprão assim o Principe nosso Senhor o mandou Pellos Doutores Manoel de magalhães de menezes, e fran.co de miranda Hemriques, ambos do Conss.o de Sua Mag.de e seus dezembargadores do Paço Antonio de moraes a fes em Lisb.a a quatorse de ouctr.o de mil e seis centos e setenta, Luis Chanches Baéna a fes escrever « Manoel de magalhães de menezes » fran.co de miranda Henrriquez » « em comprimento da dita Prouisão se Buscarão os Livros da Torre do Tombo pelo escrivão della, que esta sobscreveo em o Livro de comfirmaçois do anno de noventa e tres athe noventa e seis, escrivão Manoel da Costa, e fran.co Cardoso a fl.s 257 v.o esta a Carta de que o Tresllado he o siguinte : « Dom Phelipe por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de guinê e da comquista navegação comercio de Ethiopia Arabia percia e da India &a a quantos esta minha Carta de Comfirmação virem faço saber que por parte dos Juizes, Vereadores e Procurador da cidade do Porto e Procurador dos mesteres della me foi apresentada hûa Carta do Senhor Rey Dom João o segundo que sancta gloria aia, por elle asinada, e passada por sua chançellaria de que o Tresllado he o siguinte :

« Dom João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de

guinê, a todos os Corregedores, ouvidores, Juizes e Justiça, e outros quaisquer officiais e pessoas de nossos Reinos a q.m o conhecimento desto per qualquer guisa que seia pertençer e esta nossa Carta ou o Tresllado della em Publica forma per authoridade de Justiça for mostrado, Saude, Sabede que esguardando nossos muitos, e estremados servissos que sempre os Reis passados receberão e Nós recebidos temos da nossa mui nobre e Leal Cidade do Porto e cidadões della Com m.ta Lealdade e fieldade e conheçendo delles o amor com que nos deseião servir E esperamos que sempre sirvão e nem menos do que sempre fizerão e por ello e polo que a Nos comvem fasermos aos taes vassalos e por emnobresimento da dita cidade, e querendo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e previlegiamos todosos Los cidadões que hora são em a dita cidade e aodiante forem E queremos e nos pras que daqui em diante para sempre seião preveligiados que elles nom seião metidos atromentos per nenhûs maleficios que tenhão feitos cometidos e cometerem e fizerem daqui em diante saber nos feictos e daquellas calidades e nos modos com que o devem ser e são os fidalgos de nossos Reinos e Senhorios e isso mesmo nom possão ser presos per nenhûs crimes somente sobre suas menages e asim como são e devem ser os ditos fidalgos; outro sy queremos e nos pras que possão traser e tragão por todos nossos Reinos e Senhorios quais e quantas armas lhe pareçer de noite e de dia, asim ofencivas como defencivas, posto que em alguas cidades e villas espeçialmente tenha mos defezo ou defendamos que as não tragão; outro sy queremos e nos pras que aião e gosão de todas as, gracas, leberdades, priuilegios que hão e temos dados a nossa cidade de Lisb.a recervando que nom possão andar conbestas muares porque nom avemos por nossos servissos nem bem do reino andarem nellas; outro sy queremos que todos seus caseiros, amos mordomos lavradores em cabecados que estiuerem e laurarem suas proprias herdades e casais emcabeçados e todos outros que comelles continuadamen.te viuerem não sejão comstrangidos por hauerem de seruir, emguerras nem em outras hidas por mar nem por terra onde

gente mandemos somente com elles ditos cidadões quando suas pessoas nos forem seruir, outro sy queremos que nom pousem comelles, nem lhes tomê suas casas de moradas, adegas nem cavallarias nem suas bestas de sella nem dalbarda nem outra nenhuã cousa do seu contra suas vontades, e lhe catem e guardem muito inteiramente suas casas e aião em ellas e fora dellas todas liberdades que antiga mente auião os Infaçoens. e ricos Homẽns, e porem mandamos a todos os corregedores, ouvidores Juizes e Justiças Alcaides e meirinhos e quaisquer outros nossos officiais e pecoas a q.[m] esta nossa Carta fôr mostrada e o conhecimento pertençer que lhe cumprão e guardem e fação muito inteiramente cumprir e guardar assi e tão cumpridamente como em ella he contheudo porque nossa mercê he que lhe seia guardada sob pena de seis mil soldos pera Nos qualquer que lhe contraesta forem em parte ou em todo lhos pagar, os quaes mandamos ao nosso Almoxarife ou recebedor de cada hum lugar dessa correição que os arecade e Reçeba para nos de qualquer pessoa ou pessoas que lhe contra esta nossa Carta forem, e mandamos ao escrivão do Almoxarife que os ponha sobre elle em reçeita pera Nos averemos delles boa recadação sob pena de os pagarem ambos em dobro de suas casas dada em a nossa cidade de Evora ao primeiro dia do mes de Junho Gil frenandes a fes anno de nosso Senhor JCXp.[to] de mil e quatrocentos e noventa annos. « Pedindome os Juizes e Vereadores e procurador da dita Cidade do Porto e procurador dos mesteres della que lhe confirmasse esta Carta e visto seu requerim.[to] querendolhe faser graça e mercê tenho por bem e lhe comfirmo, e hej por comfirmada, e mando que se cumpra e guarde Inteiramente, assi e da maneiraque se nella conthem e por firmesa de todos lhes mandey dar esta minha Carta por mim asignada e asellada do meu Sello de chumbo pendente dada na cidade de Lix.[a] aos quatro dias do mes de novembro ; Duarte Caldeira a fes anno de nosso Senhor J. Cxp.[to] de mil e quinhentos e noventa e seis annos. E eu Rui dias de meneses a fiz escrever, e não dis mais no registo da dita Carta de que foi pedido o Treslado por parte do Doutor frei Mauro dasumpção quelhe

mandej dar emesta minha carta a que se dará tanta feê e credito como ao proprio registo que está no dito liuro donde foj tirada e com ella comçertada dada na cidade de Lix.ª o Prinçepe nosso Senhor o mandou por João Duarte de Resende fidalgo de sua Casa Caualleiro da ordem de Sam Bento de avis guarda môr da Torre do Tombo ; Manoel Pacheco de Sousa a fes aos vinte e tres dias do mes de feuereiro de seis centos e setenta e hum annos ; e vaj escrita em duas meias folhas de purgaminho comesta. Eu Manoel Pereira Souto Maior a fes escreuer. « João Duarte de Resende » Bernardo Cardoso tabellião publico de notas p.lo Prinçepe nosso Senhor nesta cidade de Lix.ª e seu termo Certifico que o sinal ao pe da Carta he de João Duarte de Resende nella conhecido Lix.ª quatro de Março de seis centos e setenta e huñs annos. «Sinal Publico» em Testemunho de verdade «Bernardo Cardoso » O Doutor Domingos Borges Pinto do desembargo de Sua Alteza e seu Juiz da Indiaemina e da Justificações Ultramarinas &ra. faço saber aos que a presente certidão de Justificação virem que amin me consta porffeê do escrivão que esta sobscreueo ser a letra e sinal Publico e raso do reconheçimento asima de Bernardo Cardoso tabellião de notas nesta cidade de Lix.ª dada nesta cidade de Lix.ª aos quatro dias do mes de Março ; de *1671.* ? E eu Simão da Silva escrivão das Justificações Ultramarinas a sobscrevj » Domingos Borges » Pagou com busca mil reis e de asinar tres.tos e setenta reis » Resistese nos Livros da fasenda real Rio de Janº 9 de novembro de 1686 » Moura » aqual Provisão de Sua Mag.de Eu Luiz Lopes Pgado Escrivão da faz.da Real fis aqui registar da propria que me mandarão entregar os offiçiais do Senado da Camara aq.m a torney a remeter, e vay na verdade sem Causa que duvida faça e escreuy, conferj, sobscreuj, e asinej nesta dita cidade do Rio de Janeiro aos doze dias do mes de Janeiro de mil e seis çentos e oitenta e seis annos.(assº.)Luiz Lopes Pgado. » Consertado por mim Escriuão da fazendaReal. « Pgado » *Luiz Lopes Pgado.*

**Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro**

*1º Secretario desde 3 de Junho de 1859 a 15 de Janeiro de 1876*

N. em 17 de Junho de 1825. + em 15 de Janeiro de 1876.

# OS INDIOS CAINGANGS

(COROADOS DE GUARAPUAVA)

---

## MONOGRAPHIA

acompanhada de um vocabulario do dialecto de que usam

POR

**Alfredo d'Escragnolle Taunay**

Socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

E

SENADOR DO IMPERIO.

I

Sempre que me achei em zonas habitadas por indios, procurei sobre elles colher todos os dados possiveis, organisando com escrupulosa cautela e a maior consciencia vocabularios mais ou menos completos e cujo valor, quanto á verdade sonica, tinha como dever severo, e nunca preterido, verificar muitas e muitas vezes.

Todos quantos se têm achado em contacto com aborigenes sabem, comtudo, o grau de difficuldade que ha nessas tentativas, não só pelo modo de pronunciarem as palavras, deficiencia absoluta de regras grammaticaes e falta de signaes graphicos para bem exprimirmos as aspirações gutturaes ou sybillos que lhes são peculiares, como tambem pela reluctancia em responderem a interrogatorios um tanto longos e de caracter até certo ponto scientifico.

Neste particular, e pelas causas que deixo apontadas, costumam muitos viajantes ser de estupenda facilidade e despreoccupação ao constituirem pretendidos glossarios, em que mal se encontra longinqua parecença com palavras exactas, certos de que a verificação é, no mais das vezes, quasi impossivel.

Castelnau, sem citar outros, patentêa então uma sem ceremonia que merece o qualificativo de admiravel, truncando, deformando e adulterando, de modo muito curioso, os mais simples vocabulos que a esmo recolheu, ou então inventando outros, que nunca até existiram.

Depois, ha nova consideração a fazer-se.

E' que cada qual toma as suas notas de viagem na lingua que falla, de maneira que mui naturalmente emprega as lettras, vogaes e diphtongos com os sons proprios do idioma patrio.

Dahi equivocos e confusões horrorosas e si quizerem até engraçadas, mas em extremo prejudiciaes aos estudos serios e sinceros, quando uns copiam dos outros, sem indicarem a fonte, onde foram buscar aquellas informações glottologicas, ou ainda mais tendo a peito encobrir essa origem, para camparem de originaes.

Em longa relação de viagem de um distincto brasileiro, aliás bom conhecedor hoje de cousas indigenas, já vi transcriptas, como proprias, paginas inteiras do allemão Martius, em que abundavam os *v* e *w* peculiares á lingua materna daquelle illustre botanico e naturalista, e que portanto deviam ter o valor do *f* e *v* portuguezes, e não de *v* e *w*.

Então quando appareciam os diphtongos *ei* e *eu*, cuja pronuncia é tão especial e difficil, além de outros, augmentava a confusão e sorpreza, para quem desconhecia, como aconteceu commigo durante largos annos, a procedencia daquelle modo de escrever vocabulos de indigenas nossos.

Que grau de confiança podem, pergunto, merecer trabalhos feitos deste modo?

Considero-os causa de perigoso cahos e de fórma alguma adminiculo capaz de concorrer para a boa solução do interessante problema proposto pelo grande

philologo e sabio, o já citado Martius, qual seja chegar-se, pelo cotejo e justa analyse de todos os vocabularios das tribus do Brasil, á apreciação exacta das modificações que soffreu a lingua geral tupy e das ligações que entre todos os dialectos existem, mais ou menos claramente denunciadas.

Receioso de concorrer para augmentar e aggravar a perturbação que se nota nesse melindroso assumpto, tive sempre— repito— o maximo cuidado, ao preparar, apontamentos e reunir notas destinadas á publicidade, sob minha immediata responsabilidade.

Da prudencia e cautela com que procedo, consegui já bella recompensa, pedindo permissão para manifestar não pequeno desvanecimento pelo juizo que o illustre viajante americano Herbert Spencer, tão laborioso, tão honesto em suas informações, quanto original em suas descripções e na redacção dos seus diarios, exarou sobre o *Vocabulario da lingua chané* (indios *guanás*, *kinikinaus*, *laianos e terenos) de Matto Grosso*, por mim recolhido, impresso nas paginas da *Revista* do Instituto Historico, e que já mereceu transcripção nos Estados-Unidos.

« Difficil é, diz elle, levar mais longe a exactidão em trabalhos desta natureza. Com o diccionariosinho de Taunay em mão consegui muitas vezes entender-me com aquelles indios. Farei sempre justiça ao seu *Vocabulario*, que considero de grande valor e excellente auxiliar ao viajante dessas distantes paragens. »

Affianço que nesta relação de termos indigenas agora publicada, empreguei o mesmo processo e meticuloso zelo, não assentando em meus cadernos expressão ou phrase, de que não tivesse quanta certeza podia adquirir nos meus insistentes inqueritos e penosas confrontações.

E, desta feita, coube-me a felicidade de ser guiado por precioso collaborador, um intelligente paranaense que encontrei no sertão de Guarapuava, conhecedor perfeito da lingua dos indios daquella grande zona, e que me prestou os mais detidos esclarecimentos, concorrendo com o poderoso contingente dos seus

conhecimentos e experiencia, para que hoje eu possa depositar bastante confiança no presente vocabulario.

E' o Sr. Antonio Mendes de Almeida, cuja proficiencia em assumptos indigenas é incontestavel e geralmente reconhecida. Entretanto, como sempre acontece entre nós, essa sua aptidão e estudos em nada foram ainda aproveitados, quando deveriam, já ha muito, ter sido applicados ao chamamento dos indios *corôados* ao seio da civilisação brasileira, tanto mais quanto esses aborigenes, embora de indole mansa e sympathica, manifestam sensivel reluctancia em acceitarem os beneficios da sociedade culta.

## II

Logo que cheguei á provincia do Paraná, de que fui presidente pouco mais de cinco mezes, de 28 de Setembro de 1885 a 4 de Maio de 1886, tive que me avir com os chamados indios de Guarapuava. Vagava pelas ruas de Curityba uma turma semi-nua dessa gente, reclamando ferramentas, roupas, dinheiro, etc., e lamentando-se de haverem sido maltratados por brasileiros e despojados de terras que lhes pertenciam.

Procedi a varios interrogatorios e vi que as suas queixas eram vagas, obscuras e sem objectivo determinado, porquanto as taes posses, segundo pretendiam, occupavam superficies enormes, para poderem contentar os seus habitos nomades e de simples vagabundagem.

Depois de ter, a muito custo aliás, conseguido um começo de vocabulario, mandei-lhes dar alguma roupa e varios instrumentos aratorios, e fil-os partir para a cidade de Ponta Grossa, donde deviam seguir para o rio dos Patos e o Ivahy.

Comsigo levaram quantos cães poderam arrebanhar e de cuja acquisição se mostraram, como é de uso, sobremaneira avidos. A esses infelizes animaes, de certo, não esperava vida farta e descansada, pois os que lhes serviam de companheiros denunciavam extrema magreza e insaciavel voracidade.

Desde principio, porém, me impressionára o appellido de *corôados*, pelo qual são esses indios quasi exclusivamente conhecidos em toda a provincia do Paraná.[1]

Como e porque razão tivera esse nome de caracter meramente portuguez a força e valor de eliminar do conhecimento geral a denominação de etymologia indigena e especial, que essa grande tribu devia, sem contestação possivel, possuir e conservar?

Bem sabia eu que provinha aquella especificação do modo por que esses primitivos filhos do Brasil costumam cortar o cabello, e nenhuma relação immediata os prendia aos *corôados* de Matto Grosso.

Com effeito, ahi procede o nome identico de simples e facil corruptéla, transformação da palavra *croás*, que designa, em sua lingua, os indios do sertão intermedio a Goyaz e Matto Grosso.

No Paraná, porém, apezar das minhas indagações, ninguem sabia de outro alcunha de feição autochtona, e fiquei muito admirado quando, na cidade de Guarapuava, onde cheguei a 7 de Abril de 1886, pela primeira vez ouvi da boca de um indio mais ladino a palavra *caingang*, como denominação geral da tribu e, do interrogatorio a que o submetti, deprehendi que tinham certo desgosto em ser chamados *corôados*.

Causou-me especie esta novidade, e, insistindo em tão interessante ponto, pude verificar, depois de me entender com outros homens e mulheres da partida que viera esperar-me, que esse sentimento de desprazer lhes era commum, ficando muito satisfeitos quando os tratavam por *caingangs* e não pelo vocabulo portuguez.

Communiquei esta observação ás pessoas que me rodeavam, e nas minhas conversações com os moradores mais antigos da localidade a ella de continuo alludi, mostrando-se todos ignorantes do verdadeiro nome da tribu,

---

[1] Tambem costumam chamal-os *bugres*, denominação dada, como a de *caboclo*, em geral a todos os indios. Na provincia de Santa Catharina elles não têm outro nome; na do Paraná é muito mais frequente o de *corôados*.

que mantém, comtudo, desde os primeiros annos deste seculo (1816), relações mais ou menos seguidas com aquelle centro de população.

Dahi me proveiu certa ufania — poder reintegrar na grande familia *tupy* esse ramo dos *corôados*, dando-lhes a legitima e verdadeira appellidação indigena.

Esta illusão, porém, desfez-se em Curityba, quando, de volta da longa e aprazivel viagem aos Campos Geraes, sertão e cidade de Guarapuava, tive occasião de manusear o *Catalogo dos objectos do Museu paranaense remettidos á exposição anthropologica do Rio de Janeiro*, que me foi offerecido pelo incansavel creador e conservador daquelle curioso e instructivo estabelecimento provincial, o sympathico e popular desembargador Agostinho Ermelino de Leão.

Esse *Catalogo*, impresso por ordem do presidente Carlos Augusto de Carvalho, traz a data de 1882 e contém, como appendices, uma valiosa Memoria sobre os indios *caingangs* e *camés* (corôados), escripta pelo missionario capuchinho frei Luiz de Cemitille e Vocabularios desses dialectos reunidos pelo Sr. Telemaco Marcines Borba, imperterrito sertanejo, e homem de longa data atirado a ousadas emprezas e continuas explorações nos vastos campos e compactas florestas de pinheiros do Oeste da provincia do Paraná.

Posso, comtudo, affirmar, que somos, nós tres, dos primeiros a chamar pelo seu verdadeiro nome os primitivos habitantes daquella extensa região, parecendo-me já tempo de acabar-se com a expressão tão vaga e indefinida de *corôados*, que até hoje confunde muitas tribus, ramificando-se de todos os lados o erro, com a aggravação, em Matto Grosso, de que os *croás* não usam a maneira especial de tosquiarem os cabellos, abrindo nelles a caracteristica *corôa*.

Augusto de Saint-Hilaire, tão cuidadoso em suas informações, tão exacto e minucioso sempre, tão util para quem viaja o Brasil, pois soube, para assim dizer, photographal-o, e ainda hoje é em muitas provincias preciosisimo guia, Saint-Hilaire trata um tanto extensamente dos *corôados* de Guarapuava, de que dá ás paginas

456 e 457 do 1° volume de sua *Viagem ás provincias de S. Paulo e Santa Catharina* um vocabulario muito resumido, de trinta e uma palavras, cuja exactidão aliás não garante.

A esses indios chama á pag. 425 daquelle volume *camés* e *votorons*, e mais adiante (pag. 454) *guanhanans*, chegando a crêr que fossem os mesmos *guaianazes* dos campos de Piratininga.

A' pag. 46 do 2° volume, diz elle o seguinte: «*Aos bugres vizinhos de Jaguariiva dão os paulistas o nome de corôados, porque, segundo consta, costumam aquelles selvicolas raspar no alto da cabeça uma corôasinha.*»

Acrescenta, depois, com razão que esses *corôados* dos Campos Geraes nada tinham commum com os *corôados* do Rio Bonito (provincia do Rio de Janeiro) ou com os do Presidio de S. João Baptista, em Goyaz.

## III

Si a leitura dos modestos trabalhos de frei Cemitille e Telemaco Borba me trouxe certo desconsolo pela prioridade que lhes cabia, e tive de ceder, delles colhi, comtudo, não pequenas vantagens.

Com effeito no Glossario do sertanista encontrei a melhor das contra-provas de que os meus apontamentos deviam merecer-me fé e confiança. Quanto á noticia do missionario nella achei coordenadas, e bem coordenadas, muitas notas tomadas quasi tachygraphicamente, ficando portanto o trabalho que eu teria de fazer sobremaneira simplificado ou antes excusado, sem inconveniente algum.

Observo que o vocabulario Borba traz 262 termos, ao passo que o meu encerra nada menos de 604, além de algumas phrases que pude colligir.

Cedo, agora, a palavra ao digno capuchinho, corrigindo os naturaes lapsos do estylo da sua despretenciosa noticia:

## Costumes

« Esta nação de indios é chamada pelos brasileiros *corôados* pelo costume de cortarem os cabellos á maneira dos frades franciscanos; não gostam, porém, deste appellido e a si mesmos se chamam *Caingang*, que em lingua portugueza quer dizer indio ou antes aborigene. Tambem se appellidam *Caingang-pé* (Indio legitimo) e *Caingang-venheré* (indio cabello cortado), mas os historiadores sempre os tratam pelo nome de *Camés*, palavra cuja etymologia ainda não nos foi dado conhecer.

« Habitam em cabanas cobertas de folhas de palmeiras, differentes em tamanho, conforme o numero dos individuos, e quasi sempre assentes em collinas, á distancia de duzentos a trezentos metros da agua. Nunca fazem divisões internas, mas conservam um espaço de tres a quatro palmos de largura, e de todo o comprimento da cabana, para o fogo que entretém acceso noite e dia.

« Em ambos os lados da cabana, estendem grandes cascas de arvores, que lhes servem de assento, mesa e cama, e onde dormem enfileirados, com os pés sempre para o lado do fogo e sem distincção de sexo. Antes de adormecerem cantam (como tenho presenciado) uns versos monotonos : *inváque que penné ima ará ie.*

« Gostam muito de criar gallinhas, especialmente brancas[2] ou pintadas; domesticam tambem bichos e aves silvestres ; mas o cão é o seu animal predilecto, e fazem com prazer todo o sacrificio para obterem este logartenente do homem, que lhes é da maior utilidade. Seguem para Curityba daqui distante umas sessenta leguas, e ultimamente foram até á cidade da Fachina ainda mais longe, sómente com o fim de alcançarem esses animaes, que lhes servem de companheiros em suas viagens e de auxiliar nas caçadas.

---

[2] Notei tambem esta predilecção nos indios de Matto Grosso.

(Nota de E. T.)

« Ao primeiro canto do gallo levantam-se e procuram agua para se lavar; ao voltarem, assentam-se em redor do fogo e do cacique; recebem as ordens que cumprem sem observações e com pontualidade.

« Sustentam-se de caça, peixe, mel e fructas; plantam tambem algum milho e feijão. Do milho fazem uma especie de pão, para o que o pôem de môlho na agua até apodrecer, e depois o socam ao pilão, ou o amassam com as mãos e cuspo, fabricando uma roda de bom tamanho para assarem-na embaixo da cinza, ficando o milho por aquella fórma apodrecido com cheiro tão repugnante, que não ha pessoa civilisada que o possa tolerar.

« Até o presente são bem poucos os que querem a comida temperada com sal. Mostram a maior aversão ao leite e a carne de gado vaccum.[3]

« São francos, alegres e conversadores; têm grande paixão por missangas, especialmente brancas e offerecem de boa vontade o que têm de melhor em suas cabanas em troca dessas bagatelas. Quando organisam suas festas e danças, servem as missangas de enfeite ás mulheres, que as têm em grande estimação, trazendo-as a tiracollo, quantas possam ajuntar. Quem lhes dá alguma cousa como presente não fica sem retribuição.

« Rapam as sobrancelhas, barba, bigodes e todos os cabellos do corpo.

« As suas armas são grandes arcos feitos de pau de guaiuva e todos enleiados com a casca de cipó imbê, flechas de dous metros de comprimento com farpas de osso de macaco ou de ferro, e mostram muita habilidade na pintura dellas.

« Além dessas armas, usam tambem de lanças de folhas de facas muito polidas, tendo as hastes dous metros de comprido mais ou menos; com estas armas fazem a

---

3 Verifiquei isto por mim. Mandei em Guarapuava distribuir-lhes carne de vacca e só os homens nella tocaram. As mulheres recusaram-se a provar siquer; pediam carne de porco.

(Nota de E. T.)

guerra e tambem as suas caçadas, nas quaes mostram grande tino e habilidade. Quando voltam para as suas cabanas é sua chegada annunciada de longe com toques de busina, feita algumas vezes de taquara, e, quando podem obter, com o chifre de gado vaccum. Gostam muito de facões, machados, tesouras ou qualquer ferro cortante; mas sobretudo mostram o maior empenho em obter cachorros; com estes caçam, mas depois da caça morta não repartem com os cães, nem mesmo os ossos, dependurando-os ou enterrando-os, para que não se tornem preguiçosos; por isso sempre andam estes magros e prestes a morrer de fome; entretanto quando lhes morre algum cão, lamentam e choram como si lhes tivesse morrido algum parente.

« Mostram grande predilecção por espingardas, e quando têm a felicidade de conseguir uma, dão-lhe grande estimação, trazendo-a muito limpa por fóra, como costumam conservar as armas e ferramentas; quasi sempre, porém o interior do cano é sujo, talvez por não saberem ainda desmanchar a arma: são bons atiradores e raras vezes perdem o tiro.

« Costumam fazer o primeiro casamento quando apparece perto da lua uma estrella, e depois em qualquer tempo do anno, devendo o genro acompanhar e servir o sogro, aliás ficará sem mulher, e logo passará para outro que se sujeite ás condições do pae da mulher; mas quando a mulher fica um pouco velha será trocada por outra mais moça.

« Deste modo casa a moça varias vezes.

« Quando alguem se distingue na guerra ou na caça, toma duas e algumas vezes tres e mais mulheres, e chama-se então *Tremani*, que quer dizer valente e forte. E, com effeito, os indios mais destemidos são logo conhecidos pelo maior numero de mulheres que possuam. Ao se encontrarem, não costumam trocar comprimentos; mas, entrando nas cabanas dos vizinhos, sentam-se sem ceremonia perto das pessoas que lhes são mais affeiçoadas, e assim permanecem até que estas lhes offereçam alguma fructa ou qualquer outra cousa: depois de terem comido, deitam-se e começam a conversar.

« Aquelles que não entrâm na palestra guardam profundo silencio, dando de vez em quando signal de interesse com a cabeça, ou mostrando sua approvação com uma palavra guttural—*hê*—que quer dizer « está bem. »

« Consiste sua industria no tecido de um panno grosso feito com as fibras de ortiga grande (uáfé), na fabricação de alguns utensilios de barro e especialmente na feitura de lanças, arcos e flechas. Nesse trabalho então mostram muita habilidade, polindo as armas e pintando-as de diversas maneiras.

« Occupam-se as mulheres no serviço dos tecidos e fabricação da louça ; os homens nos adornos das armas.

« São os pannos tecidos sobre os joelhos, e servem para cobrir as partes que o pudor femenino manda esconder ; quanto aos homens, andam inteiramente nús. Além de pannos para este serviço, tecem outros com mais delicadeza, feitos com as mesmas fibras, dando-lhes ordinariamente de seis a sete palmos de comprimento, bem trabalhados, e sobre elles desenham com tinta vermelha diversos traços que, segundo me contou o cacique, representavam facões, machados e flechas, embora não pudesse eu achar a menor semelhança com taes objectos.

« As mulheres, quando se acham pejadas, abstem-se de comer carne, alimentando-se sómente com palmitos, fructas, etc.

« Dizem que é para não engordar o filho no ventre. Depois de terem dado á luz, comem sem escrupulo todas as cousas comestiveis, e logo, tanto a mãe como o filho, se lavam em agua fria. A recem-parida mesma o leva para o corrego mais perto, e com tudo isso é extremamente raro que uma india morra de parto ou de suas consequencias.

« Reduzem-se á pouca cousa os seus divertimentos ; o principal é o combate simulado. Dous partidos contrarios munem-se de grande quantidade de cacetesinhos de 2 1/2 a 3 palmos de comprido ; formam-se em grupos e começam a atirar os cacetes uns aos outros, desviando-se como melhor podem, e neste exercicio mostram muita agilidade e destreza. Sempre sahe comtudo algum

contuso, e aquelle que acerta uma cacetada no contrario ri-se a gargalhadas. Consiste outro brinquedo em enterrarem-se uns aos outros na lama sem distincção de sexo; procurarem queimar-se com fachos de palha accesa; emfim, a lutarem ou treparem nas arvores mais altas.

« Por qualquer bagatela fazem grande algazarra. Si acontece que um marido surre a mulher ou algum filho, aparta-se o casal sem ceremonia, e logo o homem cuida de procurar outra esposa.

« Quando, porém, a duvida é com gente civilisada, armam-se com lanças, arcos e flechas (até crianças) para se vingarem; mas si não conseguem seu intento, conservam a lembrança do ultrage até a morte, e morrendo deixam-na por herança aos filhos.

« Viajam com as mulheres, que carregam o filho menor ás costas, preso por um cinto feito de casca de arvore, de fórma oval, e que é passado na testa da india e dalli para o assento da criança; levam tambem fogo, e apagando-se tornam a accendel-o esfregando, com dous paus seccos de encontro um ao outro. Andam os homens inteiramente nús, mas enleiam as pernas com cordinhas feitas da casca do cipó imbê, ou do pello de porcos selvagens, para se livrarem das mordeduras das cobras; caminham cinco a seis leguas por dia, e carregam pesos de quatro a cinco arrobas arranjados dentro de uma pisamé ou cesto seguro por uma corda, que, presa no cesto, passa na testa do indio; além das armas levam um bordão que lhes serve de apoio.

« Quando algum delles cahe doente, apertam-lhe o corpo inteiro com cordas de imbê, deitam embaixo do leito desde a cabeça até o grosso das pernas umas hervas sobre brasas para produzirem grossa fumaça. Sentam-se então de um lado as pessoas encarregadas de applicarem os remedios, e do outro um homem ou mulher (dos mais velhos), que continuadamente assopra em differentes partes do corpo do enfermo. Quando a doença vae tomando aspecto perigoso começam as mulheres a chorar em altos gritos, e assim continuam até que percebam alguma melhora (o que raras vezes acontece) ou morra o doente.

« Exhalado que seja o ultimo suspiro, é immediatamente levado o morto para o logar da sepultura, carregado por tres homens, segurando um a cabeça, outro no meio do corpo e o terceiro as pernas, indo o cadaver envolto em um panno (curú) e seguro com amarrilhas. Chegado ao seu destino, abrem uma cova que mede sempre 7 palmos de cumprido, 3 de largura e 4 de fundo, tendo para esse serviço uma bitola exacta; forram essa cova com folhas de palmeira e metade da casca de arvore que servia de cama ao fallecido, e depois com grande cuidado o depositam na sepultura com a cara para o poente, servindo de travesseiro os seus curús e pennas. A' direita collocam todas as suas armas e um tição de fogo acceso ; cobrem depois com paus que alcançam de um a outro lado da sepultura, em cima dos quaes poem a outra metade da casca da sua cama para evitarem que caia terra sobre o corpo ; tapam todos os orificios com folhas de palmito e enchem a sepultura com terra que vão depositando até altura de 10 a 12 palmos, dando-lhe fórma conica. Acabado o enterro, voltam todos para suas cabanas, guardando rigoroso silencio ; as mulheres do fallecido fecham-se em um pequeno rancho apartado por espaço de 8 dias, tendo de carpir ao romper da aurora, ao meio-dia e ao entrar do sol ; os mais tratam immediatamente de arranjar o necessario para a festa dos mortos.

« Para prepararem as bebidas destinadas a essa festa mettem o milho e o pinhão juntamente com agua em grandes panellas de barro, e perto do fogo os moem com os dentes para mais depressa fazel-os fermentar ; depois, misturam o caldo do milho com mel, formando por este processo uma bebida embriagante, pouco agradavel ao paladar da gente civilisada, mas muito apreciada dos selvagens, que a chamam *Aquiqui*, isto é, aguardente.

« Oito dias depois do enterro do morto, a um signal de busina, reunem-se na cabana dos parentes do fallecido todas as familias da tribu, com os corpos pintados de preto. Entram em silencio e com gravidade, e sentam-se sem distincção á roda do fogo (que quasi se estende de uma extremidade da cabana á outra) em duas fileiras, uma em frente da outra. Sentam-se as mulheres

por traz dos homens; nesta posição começa o cacique a cantar em louvor do morto uma cantiga monotona; as mulheres, e a do morto sentada a um lado, choram, e os homens offerecem aos convidados comidas e *aquiqui*. Repentinamente levantam-se todos cantando e dançando em torno do fogo, formando uma scena animada e pittoresca o movimento dos corpos acompanhado com as mudanças dos passos de certeza admiravel, tendo todos nas mãos uma rama de folhas verdes ou um bordão pintado a capricho; continuam com este folguedo até acabar-se o *aquiqui*, o que geralmente não passa de cinco a seis horas; durante este brinquedo alguns delles ficam embriagados e lançam o *aquiqui* ao fogo; mas estes são amarrados para não fazerem damno aos mais, e quando acontece que alguma mulher fica neste estado, serve de caçoada a todos, até crianças. Desta maneira acaba a dança, e todos suados e sujos de cinzas e fumaça procuram o rio para se lavarem e dissiparem os vapores do aquiqui.

« As cabanas em que moram servem até ficarem inhabitaveis por causa da immundicie, tanto interna como externa; acham que é mais facil queimar a velha e construir uma nova do que terem o trabalho de afugentar os bichos dos pés e as pulgas que os atormentam, ou fazer a limpeza necessaria para destruirem estes insectos; muitas vezes, sem estes motivos não duram as cabanas muito tempo porque, suscitando-se qualquer duvida entre elles, a primeira vingança que tomam é procurarem queimar a casa do contrario.

« Em cada cabana grande ha um ou dous indios que governam os mais, e cada mez sahe um destes para os alojamentos que ainda existam no sertão vizinho (que, segundo me contou um indio, andam por uns doze); fazem estas viagens mensaes para colherem noticias si tem morrido algum.

« Voltando o mensageiro com a noticia do fallecimento de algum conhecido, lamentam-se todos e choram com grande algazarra.

« As suas festas (quando as ha) dão-se quasi sempre no tempo do milho verde; mandam então convidar os

caciques dos outros aldeamentos, e preparando-se com tintas e pennas vão ao seu encontro meia legua de distancia, levando-lhes bebidas ; a cincoenta braças da cabana sahem as mulheres carregando bonitas pennas, com as quaes enfeitam a cabeça e corpo dos convidados.

« Em algumas occasiões, primeiro que tudo vão ao cemiterio e rezam pelos defuntos ; em outras, sem cuidarem disso, assentam-se em torno do fogo com a maior gravidade imaginavel.

« Nestas festas recitam algumas poesias que me pareceram rimadas ; mas nunca lhes pude saber a significação.

« Estes indios quando em marcha deixam vestigios de comida e caçadas, e si lhes apparece algum animal feroz deixam tambem signal para avisarem á gente que vem atraz de que aquelle sitio é perigoso ; quando caminham de noite, levam comsigo um archote ou tição de fogo acceso.

« São muito inclinados ao latrocinio ; em podendo lançar mão de qualquer cousa que excite a sua cobiça não o deixam para logo, e tanta habilidade mostram no furto como os mais refinados ladrões das grandes cidades ; entretanto este pessimo costume vae diminuindo e licito é esperar que com o tempo e educação desappareça entre a maior parte delles.

« Uma das difficuldades na catechese e civilisação destes indios é a grande facilidade delles se sustentarem nas mattas.

« Offerece-lhes a natureza com mão liberal tudo de que necessitam : abundam as florestas em fructa e caça e os rios em peixe ; em qualquer parte emfim acham com que matar a fome e, tendo elles a barriga cheia, por cousa mais alguma appetecem.

## «Religião.

« Admittem estes indios a existencia de uma divindade como todos os entes racionaes ; ignoram, porém, os verdadeiros principios da religião.

« Alguns tambem têm noções de um sêr malfazejo, a que chamam *Acritão*; mas tal crença não é geral entre elles.

« No dia 12 de Novembro de 1866 perguntei ao cacique mais velho capitão Manoel Aropquimbe (que quer dizer *avançador*) quem era o deus, a que chamavam « Tupen. »

« Promptamente respondeu-me elle que era o sopro, e que quando algum estava doente, por costume delles, deve ficar uma pessoa ao seu lado soprando-lhe na cabeça, nas costas e na barriga. E si neste tempo acontece haver trovoada com relampagos, cessa-se de soprar, porque é prova certa de que Deus estava irritado e que o enfermo provavelmente morria.

« Desta conversa deduzi que elles adoravam o relampago e o trovão, tanto mais (como tenho observado) que têm muito medo de trovoada, chamando-a « Deus bravo. »

« Algumas vezes diziam que Deus era o sol, outras a lua e concluiam com uma palavra: *Cequiguetedi*, que quer dizer: nada sei a este respeito.

« Emquanto conversavamos, lembrei-me de uma passagem das aventuras de Robinson Crusoé, quando este discorria com o seu indio Sexta-Feira acerca da crença em Deus.

« Era elle quasi da mesma opinião do velho cacique, mas tinha mais vontade de aprender a verdade: dizia a Robinson, respondendo a perguntas, que o seu Deus se chamava Tupan; que era o trovão, e que esse trovão creára a terra, o mar, animaes, plantas e todas as mais cousas; que o homem era muito mais velho do que o sol, a lua, as estrellas e o céo, e que a morada desse Deus assentava nas mais altas montanhas.

« Ouvindo esta narração, fez Robinson com boas maneiras ver ao pobre selvagem os seus tristes erros. Dando melhor idéa de Deus, explicou-lhe que ninguem póde ver o Ente Supremo por ser invisivel, perfeitissimo, infinito e omnipotente, sabendo de tudo que pensamos, fazemos e dizemos; um justo remunerador, dispensando a cada um premio ou castigo segundo as suas obras, e

desejando que os homens se aperfeiçoem de dia a dia para depois obterem uma felicidade eterna.

« Escutava Sexta-Feira estas sublimes e consoladoras palavras com grande attenção e respeito e desejava todos os dias ouvir as verdades principaes da religião, julgando-se muito feliz por aprendel-as, attribuindo tudo que uma graça particular do Creador, lhe permittira achar-se em companhia de um homem temente a Deus e tão instruido.

« Mas nas conversações que tive com o velho cacique, achei-o com disposição em tudo contraria á do neophyto de Robinson. Não me foi possivel fazer-lhe compenetrar-se dos seus tristes erros, nem convencel-o de que a polygamia é um peccado e que devia contentar-se uma só mulher em logar de quatro (como tinha) em sua companhia; muito menos persuadil-o que, morando comnosco, devia aprender a religião, para que tanto elle como a sua gente se tornassem com o tempo verdadeiros christãos e bons cidadãos.

« O velho polygamo em logar de mostrar desejos de ser educado, respondeu-me que não podia deixar de ter as quatro mulheres, porque era « Tremani » (isto é valente).

« Si estava morando comnosco, continuou, não era por encontrar a felicidade, pois mais feliz se achava nas mattas virgens, onde a caça, o peixe e a fructa eram mais abundantes, e nunca lhe faltára mantimento sufficiente para o proprio sustento e o da numerosa familia. O verdadeiro motivo que justificava sua permanencia entre nós era porque não podia passar mais sem as nossas ferramentas; que já era tarde para elle acceitar uma nova religião, sendo já velho, tanto que nunca pôde aprender a fazer o signal da cruz; emfim, despediu-se com *uma risada* e deu-me as costas, dizendo-me sarcastico adeus.

« Visto não ser possivel fazer com que os indios já maduros aprendam as verdades da religião, o meio mais facil (a meu ver) é inocular-lhes o amor ao trabalho, a ambição de ganharem e possuirem as cousas, não dadas de presente, que elles mesmos dizem nada valerem,

mas ganhas á custa do seu esforço. E' necessario incutir-lhes horror ao furto e ao homicidio, a que são muito inclinados.

« Quem pensar que se póde sujeitar o indio a uma vida sedentaria em poucos annos, pensa erradamente: os que sahiram dos mattos em idade viril, tarde ou nunca se acostumam com outro modo de existencia; os adolescentes e aquelles que nascem nos aldeamentos são os unicos proprios para receberem instrucção religiosa.

« Si para se extirparem superstições e maus costumes de muita gente que se diz civilisada, é necessario penoso trabalho, grande perseverança e continuos sacrificios, quanto mais com estes filhos das florestas, que, prezando sobre tudo a liberdade e independencia, a ninguem obedecem e estão sempre promptos, por qualquer desgosto, a ganhar outra vez o matto? E uma vez feita esta tenção, não ha conselho nem agrados, que os leve a mudarem de resolução.

## «Dialectos

« Todas as nações civilisadas têm certas regras de linguagem seguidas pelos homens intelligentes e bem educados; mas poucas são as que não possuam seus dialectos nas differentes provincias em que se subdividem: entre os selvagens da mesma nação que fallam a mesma lingua ha tambem dialectos. Com effeito, observei que os indios do aldeamento de S. Jeronymo, bem que sejam da mesma nação que os de S. Pedro de Alcantara, têm muitas palavras pronunciadas de uma maneira inteiramente diversa; do mesmo modo que, por isso concluo, si ha dialecto nas nações civilisadas, os ha tambem entre os indios selvagens.

« Aldeamento de S. Jeronymo. — *Frei Luiz de Cemitille.* »

## IV

Sobre os indios de Guarapuava encontrei valiosas informações num trabalho do padre Francisco das Chagas Lima, impresso no tomo IV da preciosa collecção da *Revista* do Instituto Historico. Este sacerdote acompanhou como capellão a expedição que descobriu e colonisou aquelle sertão de Guarapuava em 1809, foi vigario collado da freguezia alli creada de Nossa Senhora de Belem e deixou grande nome e fama em toda aquella zona, após longos annos de existencia.

Essa memoria, offerecida ao Instituto pelo socio honorario marechal Daniel Pedro Muller, vae da pag. 43 á 64 daquelle volume e comprehende quatro capitulos.

O 1º trata do *nome, extensão da colonia de Guarapuava, importancia da exploração feita e épocas historicas.*

O 2.º das *hordas de indios, população, costumes e linguagem.*

O 3º da *catechese dos indios e reflexões sobre o seu tratamento.*

O 4.º finalmente do *clima, aspecto do paiz, producções, rios, montes e animaes.*

A primeira noticia da conquista e posse do sertão de Guarapuava [4] data de 1767, sendo as explorações feitas, por ordem do marquez de Pombal transmittidas ao capitão-general D. Luiz de Souza, já por Bruno da Costa Filgueiras, que, navegando o rio Iguassú, regressou após um anno de infructiferas tentativas, já pelo capitão Antonio da Silveira Peixoto, que, sahindo a barra daquelle grande rio, foi preso pelos hespanhoes.

Representa este acto de violencia o primeiro facto na decantada Questão de limites, que herdámos de Portugal por aquelle lado das Missões e que ainda hoje estamos pleiteando.

A esses exploradores succedeu o tenente Candido Xavier de Almeida e Souza, o qual, deixando a margem

---

[4] Segundo o padre Chagas Lima, esta palavra quer dizer ave de vôo não rasteiro, em contraposição a *guairá* (passaro pequeno).

direita do Iguassú e varando para o norte pelas mattas menos compactas,pisou afinal os campos de Guarapuava, a 8 de Setembro de 1770.

Por outro lado avançára o coronel Affonso Botelho, que comtudo pouco adiantou, retirando-se, porque os indios lhe mataram sete soldados da comitiva.

Chegando ao Brasil o rei D. João VI, continuou o conde de Linhares a previdente politica do marquez de Pombal e,por carta Régia de 1 de Abril de 1809, determinou uma expedição para o regular descobrimento dos sertões de Guarapuava até á margem esquerda do rio Paraná.

Foi della encarregado o tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, que partiu á frente de duzentos homens armados e municiados, levando comsigo varios empregados e dous missionarios, o Rev. Francisco das Chagas Lima, presbytero secular autor da citada Memoria, e frei Nolasco da Sacra Familia, religioso benedictino, que pouco se demorou, regressando ao seu mosteiro.

A 1 de Agosto daquelle anno de 1809, chegou a expedição á entrada das mattas, que constituem o que no Paraná se chama o sertão.[5] Ficou ahi dous mezes, passou-se para além da primeira matta e esteve parada quatro mezes num ponto que denominaram S. Felippe, seguindo para a margem do Imbituba, onde esteve acampada por espaço de seis mezes. Não foi sinão a 10 de Junho de 1810, que se poz novamente em marcha, e a 17 daquelle mez, dia da SS. Trindade, ás dez horas da manhã, sem opposição alguma do gentio, pisou os campos de Guarapuava.

E' preciso conhecer, como eu, a belleza daquellas paragens e o encanto natural e penetrante dessa formosa região, perfumada pela intensa fragrancia de um capim que cheira a limão mimoso, illuminada por sol

---

[5] Em outras provincias do Brasil a palavra sertão dá idèa de vastos campos, cortados ou não de matto. Na do Paraná, a palavra campo é a extensão mais ou menos descortinada, e sertão é a matta trançada.

radiante, ao passo que a temperatura se conserva quasi fria, para se ter idéa da alegria dos expedicionarios, depois da aspera travessia pelas florestas compactas da serra da Esperança e outros serrotes, em que a cada momento esperavam o assalto de ferozes silvicolas.

Estavam, pois, vencidos os maiores obstaculos, como que desvendados os grandes mysterios que ficavam para além dessa penosa e elevada cadêa de montanhas, tão poeticamente denominada da Esperança, como si fôra novo cabo Tormentorio a dobrar e cheio de seductoras revelações.

Depois de 8 dias de reconhecimento, em que se devassaram 10 leguas em torno, sem que se encontrasse motivo de desassocego, fundou o tenente-coronel Portugal, para lá do rio Coutinho, a povoação da Atalaia, assim chamada por causa do posto de observação e vigilancia que então se erigiu sobre compridos esteios, systema tão usado no Paraguay e tão popularisado, durante a guerra dos cinco annos, sob o nome de *mangrulho*. Esse tinha 40 palmos de elevação.

No dia 16 de Julho é que se apresentaram os primeiros indios, em numero de 30 a 40, mostrando disposições pacificas, que mais ou menos sempre mantiveram em relação aos portuguezes. Estes souberam aliás aproveitar as guerras e inimizades entre as diversas tribus indigenas, prolongando-se ellas de 1812 a 1825, e de certo não faltaram scenas de horror e selvageria entre os aldeados (*camés e votorões*) e os *dorins*, distinguindo se na pratica de pavorosos crimes o cacique capitão Luiz Tigre Gacon.

Entretanto a povoação da Atalaia ia sempre em augmento, que aliás mais se havia de confirmar sinão fossem, em fins de 1812, dalli recolhidos os soldados milicianos e suppridos pelos da ordenança, « homens, diz o padre Chagas, da infima plebe e sem estimulos da honra. Iam como forçados até descobrirem occasião de se escaparem : uns fugiam em caminho, outros no dia seguinte de sua chegada, outros chegavam miseraveis de roupa e de saude, e, tanto que se viam sãos ou decentemente vestidos, desertavam ; emfim, outros

mais remediados (estando disposto que de tres em tres mezes seriam rendidos) faziam o mesmo que aquelles, porém sempre acompanhados de 4, 6 e 8 soldados, os quaes, tendo a certeza de que seriam perseguidos como desertores, se passavam com suas familias para outros districtos que não eram seus domicilios, mórmente para Viamão. »

Accresçam-se a isso as continuas queixas dos habitantes das villas de Curitiba, de Castro e do Principe, e representações das camaras desses districtos sobre os males que lhes provinham da turbulencia e habitos da gente da expedição de Guarapuava, e por ahi se verá que não havia razões, para que o poder Régio olhasse com vistas sympathicas aquelle centro de nascente povoação.

Entretanto o Alvará de 12 de Novembro de 1818 ordenou que se lançassem os fundamentos da freguezia de Belem, hoje cidade de Guarapuava, o que só teve execução em fins de 1819, lavrando-se disto um termo, de que mandei tirar cópia do archivo da Camara municipal, e que foi pela primeira vez impresso nas *Gazetas Paranaenses* dos começos de Maio de 1886.

## V

Segundo o padre Chagas Lima, os indios que povoavam os sertões de Guarapuava, por occasião da exploração e conquista, dividiam-se nas seguintes tribus : *camés*, *votorões*, *dorins* e *xocrens*, as duas primeiras moradoras dos campos, a dos *dorins* aldeada junto ás margens do rio Dorim, para o lado do campo das Larangeiras ; a ultima, dos *xocrens* entre os rios Iguassú e Uruguay. Além destas havia a dos *tavens*, que usavam de um dialecto especial e habitavam entre os rios Paraná, Piquiry e Itatú.

A qual dessas subdivisões pertence a denominação *caingang* ? A todas ellas deverá estender-se, ou ser mais

particularmente applicada aos *càmés,* segundo pretende Martius em uma nota ao vocabulario dessa tribu ? [6]

O padre Chagas nunca se refere a semelhante denominação, que não póde comtudo ser posta em duvida, conforme já deixei dito e demonstrado.

O numero total, pelo que nos diz a *Memoria*, era computado approximado a 1000, dos quaes 152 *camés*, 120 *votorões*, 400 *dorins*, quando muito 60 *xocrens* e 240 *tavens*.

Affirma o autor um facto de que não tive noticia e a que não se refere o padre Cemitille, isto é, que esses indios tinham por costume matar, não só os velhos decrepitos, sob pretexto de compaixão, mas tambem as crianças que nasciam defeituosas.

Como já ponderei, muitas das observações feitas pelo missionario capuchinho, trasladadas para o corpo desta monographia, acham confirmação no que escrevi sobre os *chanés* e outros indios do sul da provincia de Matto Grosso. Si entre elles é uso commum e frequentissimo a provocação dos abortos em mulheres gravidas, sobretudo quando moças, nunca ouvi fallar nessa execução de velhos e sobretudo crianças, que todas ao envez merecem dos progenitores, e principalmente das mães, os mais extremosos cuidados. [7] Colhi, até factos absolutamente em contrario, verificados *de visu* ; assim terem sido levados ás costas dos mais fortes decrepitos invalidos e infelizes *mêmês* (mulheres velhas) para o abrigo dos Morros, no alto da serra de Maracajú, quando em principios de 1865 os paraguayos invadiram o districto de Miranda e tangeram aterrada diante de si toda a população brasileira, de envolta com os indios aldeados naquella zona meridional de Matto Grosso.

---

6 « *Diese Camés, den Ansiedlern im Innern von S. Paulo unter der Namen der Bugre oder als Indios do Matto bekannt, nennen sich selbst Caing-ang, und wenn sie sich unter den Weissen als gezähmt, niederlassen, Cai-qui.*»

MARTIUS—*Glossaria linguarum brasiliensium*, pag. 212.

7 *Scenas de Viagem*, exploração entre os rios Taquary e Aquidaban no districto de Miranda—Memoria descriptiva—Rio de Janeiro-T. A—1868.

Na opinião do padre Chagas, o idioma dos aborigenes de Guarapuava nada mais é do que o guarany. Entretanto é elle muito differente da lingua de que usaram e usam os *cayuás*, seus vizinhos confinantes para lá do rio Paraná, conforme se póde verificar com a simples apreciação e estudo de poucos termos do exacto vocabulario que traz a *Revista Trimensal* do Instituto Historico em seu tomo XIX de pags 448 a 476.

Ahi, sim, é o puro guarany.

E esta consideração nos parece de algum, si não elevado, valor na debatida questão das Missões, devendo ella contrariar as pretenções argentinas de que aquelle territorio de longuissima data pertencia ás raças sujeitas ao dominio hespanhol e que habitavam para lá do grande rio. Não ; de todo o tempo constituiu essa divisa uma fronteira natural, e tão poderosa, que os nomades de uma e outra margem assignalavam a sua presença, cada qual na sua zona de vagabundagem, sem transporem nunca aquella linha de separação. Assim todas as denominações de logares, rios, corregos e campos do lado brasileiro, são de origem e feição *caingang*, mais chegadas ao tupy, ao passo que do outro tomaram o caracter e typo meramente *cayuá* ou *guarany*. Assim *Gôyó-ên*, *Êrê*, *xanxarê*, *Chapecó*, *Chopin*, etc. Os nomes de corregos, ribeiros e rios, são todos *yg* do lado de lá, e *gôyo* de cá.

A lingua ou dialecto *caingang* é mais ou menos doce e tem certa harmonia, dando-se, no fallar corrente, muitas ellisões, que só se podem destrinçar, quando pronunciam as palavras de vagar e destacadamente. Aliás não ha regras para a declinação dos nomes e conjugação dos verbos, ou si as ha, são summamente deficientes. O complemento restrictivo (genitivo) vem sempre antes da indicação do possuidor ; assim : flôr de abobora, *pacon feié*; olho d'agua, *gôyó cané*.

Usam a cada momento do hyperbaton, sendo a ordem habitual das palavras muito invertida ; assim o complemento terminativo ou objectivo costuma ser anteposto ao sujeito que precede o verbo. Por exemplo : Capitão grande deu a Coverê roupa nova — *Curuhe*

*Coveré paim banc moteque yá.* Roupa nova a Coverê capitão grande deu.

Este verbo *dar* traz grandes confusões a quem quer se iniciar nos acanhados mysterios dessa pobre lingua *caingang*, sendo expresso por termos mui diversos, assim *moteque*, *nimó*, *eifé* e *fiton*, v. g. : dá-me mel, *hamang nimó* ; — não dou, *ndéya* ; não deu, *fiton* ; dar pancadas, *xim.* [8]

Tem elles monosyllabos que exprimem uma idéa : como *rem*, pintar o corpo, quando pintar é *vanherem* ; *jut*, uma cousa que apparece ; *put*, quando desapparece ; não sei, *cah* ; *rom*, abrir a porta, (fechar a porta é *ni faina)* ; *ort*, isto é mentira, etc

Possuem tambem certa abundancia de termos em alguns casos ; por exemplo : camisa, *chupoin* [9] ; camisa curta, *roró* ; camisa comprida, *teca* ; camisa sem mangas, *crenini* ; collarinho da camisa, *tindui* ; botão da camisa, *den* ; casa, *diren* ; mangas, *tapeuxi* ; nesgas, *tiungrére* ; fralda, *tindará*. Do mesmo modo, dia, *quiçá* ; de dia, *curém* ; de noite, *coty* ; de manhã, *cuchéque* ; de tarde, *herei kêkê.*

O vocativo, si se refere a homem, vem seguido da particula *uãa*, e *yãa* si mulher. « O' Catoxa, ó Depery, venham cá — *Catoxa uãa, Depery yãa, o ketim !* »

As particulas augmentativas são *bang*, *bê*, *biú* ; as diminutivas *xim*, *xiri* ; por exemplo : casa grande, *hin-báng* ; casa pequena, *hin-xim.*

« As conjugações de verbos, diz Chagas Lima, são em extremo defeituosas, faltando-lhes a clareza necessaria para nelles se distinguirem modos, tempos e pessoas.

« A particula *ahúrú* denota preterito, bem como *ya*, ainda que mais raras vezes.

« A negação exprime-se por *tom.* [10]

---

8 Recommendamos muito a consulta do vocabulario que traz o tomo XV da *Revista Trimensal* sob a denominação de *vocabulario bugre*. Só na impressão deste meu trabalho é que pude cotejal-o.

9 Dalli virá *chupim*, o nome da colonia ?

10 No meu vocabulario vem *toim* e *tom*.

« Exemplo da conjugação do verbo *có*, comer.

| | |
|---|---|
| Eu como<br>Tu comes<br>Elle come<br>Nós comemos<br>Vós comeis<br>Elles comem | Có |
| Eu comi<br>Tu comeste, etc. | Ahurú-có |
| Come tu<br>Comam elles | Acó |
| Comamos juntos | Embra-có |
| Eu não como<br>Tu não comes<br>Etc. | Có-tom |
| Eu comerei<br>Tu comerás<br>Etc. | Coiai-ke-mon |
| Eu não comerei<br>Tu não comerás | Eoiai-ke-tom |

Desejo comer — *coiaate*.
Não quero comer mais — *cotom-uá*.
Que hei de comer ? — *de-có ?*

« Este adverbio *émbra*, juntamente, serve tambem de conjuncção *e*.

Outros verbos :— *Ir* e *vir*

Eu vou — *timo cá*.
Vamos — *momacá;* vamos para a casa—*into namocá*.
Vão todos — *mom*.
Venha para cá — *oketim*.
Vá para lá — *atim*.
Vamos juntos — *embratim*.
Vamos todos — *moná*.

*Lavar ou lavar-se — cupe.*

Já lavei — *cupeiá.*
Não lavado — *cupi-tom.*
Mulher lavou roupa — *curúfaiá timi.*
Homem lavou roupa — *curúfai fiuri.*

*Ser* ou *estar — ni, á, on*

Estár rindo — *venju.*
Estar sentado — *ninira.*
Estar deitado — *niná.*
Ser surdo — *metom* (isto é, *mê,* ouvir; *tom,* não).
Ser cego — *cané tom* (isto é, *cané,* ver— *tom,* não).
Estar parado — *ta-niki.*
Estar comendo — *cotim.*

*Accender — pingungrá*

Accende (imperativo) — *pingrú.*
Accendeu — *pimiencará.*

Querer — *heiketim*

Eu já quiz — *heiketemyá.*
Elle depois não quiz — *cara ke tom choró.*
Eu não quero — *ichi-ritim.*

Fugir — *guaipayú*

Eu fujo — *guaipayu-tim.*
Fujamos — *guaipayu-momna.*
Já fugiu — *guaipuyú-yá.*
Já fugiram — *embra-guaiapayú-yá.*

---

O Dr. Carlos Frederico Felippe von Martius na sua obra *Glossaria linguarum brasiliensium* diz, com razão ou não, que o dialecto *camé* pertence a uma

subdivisão da grande tribu *crén* ou *guerén* que, segundo pretende, comprehende:

1º *Botocudos*, subdivididos em *encruknungs, crec-muns, nac-kangs* (homens da terra) *djiupurocos*, etc.

2º *Corôados* que comprehendem os do rio Xipotó e da Aldêa de Pedra.

3º *Purys.*

4º *Malahys.*

5º *Guatós.*

6º *Patagons.*

7º *Camés.*

Em geral o livro, que o illustre sabio allemão tentou fazer com fim tão perspicuo e synthethico, pecca pela fonte duvidosa e ás vezes má de informações, além da gravissima confusão e disparidade, conforme já notei em começo, no modo de escrever as palavras indigenas. Respigando a esmo de Castelnau, Saint-Hilaire, Principe de Neuwied, Eschwege, Pohl, Wallace, Latham e outros escriptores de nacionalidades mui diversas, constituiu uma verdadeira babel, em que mal se póde ter idéa da fiel e verdadeira pronuncia das lettras e diphtongos. Não é curioso vêr um allemão reproduzir o *ou* francez para representar o som de *u*?

Assim por diante.

O interessante tentamen de Martius tão bem exposto, embóra em linguagem chã e ingenua, na *Advertencia aos philanthrcpos brasileiros que lerêm este livro*, ainda está por fazer-se.

## VI

Julgo não poder terminar de melhor modo esta Monographia, do que reproduzindo em sua intrega o importante documento que achei archivado na Camara Municipal da cidade de Guarapuava, conforme já disse, e de que logo mandei tirar copia authentica.

Por elle se verá quantos cuidados mereciam dos estadistas portuguezes as possessões brasileiras, sobretudo nas fronteiras com castelhanos, salientando-se bem o espirito sensato e largo que dominava todos os conselhos, não só quanto a edificações dos novos povoados, como tambem em relação aos indios e primitivos habitantes das terras que iam sendo descobertas.

Houvessem sido sempre respeitadas as minuciosas e previdentes instrucções exaradas do gabinete de zelosos ministros de Estado, e muitas difficuldades se achariam hoje obviadas e removidos embaraços, que ainda no momento presente nos cercam e incommodam.

Eis o alludido documento:

## FORMAL

Da creação da povoação e freguezia de Nossa Senhora de Belem, nos campos de Guarapuava:

---

« Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1819, aos 9 dias do mez de Dezembro, nesta conquista de Guarapuava, sendo convocados o tenente commandante interino da Expedição Antonio da Rocha Loures, o reverendo vigario Collado Francisco das Chagas Lima, e mais povo, que se acharam neste Presidio de Atalaia, para um logar de campo aprasivel situado para a parte do Sul da mesma Atalaia, legua e meia de distancia e do Rio Jordão 1/4 de legua; onde precedendo-se ao exame do terreno e achando este com todas as circumstancias e proporções necessarias, tanto em bellas aguas de que está cercado, como em madeiras de construir edificios, de que tem abundancia pelo circuito, como em pedras de alvenaria e cantaria que são frequentes no logar, como em pastagem para os animaes, que não faltam: ahi se puzeram os p^os^ fundamentos, e se fizeram as demarcações da povoação,

freguezia e egreja matriz de N. S. de Belém, para cuja Ereção tinha o mesmo reverendo vigario obtido Alvará de sua Magestade.

Em a mesma occasião tendo-se em vista as mais ordens Regias a este respeito, se formaram certas regras, ou capitulos do que pareceu mais conveniente ao bem, conservação e augmento da mesma povoação ao presente, visto que as autoridades que têm por officio regular a policia, se acham tão longe como a villa de Castro, que daqui dista quarenta legoas mais ou menos.

## CAPITULO I

Como esta é a primeira povoação fundamental que se vae erigir nesta conquista de Guarapuava, é tão impreterivel como necessario que na sua fundação se observem restrictamente as formalidades por sua Magestade prescriptas na carta Regia de Abril de 1809.

Portanto : As casas todas que nella se levantarem, serão separadas umas das outras, cobertas de telhas, e a povoação cercada de trincheiras ou fóssos, tudo pelas razões na carta Regia ponderadas.

Ao que se acrescenta, que nenhuma das ruas da povoação tenha menos de 100 palmos de largura, que as paredes das casas sejam feitas de pedras, ou taipa de pillão, ou ao menos firmadas sobre esteios de madeiras de cerne ; e nem uma tenha de altura na frente menos de 15 palmos, todas alinhadas, segundo a planta que levantou e offerece o reverendo vigario Francisco das Chagas Lima.

E porque é necessario haver desde agora onde se recolham os trabalhadores e mantimentos, se levantará fora da trincheira, mas debaixo da mesma ordem, uma rua de pequenas e ligeiras casas cobertas de palhas, as quaes, depois de concluida a povoação, ficarão servindo para estalagem de passageiros.

## CAPITULO II

Determina sua Magestade na sobredita carta Regia, que em todas as povoações que se forem erigindo nesta conquista, se houvesse de deixar uma lingua de campo e mattos para logradouro commum. Em observancia do que se procedeu a consignar a dita porção de terras adaptadamente ao terreno de maneira que ficasse e quanto possivel fosse demarcada pela mesma natureza, segundo este principio. Será o Rocio desta freguezia pela parte do Nascente, dividido por uma linha que córte de Sul a Norte, principiando na barra que faz no rio Jordão um corrego denominado Barreiros, até entestar no ribeirão chamado da Entrada.

Pela parte do Norte servirá de divisa o mesmo ribeirão emquanto corre de Este a Oeste; e, onde elle faz volta para o Sudoeste, subirá a divisa por um banhado ou lagrimal até descer no rio Coutinho, pois este lagrimal desagua para uma outra parte. Pela parte do Poente servirá de divisa o mesmo o rio Coutinho até onde nelle faz barra um ribeirão, que tem suas cabeceiras no capão redondo, por cuja razão ficará o mesmo capão de matto incluido no rocio da freguezia.

## CAPITULO III

A felicidade, conservação e augmento de uma povoação consiste em se tomarem logo desde o principio certas medidas sobre o uzo d'aquellas commodidades que a natureza offerece; de maneira que se não destruam e venham a faltar pelo futuro; portanto parece racional que o mesmo commandante que aqui estiver, haja de defender aos foros o seguinte: 1º Que nenhuma pessoa nas mattas do rocio desta povoação faça roças de lavoura ao uzo do Paiz, por que costumando-se estas a estrumar com as cinzas dos arvoredos cortados e queimados, em

breve annos destroem-se bosques inteiros, resultando d'aqui virem a faltar pelo tempo em diante as madeiras de construcção e até mesmo a lenha para o fogo diario. 2º Que ninguem no dito rocio, ou nas terras dos Indios córte pinheiros para aproveitarem unicamente seus fructos, que por não estarem ainda maduros, não cahem por si mesmo das pinhas; nem os derribem para servirem-se dos galhos para cercas, perdendo-se o lenho maior que serviria para estructura das casas, nem os desfalquem de sua casca em roda, por que então seccam e se perdem todo o lenho e fructos, que dariam annualmente. 3º Que ninguem corte outros arvoredos fructiferos mas que sejam silvestres, como sejam Guabiroveiras, Jaboticabeiras e as Palmeiras de Butiá que dão fructo especioso, declarando que isto não é prohibir que façam as suas sementeiras nos campos e curraes estrumados; por que então sendo lavrados ao arado, produzem toda sorte de grãos excellentemente; nem que se sirvam dos pinheiros para estructuras de suas casas, nem que usem em commum e indistinctamente dos fructos silvestres, quando estiverem maduros, sem estragar os arvoredos. 4º Que ninguem ponha temerariamente fogo aos campos do rocio, ou dos indios, sem ordem ou licença do mesmo commandante; e os que contravierem a isto são dignos de castigo, por que não somente fazem o renovo dos pastos intempestivamente, como destroem os capãositos de mattos, com que a natureza adornou estes campos e os utilisam os seus habitantes.

## CAPITULO IV

Os indios e neophytos desta conquista estão aldeados, e as terras para sua vivenda lhes foram concedidas por sesmarias no logar da Malaia, certos de que ahi mesmo devem ficar permanecendo. O que ha de parcular a respeito delles é que seja feita a separação do povo e dos soldados, separação que em todo caso é necessario fazer-se porque a mistura em que até agora

estiveram tem sido um dos maiores óbices á perfeita conversão destes infieis. Não será permittido aos indios, especialmente mulheres, andarem vagando pela freguezia e seus contornos quando n'esta somente se devem admittir de assistencia os que forem chamados a serviço em quanto trabalharem, os orphãos que forem dados a ganhar soldada, e os menores ou adultos que fôrem postos a aprender alguma arte liberal ou officio mechanico. E da mesma sorte será defezo aos soldados irem de passeio á aldeia; tem logar, contra os que obrarem o contrario, a disposição de S. M. a este respeito na mesma carta regia de 1º de Abril de 1809.

## CAPITULO V

Em contemplação destes indios que naturalmente amam muitissimo todas as bebidas que podem embriagar, e não menos dos soldados que tém feito n'esta expedição manifesto abuso da aguardente que para ella trazem os negociantes; de onde tém nascido inumeraveis desordens, é indispensavel que se prohiba a importação deste genero para esta conquista.

## CAPITULO VI

Para se poder obter uma mais breve e facil communicação desta conquista com a villa de Castro, de que depende pela justiça, será conveniente se faça um officio á camara da mesma villa, requerendo a abertura de um caminho direito pelo bairro das Conchas até o campo do Cupim, em cuja estrada não sómente se atalham 2 dias de jornada, como se evita a passagem de 3 rios caudalosos e impetuosos no tempo das aguas, quaes são o Imbituba, o das Almas e Guarauna, fazendo a mesma proporção ou ainda melhor quando se queira seguir das Conchas para a villa de Curityba e Paranaguá, onde

esta expedição e povo se providenciam de sal, e outros generos que vém de mar fóra. Por esta forma se houveram os capitulos por acabados, os quaes sendo approvados pelo Exm. Sr. General desta Capitania, terão força de Estatutos particulares desta Povoação, emquanto nella não houverem outras autoridades, que tenham a seu cargo regular a Policia : do que se fez este Auto assignado pelo Tenente Coronel interino Antonio da Rocha Loures, e Vigario collado Francisco das Chagas Lima. Eu José Joaquim Marçal o escrevi. Antonio da Rocha Loures. Francisco das Chagas Lima.

Está conforme.—*Christiano Plettz.* »

# VOCABULARIO
DO
# DIALECTO CAINGANG
(CORÔADOS DE GUARAPUAVA)

PROVINCIA DO PARANÁ

POR

Alfredo d'Escragnolle Taunay

Presidente da Provincia do Paraná de Setembro de 1885 a Maio de 1886

E

SENADOR DO IMPERIO.

## A

| | |
|---|---|
| Abobora * | *Péjú* |
| Abelha | *Mangué* |
| Acabar | *Cara-huri* |
| Achar bom | *Quei-chion* |
| Achou mel ? | *Manpai-hume ?* |
| Adiante | *Fontê* |
| Agua | *Gôió* |
| Agua ardente (de milho) | *Gôió-afé* |
| Agua ardente (de pinhão) | *Gôió-aqui, aquiquí* |
| Agua quente | *Gôió-araianguê* |
| Alambary * ou melhor lambary | *Canero fuérê* |

---

* As palavras com este signal acham-se no pequeno vocabulario do Sr. Telemaco Moricines Borba, publicado em 1882. Os *j* são sempre aspirados, bem como os *h*.

| | |
|---|---|
| Alegre | *Vendi* |
| Amanhã | *Naccá* |
| Amargo * | *Cayá* |
| Amarrar | *Texérá* [1] |
| Amar | *Ecrinhoain* |
| Anno | *Plán* |
| Anno comprido | *Plán taiangué* |
| Anta | *Nhorón* [2] |
| Ante hontem | *Naké-honte* [3] |
| Aprender | *Canharône* |
| Aquelle | *Nikêne* |
| Arára | *Caėg* [4] |
| Aranha | *Patecli* |
| Arbusto | *Cachim* |
| Arco | *Veiê* [5] |
| » | *Guiá* |
| » | *Ueiê* |
| Arrancar * | *Crivindiá* |
| Arroz | *Naracanchil* [6] |
| » | *Garacachin* |
| Arvore | *Upandóy* |
| Assar * | *Jacxunde* |
| Assentar-se | *Niva* |
| Atirar fóra | *Fonfonara* |
| Atravessar | *Cafahôn* |
| Anus | *Tifü* |
| Avó | *Imban* |
| Azedo * | *Fá* |

---

[1] *Têxera* tomei eu ; egualmente o Sr. Mendes dos Santos. O Sr. Borba traz *tokfirã.*

[2] O Sr. Borba diz mais exactamente *Oiôn* ; o vocabulario *bugre* do tomo XV do Instituto Historico *ajoron.*

[3] Parece palavra hybrida (?)

[4] O Sr. Borba diz *caéi*; o vocabulario bugre *queág.*

[5] Essas diversas maneiras de dizer arco provem do modo por que eu e o Sr. Mendes dos Santos tomámos os nossos apontamentos. O Sr. Borba traz *ui*.

[6] A mesma observação á da nota supra.

## B

| | |
|---|---|
| Balaio * | *Gueyé* |
| Baicoral | *Pane conguere* |
| Banana | *Tebancane* |
| Banco | *Ninhá* |
| Banhado | *Or* |
| Barba | *Joê* |
| » de pau | *Cai-jêrê* |
| Barriga | *Inajú* [1] |
| Barril | *Gôió-fande* |
| Bastante | *Enguetcá* |
| Batata | *Petehú* |
| Batuque | *Grengreia* |
| Beber | *Acrôn* [2] |
| Bigode | *Ienkigliná* |
| Bôbo | *Mancamé* |
| Boca | *Ienké* |
| » | *Nhanteké* [3] |
| Bolo ou pão | *Emim* |
| Bom | *Chitagui* [4] |
| Bom | *Ochiteni* [5] |
| Bonito | *Chitany* |
| Bonito | *Aguy* |
| Botas | *Empentoró* |
| Braço | *Hipen* on *hijen* [6] |
| Branco * | *Côpri* [7] |

---

[1] O Sr. Borba traz *indú*.

[2] O Sr. Borba traz simplesmente *crón*.

No vocabulario Borba *ianteké*.

*Chitany*, diz o Sr. Borba. Em geral todos os indios usam da mesma palavra para exprimirem bom e bonito.

[5] Parece o mesmo que *chitany*.

[6] O *h* é aspirado. O *j* sôa como no hespanhol.

Em geral todo o homem branco.

| | |
|---|---|
| Brasileiro | *Fong* [1] |
| Bravo | *Nhôm* |
| Brasa | *Pianchkô* |
| Brigar * | *Ynhôn* |
| Bugio | *Nhengong* [2] |
| Bugre, indio do matto | *Cá-ingang* |
| Buraco * | *Dôró* |

## C

| | |
|---|---|
| Cabaça | *Rurinjá* |
| Cabeça | *Crin* |
| Cabello | *Inhán* |
| Cabello louro | *Meicuichon* |
| Cabello preto | *Gaiché* |
| Cadeira | *Indiére* |
| Cahir | *Embreia* [3] |
| Calça | *Danengoró* |
| Cama | *Nandiá* |
| Caminhar | *Emogá* |
| Caminho | *Empri-hâne* [4] |
| Camisa | *Vaichopaîn* |
| Campear [5] | *Cuneitim* |
| Campo | *Erê* |
| Cansado | *Enrorotili* |
| Caneco | *Rundiachim* |
| Canella | *Cainé* |
| Canna de assucar | *Vaeri* |
| Canôa | *Caknein* [6] |

---

[1] *Fôn* ou *fong*. Disse-me o tenente-general Beaurepaire Rohan que esta palavra provem do signal de *fogo*, que os indios a cada instante ouviam da boca dos portuguezes nas perseguições que estes lhes faziam.

[2] Diz o Sr Borba simplesmente *gong*.

[3] *Cuten* no vocabulario Borba.

[4] O Sr. Borba diz *iapri*.

[5] Na linguagem sertaneja *campeàr* é procurar animaes no campo.

[6] O Sr. Borba diz *cankeï*.

| | |
|---|---|
| Cantar | *Taintan.* |
| Canto | *Tantaniá* |
| Cão | *Hau-hau* [1] |
| Capim | *Erê* |
| Capivára | *Quingrinden* [2] |
| Capoeira * | *Engoju* |
| Carne * | *Tinin* |
| Carrapato | *Caxini* [3] |
| Carretel | *Uan-fé* |
| Carvão | *Brain* |
| Casa | *Hyn* [4] |
| Casa bem feita | *Hyn-emahete* |
| Casca de pau | *Coxinione* |
| Cascavel | *Xaxá* |
| Cateitú | *Oxixá* |
| Cauda * | *Dére* |
| Cama de cão | *Bi* ou *bu* (som de *u* francez) |
| Cavar | *Imanimprô* |
| Caviuna | *Amanto-he* |
| Cedo | *Cuchanguí* |
| Cedro | *Ton* |
| Cemiterio * | *Vai kcié* |
| Céo | *Gaican* |
| Cêra | *Deia* |
| Cerca | *Ró* |
| Cesto de tacuára | *Quenhe-uhan* |
| Chachim | *Guy* |
| Chachim de espinhos | *Uan-fé* |
| Chale | *Curú* |
| Chapéo | *Critá* |
| Charco | *Oré* |
| Chega | *Ketecá* |
| Chega de trabalhar | *Rain-rain ketecá* |
| Cheirar | *Nacahin* |

[1] Perfeitamente onomatopaico.

[2] O Sr. Borba traz *crendeng*.

[3] No vocabulario Borba *tire*.

[4] O Sr. Borba diz *in*.

| | |
|---|---|
| Chifre * | *Nicá* |
| Chorar | *Tuantong* |
| Chôro | *Tuanomo* |
| Chupar | *Kixut* |
| Chuva | *Taá* |
| Cigarro | *Majú* |
| Cinco | *Petcrê* [1] |
| Cinza | *Bréa* |
| Cinza | *Pininguiá* |
| Cobra | *Pan* |
| Côxas | *Icré* |
| Colher | *Ioé* |
| Collar | *Iancá* |
| Coma mais | *Coon-gatilim* |
| Comer | *Coon* |
| Come ovos | *Coon-garicren* |
| Como se chama ? | *Tiei erequetin ?* |
| Comprar * | *Caiáne* |
| Comprido | *Taiangue* [2] |
| Concertar | *Hahamantim* |
| Conhecer * | *Kevânherá* |
| Conversar | *Uenben* |
| Copular | *Oicó* |
| Coqueiro | *Tatefeá* |
| Coração | *Tifé* |
| Corda | *Dionxeiafan* |
| Cordão umbilical | *Nundine* |
| Correr | *Tamtamhê* [3] |
| Cortar * | *Crê* |
| Cosinhar * | *Déi* |
| Cotia | *Quixó* |
| Couro | *Háre* |
| Cotiára | *Pan-epê* [4] |

[1] O Sr. Borba traz *patcrá*. Um — *pire* ; dous — *rengrè* ; tres — *tacton* ; quatro — *oangrá*.

[2] O Sr. Borba traz *tèiè*.

[3] Diz *venuóra* o vocabulario Borba.

[4] *Pan* significa cobra. Assim cascavel *pan-xaxá*, urutú *den-pan*, etc.

| | |
|---|---|
| Criança | *Ontchi* |
| Cuia | *Petoró* [1] |
| Cunhado | *Iabré* |
| Cupim | *Runin* |
| Curto | *Rurú* [2] |

## D

| | |
|---|---|
| Dansa * | *Vaicokefú* |
| Dar á luz | *Acrembaure* |
| Dê pancada | *Impopêkerè* |
| Dedo da mão | *Inhinguefaé* [3] |
| Dedo do pé | *Ipenfaié* [4] |
| Dedos | *Epenjujá* |
| Deita-te | *Ananãn* |
| Dente | *Nhá* |
| Derrubar | *Cutemara* |
| Descer | *Tirera* |
| Deus | *Tupèn* [5] |
| Devagarinho | *Cumeretim* |
| Dia | *Curán* (claridade) |
| Dia inteiro | *Aráchiê* [6] |
| Dizer | *Haké* |
| Disse te eu | *Uin imanoenbetim* |
| Dinheiro * | *Nhatcambu* |
| Doce * | *Grein* |
| Doença * | *Cangate* |
| Dormes muito | *Arorete hy* |
| Dormir * | *Dorôná* |
| Doas | *Rengre* |
| Duro (forte) | *Taranguê* [7] |

---

[1] O Sr. Borba traz *rumbiá*

[2] O Sr. Borba *ruro*.

[3] *Inhinguê* significa mão.

[4] Openpé.

[5] Tupan no guarany.

[6] *Ará* em guarany dia.

*Tára* no vocabulario Borba.

## E

| | |
|---|---|
| Effervescencia | *Uanôromo* |
| Embira | *Vaebene* |
| Embuia [1] | *Bâin* |
| Encher | *Tonará* |
| Enterrar | *Rjura* |
| Enchada | *Crita poré* |
| Escrever (riscar) | *Vanherán* [2] |
| Esfregar | *Imitim* |
| Espera | *Torê* |
| Espertar | *Endê* |
| Espeto | *Iengagrê* |
| Espiar | *Kicocan* |
| Espingarda | *Bocá* |
| Espinho * | *Xoî* |
| Esposo * | *Prên* |
| Está custoso | *Guain corenguê* |
| Está escuro | *Guain canganuê* |
| Está no meio | *Foro tiniá* |
| Este | *Nihan* |
| Estomago | *Indú* [3] |
| Estou cansado | *Inharotitim* |
| Está morto | *Tereió* |
| Estou velho | *Cufá uin* |
| Estou vexado | *Imacutin* |
| Está vivo | *Ariry* |
| Estrada * | *Iapri bang* (sc. caminho comprido, grande) |
| Estrella | *Crin* |
| Excellente | *Fivein ma hêne* |
| Excrementos | *Ahafá* |

---

[1] Arvore peculiar á provincia do Paraná, especie de canella preta de outros logares; tem veios muito bonitos, parecendo-se ás vezes os pannos que delle tiram peças de tartaruga, conforme se vê na capella da Misericordia em Curityba.

[2] Borba traz *ran*.

[3] *Indú* significa igualmente barriga.

## F

| | |
|---|---|
| Faca | *Kifé* |
| Falla muito bem | *Uenbemma-heté* |
| Falla muito mal | *Uenbem-icoreng* |
| Faminto | *Nhat-camé* |
| Farinha de milho | *Metefú* |
| Fazenda listrada | *Curú conguere* |
| Fazenda preta | *Curú chá* |
| Fazenda vermelha | *Curú euxom* |
| Fazer fogo | *Nind* |
| Fecha a porta | *Aromora* |
| Feder * | *Côcré* |
| Feijão | *Rongró* |
| Femea | *Untantan* |
| Festa | *Icacá* |
| Fica quieto | *Quitone* |
| Filho | *Iscochi* |
| Filhos | *Cochimi* |
| Flécha | *Dô* [1] |
| Flôr | *Cafaé. Feié* |
| Fogo | *Pin* |
| Foi embora | *Uerê-uerê* |
| Folhas | *Chifeiá* |
| Folhas de palmeira | *Chifeia-tain* |
| Fome | *Cokire* |
| Formiga | *Ruoplin* |
| Forno | *Totonia-bang* |
| Fouce | *Nhapá* |
| Freio | *Canán* |
| Frio * | *Cuchá* |
| Fructa de guabiroba | *Penoá* |
| » de jaboticaba | *Nhamboroti* |
| » de laranja | *Aherin-hén* |
| Fructos de limeira | *Aherin-enchin* |
| » de limoeiro | *Nherien corengue* |

[1] O Sr. Borba diz *dóu*.

| | |
|---|---|
| Fui eu | *Uhin* |
| Fumaça | *Niá* |
| Funho | *Majú* |
| Fumo | *Niá* |
| Fundo * | *Digdé* |
| Fuzil | *Emejur* |

## G

| | |
|---|---|
| Gafanhoto | *Chucrim* |
| Galho de arvore | *Titan* |
| Galho quebrado | *Titan embreia* |
| Galho secco | *Titan tara* |
| Gallinha | *Grê* |
| Gallo | *Garingrê* |
| Gato do matto | *Grim* [1] |
| Geada * | *Côcrine* |
| Genro * | *Iambré* |
| Gissara (palmeira) * | *Féneen* |
| Gerivá | *Taion* |
| Giráo | *Cacre* |
| Gordo | *Tanguê* |
| Gostar | *Anancuré* |
| Gostar | *Cuedetti* |
| Gralha | *Chanchó* |
| Grande | *Bángue, bánc, be* ou *beu* |
| Grimpa do pinheiro | *Fara fé* |

## H

| | |
|---|---|
| Herva mate | *Congón* (donde congonha ?) |
| Hoje | *Hori* |
| Hoje vem | *Hori catun* |
| Hombro | *Iniril* |
| Homem | *Ongré, pahy* |

[1] O Sr. Borba diz *mikchin*.

| | |
|---|---|
| Homem | *Fóngue* [1] |
| Homem bom | *Fongue hê* |
| Homem branco | *Cupú* |
| » preto | *Chiutti* [2] |
| Hontem | *Ará keti* [3] |

## I

| | |
|---|---|
| Indio ou bugre | *Caingang* [4] |
| Irmã * | *Vê* |
| Irmão | *Inhau-hê* [5] |
| Irmão mais velho | *Chuin-hê* |
| Ir * | *Tinhra* |

## J

| | |
|---|---|
| Jaboticaba | *Maâ* |
| Jacaré * | *Hápa* |
| Jacotinga | *Pein* |
| Jacú | *Pei* [6] |
| Jaguatirica | *Grun* |
| Jararaca | *Pareviri* |
| Joelho | *Hacri* [7] |
| Joelhos | *Hacrin* (*h* aspirado) |
| Junto | *Ambré* |

---

1 *Fongue*, como dissemos atraz, é o portuguez, o branco, cuja vóz de commando era o implacavel fogo das armas de tiro.

2 Tambem tomei *gaixi*. Não sei qual o certo.

3 O Sr. Borba traz *aranken*.

4 Vide introducção.

5 O Sr Borba traz *aranguerê*.

6 Talvez seja a mesma palavra *pei* ou *pein* para exprimir jacú e jacutinga.

7 O vocabulario Borba traz *it-faorim*. Tomei *iacrin* no plural.

## K

| | |
|---|---|
| Kagado * | *Pednin* |

## L

| | |
|---|---|
| Ladino | *Huê-huin-camôné* |
| Ladrão | *Péiuia* |
| Lama | *Tinberere* |
| Lança. | *Orugurú* |
| Laranja * | *Nêrinhê* |
| Largar | *Tohain* |
| Lavagem | *Vaicupéia* |
| Lavar | *Cupéia* |
| Leicenço * | *Kuiui* |
| Leite | *Quefé* |
| Leite | *Boininguiê* [1] |
| Lenço | *Curu-chin* [2] |
| Lêr | *Ureie* |
| Levante-se | *Anaitim* [3] |
| Leve | *Caiu-hê* [4] |
| Ligeiro | *Cury-cury* [5] |
| Limpar | *Keconra* |
| Limpo | *Cupli* [6] |
| Lingua | *Inonê ; nonê bang*, má lingua sc. lingua grande. |

---

Borba diz *nonguyê.*

[2] *Chin* é pequeno, *curú-chin*, panno pequeno ; como dizem os hespanhoes, pañuelo.

[3] Borba traz *negára.*

[4] *Cayui* em Borba. Em geral supprimi o *y*, que comtudo tem significação de vogal aspirada Torno a dizer, o *j* deve ser aspirado como no hespanhol ; o *h* tambem aspirado.

[6] Borba supprime e segundo *curi*. Parece-me porém, bem expressivo *curi-curi.*

[7] *Cupli* tambem quer dizer branco, alvo, etc.

| | |
|---|---|
| Linha * | *Uafê* |
| Logo | *Carea* [1] |
| Longe | *Corangue* |
| Lontra * | *Focféie* |
| Lua | *Kichá* [2] |
| Luctar * | *Ruruyá* |

## M

| | |
|---|---|
| Macaco * | *Caieré* |
| Machado | *Ben* [3] |
| Macho | *Uongré* |
| Macuco | *Uô* |
| Madeira ôca | *Ca-iaké* |
| Mãe | *Iân* |
| Magro | *Caiorô* [4] |
| Mais para lá | *Maeanni-hene* |
| Maleita * | *Nhônhôro* |
| Mama | *Enhonguê* |
| Maminha | *Inhoieclin* |
| Manda dizer-me | *Uembem nim* |
| Mandioca * | *Comin* |
| Manço * | *Tincoré* [5] |
| Manso | *Canhêran* |
| Mão | *Ininguê* |
| Mãos | *Eninguê* [6] |
| Mão de pilão * | *Crá* |
| Mau | *Búa* |

---

1 Borba traz *queyene*. Tomei entretanto estas phrases: logo apprendo— *carea canharone;* logo volto—*carea catin*.

2 *Kochá* em Borba.

3 O Sr. Borba traz *beng*.

4 *Cayó* no vocabulario Borba.

5 *Coré,* segundo o Sr. Borba.

6 *Minigué* diz o Sr. Borba.

| | |
|---|---|
| Maracá * | *Xu* |
| Maracanan | *Kentekére* |
| Marido | *Eibenê* [1] |
| Marreco | *Pembên* |
| Matar | *Titelim* |
| Matar | *Tenra* |
| Matto | *Cá* [2] |
| Matto * | *Cacant* |
| Matto | *Uáine* |
| Medir | *Emanfi* |
| Medo | *Camé* |
| Meio dia | *Emendo cati chá-há* |
| Mel * | *Mang* |
| Membro viril | *Nhenglê* |
| Menino | *Pauin* [3] |
| Mentira * | *One* |
| Muito mentiroso | *One-ttnim* |
| Mergulhe * | *Putkeia* |
| Meu | *Icion* [4] |
| Mesa | *Nindiá* |
| Mez | *Kichá-pire* |
| Mico | *Canhere* |
| Milho | *Gára* [5] |
| Milho | *Nhára* |
| Milho moido | *Pichi* |
| Milho torrado | *Antótóro* |
| Moço | *Kerón* |
| Moça * | *Tétan* |
| Molhado | *Timbereré* [6] |
| Molle | *Tanaia* |
| Monjólo | *Tandán* |

---

[1] *Bêen*, no vocabulario Borba.

[2] No guarany e tupy é *caá*, donde *caátinga* (matto branco) *caá-ponan* (matto isolado, capão) etc.

[3] O Sr. Borba diz *paixin*.

[4] *Ichon* no vocabulario.

[5] Parece que *nhára* é mais exacto do que *gara*.

[6] *Brére*, segundo Borba.

| | |
|---|---|
| Montanha | *Criñ bang* (sc. morro grande) |
| Mogango (abobora) | *Pchó* |
| Morder | *Iprán* [1] |
| Morar | *Iamá* |
| Morrer | *Terear* |
| Morro | *Crin* |
| Mosca | *Choín* |
| Mosquito * | *Caran* |
| Mudo | *Uenbentom* |
| Mulher | *Pron* [2] |
| Mulher moça | *Untantan* |
| Mulher virgem | *Bétom* |
| « velha | *Cofuá* |
| Muita fome | *Icokire* |
| Muito * | *Ititi* |
| Muito bom | *Tivein makine* |
| Muito valente | *Aurenhom benim* |
| Muito doente | *Canga-hi* |
| Muito somno | *Nhoreti-hi* |
| Muito veloz | *Vein ominim* |

## N

| | |
|---|---|
| Nadar | *Brobroia* [3] |
| Nadega | *Indegnê* |
| Não | *Tom* ou *ton* [4] |
| Não cacei | *Tania tom* |
| Não achei | *Vaie tom* |
| Não chamei | *Timan tom-tim* |
| Não conheço | *Kiea-tom* |
| Não é meu | *Icion tom* |
| Não está cheio | *Tanero tom* |

1 *Pran*, segundo Borba.

2 *Tantan ou tanté*, como traz Borba, é mulher moça.

3 O Sr. Borba traz *albaranbroia*.

4 Postposto sempre, conforme se verifica nas palavras que seguem.

| | |
|---|---|
| Não melhorei | *Há tom* |
| Não pégues | *Ba tom* |
| Não queima | *Porotom* |
| Não quero | *Déia* [1] |
| Não gosto | *Tikim ecrenhoaim* |
| Não sei | *Uá* |
| Não tem nome | *Agigi-tom* |
| Não tenho medo | *Uin chicameti tom* |
| Não tenho fome | *Coquiré tom tinim* |
| Não vá ainda | *Viritiné-tom* |
| Não vem | *Catimtom* |
| Não vi | *Vaictom* |
| Nariz | *Iminhé* |
| « | *Tenimhé* |
| Nascer | *Alboetí* |
| Nhambú | *Uochim* |
| Nó de pinho | *Cuxé* [2] |
| Nome | *Agigi* |
| Nome feio | *Agigi corangué* |
| Noite | *Cuté* |
| Noite inteira | *Cuté-chi-hé* |

## O

| | |
|---|---|
| Olhar * | *Canerá* |
| Olho * | *Cané* |
| Olhos | *Canê* [3] |
| Onça | *Mim* |
| Orelha | *Iningreim* [4] |
| Ouvir | *Tiningreim hê* |
| Osso * | *Cucá* |
| Ovo * | *Crein* |
| Ourinar | *Iei* |

---

[1] Não sei que fim levou a negativa *tom*. O Sr. Borba tambem traz *deia*.

[2] O Sr. Borba traz *canxé*.

[3] Não tenho certeza si a mudança de accento é que differença o singular do plural.

[4] O Sr. Borba diz *inigreim*

## P

| | |
|---|---|
| Paca | *Cocamé* |
| Padre | *Pandéra* [1] |
| Pae | *Ioi* [2] |
| Palha de milho | *Garàfêre* [3] |
| Palmeira | *Tãin* |
| Panella | *Cocró* |
| « | *Cuncnija* |
| Panno | *Curú* [4] |
| Panno grosso | *Curú brehê* |
| Panno fino | *Curú gain* |
| Panno novo | *Curú keron* |
| Papagaio | *Ianguió* [5] |
| Para baixo | *Enhengu* |
| Para cima | *Enhenguiche* |
| Para lá | *Erê taiene* |
| Parente * | *Caicá* |
| Pau (arvore) | *Caá* [6] |
| Pé | *Ipen* |
| Pés | *Empen* |
| Pedra | *Pó* |
| Peito | *Ingie* |
| Peixe | *Pirá* [7] |
| Pelejar | *Jakegrene* |
| Pello | *Keki* |

---

1 E' evidente corruptela.

O Sr. Borba diz *iòng*.

3 No Sr. Borba *nharafuere*

4 *Curú* é um panno entrançado feito de fibra de ortiga. Comprei um em Ponta Grossa por 10$000, muito fresco e excellente para dias quentes como forro de cama

5 O Sr. Borba traz *cantou*. Não sei de onde provem semelhante differença.

6 Matto, arvore, pau, como no guarany.

7 Palavra guarany pura.

| | |
|---|---|
| Penis | *Ingrafui* |
| Penna | *Preiá* [1] |
| Pensar | *Toré* |
| Pente * | *Oaicureia* |
| Pequeno | *Xin* |
| Perder | *Vaicreti* |
| Perdiz * | *Coiampêpé* |
| Periquito | *Caioie* |
| Perna | *Idjuá* [2] |
| Peroba | *Penoá* |
| Perto | *Cacó* |
| Perú | *Peimban* |
| Pesado | *Cufaiánguê* [3] |
| Pescoço | *Indúi* |
| Pestanas | *Icaneioki* |
| Pica-pau | *Jacringó* |
| Pilão | *Creia* [4] |
| Pinheiro | *Fuán* [5] |
| Pinheiro pôdre | *Fuán dóro* |
| Pintado * | *Canguêre* |
| Piolho | *Engá* |
| Planicie * | *Pandoi* |
| Plantar | *Chate* [6] |
| Pobre | *Nhenhêré came* [7] |
| Pombo | *Pentecoin* [8] |
| Ponte | *Cupún* |
| Porco do matto | *Cran* [9] |
| Porongo | *Arumiá* |

---

1 *Feiê* no vocabulario Borba.

2 *Itfá* segundo Borba.

3 *Cufuiang*, no vocabulario Borba.

4 *Creîe*, segundo Borba.

5 *Tuang*, segundo do Borba

6 *Cerande*, segundo de Borba.

7 *Nheunhere*, segundo Borba.

8 *Petcoin*, segundo Borba.

9 *Creng*, segundo Borba.

| | |
|---|---|
| Prato | *Pitiké* |
| Preguiçoso | *Nhenhêre* |
| Prenda | *Akexexe* |
| Preto | *Chaig* |
| Primo | *Iregre* |
| Pulga * | *Campó* |
| Punho | *Inindó* |

## Q

| | |
|---|---|
| Quartos (de uma casa) | *Fafonde* |
| Quatro | *Vaicangrá* |
| Quatí | *Xê* |
| Quebrar | *Capôque* |
| Queimar | *Pôró* |
| Queixo | *Inrá* |
| Quente | *Arânhenguet* |
| Quero | *Heê* |

## R

| | |
|---|---|
| Rabo * | *Bu* [1] |
| Rachar | *Apri* |
| Rancho | *Hi-hin* |
| Rasgar | *Iadiáreti* |
| Rapido (corredeira)* | *Uoó* |
| Rato | *Caxim* |
| Raso (pouco fundo) | *Parére* |
| Rede | *Ténia* |
| Relampago | *Tararan-ketitim* [2] |
| Remedio * | *Guaicatcá* |
| Rico | *Tandemé* |

---

1 Observa o Sr. Borba que este *u* sòa como em francez.

2 E' bellissima essa onomatopéa.

| | |
|---|---|
| Rio | *Gôyó* [1] |
| Rio cheio | *Gôyó-ará* |
| Rio grande | *Gôyó-banc* |
| Rio limpido | *Gôyó-cupli* |
| Rio parado | *Gôyó-chopi* |
| Rio pequeno | *Gôyó-xim* |
| Rio turvo | *Gôyó-caocia* |
| Rio que não dá vau | *Gôyó-ên* [2] |
| Rir | *Vendéra* |
| Roça | *Ipan* |
| Rosto | *Iamé* ou *ianê ?* |
| Rouco | *Duhingueia* |
| Ruim | *Coré* [3] |

## S

| | |
|---|---|
| Sabão | *Uanfaiá* |
| Sabiá | *Gonoãn* |
| Sacco | *Parónc* |
| Sal | *Arãn* |
| Salto (cachoeira) | *Chá* [4] |
| Sangue | *Ficauen* |
| Sapato * | *Pentoró* |
| Scentelha | *Pin-xi*, sc. fogo pequeno |
| Secco | *Tara* |
| Sede | *Ichonetti* |
| Seis | *Eninga honte uen pire* |
| Sem vergonha | *Mogaín* |
| Senhor | *Praichinckate* |

[1] Esta palavra e seus derivados já dissemos, tem muita importancia na questão das Missões e limites com os argentinos. A denominação *caingang* de todos os rios e pontos daquella região mostra que de tempos immemoriaes os nossos indios levavam os seus dominios até ao rio Paraná, começando dalli a zona guarany.

[2] E' affluente de Uruguay o *Gôyó-en*.

[3] O Sr. Borba diz *ianguè*.

[4] C vocabulario Borba diz *crung* que é mais onomatopaico.

| | |
|---|---|
| Sepultar | *Apaiutem* |
| Sepultura | *Vaikeie* |
| Serra | *Rumeroro* |
| Sete | *Eninge honte uen rêgré* |
| Sente-se | *Nime* |
| Sim | *Ondtú* [1] |
| Sim, senhor | *Mé* |
| Sobrancelhas | *Icachahú* |
| « | *Ticaneio ki* [2] |
| Socar | *Tandantino* [3] |
| Sogro | *Icacran* |
| Sol | *Ara* [4] |
| Soltar | *Tica uentimo* |
| Subir | *Tamprira* |
| Sujo * | *Cavei* |
| Sumitico * | *Déi* |
| Surdo | *Cutom* [5] |
| Surrar * | *Mram-mram* |

## T

| | |
|---|---|
| Tacho | *Vacrindeia* |
| Tamanduá | *Iôti* |
| Tambor | *Tororó* |
| Taquara | *Uané* |
| Taquára fina | *Uanteié* |
| Tatú | *Fenim* |
| Tenazes | *Catxiné* |
| Terra | *Gá* |
| Terra boa | *Gá hê* |

---

1 O Sr. Borba traz *hê*, com *h* muito aspirado.

2 Ignoro qual das duas palavras seja exacta.

3 Parece, como aliás muitas outras, palavra composta.

4 *Ara* ou *arãn* do guarany dia.

5 Borba traz *outud* Deve ser errado. Aqui a terminativa *tom* indica negativa *não ouvi*.

| | |
|---|---|
| Tesoura | *Ioariá* |
| Tigre (onça) | *Min* |
| Thio | *Ijogrêgré* |
| Tocar | *Motim* |
| Toda gente | *Tocamonhé* |
| Torto | *Pandó* |
| Trabalhar | *Aranha-ranha* |
| Trovão | *Tororó-banc*, (sc. tambor grande) |
| Traga | *Bocatim* |
| Tres | *Tacton* [1] |
| Triste | *Imancângátin* |
| Tucano | *Grô* [2] |

## U

| | |
|---|---|
| Um | *Pire* |
| Unha | *Iningru* |
| Unhas | *Teningrun* |
| Urú | *Pepeêre* [3] |
| Urutú | *Pand nemá* |

## V

| | |
|---|---|
| Vacca | *Uaca* [4] |
| Valente | *Turumanin* [5] |
| Vento | *Cancá* [6] |
| Vêr | *Veietim* |

---

1 Ou *tactom*, com *m* final.

2 Borba diz *grõn* e o vocabulario bugre *ngrõn*.

3 Borba diz *petpueré*.

4 Corruptela de vacca.

5 Borba *turumáne*

6 Borba *cacan* e o vocabulario bugre *kenoá*.

| | |
|---|---|
| Vamos | *Tóna ingrima* [1] |
| Veado | *Cambé* |
| Velho | *Cufá* |
| Vêas | *Icuhei-hê* |
| Venha | *Hacantin* |
| Véla | *Daengrú* [2] |
| Vergonha | *Imacutim* |
| Vermelho * | *Cochón* [3] |
| Vespas | *Xoin nhon* |
| Vestido | *Michupói* |
| Viajar | *Cuti* |
| Vista | *Veia* |
| Voar | *Brohê* |

## ADJECTIVOS NUMERAES

| | |
|---|---|
| Um | *Pire* |
| Dous | *Rengrê* |
| Tres | *Tacton* |
| Quatro | *Cangrá* |
| Cinco | *Patcrê* |
| Seis | *Eninga honte uen pire* |
| Sete | *Eninga honte uen rengie* |
| Oito | *Eninga honte uen tacton* |

## ADJECTIVOS POSSESSIVOS

| | |
|---|---|
| Meu | *Ixen* |
| Teu | *Haton* |
| Seu | *Fanton* |

---

1 Borba *tóna*

2 Vocabulario bugre *envacangú*

3 idém *ouxán*.

### PRONOMES PESSOAES

| | |
|---|---|
| Eu | *I* ou *uin* |
| Tu | *Ha* |
| Elle | *Fa* ou *fag* |

### DIVERSAS PHRASES

| | |
|---|---|
| Aqui é bom | *Taqui-hâme* |
| Bugre não cansa | *Caingang arotikc tom* |
| Dá-me | *Emanfi* |
| Dá-me dinheiro | *Emanfi nhatecambá* |
| Dá-me isto dado | *Vaiquc manin* |
| Elles não tem medo | *Tocamonhe chicamete tom* |
| Elles tem medo | *Tocamonhe chicamete* |
| Espera-me lá | *Ta han nhoá* |
| Eu não trabalho | *Uin rainram dréa* |
| Eu quero bem | *Ikine kengreta* |
| Eu sou solteiro | *Uinpro tom* (casado não) |
| Eu sei | *I venhára* |
| Eu vi | *Ivein* |
| Eu tenho medo | *Uin chicaméte* |
| Eu tenho mulher | *Uin prohê* |
| Eu tenho saudades | *Uin immacangatim* |
| E' tarde | *Rankete* |
| Meu pae morreu | *Ionj icion tereió* |
| Minha mãe é viva | *Ian icion ariri* |
| Móro longe | *Iamá corangué* |
| O sol está baixinho | *Ara pran hati iehá* |
| Pode vender-me ? | *Imancatá* |
| Porque me espancou ? | *Andeia titaia ha toniné ?* |
| Preguiçoso demais | *Nhenhêre bangue ccrénguê* |
| Quantos dias? | *Curan erike ?* |
| Quantos filhos tem ? | *Cochini erike ?* |
| Quasi peguei | *Tiren erenim* |

| | |
|---|---|
| Quem contou ? | *Imantito ?* |
| Quem é aquelle ? | *Oné ?* |
| Quem fez esta casa ? | *Honta hani hyne* |
| Quero ir | *Tinhai ki* |
| Quero tirar | *Inhocuchandiá* |
| Quero vêr | *Carkiveitingua* |
| » » | *Inoé* |
| Tambem quero ir ? | *Uan timbretin nengueia* |
| Tenho fome | *Uin cokire* |
| Tenho quatro irmãos | *I nhauhé icion uúi cangrá* |
| Tenho sêde | *Crono hê titim* |
| Teu rosto está sujo | *Uan iamé caveí* |
| Tira daqui | *Tanguerό* |
| Vá buscâr | *Ueetim* |
| Vá buscar agua | *Uee tim gôyó* |
| Vá buscar lenha | *Uê tim pinchim* |
| Va buscar milho | *Uê tim nhára* |
| Vá chamar | *Timatoite* |
| Vou fazer caminho | *Ha hê mani-empri hâne* |
| Vá lavar | *Incupera* |
| Vá levar | *Inmonbacutim* |
| Vá procurar | *Ha canutim* |
| Vá vêr | *Veictim* |
| Vamos conversar | *Tona uenben* |
| Vamos juntos | *Embra tim* |
| Vamos á roça | *Tona empán* |
| Vamos caçar | *Tona encréia* |
| Vamos dormir | *Tona doronán* |
| Vamos trabalhar | *Tona ramrám* |
| Vem cahindo | *Criniãn* |
| Vem cá | *Cotingra* |
| Vem comer | *Aconhim* |
| Vem morar aqui | *Branincatinguenim* |
| Vira para lá | *Quinara* |
| Você cançou ? | *Dehon tâia ?* |
| Você é bom | *Hê tinim* |
| Você é moço | *Uan keron* |
| Você me ama | *Uantike veranhain* |
| Você me disse | *Imansenbitim* |
| Você melhorou ? | *Time rehé ?* |

| | |
|---|---|
| Você me quer bem ? | *Uantike denhairen ?* |
| Você tem fome ? | *Uan icokireti ?* |
| Você tem medo | *Uan chicameté* |
| Você viu ? | *Uan nué ?* |

---

## ADVERTENCIA

A' pag. 253, onde se lê Herbert Spencer, deve ser Herbert Smith.

**Dr. João Franklin da Silveira Tavora**

*1º Secretario desde 21 de Dezembro de 1886 á 17 de Agosto de 1888.*

N. em 13 de Janeiro de 1842. + em 17 de Agosto de 1888.

# MINAS DE PRATA DE SOROCABA

DOCUMENTO ORIGINAL COMMUNICADO PELO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO.

---

Officiaes da Camara da Villa de S. Vicente.
Eu o Principe vos emuio saudar. Por Luiz Lopes de Carvalho hir â sua custa as minas da Pratta de Sorocaba com o titulo de Administrador dellas, e que a sua iurisdicção comprehende a distancia de vinte leguas (como se declara no Alvará que lhe mandei passar) Vos ordeno e mando lhe deis toda a ajuda e fauor para a conducção dos metaes, e benefiĉio das minas, e os mantimentos que vos pedir, pagando elle tudo pellos preços da terra; E n'esta comformidade o ordenareis tambem aos mais officiaes das Camaras de todas as villas dessa Repartição para que assim o executem muito pontualmente. Escritta em Lx.ª a 20 de Junho de 682.

PRINCIPE

*Conde de Val de Reis*

Para os Officiaes da Cam.ª da Villa de S. Vicente.

---

No sobrescrito:

Por O Principe

Aos Officiaes da Camara da Capitania de S. Vicente.

# MANOEL ODORICO MENDES

## MEMORIA

O. D. C.

A Sua Alteza a Serenissima Senhora

PRINCEZA IMPERIAL

## UMA CARTA INEDITA

Suas idéas sobre federação das provincias, proclamação do systema republicano, e a abolição da escravidão no Brasil.

PELO

Dr. Cesar Augusto Marques

Em dia solemne, aqui, disse o nosso consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo, sempre de saudosa recordação e nunca assaz chorado, que sobre sepulturas distinctas levanta-se frondosa uma arvore, sempre coberta de flores, e sempre cheia de fructos; que essa arvore chama-se a *memoria do bem*, que cada flor é o emblema de uma acção generosa, e cada fructo um exemplo de sabedoria ou de virtudes deixado ao mundo.

Pois bem, eu vou pelo pensamento ajoelhar-me sobre o tumulo, que encerra os ossos de Manoel Odorico Mendes, e depois de fervorosa oração, como catholico que me glorío de ser, ao Senhor Deus do Universo, vou colher dessa arvore, que dá sombra ao seu sepulchro,

uma flor, e vou analysal-a para mostrar que ella é o emblema de uma acção generosa, e um exemplo de sabedoria e de virtude legado ao mundo por esse nosso consocio, que se finou em terra estranha.

---

Todos nós sabemos quaes os tristes acontecimentos que fizeram com que o augusto fundador do Imperio se ausentasse da patria, que elle adoptou, no dia 7 de Abril de 1831.

Manoel Odorico Mendes, deputado pelo Maranhão, julgou urgente reunir os senadores e deputados então na Côrte, visto ter sido um dos mais activos e dos mais diligentes promotores dessa revolução de poucas horas.

Parecia ter o dom da ubiquidade, pois surgia em toda a parte, onde era necessaria a sua presença.

Na imprensa e nos clubs, nas praças e nos quarteis, eil-o a animar com seus discursos, a moderar os exaltados, e a recommendar sempre muita prudencia e vigilancia para que o movimento politico crescesse e vigorasse.

Pela sua intelligencia alastradissima e pelos seus valiosos serviços, quando se reuniu a assembléa geral em Junho de 1831, foi seu nome lembrado e geralmente bem acolhido para occupar um dos logares da regencia trina.

O patriota verdadeiro e sincero resistiu com força aos seus amigos e compartidarios : não ambicionou outrora e nem queria então o poder : trabalhou de todo o coração a favor da causa do Brasil, e coagido pelos seus admiradores offereceu em seu logar o seu comprovinciano João Braulio Muniz.

Eleita a regencia mais se exaltaram os partidos politicos : cada um manifestava idéas quasi impossiveis de realizar-se, e por muito tempo vigorou a lembrança de que o Brasil devia quebrar a sua integridade, que lhe dá tanta força ; que cada provincia constituisse um Estado, vivendo só de si e para si ; que se formassem

por esta fórma republicas federativas, desapparecendo todos os actos legislativos, todos os symbolos e emblemas que representam o sytema monarchico-constitucional, que felizmente nos rege desde que o Brasil principiou a ser colonisado.

Odorico Mendes, no meio das lutas que sustentava na Côrte, não se esqueceu de sua patria, o Maranhão; receiou pela sua sorte futura, temeu que fosse arrastada pela torrente politica, e á sua respeitavel mãe escreveu a seguinte carta, que em original li e apreciei em poder de seu filho o Sr. Alfredo Odorico Mendes, que a conserva com razão como uma reliquia sagrada, ou como parte integrante da alma de seu venerando pae.

Com permissão delle copiei-a, e pela primeira vez é hoje aqui lida, e em breve correrá mundo nas azas da imprensa.

*Minha Mãe.*

« Diga ao Clementino [1] que, quanto couber em suas forças, trabalhe para ahi não vogarem idéas de separação do Rio de Janeiro; alguns intrigantes, dantes corcundas e hoje fingidos liberalões, zangados com a revolução, tratam de metter enredos ás provincias, dizendo que o sul quer dominar sobre o norte, e escrevem as maiores mentiras que dar-se podem.

« Rogo-lhe que mostre este logar da carta ao José Candido, [2] Claro, [3] Quim, [4] e a todos os outros homens honrados, que anhelam a felicidade publica.

« O Maranhão, caso Bahia ou Pernambuco façam qualquer mudança, deve

---

1 Clementino José Lisboa, ajudante de ordens do governo provincial.

2 José Candido de Moraes e Silva, redactor do *Pharol Maranhense*.

3 João Gomes Claro, brasileiro adoptivo, muito liberal e activo.

4 Antonio José Quim, cidadão de muita influencia no seu partido.

conservar-se no mesmo pé até que eu chegue, para então vermos o que cumpre fazer; aliás tudo vae perdido.

« Nós pretendemos fazer aqui o mais possivel a favor do Maranhão; e para isso trabalho para metter na regencia permanente o Braulio, e creio que conseguirei por estarem dispostos muitos deputados.

« Quanto a mim, é do meu brio acabar-se a revolução sem que eu tenha o menor emprego, visto ser um dos mais influentes della; basta-me a honra de ter exposto nesta crise a minha vida tantas vezes por amor do meu paiz, e o recocimento que me patenteiam os meus concidadãos.

« Assim é que me heide ir vingando dos meus inimigos e dos meus detractores.

« Lembranças a todos.

« 17 de Maio de 1831.

Seu filho,

« MANOEL. »

Analysemos agora este importante documento historico.

Odorico Mendes era liberal, e estava convencido de que só com o predominio das idéas do seu partido é que o Brasil podia ser feliz.

Dizem alguns dos seus intimos amigos que era até republicano de principios e de convicção robusta, mas que estudando com calma a organisação do seu paiz, as circumstancias especiaes do Imperio, a diversidade das raças, a falta, então quasi geral, de instrucção industrial e agricola, a divisão profunda que retalhava a familia brasileira, não julgou que pudesse vingar, produzindo bons fructos, essa arvore damninha

Pensando que com a republica a sua patria seria desgraçada, e, sacrificando no altar do patriotismo as suas crenças, oppoz-se franca e tenazmente a José Clemente Pereira, quando, unido á *Sociedade das Columnas*, em Pernambuco, pretendeu revogar a constituição do Imperio.

Já no ultimo quartel da existencia e em terra estranha, conversando com alguns amigos, elle recordava-se das questões que teve no campo da politica, e sempre dizia ser uma das suas mais gratas recordações a luta que sustentou para provar ser arriscada e extemporanea a proclamação da republica, principalmente quando via á testa da administração do seu paiz um principe tão patriota, circumspecto e sabio, qual o nosso sempre querido Protector.

Quando na loja maçonica da rua do Vallongo, hoje da Imperatriz, travou-se renhida discussão sobre a mudança do nosso systema politico, Odorico Mendes foi o paladino incansavel da monarchia constitucional, embora triumphasse a revolução em projecto e abdicasse o primeiro Imperador.

Note-se além disso o seu raro desinteresse.

Emquanto outros, sem o seu prestigio, seu grande merecimento, sua influencia politica e sua probidade sem mancha, cresciam em honras e riquezas, elle, que com justo e nobre orgulho podia dizer—eu não quiz ser regente do Imperio—não se aproveitou da victoria para que tanto trabalhou, não recorreu aos seus amigos, não usou da occasião, nada ambicionou, nada quiz, e nem mesmo acceitou uma das pastas do ministerio, que a regencia lhe offereceu com instancia.

E como a patria lhe recompensou tantos serviços ?

Sempre ingrata para com os melhores de seus filhos, nunca mais o reelegeu seu representante, e nunca seu nome tão respeitavel honrou uma só das muitas listas triplices que o Maranhão submetteu á escolha da corôa.

E o governo como premiou caracter tão nobre ?

Nunca lhe deu uma só das muitas distincções honorificas, nunca lhe offereceu uma carta do conselho, e nem um titulo com um brazão de nobreza e fidalguia

aureolou aquelle nome tão singular pelo seu saber, por seus importantes e valiosos serviços!

Pauperrimo e ralado de profundos desgostos, para occorrer ás necessidades da vida foi necessario que o seu amigo intimo Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois senador do Imperio e visconde de Sepetiba, pedisse e obtivesse para elle o cargo de inspector do thesouro da provincia do Rio de Janeiro, e com o miserrimo ordenado de 2:800$; assim arrastou por muitos annos penosa existencia, vendo-se por isso obrigado a deixar a patria que elle tanto amava, e os amigos, e ir em paiz estranho buscar um canto de terra, onde pudesse passar os seus dias e os de sua familia com mais economia.

Que vergonha para o Brasil!

E' essa quasi sempre a recompensa do intelligente, honrado e zeloso servidor do Estado!

Muito infeliz na verdade ainda foi Odorico Mendes!

Não viu realizado o seu pensamento de todos os dias, qual a libertação de todos os escravos!

Companheiro nessas idéas de Diogo Antonio Feijó, de José Bonifacio, o velho, do Dr. Antonio Ferreira França, o philosopho, nenhum delles conseguiu quebrar as pesadas algemas da escravidão, que manietavam os pulsos de milhares de entes humanos.

Não viu a brilhante aurora do dia 13 de Maio de 1888!

Não logrou ver a liberdade a scintillar no firmamento e a illuminar todo o Brasil!

Não ouviu o doce ciciar da briza, os echos das montanhas, os rugidos do mar, o som das cachoeiras dos rios, o gorgeio dos passarinhos, e as vozes de todos os bons brasileiros entoando graças ao Altissimo quando a Serenissima Sra. Princeza Imperial do Brasil, a virtuosissima condessa d'Eu, quebrou as cadêas dos captivos, alliviou tantos afflictos, sanou tantas dôres, enxugou tantas lagrimas, deu tantas consolações, transformou para sempre em risos e lagrimas de alegria, entre flores e expansões de jubilo, o maior flagello que por seculos arredou o Brasil dos caminhos do progresso em busca da gloria a que tem direito o Imperio da Santa Cruz.

Ah! já que Deus não lhe deu a ventura de gozar esse ineffavel prazer, eu, seu conterraneo, eu que fui testemunha desse feito tão glorioso, invoco o seu espirito, que sem duvida está hoje na presença do Altissimo, e em nome de nós todos que prezamos a monarchia, de nós todos que tributamos preito de homenagem e de respeito á virtuosa senhora, que então mais abrilhanta o throno do Brasil, eu lhe rogo que do alto dos céos olhe para o regio manto que circumda a Serenissima Sra. Princeza Imperial, que observe como elle está recamado de estrellas, [5] de diamantes, em que se crystallisaram as lagrimas de seiscentas mil creaturas, cujas algemas do captiveiro ella quebrou.

Eu lhe rogo que, encarando o esplendido sol da liberdade, que ella accendeu, lá no assento ethereo onde elle reside, reunindo-se aos espiritos de todos os justos, ore ao Omnipotente e á excelsa Rainha dos anjos que recompense o importante e sem egual serviço, que ella prestou á humanidade em geral, e ao Brasil em particular no sempre grandioso dia 13 de Maio de 1888, permittindo que sua existencia seja muito longa, sempre abençoada por Deus, e um constante hymno de alegrias ao lado de seu respeitavel consorte, de ha muito nosso concidadão, e como tal nosso companheiro nos dias de pezar e de alegrias; e que a vida de seus idolatrados filhinhos seja tecida pela felicidade, honrando sempre os seus benemeritos antepassados.

Quando um dia, lá bem longe, lá no futuro, arrefecidas as paixões de momento, emmudecidas as vozes do despeito e restabelecida a verdade pura, a posteridade severa e justiceira, com a penna imparcial da historia, escrever a pagina dourada dos sete dias gloriosos do mez de Maio do presente anno, sem duvida alguma todos os povos catholicos, lendo a *Vida e Feitos* da Princeza D. Izabel, a filha dilectissima de Jesus Christo, e como tal pelo pae da christandade distinguida com a *Rosa de Ouro*, reservada só ás soberanas de exemplar e

---

[5] Mimoso pensamento do sabio barão de Paranapiacaba

pia virtude, pedirão a sua beatificação, e á par de Santa Izabel de Hungria, duqueza da Thuringia, canonisada pelo papa Gregorio, que se assignava—o servo dos servos de Deus — em 1 de Junho de 1235, e de Santa Izabel, rainha de Portugal, canonisada pelo papa Urbano VIII em 25 de Maio de 1625, pedirão que seja tambem santificada a consoladora dos afflictos, o espelho da justiça, a causa da nossa alegria ; e no calendario dos santos ler-se-á um dia o nome da Santa Izabel, condessa d'Eu—como a redemptora dos captivos no Brasil.

DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

# BIOGRAPHIA

DOS

## Brasileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

---

### O Conselheiro

### José Bernardino Baptista Pereira de Almeida

---

(Lida na sessão de 23 de Novembro de 1888).

---

Quando se contempla a physionomia sympathica, posto que severa, de um homem como este, sente-se a gente pequeno e humilhado: parece que a geração a que ainda pertenço, tendo ganho, com os progressos das sciencias, das lettras e das artes, maior somma de conhecimentos, tem perdido muito não só da robustez physica, que caracterisa os nossos antepassados, como da hombridade de caracter e da pujança moral que desafiam a nossa curiosidade, mesclada de admiração, tanto quanto de louvavel inveja. Quem seria hoje em dia capaz de levantar com ambas as mãos uma daquellas formidaveis espadas, que se guardam nos museus de historia da Europa, e que os guerreiros da edade média manejavam com tanto desassombro e agilidade ?

Natureza como que moldada de granito, de *antes quebrar que torcer*, a politica, arte machiavelica e fatal,

que começa mentindo, porque faz promessas que não póde cumprir, e acaba por annullar o caracter, impondo-lhe accommodações com a consciencia ; a politica não pôde dobrar o genio altivo e indomavel do nosso distincto compatriota, e conservou-nos integra e mascula a sua imagem, tão immerecidamente apagada da memoria dos contemporaneos, a quem entretanto poderia servir de exemplo e de estimulo.

Depois do bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nenhum cidadão conheço, na historia privativa do municipio em que tambem nasci, mais digno dos louros da posteridade do que o conselheiro José Bernardino Baptista Pêreira de Almeida.

Nascido a 20 de Maio de 1783 na cidade, então villa, de Campos dos Goytacazes, que a esse tempo fazia parte da capitania, hoje provincia, do Espirito-Santo, filho legitimo de Manoel Baptista Pereira e de D. Anna Joaquina de Almeida, José Bernardino, depois de vencidos os estudos de humanidades na cidade do Rio de Janeiro, partiu para Coimbra, onde se formou em direito civil, e onde, distinguindo-se pela vivacidade do seu temperamento e não vulgar illustração do commum dos seus companheiros de academia, pertenceu ao grupo notavel de moços intelligentes e applicados, avidos de saber, que foram depois estadistas eminentes no Brasil.

Tornando á patria, rico de cabedal scientifico, abriram-se-lhe de par em par as portas da magistratura, a começar de 1815, e no exercicio do cargo de juiz de fóra das villas de Santo Antonio de Sá e de Magé conquistou a reputação de justiceiro no cumprimento dos seus deveres, patenteando profundo conhecimento da difficil sciencia de julgar.

Do preclaro magistrado fluminense diz o Dr. Joaquim Manoel de Macedo no seu *Anno Biographico* :

« De apparencias soberbas e de accesso altivo (aliás affectuoso, amenissimo e brincador em suas relações amigas), o mais pobre, humilde e desprotegido dos requerentes, ao apresentar-se, contava com o sobre olho carregado de José Bernardino ; mas tinha plena, absoluta

confiança no despacho ou na sentença, firmadores do direito contra o mais rico ou o mais poderoso que pretendesse sophismal-o. Infelizmente para a magistratura brasileira José Bernardino abandonou-a em 1821. »

Eleito nesse anno pela provincia do Espirito-Santo deputado ás côrtes constituintes de Lisboa, como substituto do effectivo, o Dr. João Fortunato Ramos dos Santos, não tomou todavia assento naquella assembléa, mas escreveu uma memoria, intitulada *Esboço sobre os obstaculos que se têm opposto á prosperidade da villa de Campos*, que publicou em 1823, da qual existe um bem conservado exemplar na bibliotheca nacional da côrte.

Disse o Dr. Macedo na obra citada que fizera parte da constituinte brasileira ; mas não vejo o seu nome nas relações que conheço dos membros daquella augusta assembléa.

O Dr. José Bernardino foi deputado á assembléa geral legislativa pela provincia do Espirito-Santo na primeira e segunda legislaturas, em cujas actas figura o seu nome sem o appellido *Almeida*, nem o de *Sudré*, que lhe ajunta o *Anno Biographico*, creio que sem maior fundamento. Distinguiu-se na camara nas discussões de assumptos financeiros, primando pela fórma eloquente, concisa e substanciosa dos seus discursos, a que o seu busto erecto e a altivez nativa da sua physionomia davam o tom quente das orações demosthenicas.

Com os dotes intellectuaes de que dispunha, pelo seu caracter sobranceiro e independente, e os principios de rigorosa justiça, que lhe reconheciam tanto liberaes como conservadores, não podia deixar o illustre campista de chamar sobre si a attenção do partido politico a que se filiasse, a que iria levar elementos valiosos de força moral e prestigio, tornando-se por sua parte figura proeminente nelle. O Dr. José Bernardino pertencia á escola conservadora, que adherira francamente, votando pelo maximo proposto para a lista civil do Imperador, idéa impugnada pelo partido liberal.

No gabinete organisado a 15 de Junho de 1828 foi o Dr José Bernardino Baptista Pereira chamado no dia

18 para a pasta da fazenda, passando a 25 de Setembro a occupar a da justiça, cargo este que exerceu como, talvez por muitos annos, depois delle, ninguem o exerceu no Brasil, visitando as prisões, ouvindo a todos os detentos, restituindo a liberdade aos illegal e arbitrariamente privados della, pondo assim por obra a mais estricta justiça, segundo os preceitos da constituição, [1] indo mesmo, em muitos actos da sua vida publica, de encontro á vontade soberana, a que todos os mais se curvavam submissos, recusando-se mais tarde a voltar a servir nesses eminentes cargos, mesmo depois, no tempo da regencia, por mais de uma vez.

Nada pintará com mais propriedade o modo excepcional e severo por que elle se desempenhava do penoso encargo de velar pela justiça ou de zelar os dinheiros publicos, do que o dito do deputado Lino Coutinho, liberal extremado, exclamando da tribuna em 1829:

« ... é o unico ministro constitucional que temos tido até hoje ! »

Com effeito, o facto seguinte, referido pelo autor do *Anno Biographico*, põe em relevo a sua independencia de caracter e a rectidão do seu espirito. D. Pedro I, pouco affeito ainda ás exigencias do systema constitucional, ou antes obedecendo dessa vez, como de muitas outras, á sua indole nada habituada a soffrer contrariedades, e acostumado a deliberar sómente por si, resquicios do regimen em que nascêra e se criára, mandára contratar na Allemanha dous mestres operarios para o arsenal de guerra da côrte. Fez-se o contrato,

---

[1] Em abono da verdade, devo declarar que nestes ultimos tempos houve quem o imitasse e até o excedesse. Refiro-me ao actual ministro da Justiça, o Sr. conselheiro Ferreira Vianna, cujo zelo pelo desempenho da alta missão que em boa hora lhe foi commettida, e interesse pelo bem publico só tiveram precursor na pessoa do conselheiro José Bernardino.

Quando deliniei estes traços physionomicos do meu illustre comprovinciano não tinha elle achado imitadores, que tivessem tomado tão no pé da lettra e tanto a peito os arduos deveres do seu cargo. A imparcialidade da historia impõe que se faça esta justiça.

chegaram os engajados, e era indispensavel pagar-se as despezas de adiantamento, do transporte e outras estabelecidas no ajuste feito. José Bernardino geria a pasta da fazenda. O ministro da guerra requisitára delle ordem para que o thesouro désse a quantia necessaria, e, recebendo recusa formal do collega, communicára o facto ao Imperador, que, interpellando José Bernardino:

— Senhor, respondeu o integerrimo ministro, no orçamento vigente não tenho verba que autorise essa despeza, que é portanto illegal; eu não a posso ordenar.

O Imperador replicou-lhe com a habitual vivacidade:

— Mandei engajar esses homens; quero que sejam pagas todas as despezas.

— Sel-o ão, senhor, pois que Vossa Magestade o quer.

Dias depois, interrogado de novo pelo Imperador, respondeu-lhe o ministro:

— Como em face da lei não podia o thesouro pagar a esses homens, para que fosse cumprida a ordem de Vossa Magestade paguei-lhes do meu bolsinho.

Mais tarde, em 1830, D. Pedro I lembrou-se outra vez de José Bernardino e convidou-o para fazer parte de um novo ministerio; mas elle recusou acceder ao convite e respondeu ao soberano:

— Senhor, confiança de ministro é como honra de donzella: só se perde uma vez. Não posso tornar a ser ministro de Vossa Magestade.

Lealdade e probidade politicas reproduzidas mais tarde só duas vezes, que me conste, uma com o conselheiro Euzebio de Queiroz; outra, a serem veridicas as versões que no tempo correram, com o senador Zacarias de Góes e Vasconcellos.

O conselheiro José Bernardino fôra um dos ministros que mais cooperára para o tratado de 27 de Agosto de 1828, que deixou independente o Estado Oriental do Uruguay, salvo das vistas annexionistas, ainda hoje não sei si de todo extinctas, da Confederação Argentina, tratado que firmou ao mesmo passo a paz ao sul do Imperio.

Em 1831 e 1832 não quiz o conselheiro José Bernardino intervir nas discussões politicas da camara dos

deputados Para a terceira legislatura não foi eleito, mas para as duas primeiras da assembléa provincial do Rio de Janeiro (1835 — 1837) levaram-no os suffragios dos seus concidadãos ; e tal era o seu prestigio pessoal que occupou sempre a cadeira da presidencia.

Preterido em 1836 na escolha de senador pela provincia, quando contava com a boa vontade do regente, resolveu abandonar a politica. Deixou-a com effeito e foi residir, *procul a negotiis*, para uma fazenda que possuia em Itaborahy, onde iniciou muitos melhoramentos agricolas. Foi o primeiro que empregou na provincia machinas de vapor no fabrico do assucar.

Quando se poz em execução o novo Codigo do processo criminal, foi o conselheiro José Bernardino eleito pela camara daquelle municipio juiz de orphams da villa, cargo que acceitou e em que ainda mais uma vez deu provas do seu alto criterio, profundo saber e independencia como juiz.

Quando, em 1847, o actual imperador visitou pela primeira vez a cidade de Campos na sua excursão pela provincia do Rio de Janeiro, começada a 20 de março daquelle anno, foi o conselheiro José Bernardino quem hospedou S. Magestade, por dous dias, em sua passagem pela villa de Itaborahy.

O conselheiro José Bernardino Baptista Pereira de Almeida, commendador das ordens de Christo e da Rosa, dignitario desta ultima, distincção conferida no segundo reinado, falleceu aos 78 annos de edade na fazenda da *Bôa Vista*, freguezia de S. Gonçalo, municipio de Niteroy, a 29 de Janeiro de 1861.

Havia publicado em 1823, além do Esboço acima referido, ditado pelo patriotismo, umas *Reflexões historico-politicas* em nova edição mais correcta e accrescentada, e em 1824 uma importante *Dissertação analytica sobre a legislação e pratica orphanologica* e ainda, em 1856 e 1857, sem o seu nome, uma *Pratica homœopathica*, em 2 volumes, que tem tido successivas edições ; obras descriptas, á excepção desta ultima, por Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario bibliographico portuguez*.

Era irmão mais velho dos Drs. Francisco Baptista de Sousa Cabral e Joaquim Baptista Pereira, do coronel Manuel Baptista Pereira, Jeronymo Baptista Pereira, e commendadores Bernardino Baptista Pereira, João Nepomeceno Baptista Pereira, Bento Benedicto de Almeida Baptista e Julião Baptista Pereira, mais conhecido por *Julião de Santa Cruz*, nome de sua fazenda, hoje pertencente a seu genro o barão de Miranda; era thio dos Drs. Jeronymo e João Baptista Pereira e do Dr. Lourenço Maria de Almeida Baptista, barão de Miracema.

Teve o conselheiro José Bernardino um irmão natural, que representou tambem no primeiro reinado papel proeminente, si bem que em outra plana, em menos tempestuoso e movediço scenario. Foi o Dr. Amaro Baptista Pereira, medico da imperial camara e lente do terceiro anno da antiga Academia Medico-Cirurgica da côrte.

No *Almanack do Rio de Janeiro para o anno de* 1824 vem o seu nome na relação dos medicos de D. Pedro I, pela primeira vez, e assim successivamente até o do anno de 1827. Não pude encontrar os de 1828 a 1831. No de 1832 porém já não figura como medico do paço nem como professor da Faculdade.

No de 1817, o mais antigo que deparo, vem como fazendo parte do seu corpo docente; pelo de 1824 se verifica que leccionava ainda; no de 1827 pertencia á classe dos jubilados.

Ignoro quando morreu e si morreu titular. Seria sem duvida pelos annos de 1827 a 1831, a guiar-me por estes tão escassos dados.

Pareceu-me não dever o omittir o seu nome quando reunia os dos outros membros da familia Baptista Pereira.

Foram todos os que deixo mencionados campistas distinctos, que souberam sustentar a honra do seu appellido e dos quaes muito se desvanece aquella hoje tão cereada terra de Campos dos Goytacazes, que teve entretanto, nos tempos coloniaes, bastante extensão territorial para ser uma Capitania. Que o esplendor do

nome de seus filhos a compense em gloria e fama dessas perdas materiaes. Que ella, a nobre matrona, relanceando os olhos em torno, veja, e se regosije de ver, uma phalange de filhos illustres em cujos olhos rebrilhe a scentelha do genio e do talento, em cujo peito sinta que pulsa um coração patriota.

Compondo a biographia do conselheiro José Bernardino na obra mais de uma vez citada, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo começa-a por este conceito, que resume em synthese perfeita o merito real do illustre publicista campista:

« E' este o nome de um esclarecido, nobre e distincto brasileiro, preparado para figurar no primeiro plano do quadro dos estadistas do imperio, e que muito cedo, por altivo resentimento, negou-se de todo a influir na politica do Estado. »

José Bernardino foi pois um cidadão notabilissimo que, pelo cultivo intellectual, pela nobreza de sentimentos, mais do que pela herdada dos seus maiores, porquanto descendia de familia fidalga, soube honorificar a terra do berço, e mais do que isso, a grande patria brasileira

A sua vida, traçada por mão de mestre e posta ao lado da dos *Homens illustres* do Plutarcho, nada teria que invejar aquelles classicos representantes da rigeza antiga e severidade de costumes, ainda hoje modelos de civismo.

Trazendo-a mais uma vez á apreciação desapaixonada da geração que passa e collocando o seu busto varonil na galeria aberta pelo Instituto aos que bem mereceram da patria e da humanidade, cumpro um dever de consciencia e presto a homenagem da minha admiração a um modelo nosso, digno de imitar-se.

Côrte, 11 de Setembro de 1887.

DR. TEIXEIRA DE MELLO.

# APRECIAÇÕES DA IMPRENSA

---

O INSTITUTO folga, usando de toda a imparcialidade, de transcrever nestas paginas o seguinte artigo da *Gazeta de Noticias*, uma das melhores folhas que se publicam na capital do Imperio, e no qual deu antecipadamente noticia da sessão do Jubileu que se ia celebrar nesse dia:

« Ha hoje cincoenta annos que foi installado solemnemente o Instituto Historico e Geographico Brasileiro. A digna associação, fundada por iniciativa de Cunha Mattos e Januario da Cunha Barbosa, póde considerar, satisfeita, o meio seculo de sua existencia Os seus esforços não se perderam; o campo que tomou a si explorar está profundamente cavado, e ja começam a maturar os grãos que semeou nos sulcos.

« Em 1838 como estava atrazado o conhecimento de nossa historia e de nossa geographia! Nos tempos coloniaes o governo difficultava systematicamente as publicações que podiam vulgarisal-o, e, depois de impressas, mais de uma vez confiscou-as. Posteriormente alguns especialistas curaram só das provincias. Apenas dous livros, admiraveis, mas incompletos, a *Historia do Brasil* de Southey e a *Chorographia Brasilica* de Ayres do Casal, a primeira escripta em lingua quasi desconhecida, a segunda já então rarissima, representavam um reconhecimento geral do paiz.

« O Instituto encarregou-se de abrir a picada, devassar os accidentes topographicos e transformar o adumbramento nebuloso em visão clara.

« Começou ressuscitando os trabalhos realizados durante a dominação portugueza. Eram em grande numero, superior ao que se poderia esperar da desidia nacional. Mas onde existiam? Barbosa Machado cita-os em sua *Bibliotheca Lusitana;* porém suas informações não são precisas nem por vezes fidedignas, e o terremoto de Lisboa anniquilou grande porção. Indicações de outra fonte ou estudos preparatorios não existiam que guiassem. A tarefa era mais difficil do que podia-se afigurar á primeira vista.

« Felizmente, mesmo levado pela inexperiencia, o Instituto não enxergou embaraços onde outros recuariam. E não tardaram a apparecer livros e manuscriptos offerecidos espontaneamente, porque o Brasil, que pela structura sociologica está condemnado por muitas decadas, ainda, a não possuir funcções differenciadas, por uma compensação consoladora admira todas as especialidades e rende-lhes homenagens.

« Com estes principios claro é que o Instituto não podia publicar methodicamente os trabalhos coloniaes. Ainda hoje é impossivel; e entretanto, além do labor jubilar do Instituto, que não tem sido pouco, já temos ha mais de seis annos o *Catalogo* da exposição de historia e geographia, organisado pela bibliotheca nacional, cuja importancia só póde calcular bem quem trabalhou neste terreno antes delle existir.

« Mesmo assim o que elle fez é muito: basta lembrar a publicação das cartas de Nobrega e Anchieta, do tratado de Gabriel Soares, da historia de Gandavo, das guerras hollandezas de Menezes e Santiago, dos tumultos de Moraes, da chronica dos Mascates, das monographias de Pedro Taques, dos ineditos de Jaboatão, dos estudos geographicos e scientificos de Alexandre Ferreira, Ricardo Franco, Lacerda, dos relatorios de Lavradio e Vasconcellos, das memorias de Teixeira sobre Minas Geraes: para não citar centenas de documentos avulsos, a começar pelas cartas de Caminha e mestre João, companheiros de Pedro Alvares Cabral, que narram o descobrimento do Brasil, como testemunhas de vista.

« A 15 de Dezembro de 1849, recebendo pela primeira vez o Instituto Historico, no paço, S. M. o Imperador recommendou-lhe, em discurso, que não se occupasse sómente de publicar ineditos, e désse tambem trabalhos originaes. Já os havia, mas desde então avultaram, e, para não occupar espaço, lembraremos apenas os de Gonçalves Dias sobre os indios e governadores do Rio Grande do Norte, os de Rubim sobre o Espirito-Santo, a chorographia de Goyaz de Cunha Mattos, os annaes de Piauhy e Goyaz de Alencastre, as noticias sobre as aldêas do Rio de Janeiro de Joaquim Norberto, os magistraes estudos de Candido Mendes sobre os primeiros annos do seculo XVI, as monographías de Silva Paranhos, Alencar Araripe, Ramiz Galvão, Fausto de Souza, Freire Allemão, Teixeira de Mello, Moreira de Azevedo, Severiano da Fonseca, Taunay, etc.

« Accresce que muitos trabalhos de socios foram publicados fóra da *Revista*, como a *Historia do Brasil* do visconde de Porto Seguro, as *Memorias do Maranhão* de Candido Mendes, as *Ephemerides* de Teixeira de Mello, o grandioso *Oyapock e Amazonas* de Joaquim Caetano, a *Conjuração Mineira* de Norberto, a *Historia do Ceará* de Alencar Araripe, a *Escravidão* de Perdigão Malheiro, e escriptos de Capanema, Baptista Caetano, etc.

« Além deste labor, representado pela sua *Revista Trimensal* e por obras de socios publicadas em outras partes, o Instituto influiu consideravelmente para que se mandasse investigar os archivos da Europa á procura de documentos historicos, e estudar scientificamente as provincias do norte. A investigação dos archivos portuguezes, confiada primeiro a Gonçalves Dias e depois a João Lisboa, deu magnificos resultados. Apezar de defraudada vandalicamente a collecção que enfeixava a colheita, ainda hoje é riquissima, e pouco cede ás da bibliotheca nacional e fluminense, sendo-lhe em parte superior.

« A commissão scientifica do norte, embora composta de nossa melhor gente, acabou de modo deploravelmente ridiculo Mas a culpa foi menos do Instituto, que nella não esteve officialmente representado, do que

de um sentimento então dominante, e que se encontra cruamente representado em um estudo do barão de Capanema sobre os terremotos. Ahi se lê que o Brazil não póde, não deve ser estudado por estrangeiros, que não offerecem garantias. Foi por este bairrismo tacanho que a commissão naufragou, e hão de naufragar ainda outras que se inspirarem no mesmo espirito.

« Este bairrismo do Instituto ainda se revelou em outras direcções. Por causa delle o Instituto não quiz traduzir o livro de Southey em 1838, que entretanto seria então o serviço mais importante, tanto para a instituição que começava, como para o publico, que precisava de ser iniciado; foi ainda por causa delle que o Instituto em 1871 não quiz traduzir Wappäeus. O resultado é que ainda não temos geographia do Brasil escripta por brasileiro, e que historia não teriamos si Varnhagen não se tivesse abalançado a essa empreza.

« Outro erro do Instituto consistiu na escolha dos socios. Como para completar o numero não havia entre nós bastantes cultores dos estudos historicos e geographicos, a digna associação começou a escolher figurões. Socios della só foram deputados, senadores, ministros effectivos ou em perspectiva, afilhados que queriam subir, graças ao bafejo official e imperial, estabelecendo-se assim um senado litterario que nem sempre a opinião publica respeitou.

« Ainda hoje ha alli quem represente taes tendencias e veja em qualquer admissão nova uma usurpação a direitos adquiridos, adquiridos a certos e curtos momentos de palavras trocadas com S. M. o Imperador. Este sem duvida tem procurado obstar a isto, mas nem sempre com resultado. Mesmo agora, segundo nos consta, uma das commissões oppõe-se á admissão de correspondentes das provincias, allegando que este anno já foram recebidos muitos socios!

« Entretanto fôra injusto negar que nos ultimos annos têm havido mudanças. Já se têm admittido socios que não são siquer eleitores; o catalogo dos manuscriptos está organisado e impresso, sinão com o rigor da

sciencia, ao menos com as especificações necessarias para se poder trabalhar; a bibliotheca, que outrora abria-se mysteriosamente duas vezes por semana durante duas horas, abre-se actualmente todos os dias, das dez ás tres, e não é difficil frequental-a. Nestas diversas reformas influiram muito o conselheiro Alencar Araripe e o commendador Joaquim Norberto, actual presidente.

« Cincoenta annos para o individuo são éra critica em que as forças vão desfolhando. Para uma instituição este praso representa periodo de vigor, de remoçamento. Esperemos que o Instituto, inspirando-se nas tradições honrosas que deixa após si e nas grandes tarefas que ainda tem, trabalhe com maior esforço e torne ainda mais fecunda a sua acção.

« Eis o discurso que Sua Magestade pronunciou diante do Instituto Historico em 1849, e ao qual já alludimos:

« Senhores!

» Penhorado sobremaneira dos sentimentos de de-
« dicação e respeitoso reconhecimento que me manifes-
« taes por intermedio de vosso presidente, ainda em
« signal de minha gratidão e como primeiro socio e pri-
« meiro interessado no progresso do Instituto, não posso
« deixar de fallar-vos um pouco d'este estabelecimento
« ou antes de sua *Revista*, indeclinavel testemunho do
« que houverdes feito a bem da historia e geographia do
« Brasil.

« Sem duvida, senhores, que a vossa publicação
« trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando
« ao velho mundo o apreço que tambem no novo merecem
« as applicações da intelligencia; mas para que esse alvo
« se attinja perfeitamente, é de mister que não só reu-
« naes os trabalhos das gerações passadas, a que vos
« tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem
« pelos vossos proprios torneis aquella a que pertenço
« digna realmente dos elogios da posteridade; não di-
« vidi pois as vossas forças, o amor da Sciencia é exclu-
« sivo, e, concorrendo todos unidos para tão nobre,

« util e já difficil empreza, erijamos assim um padrão de
« gloria á civilisação da nossa patria.

« Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes
« consequencias do empenho que contrahis, reunindo-vos
« em meu palacio, recommendo ao vosso presidente que
« me informe sempre da marcha das commissões, assim
« como me apresente, quando lhe ordenar, uma lista, que
« espero será a geral, dos socios que bem cumprem com os
« seus deveres ; comprazendo-me, aliás, em verificar por
« mim proprio os vossos esforços, todas as vezes que
« tiver a satisfação de tomar parte em vossas locubra-
« ções.

« Ardua é a tarefa que emprehendestes, senhores ;
« mas por meio de vossa constancia alcançareis a palma
« da victoria, e as recompensas devidas aos amigos das
« lettras coroando tantas fadigas, despertarão ainda mais
« os vossos brios. »

« Póde-se bem imaginar a impressão causada pelo discurso nesta sessão (212ª), presidida pelo marquez de Sapucahy.

« Porto Alegre e Manuel Ferreira Lagos, 1º secretario, propuzeram que se lavrasse uma acta solemne, assignada por todos os socios presentes, a qual seria collocada na sala das sessões ; que se mandasse gravar uma medalha para memorar este dia e perpetual-o de uma maneira digna.—Approvado unanimemente.

« O presidente propoz que se nomeasse uma deputação para agradecer a Sua Magestade a subida honra que acabava de conferir ao Instituto.—Approvado unanimemente.

« Porto Alegre propoz mais que se mandasse lithographar o autographo da allocução de seu augusto protector, para se ajuntar ao numero da *Revista* em que fosse impressa a acta desta reunião.—Unanimemente approvado.

« Hoje, ao meio dia, realisa-se no Paço da cidade a solemnidade do jubileu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« A sessão, presidida por Sua Magestade o Imperador, terá por orador o Sr. senador Escragnolle Taunay.

« Serão admittidas todas as pessoas decentemente vestidas.. A concurrencia promette ser grande. »

---

A mesma *Gazeta de Noticias*, o *Jornal do Commercio* e outras folhas que se publicam nesta Côrte, deram conta em artigos editoriaes da solemne festividade com toda a minuciosidade e exactidão. O *Jornal do Commercio* transcreveu em suas columnas, no dia seguinte, os discursos pronunciados pelo presidente, 1º secretario interino e o orador.

J. N.

COMMENDADOR JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA

*Presidente interino desde 12 de Agosto, e effectivo a 21 de Dezembro de 1886.*

N. em 6 de Junho de 1820.

# O JUBILEU DO INSTITUTO[1]

. . . . . . . . . . . . . . . . .

Resta-me, senhores, dar-vos conta da festa do Quinquagenario.

A idéa de Tavora, trazida ao Instituto em 23 de Novembro do anno passado por elle e os senhores coronel Fausto e dr. Maximiano, ainda foi por elles ampliada, e pelo Sr. dr. Cesar Marques, na proposta que, em 7 do mez seguinte fizeram, de: 1°, dar-se conhecimento dos intentos da associação a todos os socios effectivos e correspondentes, pedindo-lhes sua coadjuvação scientifica e litteraria; e 2°, faser-se uma Exposição dos objectos que por essa occasião se receberem para o archivo, museu e bibliotheca, cujo catalogo deveria estar prompto para tal solemnidade.

E havia tempo sufficiente para tudo: a festa seria em 21 de Oitubro.

A Commissão, nomeada para formar o programma, satisfez seus encargos, apresentando na sessão seguinte este projecto:

## PROGRAMMA DO JUBILEU

### Preliminares da Festa

I

Dirigir-se-ão convites com urgencia ás associações historicas, geographicas e ethnographicas do Imperio

[1] Trecho do Relatorio apresentado pelo primeiro secretario interino na sessão magna annual de 1888.

para nomearem representantes na Côrte, e cada uma dellas communicar um inedito que mereça ser inserido no volume destinado ao Jubileu.

II

Nas provincias em que não existir nenhuma sociedade, e houver socio ou socios do Instituto, serão os mesmos socios incubidos de remetter qualquer trabalho original, de modo que nenhuma provincia deixe de figurar na festa.

III

Si em alguma provincia não houver sociedade nem socio, a commissão promoverá desde já, por todos os meios a seu alcance, a nomeação de pessoa habilitada para socio, a qual se encarregue de representar a provincia.

IV

Dirigir-se-ão pedidos ás bibliothecas da Côrte para que cada uma dellas remetta cópia de algum manuscripto importante para o volume supplementar, ou como melhor lhe pareça acompanhe a festa do Instituto.

V

Desde já ficará sobre a mesa um livro que tenha no alto de cada pagina o nome de um dos socios fallecidos por ordem chronologica, afim de que, por baixo de cada nome os socios actuaes do Instituto escrevam um pensamento commemorativo das virtudes e qualidades mais notaveis do fallecido.

## Sessão do Jubileu em 21 de Outubro de 1888

I

Abrir-se-á a sessão ás 11 horas da manhã, na sala do Museu Nacional em que, ha cincoenta annos, á mesma hora, se realizou a da fundação do Instituto Historico.

Para este fim a commissão sollicitará do director do Museu a concessão da mencionada sala.

II

Depois do discurso de abertura que compete ao Presidente, e da leitura de rapido estudo retrospectivo de que se incumbirá o 1° Secretario, o Orador fará o elogio historico do Instituto, inspirado, especialmente nos serviços e exemplos dos socios cuja memoria o Instituto consagrou mandando collocar os respectivos bustos na sala das sessões.

III

Será depois dada a palavra aos representantes das associações que não figurem por meio de inedito ou trabalho original, no volume da festa.

Nenhum destes oradores fallará mais de 15 minutos.

---

## Exposição

I

Durante oito dias estará exposta ao publico, desde as 10 horas da manhã ás tres da tarde e das 6 ás 9 da noite, a bibliotheca do Instituto; e bem assim o museu e as offertas remettidas pelos socios, formando secções especiaes.

II

Tambem estará exposto, para ser consultado, o catalogo geral.

---

## Publicações

I

Publicar-se-ão :

1º Um volume da *Revista Trimensal*, contendo :

a) As memorias ou ineditos enviados das provincias ;
b) Os ineditos ou memorias offerecidas pelas bibliothecas da Côrte ;
c) Os escriptos de socios residentes na Côrte ;
d) Os trabalhos lidos pelo Presidente, Secretario e Orador do Instituto na sessão do Jubileu.

Este volume será dedicado a Sua Magestade o Imperador, e na dedicatoria se deverá fazer menção de todos os actos de protecção e favor praticados por Sua Magestade a bem do Instituto.

Um resumido diccionario bibliographico, contendo as datas do nascimento e obito dos socios, da sua entrada para o Instituto, e summaria noticia das suas obras.

II

Desta especial edição da *Revista* será vertida para o francez a parte sufficiente, para ser offerecida ás associações, bibliothecas e eminentes litteratos estrangeiros.

*Visconde de Beaurepaire Rohan*
*J. Franklin S. Tavora*
*Dr. Maximiano Marques de Carvalho*
*Dr. J. A. Teixeira de Mello*
*Henrique Raffard*

---

Este programma, que foi profusamente destribuido, não poude ser inteiramente cumprido por varias rasões, entre as quaes :

1ª A molestia de S. M. I que, todos avaliam quanto pesaria sobre o Instituto acabrunhando os espiritos e entorpecendo o andamento da idéa.

2ª A perda inesperada e fatal do dedicado e incansavel 1º Secretario, a chave de todo o movimento interno, e quem o dirigia, todo, no exterior ; e agora tão mal substituido.

3ª A ausencia, por molestia, de dous prestimosos membros da commissão, os Srs. visconde de Beaurepaire Rohan e dr. Maximiano de Carvalho, este gravemente enfermo :— o que abateu de muito o prestigio e o valor intellectual da commissão, agora reduzida a dous unicos membros, porque, ainda, o ultimo dos que a compunham, se retirára, e com elle o esforço physico, o gosto pelo trabalho, o incansaço, emfim a sua actividade juvenil, que fazia-o, quiçá, precioso no serviço do Instituto.

4ª Finalmente, essa molestia fatal ha muito tempo conhecida e como que endemica nos nossos homens e corporações de lettras : verdadeira *episophócia*, cujos caracteres pathognomonicos são os mesmos das enfermidades typhicas, — a indifferença, o desanimo, o marasmo, a indolencia, a inercia, o desamor...

---

Houve, pois, necessidade de alterar o programma ; e não tanto por causas fataes como por motivos inesperados e imprevisiveis, em que foram parte não sómente estranhos, nós tambem.

Pelo que cabe aos extranhos :

1º Porque nenhuma, nenhuma associação de historia e geographia do Imperio se dignou de communicar inédito algum, mesmo que não merecesse ser transcripto no livro do Jubileu.

2º Porque poucas, bem poucas provincias acudiram aos appellos do § 2º do programma, e nenhuma aos do 3º; — e o que é mais sensivel, poucos, bem poucos socios quizeram honrar as paginas deste livro.

3º Por que nenhuma das nossas ricas bibliothecas accedeu ás instancias do Instituto: — nem mesmo por gentil correspondencia a serviços eguaes delle recebidos.

Em grata compensação remetteu-lhe o Archivo Publico do Imperio seis importantes manuscriptos, dos quaes dous vão publicados.

E pelo que a nós diz respeito:

Não se poude effectuar a solemnidade na propria sala, onde ha cincoenta annos o Instituto se fundou, por estar ella actualmente transformada e impossibilitada de prestar-se á aquelle fim.

Não completou-se a idéa que presidiu a creação do Livro dos Mortos, onde só se lêem seus nomes, nem mesmo na ordem chronologica mas alphabeticamente, e apenas com a data da admissão e obito de cada um. Não sahiu o livro do Quinquagenario; nem completou-se o catalogo geral da bibliotheca; — nem ainda o copioso, comquanto resumido, diccionario bibliographico, apesar dos inexcediveis esforços e labor extraordinario do nosso tão modesto quão proficiente 2º secretario interino o illustrado Sr. dr. Teixeira de Mello.

Felizmente para as galas da festa, em boa hora chamou o Sr. presidente a si essa incumbencia, que desempenhou com inexcedivel esmero e bom gosto artistico.

Tivemos, pois, nesse dia do Jubileu apenas esse livro destinado as memorias dos socios que já foram, onde, seiscentos e cincoenta e trez nomes estão inscriptos, e cuja primeira pagina, portico desse Pantheon, abre-se com as palavras seguintes:

« 21 DE OITUBRO DE 1888

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado em 21 de Oitubro de 1838, completa, hoje, cincoenta annos de existencia.

« A estima e apreço com que é considerado no mundo scientifico, conquistaram-os as luzes, o trabalho e o devotamento dos seus socios.

« Delles, e grande é o numero dos desapparecidos dos seus quadros, Varões distinctos em todas as especialidades do saber humano, geographos, historiadores, naturalistas, mathematicos, guerreiros, navegadores, medicos, jurisconsultos, estadistas, poetas e artistas,—homens de genio illustres e notaveis, sumiram-se levados nas azas do Anjo da Morte.

« Celebrando o Jubileu do seu Quinquagenario, o Instituto em homenagem á memoria d'Elles, creou este livro para rememorar Seus Nomes. »

---

Quasi por assim dizer, senhores, que a vida social do Instituto, neste anno de 1888, foi toda de regosijos: metade por essa revolução immensa, extraordinaria, tão santa e tão benefica que, instantaneamente repercutindo no velho mundo, de chofre galvanisou a existencia e afastou dos humbraes da morte o Augusto Patriota que, a essa noticia, sentindo a vida crescer-lhe no sangue que entumeceu-lhe o coração, nas lagrimas que lhe affluiram aos olhos, grato e commovido abençoou o grande e generoso povo brasileiro o qual,—e fatal era o momento—não queria que elle deixasse o mundo faltando a sua palavra de Rei: de não morrer sem deixar a escravidão extincta. A outra metade, foi nos regosijos do Jubileu. Não foi o que se ideou, nem o que se pretendia fazer. Mas, fez-se o que se poude, e o melhor possivel, numa festa muito simples, mas louçã... que agradou a todos e a todos deixou boa impressão, desde o ultimo dos assistentes até os proprios Imperantes.

E, dos encargos tomados para esse dia solemne, que o Instituto deixou em divida, eis cumprido o mais instante, — o Livro do Jubileu.

FIM

## CORRIGENDA

São estes os principaes erros que necessitam de emenda:

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A' pag. | 77 | — | linha 26 | — | aracyaua | — por | — | araçoyaua |
| » | 77 | | » 31 | | *guyle* | » | | *guyb* |
| » | 112 | | » 2 | | 1753 | » | | 1752 |
| » | 113 | | » 3 | | 1753 | » | | 1752 |

No retrato do marechal Cunha Mattos em vez de 24 de Fevereiro — lêa-se — 2 de Março.

# INDICE

DAS

## Materias contidas no livro do Quinquagenario